ANO 37.º — DOMINGO, 7 DE ABRIL DE 1957 — N.º 12.333

Diário de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO — DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21153 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE S
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º — NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Recordando

O «Diário de Lisboa» entra hoje no 37.º ano da sua publicação. Tem já atrás de si uma vida que, não sendo muito longa, lhe enriqueceu o cabedal de experiência e uma obra que, não podendo considerar-se perfeita, lhe confere alguma autoridade. É o primeiro ano em que celebramos o nosso aniversário sem a presença do homem que a este jornal consagrou a sua vida inteira, que o tornou possível com o prestígio do seu nome e que o ilustrou com o brilho da sua inteligência. Não podendo resignar-nos á perda que a sua morte representou para todos nós e para o jornal que dirigia com a juventude perene do seu espírito e a integridade incorruptível do seu carácter, só nos resta honrar-lhe a memória impoluta e seguir o exemplo que a lição da sua vida nos legou.

No dia em que o «Diário de Lisboa» festeja mais um aniversário, não podemos deixar de recordar com saudade o nome de Joaquim Manso, que foi a cabeça privilegiada e o coração generoso desta obra. Transcrevemos em seguida alguns períodos dos vários artigos que, durante anos sucessivos, a sua pena de oiro consagrou á data festiva que hoje celebramos, e que com mais propriedade traduzem o seu pensamento e definem a sua linha de rumo. Pensamento e linha de rumo que continuam a orientar o «Diário de Lisboa», a fortalecer o nosso ânimo e a inspirar os nossos actos.

1923 «O nosso empenho foi fazer do «Diário de Lisboa» um jornal estranho a divisões e facciosismos, de sorte que nele coubesse uma exposição franca e desempoeirada de todas as opiniões que em Portugal representam alguma coisa, para ver se assim criávamos um regime de tolerancia que, frequentemente, está no nosso pensamento, mas falta nos nossos costumes».

1925 «Não nos desvanecemos com os triunfos alcançados, senão na medida em que nos podem incitar a ter fé no futuro da Pátria. Apesar de algumas horas de febre e luta em què o nosso esforço foi posto á prova, sentimo-nos animados a novos cometimentos».

1928 «Numa terra em que os ódios não poupam ninguém, visto que cada qual tem a sua verdade para agredir a verdade dos outros, várias vezes as bocas do Mundo nos julgaram com injustiça. A' custa duma severa disciplina imposta aos nossos nervos, evitámos sempre lançar-nos na peleja das ambições e dos interesses soltos e deslocados. Acompanha-nos a confiança inabalável de que, mais cedo ou mais tarde, o nosso espinhoso labor frutificará, visto que Portugal é bastante grande e nobre para que, após o cansaço das batalhas inglórias entre irmãos, surja a paz de que tanto carecemos».

1929 «O respeito que devemos á verdade, não a sacrificando a paixões nem a interesses vis, mas defendendo-a contra os que

(Continua na 15.ª página)

Realmente
há horas felizes!

SAN ANTONIO (Texas), 7 — No momento em que conduzia a sua mulher para a maternidade e quando esta lhe anunciou que o parto se aproximava, John Tisdale precipitou-se e o carro que guiava foi de encontro a uma cabina telefónica.

Os populares que acorreram em socorro dos sinistrados verificaram que os ocupantes do carro já eram três e se encontravam ilesos. — (A. N. I.).

ESTA MANHÃ, EM BELÉM, JUNTO AO TEJO

O Chefe do Estado assistiu
à bênção da frota bacalhoeira
que começou a sair para a sua campanha deste ano

O aspecto de conjunto da cerimónia desta manhã

Cerimónia de esplendor e de emoção, a benção da frota bacalhoeira tornou-se de há muito numa tradição que os nossos pescadores consideram como o primeiro acontecimento da sua faina de cada ano. Tendo por fundo dezenas de navios, todos pintados de branco e embandeirados, decorre a bênção nos terrenos próximos da Estação Fluvial de Belém, onde sempre se aglomera densa multidão, junto da qual alguns milhares de pescadores acompanham com fervor a missa

O Chefe do Estado e os ministros na tribuna

pelo êxito das suas árduas tarefas. Este ano, porém, a presença do Chefe do Estado, emprestou ainda maior solenidade e maior expressão á cerimónia, que teve a assistência de alguns milhares de pessoas. Uma quente e luminosa manhã de sol deu também maior beleza ao aconteciemnto.

Logo de manhã, a frota apareceu embandeirada, engrinaldando de cores garridas o rio e o céu. Embarcações começavam a trazer pa-

(Continua na página central)

TEMAS DE ACTUALIDADE

O eterno problema da habitação
pelo arquitecto Emílio Lino

A vasta matéria relacionada com a habitação, que constitui um assunto de permanente interesse e que entre nós nunca perde a actualidade, vem sendo ultimamente debatida, e com bastante insistência, através de um caudaloso manancial de cartas aos jornais, alvitres, projectos de lei, etc., em que tanto inquilinos descontentes como técnicos competentes, além de muitas outras entidades nem sempre abalizadas, todos mostram uma faceta comum: todos estão igualmente insatisfeitos pela forma como os problemas da habitação têm sido até hoje resolvidos.

Os problemas em discussão apresentam-se de uma tal complexidade, com vícios adquiridos de tão longa data e sobretudo com um tal peso de interesses especiais, que o primeiro impulso quando neles se pensa é hesitar sobre a possibilidade de uma solução definitiva elaborada com justiça, bom senso

(Continua na página central)

Gilberto Freyre veio a Lisboa
participar numa reunião internacional
sobre «Pluralismo étnico e cultural»

As amplas janelas do quarto de hotel onde Gilberto Freyre, há dois dias em Lisboa, chegado no «Vera Cruz», se instalou com sua mulher, dominam a Avenida. Dali se vêem as palmeiras viuvas que o metropolitano poupou e as suas companheiras acácias já rumorejantes de Primavera, até á geometria viva do Parque; e abraça-se com os olhos muito espectáculo secreto de Lisboa, desde os recessos do Jardim Botanico, massa aveludada e digna de verdes compactos, aos balaústres dos terraços, de onde se derramam para a rua roupas claras, a que este sol nervoso de Abril traz agitações festivas de luz.

Dali Gilberto Freyre, que de Lisboa tem a mais amorosa compreensão, olha, quieto e sereno, a cidade-mãe de uma cultura de que ele tem sido lúcido intérprete e paladino.

Não se adivinha logo no seu rosto bronzeado, emoldurado em cabelos grisalhos e onde ao olhar escuro aflora uma inteligente contensão — o escritor pessoalissimo que ele é, de prosa tersa, irónica, viva, dotado de rara imaginação psicológica e de pitoresco sentido epigramático, sem para tanto se desviar da sociologia, seu domínio conquistado e sua natural expressão.

Sente-se nele, vendo-o olhar Lisboa, o seu carinho pelo nosso povo. O autor de «Sobrados e Mucambos» e de «Casa Grande e Senzala», que, melhor do que ninguém, estu-

(Continuação da 3.ª página)

A situação no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 7.—O Senado concedeu, por 22 votos contra 15 e 3 abstenções, os plenos poderes pedidos pelo Governo.

A Camara dos Deputados pronunciar-se-á amanhã.—(F. P.).

«Diário de Lisboa»
publicará
em 2.ª edição
a informação completa de todas as provas desportivas, incluindo os jogos da
Taça de Portugal

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O problema da construção de um hotel na Nazaré

NAZARÉ, 6.—A Imprensa referiu-se á reunião aqui efectuada, para tratar da organização de uma empresa construtora do Hotel da Nazaré. Tal como se anunciou também, tratava-se de discutir as bases de um estudo que levasse á construção desse estabelecimento hoteleiro. Uma sociedade por acções, no valor de mil escudos cada, foi preconizada, para que, assim, por baixo preço, todos os Nazarenos pudessem ser interessados na efectivação de um melhoramento fundamental para o progresso turístico da terra. Convém, porém, entretanto, desenvolver alguns pontos de vista, postos então á discussão dos circunstantes e que estão por sua vez, na base de qualquer resolução que venha a tomar-se.

Na verdade parece ainda discutir-se aquilo que parece indiscutível, isto é, as características do hotel que convém adoptar nesta região, para turistas nacionais e estrangeiros. Partindo do princípio de que a Nazaré não possui pensões que ofereçam razoáveis condições de hospedagem — e muitos e honestos são os esforços em as obter, por parte dos donos dessas pensões — deve também ter-se em conta que a quantidade corresponde á qualidade dos alojamentos. Em três palavras: poucos e maus. Ora, a verdade é que quem vem — pelo menos por agora, diz a experiência—não vem para se demorar. Mesmo sem considerar que esta praia o ano inteiro poderá vir a manter elevado numero de estrangeiros, enamorados da eterna beleza da paisagem das terras e das almas, é preciso ter-se em conta que aqueles que nos visitam necessitam de um hotel com salas de estar, de refeições (pelo menos os pequenos almoços, pois se admite a possibilidade de excluir o serviço de refeições) e, sobretudo, quartos cómodos e higiénicos, com colchões internacionalmente utilizados, isto é, limpos e fofos; quarto de banho e instalações sanitárias privativas, tomada para a máquina de barba, água corrente quente e fria, telefone em cada quarto, campainhas e sistema de iluminação, servido por movimentos práticos e eficientes. Isto sem esquecer as roupas cuidadas, finas e limpas, nas camas, na mesa, nos tabuleiros do pequeno almoço, que deve ser servido, copioso e saboroso, com compotas de frutas da região e tudo o mais que a salsicharia, a culinária e a queijaria nacional possam oferecer, sem esquecer bom pão, bem tostado e a manteiga das melhores marcas.

Onde erguer, porém, um hotel nestas condições e que capacidade deveria atribuir-se-lhe?

Muitos são os que esperam a construção de uma pousada, a expensas do S. N. I. perto de Picaró e um hotel, de pequena lotação, para os lados do alto de Santo António. Aguarda-se, porém, nada resolve. A Nazaré necessita de um hotel e este, cujas características de construção estão a ser discutidas, terá de ser uma realidade próxima. Segundo a sugestão já posta, deverá ser, no mínimo, para 100 hóspedes e deverá, de preferência, localizar-se á beira-mar, talvez ao Sul da embocadura da Avenida Vieira Guimarães e a Norte do futuro edifício da lota local tão cheio de belas perspectivas panoramicas e de fácil acesso para quem chegue do lado da Foz ou por aquela avenida. Ficaria, ainda, próximo da lota e do bairro Sul, densamente povoado pela classe piscatória que é, indiscutívelmente, a razão da presença de turistas na Nazaré. A terra é linda, tem recantos maravilhosos que não devem ser estragados, antes valorizados pela técnica paisagística. Mas em muitos países há outros locais identicos e até mais belos. Agora, o que torna excepcional a Nazaré é essa beleza congénita, natural, a enquadrar um povo de costumes e vestes que a todo o transe não podem ser abastardados. Consentí-lo será perder a razão de ser da Nazaré...

A tudo o mais que poderia acrescentar-se, há que juntar algumas considerações, para o caso—que se reputa inoportuno—de se enveredar por um tipo de hotel que inclua refeições. É que, destas, umas terão de ser simples, preparadas em boas condições, com os pratos internacionais consagrados—o «roast-beef», o peixe cozido ou grelhado—outras obedecer ás leis do prato regional. No hotel—ou no restaurante—o regulamento terá de ser imposto e vigiado, para prestígio da terra e do seu turismo. Esse condicionalismo ser-lhe-á indispensável. Exactamente, como o arranjo, decoração interior de um hotel que vai viver á sombra do carácter do povo e da paisagem. Decore-se e mobile-se com bom gosto, singeleza, comodidade, mas não vão comprar-se á Calçada dos Cavaleiros móveis que o mau gosto estandardizou pelos hoteis e pensões do País. Dê-se-lhes, se não no todo, é evidente, pelo menos como sugestão, alguma coisa do carácter do povo.

Assembleias gerais

Reune-se amanhã, ás 21 horas, a assembleia geral ordinária do Campolide Atlético Clube para apreciar e votar o relatório e contas de 1956 e o projecto do orçamento de gerência para o ano corrente.

TEMAS DE VIAGEM

"Ferrara, a Epica"

Ferrara é uma velha cidade italiana que jamais oferecera á minha erradia curiosidade qualquer espécie de interesse. Na minha ignorancia colossal, sequer sabia ao certo onde ficaria situada — ali assim para os lados de Veneza, ao Norte... — como aquelas mulheres, porventura excepcionais, mas em quem a gente nunca repara... Mas como *aprender até morrer*, segundo o ditado velho, e a minha *hora de Ferrara* havia soado, eis-me a caminho... Simplesmente, quem não pode sair de onte está para ir aonde precisaria, tem de recorrer ao truque de trazer, como lhe for possível, para junto de si o que tão longe se encontra na realidade. (Em vez da *evasão* desejada, bem poderia este processo receber o nome de *invasão* indispensável...).

Assim, avistada Ferrara no horizonte cultural, para ela me dirijo, com invencivel curiosidade. E sem sair de onde pairo, eis-me pois turisticando através dos livros, estampas e informes de toda a ordem, avulsamente colhidos ou agora procurados no ambiente ao meu alcance.

Quero salientar, de entre os viáticos, a elegante brochurazinha que outro dia me fora oferecida na agencia do Turismo Italiano, a propósito de Ravena, que eu procurava: o n.º 5 de uma preciosa colecção de 11 em que toda a Itália se encontra partilhada. Texto sintético, ilustrações a cores e a negro, mapas gerais e corográficos elucidando perfeitamente e orientando sobre cada uma das provincias. No caso de agora, sobre *Ferrara e a sua provincia*. Honra ao Turismo italiano por um serviço tão inteligente que bem merece ser imitado ou seguido pelos outros países, tão exemplar verdadeiramente se mostra.

Nesta minha excursão doméstica a Ferrara, assaltam-me naturalmente logo os nomes históricos da casa de Este, e ressalta-me o daquele formidável Hercules I, de cuja cara facinorosa (foi sempre a impressão que me deixou...) me recordara agora, de uma excelente estampa na *História da Colonização do Brasil*, a propósito do mapa de Cantino que o poderoso duque encomendara de Lisboa.

Na situação crítica da Itália em começos do Século XIII, Ferrara (seio-o agora) fora a primeira cidade a acolher-se á protecção de um *tirano*. E assim é que, sob a égide da Igreja, o margrave Azzo de Este, fora elevado, pela população, a senhor da cidade, em 1208; e, depois de uma revolta que o sacudira, acabara por voltar, porém como conquistador, em 1240, estabelecendo a residência da familia no castelo-fortaleza que ainda existe — com uma torre em cada canto do seu quadrado, emergindo do fosso cheio de água. No século XV, um descendente, já marquês, Nicolau III, casado com Parisina Malatesta, tivera de uma amante um filho que acabara por enamorar-se da madrasta; e daí, pelo assassínio dos amantes, uma tragédia no velho castelo... Falecido Nicolau, depois de um segundo casamento que lhe dera 3 filhas e 4 filhos, sucedera-lhe, em 1441, o filho Leonel, com o qual começara o esplendor da corte ferrarense, e a este em 1450, seu irmão, o duque Borso, que prossegue na mesma política de incremento e esplendor artistico. Apesar de Leonel ter deixado um filho que deveria suceder a Borso, passara este, por sua morte em 1471, o poder a um outro irmão, Hercules, que, para se ver livre do sobrinho, depois de ter tentado, em vão, envenená-lo, acaba por exterminá-lo num assalto dele contra Ferrara, ajudado dos seus parentes, os duques de Mantua e de Milão, mandando-o decapitar e fazendo-lhe em seguida, com o maior cinismo, em Ferrara, solenissimos funerais nacionais!... Desde então, durante mais de trinta anos, até á sua morte em 1505, dominou Hercules, continuando a mesma política de engrandecimento Ferrara, pelo desenvolvimento urbanistico, tornou-se assim, desde os fins do Século XV, a primeira cidade moderna da Europa, com o seu traçado perfeito de amplas ruas em linha recta. A mulher do duque Hercules, a bela e culta Leonor de Aragão, dera o tom humanistico á corte, que se tornara uma das mais notáveis quanto ao mecenato das letras e artes. Ferrara enchera-se progressivamente de palácios e de igrejas, avultando a velha catedral romanica e o palácio de Schifanoia — uma residência de Verão que datava de 1391, mas que o duque Borso completara entre 1467 e 1470, mandando decorar o seu principal salão com uma série de frescos alegóricos dos 12 meses do ano, três por cada parede. Neles trabalharam delicados e vigorosos grandes artistas locais, entre os quais se destacou Francisco Cossa, cuja obra própria subsiste felizmente ainda, na parede em que pintou as alegorias relativas a Março, Abril e Maio, respectivamente com os triunfos de Minerva, de Venus e de Apolo.

Ignorava eu em absoluto a existência destas maravilhas... E deparando num livro recente (Wonders of Italy) algumas gravuras concernentes, vejo como bem justificada é a referência da aludida brochura turistica: «O Palácio de Schifanoia, cujas salas contêm o Museu Civico, acolhe o visitante no seu Salão dos Meses, sobre as paredes do qual resplandece uma das mais admiráveis séries de frescos que o Século XV italiano possa oferecer á sensibilidade artistica das pessoas cultivadas».

Ferrara foi a cidade de Ariosto e de Tasso...

De Ferrara não se dissocia igualmente a lembrança do exemplar final de vida da famosa Lucrécia Borgia, duquesa de Ferrara pelo seu 3.º marido, o másculo filho do duque de Hercules, que numa carta intima após a morte dela chorava a perda de «uma companheira tão querida e doce, porque me era doce e querida pela sua virtude e pela ternura que nos unia»...

E' na provincia de Ferrara que, para o lado do Adriático, longe, no seu isolamento, se encontra a abadia de Pomposa, elevada antes do ano Mil, pela actividade beneditina, na sua luta contra os pantanos pestilenciais, conquistando ao território para a agricultura. Pomposa é célebre pela recordação de Guido de Arezzo, ali formado e ali tornado, a findar os dias da sua agitada vida, em 17 de Maio de 1050. E mais: Pomposa é, com duas outras basílicas italianas — S. Pietro *in Grado*, junto á foz do Arno e Santo Apolinário *in Classe*, junto a Ravena — um dos lugares do Mundo que (encontro dito algures) conhecem «o supremo silêncio no qual é maior a concentração de toda a nossa alma no mistério do ser, e maior o sopro mistico que daí deriva...».

Ferrara, como se vê, já só por tudo isto é bem digna de chamar a atenção...

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Vedação de transito
na zona da Estrela

Comunica-nos a Camara Municipal de Lisboa que vão ser vedados ao transito de veículos (excepto eléctricos), a partir do próximo dia 10 e durante 60 dias, com o fim de se proceder á reconstrução dos respectivos pavimentos, os seguintes arruamentos: Rua de João de Deus, Rua dos Navegantes (entre as ruas de João de Deus e de Buenos Aires) e Rua de Buenos Aires (entre as ruas dos Navegantes e de S. Domingos á Lapa). Durante estas vedações será garantida a travessia da Rua de Santana á Lapa com a Rua de Buenos Aires.

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL-Gravador — R. Nova do Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE ÓPERA DE 1957

AVISO

Por motivo de doença temporária do barítono TITO GOBBI e de não ter sido possível conseguir artista de equivalente categoria para o substituir, não se efectuam as récitas previstas com a ópera «Rigoletto».

Em sua substituição, apresentar-se-á a ópera «La Traviata», aproveitando a presença em Lisboa da artista VIRGINIA ZEANI, que na protagonista desta ópera tem a sua maior criação.

Dia 10, 4.ª-feira, ás 21,15 horas — 1.ª récita da ópera de **Verdi**

LA TRAVIATA

Dia 14, Domingo, ás 16 horas — Tarde Cultural com «La Traviata»

Para estas récitas são válidos os bilhetes destinados aos espectáculos da ópera «Rigoletto».

Joias de gosto artístico
Pratas de Arte
Relógios de boas marcas
SÓ NA CASA **Aníbal Tavares**
Tome nota 95, RUA DA PRATA, 97—Telefone 2 5853

Reserva, L.da
Rua D. João V, 19-A

Flores. Pratos prontos para almoços e jantares. Muitas especialidades caseiras (caril, patos recheados, etc.). Aperitivos para «cocktails, etc.

TELEFONE 671094

MÓVEIS
COMERCIAIS E DOMESTICOS

Mobílias desde 1.200$, modernas Q. Anne, rústico, D. Maria, Luís XV, Renascença, holandês e outras, papeleiras, cómodas 390$, roupeiros 390$, secretárias 380$, estantes, ficheiros, maples 280$, carpetes 100$, lustres 250$, etc. A pronto ou prestações.
ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE
Av. Almirante Reis, 35 (aos Anjos)

À EX.ma CLASSE MÉDICA E FARMACÊUTICA

Soc. F·I·D Lda.

Avenida do Loureiro 15 — Carcavelos — Telef. 044 320/1

tem o prazer de anunciar que foi nomeada agentes exclusivos em Portugal, Ilhas Adjacentes, Angola, Cabo Verde, Príncipe e S. Tomé, da

LOÇÃO PARA OS OLHOS OPTREX

A' VENDA SÓ' NAS FARMACIAS

HOTEL EMBAIXADOR
no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
apresenta, em grande êxito,
JOSE TOLEDANO e ALEJANDRA LARIOS
DIRECTAMENTE DO MOULIN ROUGE DE PARIS
«SHOWS» AS 23-45 E 1-30 HORAS — ADULTOS
Aos SÁBADOS, DOMINGOS e FERIADOS:
Chás-Dançantes das 17-00 às 19-30 horas

O jôgo do gato e do rato

nas perguntas e respostas entre o jornalista e o secretário adjunto das Nações Unidas que esta noite passou em Lisboa

No avião da P. A. A. passou esta noite por Lisboa, em viagem do Cairo para Nova York, depois de algumas semanas no Egipto, o dr. Ralph Bunche, Prémio Nobel da Paz, secretário-adjunto das Nações Unidas, que participou, juntamente com o subsecretário Constantino Satravoupolos, que recentemente esteve também em Lisboa, na sua viagem para o Egipto, nas conversações com o coronel Nasser, sobre a melindrosa questão de Gaza, o problema do Canal de Suez, etc.

O dr. Ralph Bunche, que é uma figura amável e simpática da política internacional, que sempre se mostra atencioso para o jornalista, é, todavia, difícil nas respostas ás perguntas que se lhe fazem. Durante dez minutos procurámos colher elementos para a entrevista—que só não será completa por «deficiência» nas respostas, todas elas com sinal de pé-atrás...

—Que impressões traz da sua visita ao Cairo, dr. Bunche?

—Impressões?

—Bem... que resposta poderá dar a esta pergunta: volta satisfeito com as conversações no Cairo?

—Neste momento e nesta época quem poderá viver satisfeito?

—Tem razão, dr. Bunche, mas qual é o estado actual do problema de Gaza, do Canal de Suez?

—O assunto ou assuntos dependem das Nações Unidas... Eu não posso fazer declarações a tal respeito... O armistício concretizou-se, a Força Internacional de Polícia mantém a sua linha de demarcação...

—Sem atritos?

—Pelo menos por agora não se têm verificado... A linha está calma...

—Acha, dr. Bunche, que subsiste o perigo de novo choque entre as forças do Egipto e de Israel? Melhor: pensa que haverá perigo de guerra?

—Esse perigo há sempre, meu amigo...

O jornalista tenta nova pergunta:

—O Secretário-Geral das Nações Unidas ficou satisfeito com as conversações com Nasser, a que o dr. Bunche assistiu?

—Não posso responder-lhe... Regresso a Nova York para assistir á sessão de amanhã e para apresentar o meu relatório dos trabalhos realizados depois da partida do Secretário-Geral...

—Está, pelo menos, satisfeito com o seu «relatório», dr. Bunche?

—Não sei... Só o Secretário-Geral da O. N. U. o poderá dizer... Peço-lhe que não insista nas perguntas. Os funcionários da O. N. U. não podem, de certo modo, dar entrevistas ou, pelo menos responder ao que não devem... E muito menos falar de decisões de governos e sobretudo quando essas decisões dependem de conversações ou negociações... Não é bem o caso neste momento, mas é um exemplo...

O jornalista, porém, refere as ameaças da Russia á Noruega e á Dinamarca e á Alemanha Ocidental e á notícia também de instalações de armas nucleares na Hungria. O dr. Ralph Bunch parece dar-nos a entender ignorar esses factos para não dar uma resposta e estendendo a mão ao jornalista, despede-se, amávelmente, com um «até breve», acrescentando ainda:

—Desculpe... Compreendo a sua missão, mas desta vez não posso dar-lhe respostas mais satisfatórias. Até breve.

Gilberto Freyre fala ao «Diário de Lisboa»

Podemos ser perfeitamente optimistas

sobre o futuro do Ultramar Português — afirmou-nos Gilberto Freyre

(Continuação da 1.ª página)

dou o fenómeno social da expansão portuguesa no Mundo e entendeu o personalismo colonizador do Português, o seu «paternalismo cristão», o sentido da sua confraternização e o valor da mestiçagem por ele praticada—não é apenas o sociólogo, que da sociologia tem aliás um conceito dramático, mas ainda e acentuadamente um artista. Assim, com toda a natural irreverência de um artista e como homem que a autenticidade e a tolerancia nunca abandonaram, vê ele lírica e caricaturalmente a sociedade portuguesa de que esta luminosa Lisboa é a moldura: sociedade seráfica de «défroqués», afectiva, branda, mas persistente nas suas virtudes e nos seus vícios.

Mas não foi sobre essa sua amada Lisboa, amada mesmo nos seus pecados e que tão bem Gilberto Freyre já pintou em «Aventura e Rotina», que viemos hoje interrogá-lo.

Queriamos, sim, saber antes de mais o que o traz de novo a Portugal, ou antes, á capital marítima deste País pelo Mundo repartido e que ele conhece a palmos, desde a larga e esclarecedora viagem que fez há poucos anos aos nossos territórios do Ultramar.

—Vim participar — informa-nos Gilberto Freyre—numa reunião, que vai efectuar-se em Lisboa, do Instituto Internacional de Civilizações Diferentes, cuja sede fica em Bruxelas.

O tema dessa reunião é o «Pluralismo étnico e cultural», assunto de particular interesse para nações como Portugal e o Brasil.

O convite foi-lhe feito pelo antigo presidente daquele Instituto, sir Nevil Butler, antigo embaixador da Grã-Bretanha no Rio de Janeiro, e agora renovado pelo novo presidente o comodoro Sarmento Rodrigues. Vão começar já as reuniões preparatórias, mas as reuniões principais realizar-se-ão de 12 a 18 do corrente.

—Outro motivo, porém, me trouxe ainda a Portugal—confia-nos Gilberto Freyre: assistir ao lançamento de uma edição portuguesa de «Casa Grande e Senzala».

Assim esta obra universal, que já conta 8 tiragens em francês, 2 em inglês e 2 em espanhol, atinge a sua 10.ª edição em língua portuguesa.

O defensor da lusitanidade brasileira que Gilberto Freyre sempre foi, querendo manter o seu país na linha de uma tradição cultural fecunda, na esteira dos seus valores viscerais—bem merece de Portugal a homenagem desta edição e o interesse que os leitores realmente lhe consagram. Na verdade, de entre a nossa mocidade estudiosa, para não citar já uma élite intelectual que poderia não representar toda a massa da nação, quem ignora hoje completamente a obra de Gilberto Freyre?

Esta «edição de Lisboa» será precedida de um prefácio do autor, para ela especialmente escrita.

Uma pergunta, em atenção ao publico, desejávamos fazer a Gilberto Freyre, mas de antemão sabiamos ser ela demasiado complexa e cheia de implicações para uma rápida entrevista deste género. Ousámos, no entánto, formulá-la:

—Quais os seus vaticínios sobre o futuro do Ultramar português?

Tal como receávamos, Gilberto Freyre furtou-se, muito legitimamente, a satisfazer «in loco» toda a nossa curiosidade, porque o problema era vasto, e delicado, abrangia inumeros aspectos, a que seria preciso responder por escrito. Mas não se esquivou a declarar, com absoluta firmeza:

—Podemos ser perfeitamente optimistas sobre o futuro do Ultramar português.

Disse-nos que vários pontos, relacionados com esta mesma pergunta, seriam desenvolvidos nos trabalhos que acaba de apresentar, em inglês, ao Instituto de Civilizações Diferentes, trabalhos esses que brevemente serão publicados.

A esta pergunta responde, de resto, Gilberto Freyre também de algum modo pelo conceito sociológico que tem procurado desenvolver sobre o que denomina *Um novo tipo de civilização: a civilização luso-tropical* — conceito já acolhido na nova edição de «The Enciclopédia Americana», rival, em língua inglesa, da Enciclopédia Britanica.

Sobre este assunto falou também o ilustre sociólogo no ano passado, em várias Universidades e Institutos do Norte da Europa, inclusivamente no Real Instituto dos Trópicos, de Amesterdão.

EM 3 LINHAS

Foi determinado que o Governo-Geral de Moçambique abra um crédito especial, de 201 contos, para continuação do estudo da revisão do projecto hidroeléctrico do Movene.

///

Estão orçadas, respectivamente, em 8.340, 1.657 e 1.200 contos, as seguintes obras: da rede de esgotos de Setubal; do abastecimento de água á vila de Monção; e do saneamento da cidade de Chaves.

///

Foram estabelecidas as normas a observar no pagamento das remunerações aos delegados do Governo junto de empresas abrangidas com sede e administração no Ultramar.
obra de construção do estádio do Vitória Futebol Clube, em Setubal.

///

Um despacho do Governo Geral de Angola, publicado em Luanda, autoriza as crianças com mais de seis anos a assistirem aos sábados e vésperas de feriados, aos espectáculos nocturnos, classificados para a sua idade.

///

Foram criadas mais dez escolas primárias em Luanda, Carmona, Malange, Benguela, Robert-Williams, Sá da Bandeira, Porto Alexandre, Vila Arriaga e duas em Nova Lisboa.

///

Foi agraciada com o grau de cavaleiro da Ordem de Benemerência, a sr.ª D. Maria Antónia Emygdio da Silva, esposa do prof. Fernando Emígdio da Silva e sua colaboradora na obra de assistência ao pessoal do Jardim Zoológico.

///

Reassumiu as funções de delegado de Saude do distrito de Vila Real o sr. dr. Francisco José Mateus, que exerceu idênticas funções, interinamente, na cidade do Porto.

///

Esteve em Abrantes a missão americana da N. A. T. O. chefiada pelo major Harold A. Miller e de que fazem parte os capitães Maxwell L. Williams, John L. Maley e Ross H. Swenson.

TERMAS DE MONFORTINHO

ABERTURA EM 15 DE ABRIL

HOSPEDE-SE NO

HOTEL DA FONTE SANTA

1.ª CLASSE

(Propriedade da Empresa das Termas)

TRANSPORTE PRIVATIVO PARA O BALNEARIO

Telefones: MONFORTINHO: 4 e 25

Cafés e Misturas

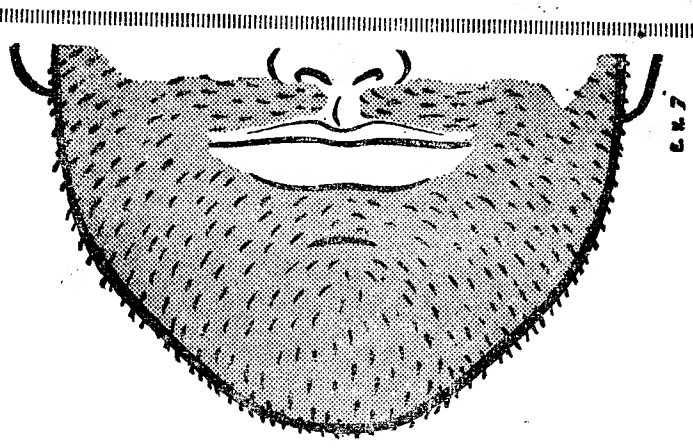
Lote de Mistura, Popular	12$00
Lote de Mistura Especial	16$00
Lote de Mistura, Extra	18$00
Lote de Mistura, Extra fino	24$00
Lote de Café puro, Fino	38$00
Lote de afé puro, d'a Mariazinha	42$00
Lote de Café puro, Superfino	46$00
Lote de Café puro, Extra	54$00
Café Cabo Verde, Ilha do Fogo	78$00
Café S. Tomé, Monte	80$00

CAFÉS — CHÁS — CEVADAS — FARINHAS — CACAU — CHOCOLATE EM PÓ — LEITE CREME — PUDINS

Nada existe de melhor

A Mariazinha

LISBOA: Rua Barros Queirós, 28
PORTO: Rua de Santo Ildefonso, 415



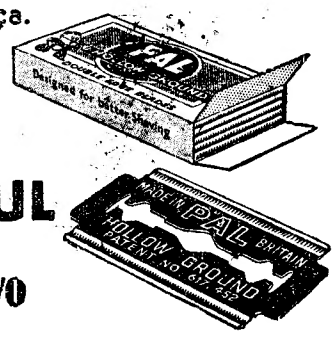
As barbas cerradas exigem...

uma lâmina especial. Para uma barba bem feita, só

PAL AZUL A LÂMINA DE FIO CÔNCAVO

Fabricada com aço inglês da melhor qualidade, pelos processos científicos mais modernos, a lâmina PAL AZUL torna a barba mais cerrada num autêntico veludo.

PAL AZUL dura mais e faz maior número de barbas, resultando mais barata. Experimente e veja a diferença.



PAL AZUL

A LÂMINA DE FIO CÔNCAVO

Adapta-se a qualquer máquina para lâminas azuis

Cada lâmina 1 esc.

As lâminas e máquinas de barbear PAL encontram-se à venda em toda a parte.

DISTR. GERAIS SOC. FH LDA. • CARCAVELOS • PORTUGAL

TEATROS E CINEMAS

Ivon Cúri

Homenageada pela empresa do S. Luís

Ivon Curi, que esta noite, parte de avião para o Brasil, despediu-se com um «cocktaill», dos seus amigos e admiradores e foi homenageado pela empresa do S. Luís. No lindo «foyer» da elegante casa de espectáculos, Ivon Curi, rodeado de altos funcionários da embaixada do Brasil, de artistas brasileiros e portugueses, jornalistas, críticos teatrais e nomes ligados á Rádio e á Televisão, ouviu palavras de merecido louvor, proferidas pelo sr. João Ortigão Ramos, em nome da empresa do S. Luís. Depois de se referir, calorosamente, á classe do artista, o orador, anunciando que a empresa resolvera inscrever o seu nome entre os grandes nomes do «music-hall» que passaram pelo S. Luís, convidou o sr. dr. Rio Branco, ministro do Brasil em Lisboa e que ali representava o seu embaixador, a descerrar uma lápida, coberta com a bandeira auri-verde.

Muitos aplausos sublinharam o acto que era, no próprio dizer do sr. Ortigão Ramos, uma homenagem ao Brasil, país que todos nós trazemos no coração.

Ivon Curi exprimiu, então, a sua satisfação por ver o seu nome entre os «imortais» do S. Luís, honra, disse, que perdurará na sua lembrança, como o calor dos aplausos que o nosso publico lhe dispensou. Por fim agradeceu a todos— a esse publico caloroso e amigo, á gente dos jornais e da Rádio—o carinho que puseram na recepção que lhe fora dispensada durante a sua presença em Portugal onde, acrescentou, voltará, a convite da empresa do S. Luís.

Por serem muitos e importantes os contratos que terá de cumprir no Brasil, Ivon Curi não poderá seguir já para os Estados Unidos, como havia projectado.

Atrás do reposteiro

A companhia Maria Della Costa estreia-se no dia 12, no Teatro Sá da Bandeira do Porto, com a peça «Moral em Concordata».

— No Teatro Monumental, está a proceder-se á montagem cénica da peça «O Palco da Vida», que ali será representada, assim que o estado de saude do actor José Gamboa o permita.

— Amanhã, o programa Teatral da Rádiotelevisão Portuguesa é constituído pela retransmissão da peça de Alfred Musset, «Capricho», em que intervêm os artistas Maria Paula. Ligia Teles, Rogério Paulo e Sacramento de Almeida, sob a direcção do actor Alvaro Benamor.

— Assumiu a direcção musical do Teatro ABC o maestro-compositor Jaime Mendes.

— Prossegue na digressão, que anda a empreender pela província, o conjunto brasileiro de Carmélia Alves.

— A revista «Lá vai Lisboa», deve ter a sua estreia no Teatro ABC, na próxima sexta-feira.

— O Teatro de Gerifalto apresentará brevemente um novo programa infantil, com as peças «Maria Trapalhona» e «O mistério da fábrica de chocolates».

— Regressa amanhã do Porto a companhia de que faz parte a actriz Laura Alves.

— No Teatro Garrett, da Póvoa do Varzim, apresenta-se hoje o ilusionista português Conde de Aguilar que anda em digressão pela província.

— A estreia da peça «A desconhecida» deve efectuar-se na terça ou quarta-feira no Teatro Avenida.

— E' formado por vinte bailarinas, o «ballet» da companhia internacional de revistas, que, no dia 20, se estreia no Coliseu.

«A Castro»

no Teatro Nacional

A empresa Rey Colaço-Robles Monteiro deu-nos ontem a tragédia «A Castro», tema e obra clássica da literatura portuguesa. Mariana Rey Monteiro fez a protagonista e o espectáculo atingiu uma grande altura, que desde já queremos assinalar. Amanhã, porém, nos referiremos mais largamente a esse acontecimento da vida teatral portuguesa.

A visita ao Conservatório

de Maria Della Costa

A visita da actriz Maria Della Costa ao Conservatório Nacional foi transferida para a próxima terça-feira ás 11 horas. Para a recepção que lhe vai ser prestada foram convidados os seus antigos condiscípulos.

Félix Bermudes

No avião dos T. A. P. regressou a Lisboa o escritor Félix Bermudes, presidente da Sociedade de Escritores e Compositores Portugueses que presidiu á reunião da Conferência Internacional das Sociedades dos Homens de Letras, de que é também presidente, e que se realizou em Paris.

Primeiras exibições

«Sózinho contra a cidade», no Capitólio

Aí temos um novo vaqueiro-arcanjo, homem-deus providencial, justiceiro e pacificador pela violência. «Sózinho contra a cidade» vai entrar na galeria da mitologia cinematográfica. O título é sugestivo e simboliza a luta dos que decidem viver de espinha direita e caminhar em linha recta. No *western*, estes fenómenos heróicos triunfam sempre.

Uma cidade é dominada por assassinos e gatunos. Então chega o aventureiro duro e implacável mas simpático. Trava-se a luta. E' de de Richard Wilson a realização, vigorosa e escorreita. Os tipos são todos muito fortes e bem desenhados. Os actores, Robert Mitchum, Jan Sterling, Karen Sharpe, estão muito bem. Documentários razoáveis. — *Visor 100.*

«Guerra e Paz»

em 4.ª semana no S. Jorge

O filme «Guerra e Paz» ultrapassou todas as perspectivas. A imortal obra de Tolstoi, transportada para a tela por King Vidor marca uma época na história do cinema. O filme entrou em quarta semana de exibição, com duas sessões diárias, ás 15 e 15 e 21 horas. Aos domingos, o Cinema São Jorge, dá também uma sessão matinal ás 10 e 15. «Guerra e Paz» tem a interpretação de Audrey Hepburn, Mel Ferrer, Henry Fonda, Anita Ekberg, Vittorio Gassman e um incalculável numero de actores e figurantes.

Aida Baptista

ULTIMAS Representações

ABC

A PREÇOS DE CINEMA!

HOJE. DOMINGO

2 SESSÕES — Às 20,45 e 22,45

COM A MAIS ALEGRE DAS REVISTAS POPULARES

JÁ CÁ CANTA!

com AIDA BAPTISTA

NANTILIA DE OLIVEIRA — HELENA VIEIRA — GUIDA DE CARLO — MIMI LACERDA — CAMILO DE OLIVEIRA — JOSÉ VIANA — OSCAR ACURSIO e a pequena fadista de Alfama CANDIDA RAMOS

ESPECTACULO PARA MAIORES DE 17 ANOS

Nantília de Oliveira no «Rapaz dos jornais»

José Viana no «Mateus»

Candida Ramos

BREVEMENTE:
ESTREIA DA REVISTA POPULAR
LÁ VAI LISBOA!
PARA REAPARIÇÃO DA QUERIDA ACTRIZ ELVIRA VELEZ

BREVEMENTE:
SENSACIONAL REAPARIÇÃO DO JÁ FAMOSO «TEATRO DE MARIONETTES»
PARA TODAS AS IDADES

Bibi Ferreira

Vasco Santana

Gisele Robert

BREVE-MENTE! NO VARIEDADES

TELEF. 26037 EMPRESA ARTISTICA DE ESPECTACULOS, LDA.

ESTREIA DA NOVA REVISTA POPULAR

HA' HORAS FELIZES!

UMA REALIZAÇÃO DE HENRIQUE SANTANA, COM

VASCO SANTANA — BIBI FERREIRA

COSTINHA

RAUL SOLNADO * CARLOS COELHO
ALDA PINTO * RUI DE CARVALHO
e a grande atracção internacional

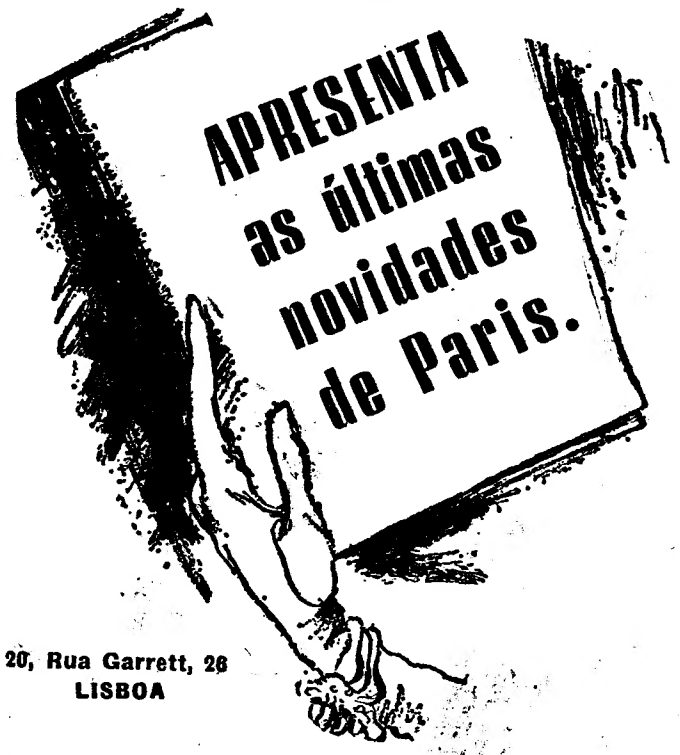
GISELE ROBERT

A' FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!

ESPEC. PARA MAIORES DE 17 ANOS

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Ao Ultimo Figurino



20, Rua Garrett, 28
LISBOA

HUMBERTO MADEIRA

2 SESSÕES
ás 20,30 e 22,45

MARIA VITÓRIA
Emp.ª «Eug. Salvador e Rui Martins»
A VEDETA DA ALEGRIA
BEATRIZ COSTA
AO LADO DE
SALVADOR
E DE
ANTÓNIO SILVA
NA REVISTA POPULAR

TOCA A MUSICA!

ADULTOS

GLORIA MAY

SALÃO

Informa as suas Ex.mas Clientes que acaba de receber as ultimas novidades em :

Fazendas, Sedas, Algodões e Rendas

TELEFONES: Escritório 367372
R. Garrett, 76-78 — Estab. 29101/33439 — LISBOA

UMA PEGA 6$50

NO BAR RIBATEJO ATÉ ÀS 3,30 DA MANHÃ
DOÇARIA CASEIRA, CAFÉ DE TIMOR EM «BALÃO, inconfundível
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL 27173 (17 anos)
A's 15,15 e 18,15 e 21,30
Ultimos dias
Um romance de amor e violência entre personagens estranhas.
AMA-ME OU ESQUECE-ME
com Doris Day e James Cagney
Em Cinemascope e Eastmancolor

EDEN TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
Anna Magnani a melhor actriz de 1956 na história de comovedora ternura
QUANDO OS ANJOS NÃO VOAM
com Eleonora Rossi Drago e António Cifariello
Para maiores de 12 anos

IMPÉRIO TEL. 55134/5
A's 15.15 - 18.15 (Preç. red.) e 21.30 (Maiores 12 anos)
O mais belo espectáculo da época
MELODIA FASCINANTE
com Tyrone Power, Kim Novak Victoria Shaw
CINEMASCOPE TECHNICOLOR
SOM PERSPECTA
2.ª SEMANA

MONUMENTAL TEL. 55131
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (Maiores 12 anos)
A obra mais célebre de Julio Verne transformada num filme espectacular
MIGUEL STROGOFF
com Curd Jürgens e Genevieve Page
Em Cinemascope — Eastmancolor

ALVALADE TEL. 763080 (17 anos)
A's 15,15 e 18,15 e ás 21,30
Ultimos dias
Um romance de amor e violência entre personagens estranhas.
AMA-ME OU ESQUECE-ME
com Doris Day e James Cagney
Em Cinemascope e Eastmancolor

AVIS TEL. 47165 (Maiores. 17 anos)
15.30 - 18.30 e 21.45
O caso de um homem perante um estranho dilema!
O BÍGAMO
com Ida Lupino e Edmond O'Brien

ROMA TEL. 727778 (12 anos)
A's 15.15 e 18.15 e ás 21.45
2.ª SEMANA
O colosso do cinema
ALEXANDRE, O GRANDE
com Richard Burton, Fredric March e Danielle Darrieux
CINEMASCOPE TECHNICOLOR

RESTELO Tel. 610375
A's 21.15 (17 anos)
Em Cinemascope
PARAGEM DE AUTOCARRO
com Marilyn Monroe

CASINO ESTORIL A's 21,30 (Adultos)
4 PASSOS NAS NUVENS
com Fernandel

TIVOLI TEL. 50595
A's 15,15 e 18,15 e 21,30
Ultimos dias
Um romance de amor e violência entre personagens estranhas.
AMA-ME OU ESQUECE-ME
com Doris Day e James Cagney
Em Cinemascope e Eastmancolor

POLITEAMA TEL. 26305
15,15-18,15 e 21,30
2.ª semana triunfal
Sempre enchentes!
A ÚLTIMA CARAVANA
com Richard Widmark e Felicia Farr
Pode alguma lei condenar um homem por vingar a sua honra ultrajada?
CINEMASCOPE (Para 17 anos)

CONDES TEL. 22523
A's 15.15 e 18.15 e 21.30 (17 anos)
O caso de um homem perante um estranho dilema!
O BÍGAMO
com Ida Lupino e Edmond O'Brien

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
A's 15,15 e 21,00 (Para 12 anos)
4.ª SEMANA
...E o êxito continua
GUERRA E PAZ
com Audrey Hepburn, Henry Fonda e Mel Ferrer
VISTAVISION TECHNICOLOR

ODEON TEL. 26283
A's 15,30 e 18,15 (Pr. red.) ás 21,30 (17 anos)
Sophia Loren num filme que é um turbilhão de cor, musica e alegria
A BELA NAPOLITANA
com Nilla Pizzi e Carlo Dapporto
Em Ferraniacolor

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 15,30 e 21,30
Para maiores de — 17 anos —
Robert Mitchum
na personagem mais violenta e espectacular da sua carreira
Sózinho contra a cidade
com JAN STERLING
e um grandioso elenco!

ROYAL
A's 21,15 (17 anos)
3.ª SEMANA
NÃO PEQUEI
No programa:
CAVALERIA RUSTICANA

LIZ TEL. 48560
A's 21,15 (12 anos)
O REI VAGABUNDO
com Kathryn Crayson e Oreste

TERRASSE TEL. 20917
A's 21 (12 anos)
O RAPAZ E O TOURO
NEVES TRAIDORAS

CINEMA IDEAL
A's 21 (12 anos)
O GIGANTE DOS MARES
A DILIGÊNCIA FANTASMA

LEIAM O «SEMPRE FIXE»

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

HOJE ás 21 e 45 (12 anos)
o primeiro espectáculo da trilogia sobre Inês de Castro
a tragédia em 4 actos

CASTRO

de ANTÓNIO FERREIRA
com fundo musical de
RUY COELHO
Interpretada por MARIANA REY MONTEIRO, AMÉLIA REY COLAÇO, RAUL DE CARVALHO, ROBLES MONTEIRO, LUÍS FILIPE, CARLOS WALLENSTEIN, JOSÉ CARDOSO, MANUEL CORREIA e JOSÉ DE CASTRO
Encenação de
AMÉLIA REY COLAÇO
e ROBLES MONTEIRO

Coliseu

DESPEDIDA APOTEÓTICA
esta noite de Canções e Danças Populares de Espanha, Bailados e descantes castiços, 120 figuras. O maior espectáculo folclórico

Veja esta noite, no Coliseu, em apoteótica despedida, o maior espectáculo folclórico do mundo — Canções, Danças e Musicas Populares de Espanha. Quadros de todas as províncias do país vizinho. 120 figuras de ambos os sexos. Parada de alegria, de poesia, de beleza, de cor, de sentimento, em quadros maravilhosos. Não falte! Não perca este sensacional espectáculo! Podem assistir crianças desde os 12 anos.

CAMPO PEQUENO

ARRUZA

«O CICLONE»

a cavalo e a pé no Domingo, 14!

TRINDADE

Empresa Teatral Avenida, Lt.ª
Subsidiada pelo Fundo do Teatro
Todas as noites, ás 21.45
A deliciosa comédia de VICTOR RUIZ IRIARTE
A VIDA PARTICULAR DA MAMÃ
Tradução de LUIS FRANCISCO REBELO
Direcção artística de SAMWELL DINIZ
Para maiores de 17 anos

SÃO LUIZ 12 anos ALVALADE

A **SONORO-FILME** tem a honra de anunciar **3.ª FEIRA**
UM ESPECTÁCULO DE GARGALHADA
da famosa série

com uma interpretação excepcional de ...

FERNANDEL GINO CERVI

AGORA ENVOLVIDOS NAS HILARIANTES PERIPÉCIAS DE UMA CAMPANHA ELEITORAL, NO 3.º FILME DE UMA SERIE FAMOSA

DON CAMILO E AS ELEIÇÕES

CASAMENTO

Lanches desde 40$ 45$ e 50$ por pessoa incluindo vinhos. Salão próprio sem aumento de preço de todos os banquetes servidos aos nossos Ex.mos clientes temos documentos assinados que provam servirmos bem.
PASTELARIA S. JOÃO, LD.ª
Av. de Paris, 3-A — T. 725600

LOBOS DO MAR

Fados e Danças Regionais com o
«Rancho da Nazaré»
ALMOÇOS AO DOMINGO
Calçada de Carriche, Telf. 051146

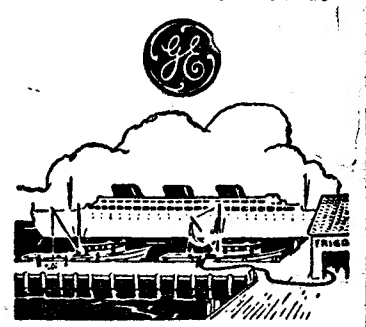
LUSO

T. Queimada, 8-A
T. 32889—Adultos
Hoje (até de madrugada) Fados e Canções pôr: **Emília Candeias —Frutuoso França — Ilda Ferreira — Manuel** Hilário — Isaura A. de Carvalho e o «Ás» da boa disposição **João Viana** «Vianinha». Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal.
E' finalmente amanhã — O extraordinário desfile artístico em homenagem a **FAUSTO RIBEIRO.**

MOBILIAS

Quarto ou C. Jantar, 1.800$ a 3.300$. Rusticas, 2.800$ a 4.000$. Q. Anne, 4.600$ a 6.000$. Tr. Fléis de Deus. 69. ao Camões—Telef. 24294

Instalações frigoríficos
MARITÍMAS E TERRESTRES



Estudos e orçamentos grátis
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA
LISBOA PORTO

"PAMPILHO"

RESTAURANTE TIPICO
CALÇADA DE CARRICHE, 111
Uma realização do «FAIA»
BOA COMIDA
BOM FADO
Telefone 779777

CASINO ESTORIL

HOJE no «Wonder-Bar»
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Jantares e ceias
Conjuntos musicais OLIVER e HELDER REIS (Adultos)

TAVERNA SEVILHANA

BOITE DE NUIT
GONZALO DE LA PUERTA
E SEU CONJUNTO
LARGO DO REGEDOR, 7 **TEL. 34982**

Evocação de Fialho

Um dos maiores no centenário

Celebra-se, dentro em pouco, o centenário do nascimento (na alentejana Vila-de-Frades, em 7 de Maio de 1857) de Fialho de Almeida, escritor que foi proclamado pelos altos espíritos do seu país, e até pelos menos desvairados dos seus irredutíveis inimigos (estes envenenados, principalmente, pelo despeito e pelo ódio político), como uma das mais poderosas organizações de escritor surgidas em Portugal. E a ele «devemos algumas das mais vigorosas, originais, vibrantes revelações de arte, de poesia, de vida, que a literatura, portuguesa conta e que á crítica nacional se impõe registar», como proclamou Manuel da Silva Gaio, figura eminente do pensamento crítico, no profundo ensaio sôbre o portentoso escritor, considerado notabilissimo estudo para uma «lucida e nobre interpretação da personalidade complexa de Fialho de Almeida, e valorização do que tem de genial a sua obra».

Não logrou ainda essa obra, da qual boa parte mantém luminosa perpetuidade, a ampla e justa compreensão, já não diremos da sua genialidade, mas do que há nela de poderosa vitalidade, de fascinante emotividade artistica, de humano enternecimento pela desdita do semelhante, de sincera e vibrante rebeldia ante as injustiças e desigualdades, quer dizer no seu intuito social (demolindo para reconstruir e com dilatado sentido de antecipação ás realidades de hoje), vincado em páginas soberbas, através das quais se sentem dores a latejar, lágrimas borbulhando e onde as paixões e os sentimentos se entrechocam num tumultuar de angustias a reflectir a tortura das almas inquietas, o sofrimento humano em toda a extensão do drama dos humildes.

Ignorado de muitos, que o julgam vagamente como impressionista de coloridos e aspectos bizarros, e exuberante e perturbadora fantasia, não são menos os que não atingem as alturas do talento desse artista singular, mágico intérprete do mundo das cores e das formas, ao mesmo tempo com a penetrante acuidade para sondar os brumosos abismos das almas, para captar as emoções fugidias, do esteta e do prodigioso estilista, no qual, segundo Silva Gaio, «avultam a originalidade e também mais vivo encanto, mais curiosos, por vezes inéditos efeitos da forma literária».

Admirável paisagista (ninguém como ele, nascido numa «casinha de taipa, construida por pedreiros da sua gente», soube descrever a expressão e a alma da paisagem alentejana com todo o seu dramatismo, heroico e sofredor, o típico lisboeta e a feição peculiar das terras e gentes observadas nos enlevos das suas vagabundagens e no atento exame do vago pressentido no tangível e no subjectivo da existência), foi sim, e é esse aspecto predominante da sua personalidade, um impressionista. «Excepcional organização de impressionista» — assinala Silva Gaio — «possuiu, como poucos, a faculdade não só de vibrar intensamente sob a acção do ambiente físico e aos choques e repercussões do mundo interior, mas de reacordar em si e de reflectir nas suas páginas as impressões colhidas. Imaginativo num raro grau — manifestou extraordinário poder para associar e combinar aquisições dêsse vivo impressionismo e para a tudo dar o maior fulgor na exteriorização verbal».

«Nunca, por certo, a emoção e a visão da Natureza foram entre nós traduzidas e fixadas com força e brilho comparáveis; porque, também, poucos a teriam sentido e amado como ele. Tanto a amou, que a amou em tudo; a ponto de, por vezes, tornar tão humanos os vegetais e os animais, nas suas narrativas e descrições, como as próprias figuras da nossa espécie. E se a impressão dominante a conservar da sua leitura é a de um doloroso sentimento da existência — isso, pelo lado da arte, só lhe exalta o valor da obra poderosa; pois sempre á dor se há-de dever quanto de mais empolgante e belo os homens conceberam e criem. E quem o leia logo conclui que a todos nos deverá orgulhar essa obra como uma das raras e altas reclamações de direito á vida erguidas pela pátria portuguesa.

«Quem escreveu o *Anão*, os *Noivilhos*, os *Ceifeiros* — e cito apenas três maravilhas, das muitas que nos deixou — concorreu, sem duvida, para fortalecer a affirmação de que não devem morrer os países de onde a Arte ainda tire e espalhe faíscas de génio...».

Genial lhe chamava, também, Guerra Junqueiro, que lhe dedicou a *Oração á Luz* e não o poupou a severos comentários, quando o autor dos *Gatos* (que tanto contribuiu para demolir o velho regime, continuando, porém, insubmisso, a vergastar o que ele considerava defeituoso na Republica) se tornou, pelas suas atitudes, alvo de violentos e acrimoniosos ataques que molestaram o seu orgulho e lhe pungiram a refinada sensibilidade, atirando-o para o amargurado exílio na vila alentejana de Cuba, onde veio a morrer (4-3-1911), em circunstancias de certo modo estranhas, as quais levam a supor que teria abreviado o fim da atormentada existência.

Mais do que todos esses ataques, em linguagem despejada, desnudando até alusões difamadoras (o que o levou, certa vez, numa estação ferroviária alentejana, a tirar violento desforço de um caluniador), dileceravam-lhe a alma as setas envenenadas despedidas da *Luta* pelo seu grande amigo Brito Camacho, que, mais tarde, se havia de penitenciar, sinceramente contrito, assim como o excruciavam as aleivosias e insinuações ao casamento de conveniência, para se tornar num nababo extravagnte que passou a vestir-se com fazendas vindas expressamente de Londres. Sem ter de dar contas de infamias cometidas, embora o seu descrente pessimismo e os confessados e humanos despeitos o levassem a atitudes incoerentes ou mesmo injustas (vistas já por um prisma diferente, á distancia do tempo), poderia ter reagido para varrer as afrontas, mas deixou-se afundar no desalento moral, desterrando-se no ermo alentejano, com a torturante lembrança da boémia lisboeta e sempre «solitário e nostágico, com a saudade brumosa dos que nunca tiveram *chance* na vida».

«Esse Fialho» — proclamava o glorioso poeta de *Os Simples* — «é a mais rica natureza artistica que Portugal tem gerado há duas duzias de anos. Um talento grande, rutilando em génio por instantes. Em génio, sim! Leiam os *Pobres*, o *Filho*, a *Velha*, o *Idilio Triste*. Natureza de sensibilidade vibrátil, agudissima, quase mórbida. Depois, português, idolatrando o seu Alentejo, adorando a sua pátria, instintivamente, organicamente, como a raiz adora a terra».

Com um sentido agudo da idiossincrasia fialhesca, a tender do apego regionalista para o universalismo, dizia o grande Teixeira de Pascoais: «Um temperamento como o de Fialho de Almeida, pela sua complexidade e exagero, afasta-se da paisagem, por mais divinamente que a descreva. Failho é um pintor extraordinário, mas não se confunde com as suas telas. Lembra-me Dostoievsky, que nos deu do povo russo o quadro mais vivo e completo e é, na Russia, ao mesmo tempo, um estrangeiro, um Profeta fugido do deserto para a estepa. Fialho foi alentejano, como Dostoievsky foi russo».

A cegueira das paixões que referviam á volta do acutilante polemista dos *Gatos* não ofuscou a glória do escritor, do enorme, do «admirável artista», reverenciado com sincera admiração pelo implacável e furibundo Junqueiro e mesmo pelos que, não perdoando ao panfletário desiludido e contundente, quando a morte o prostrou, se sentiam assombrados pelo clarão do seu talento que esmagava ressentimentos implacáveis»:

«O autor dos *Gatos*, — lê-se no necrológio de um dos jornais animadversos —, dos *Contos*, da *Cidade do Vício* e desse impetuoso e febril *País das Uvas*, a cuja leitura vibra toda a nossa nervosidade, fazendo-nos sofrer e viver, passando-nos na alma como uma rajada arrepiante e enternecendo-nos, esse *há-de* ficar para sempre na recordação de todos os que o lerem, e, sobretudo, na de todos que o souberem ler».

Ao prantear a morte do grande e desventurado artista, com «conturbada e jungente comoção», Flexa Ribeiro, um dos seus devotados admiradores, que muito contribuiu para a difusão da obra de Fialho no Brasil (o escritor português colaborava, nos ultimos tempos, no *Correio da Manhã*, do Rio), salientava, no ensaio *Fialho de Almeida — Visão Estética da Sua Obra*, a alta linhagem do mestre prosador, que continua a fazer escola, apesar de incompreendido e, por alguns, votado a um deliberado esquecimento:

«Morre com Fialho de Almeida a alma juvenil, plena de viço e graça, de cor e harmonia, da estilistica portuguesa, cuja egrégia estirpe se vai anraizar, pelo silêncio do tempo, na lingua milagrosa do padre Manuel Bernardes».

«Seu estilo viverá na literatura portuguesa como a criação de uma nova língua».

«Quando se desmoronar o monumento das letras lusas—arquitectado de Bernardes a Rui Barbosa, de Camões a Antero de Quental —, através da poeira dos escombros o Curioso da Arte descobrirá por entre os destroços de uma raça de herois e de poetas, desfolhada embora, a obra cheia de Sol do paisagista de *O País das Uvas*». Aos seus olhos desconhecidos do passado glorioso, ela revelará todo o esplendor sobrenatural de um crepusculo de Deuses».

Contista extraordinário e romancista frustrado

Em várias facetas brilhou o excepcional talento de Fialho de Almeida, que foi crítico de ampla visão e esclarecida análise, embora, por vezes, sacrificando ao comentário mordente e jocoso a opinião

judiciosa do observador sagaz e profundo, o que o levava a ser injusto. Jornalista de garra, verdadeiro mestre da reportagem, que é a lídima glória do jornalismo, o sentido jornalistico está patente no melhor da sua obra e nas soberbas páginas de antologia, que são, entre outras, as do *Enterro de D. Luís* e da trasladação dos restos mortais de Herculano de Vale-de-Lobos para os Jerónimos, que lhe deu um quadro da paisagem do Vale-de-Santarém, considerado superior ao admirável descritivo de Garrett nas *Viagens*. Foi, também, cronista lapidar e, no plano da ficção, reconhecido como contista nunca excedido, em Portugal, o que lhe garante lugar de relevo na novelistica nacional.

Porque não fez aquilo a que convencionalmente se chama um romance, sendo ele um novelista medular, costumam alguns daqueles que não morrem de amores por ele, chamar-lhe simplesmente um *fragmentário*. Assim o têm rotulado alguns fanqueiros literários, que não vão além do cerzir uns retalhos, mais ou menos habilidosamente.

Ele foi, verdadeiramente, um romancista que não se realizou, embora algumas das suas novelas (*A Ruiva*, por exemplo, classificada de romanceto) sejam mais alguma coisa do que *um esboço de romance*.

Dispersivo ou *fragmentário*, esbanjando talento a rodos, foi-o, sem duvida, mas importa o esclarecimento dos motivos que podem justificar a classificação, aparentemente depreciativa, na mais lógica e mais justa assersão. Manuel da Silva Gaio explica-o, com a sua incontestada autoridade:

«Reconheçamos, pois, que foi um *fragmentário*, não só quanto á maneira como colhia as impressões e quanto ao modo particular de nelas exercer a actividade imaginativa, mas também já na própria realização das obras. Com excepção daquelas em que, tendo havido perfeita correspondoência entre o assunto ou caso tratado e os naturais fortes recursos da sua organização mista de observador e visionário, a curteza da intriga e a estreiteza do quadro o houvessem obrigado ou deixado concentrar energias.

«Porque nessas mais de uma vez nos deu seres e figuras tocadas no seu verdadeiro nucleo de vida, mostradas e movidas, de principio a fim, segundo a lógica do seu plano organico, reveladas e mantidas sempre em unidade. Devendo notar-se ,desde já, que a irregularidade e o *fragmentarismo* do escritor, se puderam prejudicar-lhe a obra sob o ponto de vista *objectivo*, não diminuem de modo algum o interesse despertado pelo autor, considerado pelo lado *subjectivo*; pois a crítica e a psicologia hão-de ver e apreciar nele, devido em parte a esses mesmos senões, e a par de todos os seus provados recursos para a observação da realidade e para a notação clara dos factos, um raro e curioso exemplar de verdadeiro poeta da prosa, no sentido lirico, pessoal da designação — como significando, além e acima do mais, a susceptivel facilidade da visão e da emoção directa e viva (por isso mesmo desigual e intermitente de intensidade ou duração), como envolvendo, consequentemente, a explicação de tão bruscos saltos e interruptos movimentos na marcha da ideação, ao sabor das impressões surgentes, imprevistas, e a capricho do seu registo expressivo. Isto, como é natural, com tanta maior originalidade e também mais vivo encanto, mais curiosos, por vezes inéditos, efeitos da própria forma literária.

«Indicados, contudo — e apenas indicados — a forma, os recursos e limites da sua imaginação, faltava acentuar qual a sua natureza.

«A par de uma fácil e vibrante *imaginação física*, que lhe permitiu descrever, pintar, repercutir directamente da vida páginas da mais opulenta prosa, revelou excepcionais dons do que poderemos chamar *imaginação fantástica*, querendo designar tanto a tendência e aptidão *amplificante* como a aptidão e tendência *transfiguradora*; isto é, querendo indicar que ele possuiu igual ou comparável faculdade para magnificar quanto lhe aparecesse e para se transportar ao terreno do sonho estranho, para dar como que uma supervida á realidade, e para surpreender e fixar o quimérico e o imaginário em alucinantes materializações descritivas».

Se não lhe faltavam, contudo, as condições essenciais para ser um romancista, sobrando-lhe até a imaginação, porque não empreendeu o escritor a tarefa para nos dar o romance, exigido por alguns como prova definitiva?

O frustrado romancista esclarece, revelando o seu drama (que é a origem de outros grandes malogros) e, ao mesmo tempo, a probidade do artista que não se resigna a fazer *qualquer coisa como um calhamaço rotulado de romance:*

«Quem não aufere, como eu, dinheiro do Estado, e tem de ganhar o seu pão dia por dia, não pode senão produzir minuscularias literárias, obrinhas de fácil curso, pagas aos quinze tostões, Deus sabe quando, e escritas sabe Deus em que disposições de cabeça e de barriga! A cada instante, abordam-me os ingénuos — mas por que não escreve você um livro inteiro? um grande romance, um grande quadro crítico?...

«Imaginam que esses trabalhos se abordam com a inconsequência e a rapidez de vinte ou trinta páginas; mal compreendem que sejam precisos longos meses de estudo, anos de concentração, paciências beneditinas de factura; e durante todo esse tempo quem é que garante ao desprovido escritor o passadio, e depois da obra feita quanto dá por ela o editor?...».

«Tendo escrito desde então (do princípio da sua vida literária até 1903), cerca de mil e trezentas páginas por ano, o que representa uma actividade rara num país onde a bagagem literária é um livrinho de versos e meia duzia de artigos laudatórios, apenas consegui na opinião de muitos dos meus contemporaneos *arranjados*, a reputação de um desequilibrado indolente, que arma á sensação por via do galicismo, e a de um prosador colérico, proíbido do sucesso pelo mau sestro de não poder ser lido por senhoras. Dos resultados materiais do meu trabalho acérrimo, baste a V. saber que nem logro auferir da pena o sustento necessário, ganhando menos do que um carpinteiro ou um pedreiro, e tendo de resignar os meus gastos a condições de parcimonia de que só eu sei o mistério e perante os quais forçoso me foi abdicar de todas as aspirações e vanglórias que entram por meio na confecção da alegria e são neste Mundo o factor principal da felicidade. Basta-lhe um facto. Tenho publicado até hoje seis volumes de contos e *bluettes*, cujas matérias somadas prefazem alguma coisa como *mil novecentas e oitenta e tantas páginas* compactas. Quer V. saber quanto me deram os editores por toda esta bagagem? *Seiscentos mil réis*. O que representa uma paga a três tostões por página, menos de metade do salário do mais reles e ignaro tradutor de Ponson du Terrail ou Xavier de Montépin».

Tendo descrito os seus antecedentes e a juventude de miséria, acrescenta: «Aí tem V. jouco mais ou menos a história do homem de letras que alguns criticos têm apodado de vaidoso, e tópicos mais que necessários para a interpretação razonada da minha misantropia e essência literária».

Apesar de tudo, Fialho, em quem estuava a força criadora, embora não fosse verdadeiramente um criador de tipos puramente imaginados, planeou (até o completo travejamento da estrutura) e escreveu um ou mais romances. O original de um deles, que teria sido levado para o Brasil, chamar-se-ia *Os Doentios*, subtitulo que aparece nos *Contos*, com sucessivas edições desde a primeira no Porto, em 1881, e oferecido a Camilo Castelo Branco: «Peço-lhe que aceite a dedicatória deste livro mediocre, que pude elaborar no ócio de uma vida cortada de trabalhos e dissabores».

Guerra Junqueiro revelou que, «entre os projectos literários do admirável artista, um havia mais que todos acariciado e fecundado, os *Cavadores*, rustico poema, síntese sublime da vida da terra, da planta e do camponês, obra de fisiólogo, de psicólogo e de poeta, ressumando sangue, transpirando lágrimas, drama tangível e real, movendo-se numa atmosfera enigmática de infinito e de sonho. Um livro elevado. Lisboa rasgou-lho. Em troca deu-lhe os *Gatos*».

«O desmantelamento da sociedade portuguesa actuou no espírito impresisonável de uma grande poeta, esterilizando-lhe a génese da obra humana, imorredoira».

Flexa Ribeiro, no seu referido ensaio, diz: «O novelista anunciava atirar-se, ao romance de análise psicológica, á Bourget, segundo se colhe do programa que traslado textualmente — OS DECADENTES *(romance da vida contemporanea) constando dos seguintes livros, de acção independente entre si, porém relacionados sob um plano crítico geral: O Sedutor Meireles, A Fábrica, A Quebra*».

O autor da biografia de Fialho, publicada após a morte do autor de *A Cidade do Vício*, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1912), diz, por sua vez:

«Houve entre os projectos de Fialho a tenção de escrever um grande romance sobre a sua vida, intitulado *Obra-prima perdida*. Chegou a começá-lo, e dele se imprimi-

(Continua na página seguinte)

de Almeida

e mais amargurados escritores portugueses

do seu nascimento

Por César dos Santos

(Continuação da página anterior)

ram algumas provas, que supomos depois inutilizou, como fez a outro seu romance totalmente impresso *A Quebra*».

Do romance autobiográfico, as primeiras páginas deram um conto, publicado no numero de Natal de 1896 de *O Comércio do Porto* e incluido, depois, no livro póstumo *Aves Migradouras*, com o titulo *A Provincia* e onde o próprio escritor se encobre sob o pseudónimo de *Jorge Miguel*.

O romancista frustrado, cuja insatisfação o levava a destruir a obra já realizada, chegara ainda a anunicar um trabalho de grande fôlego, como que «um quadro amplo da vida portuguesa», que não chegou também a publicar.

«Eu mesmo me entristeço» — confessava ele — «de até á hora presente não ter senão uma efémera bagagem de historietas de espuma e artigos «mais ou menos verrineiros». Pouco importa que essa obra faça o melhor de cinco ou seis mil páginas, e represente a fadiga de mais de quinze anos de nervos excitados. O publico entre nós não diviniza senão fabricantes de grandes calhamaços (critério natural num país onde a leituar é toda de lombadas), e mesmo que eu fizesse, naqueles pobres bocados, maravilhas, passaria sempre por um cronista aguado das futilidades mansas do meu tempo».

Ainda hoje os *ressentidos* pelas atitudes do escritor — dir-se-ia até, para alguns, porque ele sobrevive ao tempo — servem-se, nas críticas apaixonadas, dos naturais defeitos da sua obra, e outros, que se envolvem no manto do falso pudor, procuram apoucá-lo pelas escabrosidades nela contidas. E fazem coro os que parecem sentir-se arranhados pelos *Gatos* ou fustigados pelo látego do ardente panfletário *Valentim Demónio* (José Valentim Fialho de Almeida era o nome completo do escritor), cuja pena tão ágil e cintilante se transformama em azorrague ou lamina esbraseada, capaz de demolir uma alma pelo escárneo, de correr um cretino a chicote, como a um mastim, injuriando-o e cobrindo-o de doestos desesperadores, fazendo referver chagas em esverdeadas agonias.

O próprio escritor lhes responde (na *Autobiografia*, incluida no volume *A Esquina* e que vimos seguindo):

«Os mais ferozes acusam-me de intrometer feses humanas nas tintas de uma paleta onde só deviam esmair suavemente as cores do espectro».

«Eu sou um dos rarissimos escrevinhadores portugueses em cuja obra o *assunto é que dita o estilo*»...

...«Como é que os meus censores exigem que eu escreva em estilo nobre, se muitos dos meus assuntos dos *Gatos* são trazidos a publico numa intenção de sátira candente, e se da própria torpeza deles brotam a deletéria tessitura e o estilo malcriado e por vezes obsceno das objurgatórias com que os trato?»

«Argumentam-me depois com a pudicícia alvorotada das madamas, o que me obriga a dizer que o madamismo nacional tem do pudor uma postiça e tola ideação. Na literatura, princesas, não há nem pode haver palavras sujas. O que há é assuntos sujos, assuntos pulhas, deletérios assuntos, que os escritores não inventam, e fazem parte do dia a dia da cidade, assuntos enfim de que a linguagem escrita é apenas o impreterível sinal gráfico.

«Consequentemente, o pudor feminino tem apenas, como meio de impedir que os panfletários escrevam plebeismos, o evitar que a sociedade seja menos torpe, e os seus maridos e irmãos menos canalhas».

Quem arremete com tal desassombro, em linguagem tão crua, contra tudo o que o convencionalismo complacentemente oculta, paga bem caro a afrontosa ousadia...

O drama do homem e do escritor

Para se ajuizar da obra de Fialho de Almeida (como da de qualquer artista) necessário se torna conhecer as determinantes da sua eclosão, que se situam no mundo das realidades e no universo subjectivo do autor. E aqui ressaltam as condições dramáticas da existência do escritor, que deve ser colocado no ambiente da época em que viveu e a sua mentalidade ovoluiu. Ele viu-se no meio de uma sociedade hipócrita, balofa e egoista, em que os cretinos triunfavam sobre os homens de talento e todas as audácias se sobrepunham ás mais nobres intenções de idealistas e sonhadores. E Fialho, também um visionário, foi, no dizer de Eugénio de Castro, «o artista dos mais altos e imaculados sonhos», trasbordante de simpatia humana pelos simples — afinidade que Junqueiro sentiu —, inclinado a defender os desamparados e oprimidos, fremente de rebeldia contra prepotentes, insubmisso ante as tiranias, animado de um nobre anseio de contribuir para tornar melhor o semelhante e a sociedade mais perfeita.

Fala o escritor: «Está vendo já de onde procedem algumas das sensibilidades especiais que melhor ou pior contém a minha prosa: o sentimento da paisagem nascido da minha origem de aldeão contemplador; as predilecções por assuntos humildes, inspiradas numa longa e quase exclusiva convivência entre as camadas chamadas íntimas; e enfim todas as minhas sedes ásperas de justiça, reacção natural da minha índole singela contra os despotismos de uma sociedade que durante anos a trouxe enrodilhada nos pés continuamente. Quinze anos deste regime, escravo de quantos obstáculos a pobreza e o orgulho põem nos *rails* de uma vida laboriosa e continuamente orientada na evitação dos fáceis triunfos, das lisonjas pulhas e das recompensas servilmente obtidas no desprezivel mister de engraxador, se por um lado me têm mostrado a inutilidade material e moral de toda a espécie de protesto isolado, deixaram-me ver por outro, na convivência de milhares de individuos de todas as categorias e de todas as espécies, a porção comum de velhacaria e de baixeza que quase todos eles precisaram desenvolver para instalar na vida o seu talher. A muitos poucos dos que aí estão hoje elevados, e que passaram por mim nas redacções dos jornais, nos átrios das escolas e nas mesas dos *cafés*, invejaria um momento a história ascencional, porque a gloríola ganha sem trabalho, espatifa-se em bagatela como o dinheiro do jogo, sem de si propulsionar senão defeitos».

Se os homens são moldados consoante o ambiente em que vivem, como é que Fialho havia de furtar-se ás influências do seu meio, vivendo ele precisamente na época mais irregular e tumultuária do fim do século passado?! Para compreendê-lo é preciso, pois, remontar ás origens da sua personalidade, ás condições da sua vida, no período da formação do carácter em que se adquirem virtudes e defeitos, os quais nos hão-de acompanhar através da existência. Ouvir-se-ão os seus doloridos queixumes, que, embora distilem azedume e acrimonioso desdém pela sociedade que o aviltava, traduzem sempre a amargura de uma alma molestada, ansiosa de ternura, nostálgica de liberdade, como ave no cativeiro, sedenta de justiça, e tudo aquilo que feria uma hipersensibilidade, a que não falta certa porção de morbideza ancestral, excitada por uma alta nevrose.

Filho de gente pobre, foi o pai, mestre-escola, «tipo de santo austero numa alma de sonhador, sempre calado», quem lhe deu as primeiras luzes do ensino; e conseguiu ser médico, á custa de sacrificios, privações, renuncias e sofrimentos, que lhe deixaram o gosto amargo da vida! Veio do Alentejo para Lisboa e foi para um colégio, o qual teve de abandonar por falta de recuross da familia, socorrendo-se da *generosidade* de um boticário que o tomou ao seu serviço. Depois, cursando já os preparatórios na Politécnica, morreu-lhe o pai. Ele ficou ao desamparo e todos, «ás portas da miséria»... Mas, ouçamos as pungentes confissões do escritor:

«Aí vou eu apodrecer numa botica, sete anos, uma botica que era a projecção agravada da existência do colégio, com uma enclausura mais rude, uma fadiga física mais forte, e piorias consideráveis de tratamento e convívio, de que ainda hoje não me posso lembrar sem ranger os dentes de despeito. A botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existência dos bairros pobres, numa cidade onde o operário envelhece sem a menor ideia de conforto, e cumulativamente ensinou-me o manuseio e preparo de venenos, arte de que me tenho servido com êxito para rebentar diversas ratazanas. Durante esses sete anos de emplastos e de pílulas, ninguém pode imaginar os tormentos que eu passei. Davam-me três horas aos domingos para oxigenar os pulmões cansados de respirar fedentinas de drogas e ervas podres; a minha alimentação era uma berundanga que sobrava do jantar da familia do patrão, e que mal poderei comparar, como nutricência a aspecto, ás mais ascorosas pastas que os soldados distribuem nos quarteis, á pobralhada. Dormia num cacifro de seis palmos de largo, por vinte de comprido e dez de altura, numa enxerga metida numa espécie de gaveta, que pela manhã reentrava na parede, e da qual tanta vez pedia Deus me talhasse caixão onde acabar meus

Interpretação da figura alentejana de Fialho, por Ferreira de Albuquerque

grotescos males por uma vez. A baiuca onde eu praticava era tão velha, infecta, escura e desordenada, que ainda hoje me surpreendo da triunfancia vital deste arcabouço, que pôde resistir sete anos áquele inferno de ratos, pias rotas, miséria alimenticia e rançuns de unguentos pré-históricos».

E segue-se a narrativa comovente dos negros dias passados até concluir o curso médico, enveredando, decididamente, pela espinhosa senda que o destino lhe reservava, tendo ainda clinicado, durante alguns anos, no Alentejo, o que lhe enriqueceu a dolorosa experiência humana:

«Como vivi todo esse tempo? Dos recursos do pouco que minha pobre mãe podia dar-me, de alguma colaboração avulsa por dicionários e pequenas folhas literárias, e enfim de lições que fui dando, á hora em que os meus condiscipulos folgavam, descuidosos, felizes, bem comidos, bem vestidos, ignorando o martírio do pão ganho aos patacos, e os prodígios de energia heróica consumida a vencer economias de cigarros e de ceias, e a desaparecer enfim de toda a parte onde o «sucesso tem praça», e poderia ser notado o nosso casaco velho, o nosso cabelo crescido, e as nossas botas roídas nos tacões. Vencidos os cursos cientificos, em vez de seguir, como os meus condiscipulos, nas facilidades profissionais que eles fomentam, cometi a tolice de me lançar na vida literária, de querer viver por uma pena de onde continuamente espirravam revoltas, e que fatalmente havia de me agravar as dificuldades do caminho».

A génese amarguradamente trágica da obra fialhesca

Silva Gaio, revelando a mais ampla, arguta e humana compreensão do caso singular de Fialho de Almeida, esquadrinha com a luz clarificadora os profundos meandros da obra do artista, onde, mesmo nas luminosas páginas, surge a turbação da negra melancolia gerada pelo «sentimento amargo da existência», e a angustia dominadora, o grande desalento, a timidez inibitória, os recalcamentos derivam para a ironia dilacerante ou pretendem ocultar-se sob os causticantes e irados sarcasmos:

«Raros serão, entre nós e em qualquer parte, os escritores que directa ou indirectamente tenham revelado e comunicado aos outros, com semelhante eloquência, o sentimento amargo da existência, e a esgotante tortura de a comentar. E como tal tonalidade era a que melhor dizia com o seu essencial modo de ser, foi nas suas obras de cruel inquérito ás tristezas e ás tragédias da realidade, ou nas de mais lugubre fantasia que ele principalmente nos empolgou e se impôs, quando não foi naquelas em que o excesso da vida parecia implicar morte.

«Sim, essa feição e tendência da sensibilidade — já explicável pelo temperamento do escritor, ser nervosamente excitável, mas susceptivel de apatismos linfáticos, impulsivamente activo, mas sujeito a fundas depressões neurasténicas, insaciável, agora, e logo enfastiado de quanto o rodeava, propenso, pois, a tirar de tais oscilações e de tão oposta contradição de estados um inquieta e pessimista conclusão da existência, através de todas as tentações dela — essa tendência da sensibilidade, a que não haveria sido indiferente a acção, apontada, da coexistente actividade crítica; essa tendência da sensibilidade, alimentada á vista de entristecedores espectáculos do país e de tantas desgraças e monstruosidades da espécie, que ele observava como homem e como médico, havia de dar á sua imaginação igualmente dotada para a representação realista e para a visionação transfiguradora e amplificante — o irresistivel pendor e involuntária predilecção do tema sombrio ou do assunto tenebrosamente estranho.

«»E foi o que sucedeu; assim, no campo da realidade, levou-o frequentemente para a torva pintura das viciosas ruas e das viciosas almas citadinas, para a notação rude das paixões bestiais e frustes do mundo rustico, para a descrição complacente das loucuras e torpezas sexuais, para a irreverente e caricatural fixação de todos os ridiculos ou de quanto se lhe afigurou ridiculo, para a exibição longa das taras, das singularidades teratológicas, dos casos de físico descalabro humano; nas regiões da fantasia (ás vezes do real transportado á escala do fantástico), para as pinturas do maravilhoso nocturno, para os debuxos frenéticos do apocalítico temeroso, para as evocações do invisivel apavorante; podendo aqui ver-se e acentuar-se que era ainda em certas e especiais cordas da gama da tristeza e da dor, da melancolia e pesadumbrosa emoção do existente ou do entresonhado — na corda do anormal e do grotesco-trágico, ou do terrivel-macábro — que este realista e este visionário mais caracteristica e impressionantemente se afirmava; sem prejuizo de um instintivo amor da Natureza magnifica e da Vida palpitante, e de um caprichoso amor artistico pelas fantasias em tom maior de glória luminosa — manifestados, de um lado, em alguns dos seus admiráveis quadros de verdade, onde tudo estremece radioso, do outro nas suas feéricas telas de sonho ou de magnificas projecções do possível, telas em que as imagens parecem imergir de clarões de magia, revestir fogos de apoteose.

«Não deve pois admirar-nos que a sua obra no-lo revele, ao mesmo tempo como um cantor da vida e como um nocrómano.

«Todo o excesso de vida é principio de morte. E ele era, por acessos, um excessivo. Viria talvez de uma origem triplice, a sua necromania: da própria obsessão da morte — que tantas vezes acompanha, embora sem consequências, certos estados ou situações de espírito, quando se trata de criaturas do seu quadro organico e psicológico; desse dominante sentimento do estranho terrivel, nutrido na prática dos hospitais e dos anfiteatros, e favorecido pela repetida visão das agonias e das extremas torturas; do romantismo da raça, trazido no sangue, bebido nas leituras, recebido nas cantigas e histórias deste povo português, para quem a morte é eterno motivo de inspiração, e para quem o mistério nocturno dos cemitérios tem um dom especial de atracção lugubre...

«Necrómano, como muitos, com igual tentação e terror da morte!

«Não deverá admirar-nos tão pouco, em vista desta contraditória e dual feição, o carácter a um tempo exaltado e turbido do seu erotismo, onde se sente esse qualquer coisa de previstamente destrutivo, de vida a resolver em morte; pois lhe ressuma, com frequência, através das mais ardentes e intemperantes páginas. E como se lhe filtrasse um mórbido travo de angustia final no vinho quente da sensaulidade apujante; atraiçoa o taciturno no cálido e voluptuoso pintor das crises e abandonos de amor, no esbrasecado colorista das impetuosas jovialidades e dos ferozes caprichos da carne e do sangue.

«E já podemos agora explicar também a natureza especial da sua ironia — um dos aspectos interessantes deste escritor — só explicável, realmente, depois de termos considerado o homem e o artista, posto que de modo imperfeito e rápido, sob os três pontos de vista do temperamento, das feições mentais e das particularidades emotivas».

Merecia um escritor de tal envergadura uma celebração condigna, que fosse comemoração nacional, do centenário do seu nascimento. Além das homenagens das terras alentejanas, que dele se orgulham, não sabemos que mais se prepare de exaltação da figura e da obra do Artista. Quer-nos parecer, porém, que a verdadeira consagração consistiria em trazê-lo ao nosso convívio espiritual, evocando o homem e difundindo a sua obra, mas integralmente, com todos os defeitos e virtudes (publicado até os seus inéditos), pois só assim é possível a compreensão de tudo o que há nele de humanamente falivel e espiritualmente perdurável. Como monumento indestrutivel, basta-lhe essa obra no que ela tem de rediviva!

PAGINA D

Vestido de noite, criado por Jacques Griffe. Foi executado com renda vermelha de Pierre Brinet e tem como nota ornamental uma grande faixa de cetim cor-de-rosa em tom muito claro.

Conselhos e Receitas

Nódoas de sangue e ovos

As nódoas de sangue e as nódoas sobre fazendas nunca devem ser lavadas com água quente que faz coagular o sangue e os ovos. Deve começar-se por molhar a parte manchada com água fria, depois esfrega-se com um pano molhado em águas limpas e por fim passa-se com o ferro de engomar antes que o tecido esteja completamente seco.

Contra os vermes

Um processo de evitar a entrada de vermes na madeira dos móveis consiste em juntar 5 por cento de alumen calcinado á cera que habitualmente se emprega para se lhe dar bom aspecto. Os vermes não perfuram a madeira que seja revestida com este induto.

Figado à andaluza

Corta-se figado de porco ou de vitela em bocadinhos e põe-se numa caçarola com alhos picados, louro, azeite, pimentos doces, sal e pimenta em pó. Deixa-se em repouso durante 2 horas. Junta-se depois um pouco de vinagre e leva-se a guizar em lume brando com a caçarola tapada. Quando o figado está cozido, destapa-se o tacho e juntam-se umas batatas cortadas ás rodelas finas e fritas em azeite.

Para a mais pequenina

Vestido de cambraia branca enfeitado com bordado suiço e ajustado na cintura por uma faixa de seda cor-de-rosa, do tom seco.

Meninos teimosos

Uma leitora nossa escreve-nos queixosa e diz-se muito infeliz. Mas, francamente, não sabemos porque há-de sentir-se assim tão desalentada. Pode, na verdade, considerar-se apreensiva, perante o temperamento do seu menino. E' teimoso? Mas, não há dois teimosos sem dois... E' preciso reconhecer que uma criança de dois anos não pode ser nem ouvida nem convencida. Mas tente evitar cenas de teimosia. Não teime com o seu menino. Feche os olhos a um certo pequeno numero de pequenas coisas ou, então, quando ele for a enveredar pelo caminho da teimosia, distraia-lhe a atenção com qualquer coisa de atraente. Por exemplo: ele vai para lançar a mão a uma jarra com flores que não largará se não pela violência? Pois bem, antes que ele complete o seu acto, ou antes, quando for a esboçá-lo, grite-lhe alegremente:

—Meu filho, olha que bonito!

A criança desviará os olhos sugestionada em direcção á janela. E, da janela, poderá ver sempre alguma coisa que lhe agrade: um cão, um gato, um automóvel...

Não o engane, porém. Dê-lhe sempre a noção da verdade, da realidade, da justiça. E, sobretudo, não teime com o seu filho. Não se é teimoso por temperamento, mas por hábito. O seu filho, pondo a funcionar o maravilhoso mecanismo da sua compreensão, ficará admirado ao dar conta de que não teimam com ele. E, então, verificará, cara leitora, que o seu filho deixa de ser teimoso.

Todos os tratados de psicologia infantil preconizam o método da liberdade aparente, para curar o mal da teimosia. Quer experimentar esses métodos, esta mamã que nos escreve, inquieta e infeliz, tomando por Juno a nuvem que empalidece a graça do seu filho?

Pergunte para saber

UMA DESILUDIDA — Na secção de culinária encontrará, muito brevemente, resposta á sua pergunta.

Quanto ao pedido referente a desenho para colcha de Castelo Branco, devemos dizer-lhe que se fornece a quarta parte com o centro completo por 20$00. A amostra explicativa dos pontos feita com o material apropriado e acompanhado de lição escrita, importa em 6$00. Tem o mesmo preço uma amostra da malha de franja fornecida na própria régua em que é executada.

Um prato para domingo

Escolhem-se costeletas de porco, tiram-se-lhes as gorduras e temperam-se com dentes de alho, sal, pimenta e sumo de limão.

Passadas três horas, fritam-se em banha, de modo que fiquem aloiradas de ambos os lados. Depois de fritas colocam-se numa travessa. Sobre cada costeleta põe-se uma rodela de limão e no centro de cada rodela de limão põe-se uma anchova, enrolada, tal como se encontram dentro das latas de conserva.

Costeletas de porco

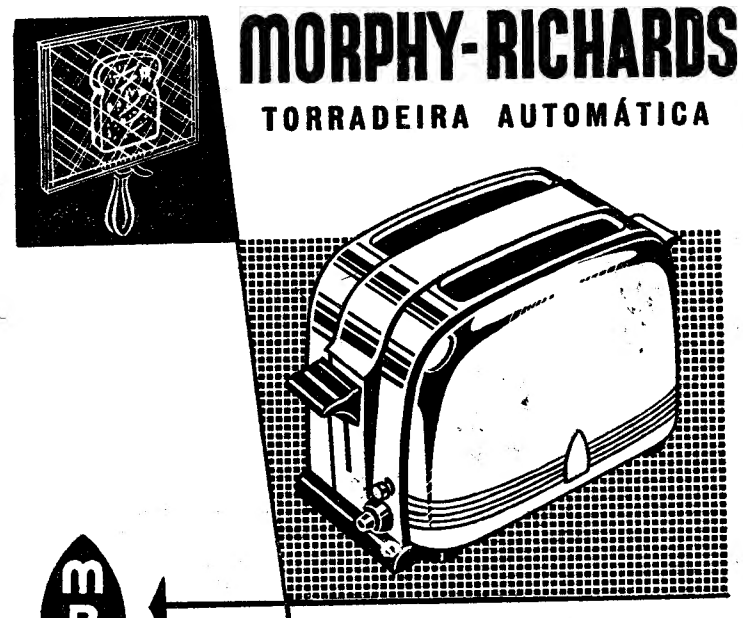
Servem-se com cenouras cozidas, cortadas em rodelas, temperadas com manteiga derretida e sumo de limão.

EXPERIMENTE
O TIRA NODOAS
PEROL
DE HEITMANN
MARCA RAPOSA
A' venda nas boas drogarias
REPRESENTANTE:
SCHROETER & ALMEIDA
RUA DA MADALENA, 128-2.º
LISBOA ——— Telef. 20649

Emagrecer só com
OBESYL
Normal ou Laxativo
COMUM A AMBOS OS SEXOS
Elimina as gorduras
Evita a assimilação
Normaliza o intestino
Activa a função renal
A venda nas boas Farmácias

Máquina de TRICOTAR **BUSCH**
APENAS POR **115$** MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 59161-2-3 - LISBOA

MORPHY-RICHARDS
TORRADEIRA AUTOMÁTICA



- Totalmente automática permite tostar o pão ao seu gosto pessoal.
- 2 torradas simultâneas desde um minuto.
- Cromada, numa linda apresentação, indispensável ao conjunto da sua mesa de pequeno almoço.

ESTABELECIMENTOS *Sida*, LIMITADA
RUA DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEF. 33027

ORION
A sapataria das ultimas criações para V. Ex.ª, minha senhora
R. Garrett, 42 — Telf. 25943

MEIAS
Não deixe de visitar a nossa casa onde encontrará bom sortido, assim como LUVAS para senhoras, homens e crianças.
LUVA AZUL — R. Aurea, 266

O «Diário de Lisboa» vende-se no PINHAL NOVO na casa Manuel Maria Marques.

A MULHER

A linha nova para a meia estação

Este novo corte de «tailleur deve-se á imaginação de Basta que, na sua ultima «passagem» apresentou os modelos mais inesperados. As nossas leitoras podem reproduzi-lo, empregando «lanage» Aurora xadrez preto e branco. Mediante 20$00, fornecem-se os moldes deste conjunto com medidas indicadas pelas leitoras.

Para visitar esta linda cidade espanhola e o Sul da Espanha utilize o novo serviço combinado que a C. P. estabeleceu através da fronteira de Vila Real de Santo António.

O transporte é feito em caminho de ferro nos percursos portugueses e em autocarros nos percursos espanhóis, sendo a travessia do rio Guadiana assegurada, por carreiras de barcos a motor com horários adequados.

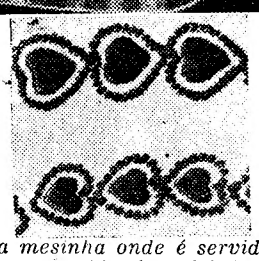
HORARIO

Lisboa — Partida: 8.50 (19.30. Ayamonte; 21.15, Huelva). Sevilha — Chegada: 23.35.

Sevilha — Partida: 8.00 (10.15. Huelva; 12.05. Ayamonte). Lisboa — Chegada: 21.25.

Partida de Lisboa ás terças, quintas-feiras e sábados.

Partida de Sevilha ás segundas, quartas e sextas-feiras.

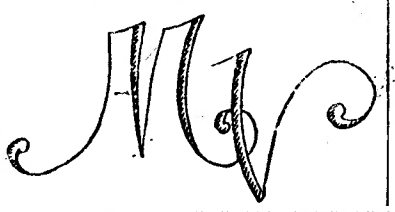


Na mesinha onde é servido o café, em seguida ás refeições usa-se um pano bordado. Aqui damos uma sugestão agradável para esse efeito. E' um «napperon» de linho creme, bordado a ponto de nó e a ponto cheio, com «filoselle» «Ancora» em dois tons de vermelho ciclamen. O desenho da toalha importa em 7$00 que podem ser pagos com selos. Pedidos á «Página da Mulher», «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.°, Lisboa. A' cobrança mais 2$00.

Monograma

para roupa de casa

Este monograma, que se destina aos lençois, almofadas e toalhas de mãos, deve ser bordado com ponto cheio e ponto de cordão com linha Ancora n.° 30.



PARA GULOSOS

Siricária

Fervem-se 2 decilitros e meio de leite com raspas de laranja. Tira-se do lume, juntam-se 6 gramas, de ovos bem batidos com 150 gramas de açucar. Mexe-se tudo e deita-se em tijelinhas que vão ao forno a alourar.

Tarrentes

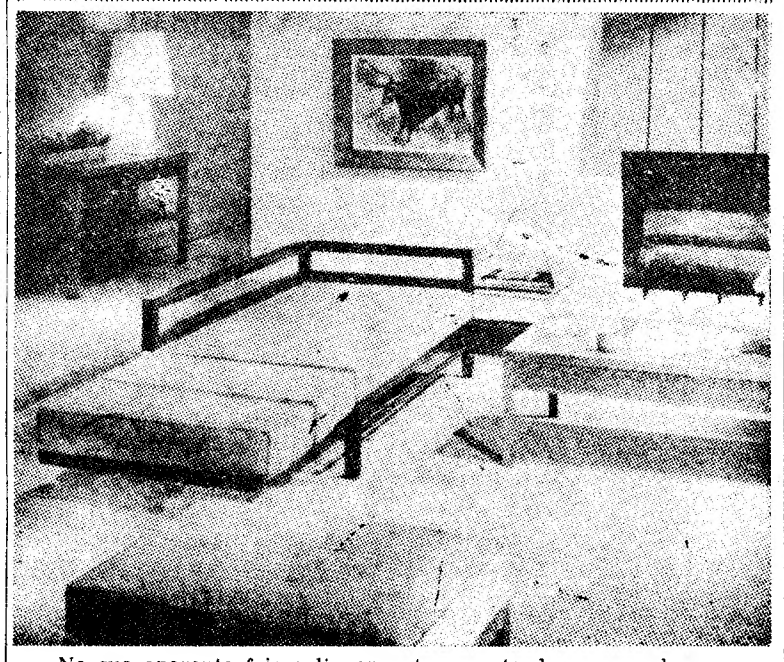
Corta-se o miolo dum pão em fatias que se passam por ovos (para 4 gramas, uma clara) e levam a dar uma fervura na calda de açucar em ponto baixo.

Torrão caseiro

Torra-se no forno meio quilo de amêndoas peladas e cortadas em pedaços. Levam-se ao lume com açucar. Logo que este comece a acaramelar-se, deitam-se-lhe algumas colheres de água mexe-se bem e deita-se numa forma amanteigada. Deixa-se arrefecer e desenforma-se.

A MESA DE ESTUDO

As crianças, sempre que isso seja possível, devem ter os móveis da sua medida, principalmente as cadeiras e as mesas, onde fazem as suas refeições, os seus primeiros trabalhos escolares ou os seus passatempos recreativos. Eis um modelo de mesa que é tudo quanto há de mais simples na construção, e de mais agradável no aspecto.



Na sua aparente frieza linear, este recanto de casa moderna revela encantador propósito de conforto. Um arquitecto de ideias sugestivas colaborou no seu arranjo, pois a originalidade dos divãs, «maples» e mesas resultaria muito menos, se as paredes da quádra, quebradas na monotonia habitual, não permitissem a harmonia do conjunto. Como sujestão, porém, aqui fica para ser adaptada ás condições da casa de cada um.

Não é verdade, que é sempre juvenil e graciosa a combinação do azul e branco? Pois, aqui está um fascinante modelo, saia de pregas largas e corpo justo, separado, com alto «empiecement». Fecha com quatro botões forrados do mesmo tecido e a gola branca muito larga, no decote desafogado, como a moda volta a impor este ano, completa o conjunto na verdade encantador.

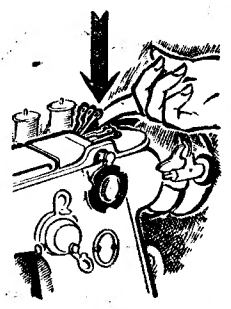
Segurança de si mesma e da sua beleza transparecem nos olhos dela...
Estes resultados notáveis poderá também você obter por meio de um simples tratamento com

Placentubex

Uma revolução no tratamento das rugas...

«Um salto brusco na ciência dos cosméticos» ...foi desta forma que o Congresso Internacional de Paris denominou o tratamento com Placentubex.
É com efeito, o unico produto que, á base do Serol, faz penetrar eficazmente na epiderme o extracto de placenta fresca. Os resultados são surprendentes. Placentubex regenera a pele fatigada, faz desaparecer progressivamente os «pés de galinha», as rugas do queixo e do pescoço, voltando a dar ás mãos um aspecto juvenil. A sua aplicação é extremamente simples: Esfrega-se na pele uma pequena porção de Placentubex, que se deixa agir durante 15/20 minutos, e depois aplica-se o creme gorduroso habitual. Um tubo chega para alguns meses. A' venda em todas as boas farmácias, drogarias, perfumarias e salões de beleza Cada tubo custa 120$00.
Merz & C.ª, Frankfurt/Main, Berlim, Zurique. Agentes Gerais para Portugal: A. Dias & Santos. Rua da Madalena, 273 — Lisboa.

NOVA AUTOMÁTICA



SINGER* 319

COM ALAVANCAS, ALÉM DE DISCOS

Maravilhosa! Basta um simples toque numa alavanca, e passa a fazer recortes, ziguezague, cordão e uma infinita variedade de pontos ornamentais.

SUA CASA É PEQUENA? Isso não a impedirá de ter máquina de costura de qualquer modelo, incluindo os automáticos.

SEJA MODERNA, compre uma **SINGER** portátil, facilmente transportável para campo ou praia.

A melhor Organização de Fabrico e Venda de Máquinas de Costura em todo o Mundo.

* Marca Registada de The Singer Manufacturing Co.

ESTORIL

COSTA DO SOL

23 Quilómetros de Lisboa ——— Excelente Estrada Marginal
Cómodo serviço de comboios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS — Golf (18 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima, Tiro aos Pombos, etc.

ESTORIL -PALACIO HOTEL — Luxuoso e confortável — Magnifica situação.

HOTEL DO PARQUE — Anexo às Termas e Piscina.

Os hóspedes destes Hoteis podem tomar as suas refeições, sem qualquer novo encargo, no Casino, Clube de Golf e Tamariz.

ESTORIL TERMAS — Estabelecimento Hidro Mineral e Fisioterápico. Laboratório de análises clinicas. Ginástica Médica. Massagens.

TAMARIZ — Magnificas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar.
MODERNAS PISCINAS DE ÁGUA DO MAR.

ESCOLA DE EQUITAÇÃO — «STAND» DE TIRO AOS POMBOS

CASINO — Aberto todo o ano. Cinema. Atracções. «Dancings. Restaurante-Bares. Jogos autorizados.

Informações :

SOC. PROPAGANDA DA COSTA DO SOL
ESTORIL

Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio

LIMITADA

Construções Civis
Carpintaria Mecânica
Beton Armado
Trabalhos de Pintura

Escritórios e oficinas: **Rua Dr. Alexandre Braga — Telefone P. B. X. 43191-43192 — LISBOA**
Depósito de materiais
Estrada de Moscavide, 17 e 19
Telef. 399072

Associação Comercial de Lisboa Câmara de Comércio Portuguesa

FUNDADA EM 1834

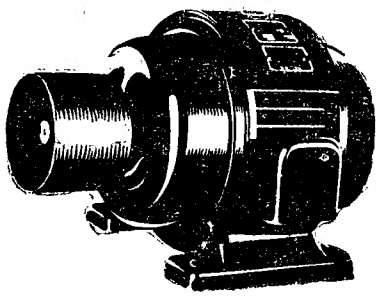
A mais importante e mais antiga organização do Comércio Nacional — Secções Técnicas de Importação e Exportação — Informações Comerciais—Contencioso Jurídico, Fiscal e Aduaneiro — Estudos Económicos — Biblioteca

RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89 — LISBOA
Telefs. P. P. C. 27179 — 27289

A. da Cunha Rosa

ZINCO, ANTIMONIO, ALUMINIO, FOLHA, ESTANHO, CHUMBO, COBRE, ARAMES e ARCO PARA EMBALAGENS

RUA DA PRATA, 56
Telegramas: Rosafolha
Telef. 26744 LISBOA



MOTORES ELÉCTRICOS

ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
— DISJUNTORES, ARRANCADORES —

SOC. LUSO ELÉCTRICA, LDA.
11 — CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES — 13
Telefone 668061 (5 linhas) LISBOA

IMPORT. & EXPORT. END. TELEG. FILIOSA

JOSÉ FURTADO LEITE, L.DA

Cereais, Legumes, Chá, Chicória, Lacticínios, Gado vivo e Couros

TELEFONES
ESCRITÓRIO 63 8028 / 63 7002 / 66 3596
DEPENDENCIAS 05 1024

ESCRITÓRIO
26, RUA DA JUNQUEIRA, 28 LISBOA (PORTUGAL)

HORÁRIO DOS COMBOIOS

SEVILHA

Para visitar esta linda cidade espanhola e o Sul da Espanha utilize o novo serviço combinado que a C. P. estabeleceu através da fronteira de Vila Real de Santo António.

O transporte é feito em caminho de ferro nos percursos portugueses e em autocarros nos percursos espanhóis, sendo a travessia do rio Guadiana assegurada, por carreiras de barcos a motor com horários adequados.

HORÁRIO

Lisboa — Partida: 8.50 (19.30, Ayamonte; 21.15, Huelva), **Sevilha** — Chegada: 23.35.
Sevilha — Partida: 8.00 (10.15, Huelva; 12.05, Ayamonte), **Lisboa** — Chegada: 21.25.
Partida de Lisboa ás terças, quintas-feiras e sábados.
Partida de Sevilha ás segundas, quartas e sextas-feiras.

ALGUNS PREÇOS

Lisboa a Sevilha: 1.ª classe, 219$80; 3.ª classe, 166$00.
Évora a Sevilha: 1.ª classe, 209$00; 3.ª classe, 158$70.
Faro a Sevilha: 1.ª classe, 98$60; 3.ª classe, 81$40.

TODOS OS TABACOS DA
COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

(Arrendatária das Fábricas e Marcas de Tabacos do Estado)

INVICTA VERA CRUZ
SUPERIOR, FRANCES, VIRGÍNIA, HOLANDÊS, VIC, TIP-TOP, AVIZ, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

São fabricados com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos para bem servir os fumadores

SEDE: Avenida da Liberdade, 16 — LISBOA
Telef. P. P. C. 30791/3

Metalúrgica Luso-Italiana, L.da

VENTILAÇÃO — AR CONDICIONADO — AQUECIMENTO INDUSTRIAL — SECAGEM ARTIFICIAL — QUEIMADORES A FUEL-OIL
MATERIAL OLEICOLA E VINICOLA
TORNEIRAS **MAMOLI** — ESQUENTADORES **CARLONI**

TRAVESSA DAS SALGADEIRAS, 7 LISBOA

Ch. Lorilleux S. A.

FABRICANTES ESPECIALIZADOS DE TINTAS — VERNIZES — SECANTES
para todos os processos gráficos
Novas instalações em
CABO RUIVO — OLIVAIS — Telefone 399061
LISBOA
137 anos ao serviço das Artes Gráficas

DROGARIA DE

Viúva Coelho, L.da

(Antiga Casa Pimenta)

Óleos, tintas, pinceis, gessos, vernizes, anilinas, petróleo, camurças, perfumarias e produtos químicos 38—E, Calçada do Combro, 38-F

TELEFONE 21168

Ferragens e Ferramentas
RAFAEL LOPES, LDA.
Rua de S. Paulo, 43-47—Travessa dos Remolares, 50 a 52
—— LISBOA ——

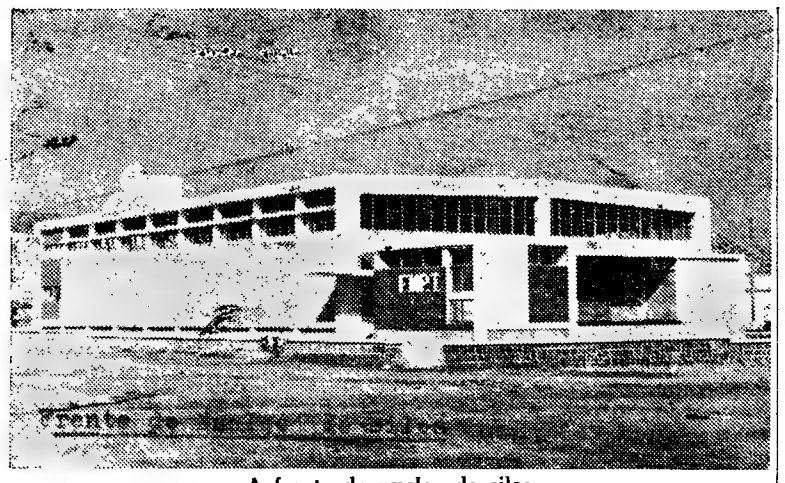
LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»

A inauguração em Tavira de um grupo de silos de milho

TAVIRA, 7 — Mandado construir, no Campo dos Mártires da Republica, nesta cidade, pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo, inaugura-se hoje, festivamente, um nucleo de silos destinados ao armazenamento, tratamento e conservação de milhos do concelho. O edifício, que é o primeiro no seu género construído no nosso País, tem capacidade para 1.400 toneladas de milho e dispõe de uma bateria com 32 tulhas e um gerador para produzir ar condicionado, accionados por oito motores eléctricos. O seu custo eleva-se a dois mil contos.

Presidirá ao acto inaugural e á entrega do nucleo de silos ao Grémio da Lavoura o subsecretário da Agricultura, sr. prof. Vitória Pires e assistem muitas autoridades civis e militares e muitos dirigentes e outras individualidades ligadas á organização corporativa da lavoura.

Findas aquelas cerimónias, será descerrada no interior do edifício uma placa comemorativa da criação da F. N. P. T., por diploma assinado pelo então ministro do Comércio, Industria e Agricultura, sr. engenheiro Sebastião Ramires, e haverá um desfile de máquinas agrícolas rebocadas por tractores, pertença do património do Grémio da Lavoura de Tavira. Por ultimo será servido um «Porto de honra» aos convidados, oferecido pela Camara Municipal.



A frente do nucleo de silos

Livros novos

«DEUS E O MEU DIREITO»

de Joaquim Ferreira

«Este livro germinou e vingou na atmosfera procelosa de 1934, quando as ameaças de Hitler e Mussolini varavam de susto a Europa. Constitui um diálogo entre mim e os panegiristas do despotismo—um diálogo pungente, só escutado no sacrário da minha consciência. Talvez ele se repercuta na consciência dos meus leitores».

Definida a temática do livro, resta-nos dizer que Joaquim Ferreira, com funda cultura, defende os valores eternos do homem á luz da mais clara espiritualidade.

MONUMENTA MISSIONÁRIA AFRICANA

Publicados pela Agência Geral do Ultramar, recebemos: «Monumenta Missionária Africana» (Africa Ocidental, 1622-1630), volume VII, coligido e anotado pelo padre António Brasio, e os numeros 378 e 379 do «Boletim Geral do Ultramar».

TEMAS DE ACTUALIDADE

Automação?!

O *automatismo* ou *automatização* é um fenómeno revolucionário que, transpondo o campo da industria, onde nasceu, começa a avassalar todas as manifestações da actividade humana, com as mais profundas e perturbadoras consequências económico-sociais. Algumas já estão á vista e preocupam sériamente os organismos aos quais foi cometida a missão de encarar e tentar resolver os grandes problemas que transformam o mundo moderno num prodigioso laboratório, onde a sorte dos habitantes do planeta se prepara—para a redenção ou para a catástrofe.

O assunto será o tema principal do relatório do director do B. I. T., sr. David A. Morse, á 40.ª Conferência Internacional do Trabalho, que, no mês de Junho, se reunirá em Genebra. Ele o anunciou na conferência do ano passado, ante os efeitos que já se fazem sentir e a ansiedade manifestada pelos sindicatos operários de vários países, assim como pelos homens a quem incumbe a direcção política, económica, social e moral das sociedades ou que estudam os sinais exteriores da sua evolução.

Não venho falar desta espantosa manifestação da técnica da nossa idade atómica e electrónica, que promete transformar inteiramente a fase do Universo. Apenas me interessa, neste momento, a palavra que a designa.

Não sou dos que querem a lingua empalhada e gritam pèrdidamente quando se lhes depara um termo novo, que não vem em Barros, em Camões e em Bernardes (porque não Fernão Lopes? Porque não nos Trovadores?). Cada época tem as suas ideias e a sua sensibilidade privativa. Para as definir e exprimir são necessárias evidentemente, palavras próprias. A lingua é um corpo vivo, cuja fisionomia se apresenta distinta de século para século. Parecem de hoje as palavras subversivas com que Victor Hugo frechou o espírito classicista no escrito famoso que se considera o manifesto de Romantismo: «C'est en vain que nos Josué littéraires crient à la langue de s'arrêter; les langues ni le Soleil ne s'arretent plus. Le jour où elles se fixent c'est qu'elles meurent».

Posto isto, posso entrar no assunto sem temor de se pensar que julgo a lingua uma mumia ligada com faixas eruditas e conservada com bálsamos clássicos. Como chamar ao *conjunto dos processos automáticos que substituem o trabalho do homem*, na definição de *Louis Salleron*? Automatismo? Automatização?

Estes vocábulos são correctos, pois vêm regularmente do étimo grego *automatos*, que Rabelais introduziu no francês e, por intermédio deste idioma, nas outras linguas do Ocidente. Mas foram destronados por um barbarismo que me parece necessário combater: *automation*, de onde este horror que já li em jornais portugueses: *automação*.

No meu relatório aos sindicatos nacionais portugueses sobre a participação que tive na ultima Conferência Internacional do Trabalho, como seu representante—relatório que só agora vai ser distribuído—, trato deste caso liguístico e emprego a palavra que me parece preferível e certa e que julgo pela primeira vez se usa, como substantivo, em português: *automatica*.

A palavra *Automation* (grafada da mesma maneira em inglês, francês e alemão e, naturalmente, pronunciada á maneira de cada lingua) nasceu onde não podia deixar de ser: nos Estados Unidos. Criou-a, em 1947, um dos altos dirigentes da Ford, o senhor Harder, com a desenvoltura de um homem poderoso, mas insensível ás coisas delicadas do Espírito, entre as quais a linguagem avulta como flor preciosa.

Automatisation? Para quê tantas sílabas, tanto esforço de pronuncia—se o mesmo se pode dizer com a ablação das sílabas médias e a junção das extremas? Eis como surgiu *automation*.

Houve arrepios. Mas um professor da Universidade de Harvard, inchado de numeros e de mecanica, não só deu a benção ao monstro, como reivindicou para si a sua paternidade.

Entretanto a reacção de homens de letras e de filólogos de toda a Europa e também da América—contra a aberrativa invenção parecia ter apenas, como efeito, dar-lhe resistência e vigor.

O «Times» propôs «*Automatics*»—como *mathematics, politics*, etc. Em França, é quase geral a condenação do odioso neologismo. Por proposta de Duhamel, a Comissão Consultiva da Linguagam Científica, da Academia das Ciências, fulminou-o e preconizou *automatismo*. Mas o vocábulo *automatique* está a ganhar terreno. Em Junho do ano passado, reuniu-se o Congrès International de l'Automatique (Congresso Internacional da Automática), organizado pela Cadeira de Mecanica do Conservatório Nacional das Artes e Ofícios, pela Associação Francesa para o Incremento de Produtividade (Association Française pour l'Accroissement de la Produtivité) e pela Associação dos Engenheiros Electrotécnicos.

Isto significa que estes prestigiosos e autorizados organismos patrocinam a palavra. Assim, não há que hesitar: *automática* e não *automação*, que fere a mais dura epiderme linguística. *Automática*—como hidráulica, mecanica, matemática, aritmética, política, etc.

Sou um simples curioso, que para mais não tenho tempo. Têm as palavras os mestres. Que a Alfandega esteja atenta, na fronteira do idioma, antes que seja tarde demais para deter o insidioso contrabando!

ALFREDO GANDARA

IDEIAS OCASIONAIS — (1)

A lógica das contradições

por CORREIA DA COSTA

A sequência de determinados acontecimentos históricos é paralela á evolução das consequências que deles derivam, tendo necessáriamente em linha de conta factores de vária ordem, directos e indirectos. Concretizando essa sistematização entre o que de facto foi e o que de facto se deu, portanto entre a realidade histórica e a necessária ilação que desses eventos se colhe, avalia-se o gráfico, a linha média e geral das causas e dos efeitos. Esta é a prefaciante razão da nossa política externa, á qual dedicámos dois ensaios talvez excessivos com o título genérico «Razões e Causas da nossa Política Externa (I-II) de que este artigo é o resumo consequente correspondente.

Para orientarmos o espírito do leitor e o nosso, daremos a esse parêntesis internacional o seguinte esquema:

1.º—Conferência de Berlim em 1885;

2.º—«Ultimatum» britanico de 1890;

3.º—Projecto do chamado Tratado anglo-alemão de 1898, a convenção e as negociações secretas de 1912;

4.º—Comparticipação na Grande Guerra de 1914-1918 em 1916; ataques á nossa soberania imperial de 1457 a 1957 para fixarmos *in abstrato* em cinco séculos esse teste histórico;

5.º—A questão da India em 1954 e na O. N. U., Comisão de Curadoria em 1957.

Na conferência de Berlim acontecimento hoje já dentro dum cenário histórico, Portugal debatia-se entre razões e causas. Tratava-se de nos prejudicar alegando a nossa incapacidade administrativa e colonial. Ela decorreu entre bastidores e a nossa posição de pequena grande potência nada podia fazer de executório e de desafiante.

Eramos o que poderiamos ser e poderiamos ser o que eramos.

A lógica dessa análise levou-nos a um sacrifício total, a um auto-determinismo possessional, a uma amputação injusta e consentida, tendo-nos valido providencialmente a intervenção do presidente Mac-Mahon que salvou Moçambique. Os nossos delegados, António Serpa, Luciano Cordeiro e marquês de Penafiel totalizavam a nossa defesa, mas condições de ordem complexa complicavam o problema colonial em que estamos envolvidos.

Poderiamos citar a interpretação possessional, revelada por Pedro Calmon, na «História da Civilização Brasileira», ao afirmar que «em 1750 Alexandre de Gusmão estabeleceu o critério do *uti possidetis* para os tratados de limites na América», mas ela esbarraria diante de preconcebidas atitudes e de preconceitos ibéricos da época e cuja doutrina *uti possidetis*, é a fórmula diplomática empregada a propósito das convenções baseadas sobre as possessões territoriais.

Tinhamos contra nós a Mittel-Europa e o imperialismo inglês, o *splendid isolement*, a indiferença americana, porque «entre as várias normas constituídas na Conferência de Berlim para fixação de domínio sobre determinado território a mais importante foi a que exigiu para reconhecimento de domínio a ocupação efectiva e real do território visado». («História Geral»: Alfredo de Escragnolle Taunay e Dicamôr Moraes).

Surgiu em 1890, doze anos depois, o *Ultimatum*. Como ele foi desenvolvido e especificamente por nós tratado nestas mesmas colunas, só podemos numa «mise-au-point» retrospectiva salientar que:

1.º—Fomos atacados no uso da nossa soberania;

2.º—Que obedecemos a uma opressão injusta;

3.º—Que sacrificamos o *interland* entre Angola e Moçambique com o sacrifício de territórios vastíssimos quase totalizando uma ligação interior de costa a costa, do Índico ao Atlantico e a existência dum novo Brasil, dum Brasil africano.

O «Mapa Cor-de-Rosa», pouco reproduzido, dá-nos a totalidade do problema e o somatório das desvantagens do nosso sacrifício em prol da aliança anglo-lusa, vinda desde os bons tempos de Tagilde, nos arredores de Guimarães e que é o primeiro marco miliário desse complexo tratado que dura há seis séculos.

A vibração nacional, a sobrevivência camoneana como redenção total das nossas razões, o levantamento como no começo da dinastia de Aviz, como no Manuelinho de Evora, na revolução de 1640 e no esforço nacional legalista de 1640 a 1926, incluindo a Conferência de Berlim 1898, o *Ultimatum* de 1890 e a Grande Guerra de 1914-1918, tornaram-nos coerentes com nós próprios. A nação era uma equação. O seu valor equacional estava dentro do seu próprio X. Eramos portanto, nós próprios.

Com a Grande Guerra os homens da 1.ª Republica apoiados pela consciência nacional e pela oposição monárquica com o seu chefe, o rei deposto D. Manuel II, defenderam comparticipando na Grande Guerra, o nosso Império de 2.400.000 quilómetros quadrados.

Este é o factor indiscutível, insofismável, histórico, cujas perspectivas ficaram na tradição consuetudinária. Esta é a razão e a causa. Este é o motivo e a consequência. Este é o factor histórico que mergulha as suas razões e causas na própria sequência dos acontecimentos.

Um trabalho exaustivo de Paulo Osório sobre o «Livro Branco», comenta detalhe a detalhe a evolução e o seguimento desse acontecimento basilar do qual deriva a existência ainda hoje, consentida e consentante, do nosso império que pela constituição plebiscitada de 1933 é parte integrante da Metrópole, segundo a letra organica do Acto Colonial seu anexo e segundo os textos oficiais e a documentação *in persona* de Quirino de Jesus, no seu inteligentissimo trabalho «Nacionalismo Português», há muito esgotado.

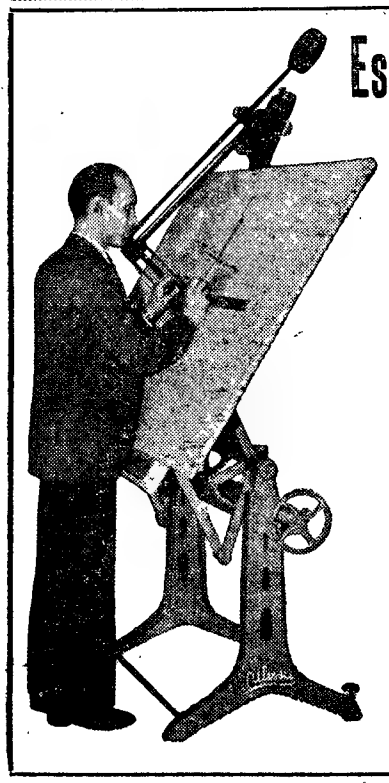
Vinha e vem portanto de bem longe essa pretensão de esbulho territorial a que temos estado sujeitos.

Na Conferência de Berlim em 1885, Disraëli e Bismark conjugaram-se contra os nossos interesses vitais, num compreensivo acordo tácito. Surge depois em 1898 o projecto de expoliação do chamado tratado anglo-alemão, seguindo-se entretanto e intermitentemente negociações clandestinas anglo-alemãs, em 1912, a que alude Poincaré nas suas memórias exaustivas de pormenor.

E' um sudário de cálculos e perspectivas expoliativas, felizmente não perpetradas até á data corrente, em que surgiu a moção na O. N. U.« sobre territórios não autónomos. O gráfico desse conluio, dessa velha luta contra o que é parte fundamental dum contexto nacional, adivinha-se e compreende-se se enquadrarmos o evento histórico no cenário da política europeia coeva. Os trabalhos de Deidour sobre a política internacional contemporanea, ainda são hoje, nas suas co-relações com a história a fonte inesgotável, onde vão aprender e se vão desedentar todos os interessados pela coisa internacional, tão consequentemente definida por Lássló Ledermann no seu estudo: «Les Precurseurs de l'Organisation internationale»:

«Si nous considérons qu'il a fallu une preparation spiritualle de cinq siecles pour que l'idée moderne de l'organisation internationale évoluât de Pierre Dubois jusqu' a la forme qu'elle pris avec Kant, nous ne pouvons en somme nous montrer toop mécontents des resultats deja acquis».

CORREIA DA COSTA



Estirador para desenho

COM CAVALETE METÁLICO ARTICULADO

Ulisses PORTUGAL

ESTABILIDADE ABSOLUTA SEM CONTRAPESO, EM QUALQUER INCLINAÇÃO E ALTURA — MANEJO FÁCIL

—//—

Fabricantes:

Metalúrgica de S. Tomé

PÁTIO DE D. FRADIQUE, 24

PAPELARIA CAMÕE'S

Augusto Rodrigues & Brito, Lda.

42, Praça Luís de Camões, 43 — LISBOA — Telefone: 23063

TIPOGRAFIA ENCADERNAÇÃO PAUTAÇÃO

H. Parry & Son, L.DA

SEDE: 6, AVENIDA 24 DE JULHO—LISBOA

Telef.: 64187 (4 Linhas) 66065

Teleg.: NAVIOS-LISBOA

Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

CARREIRAS REGULARES

	Para:	Partidas:
Metrópole	Cabo Verde e Guiné	Dias 10 e 25 de cada mês
Metrópole	S. Tomé e Principe e Angola	Mensais
Norte da Europa	Lisboa, Matadi e Angola	De 21 em 21 dias
Anvers	Portugal	Quinzenais

SERVIÇOS PERMANENTES

Transporte de fosfatos do Norte de Africa e de pirites do Pomarão Tramping — Consignações — Transitos — Serviço de reboques fluviais e de alto mar — Lanchas — Fragatas — Batelões

CARGA E EXPEDIENTE

LISBOA: Rua do Comércio, 39
Telef. 26314/5
Teleg. GERAL

PORTO: Rua Sá da Bandeira, 82
Telef. 27363
Teleg. SABÕES

Esta é a companhia portuguesa que tem ao serviço mais navios construidos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa

ALBA

FABRICAS METALURGICAS

AUGUSTO MARTINS PEREIRA

Sede em: ALBERGARIA-A-VELHA
Telefone 6 — P. P. C.
Telegramas: «ALBA»

Escritório em Lisboa: R. DOS CORREEIROS, 40-2.º E.
Telefone 21319

FUNDIÇÕES DE FERRO E LIGAS NÃO FERROSAS

Artigos sanitários e de cozinha; Aparelhagem vinícola; Acessórios para condutas adutoras e redes de distribuição de águas; Artigos para instalação de saneamento; Apetrechamento para a industria vidreira; Artigos para instalações eléctricas; Receptáculos postais domiciliários, etc.

COMPANHIA DE SEGUROS

SAGRES

SEDE EM LISBOA — RUA DO OURO, 181
(EDIFICIO PRÓPRIO)

Sinistros pagos até 31-12-956

Cerca de cento e sete milhões de escudos

AGENTES EM TODO O PAÍS

Efectua seguros de «INCÊNDIO», «MARITIMOS e GUERRA», «AUTOMÓVEIS», «AGRICOLAS», «ACIDENTES DE TRABALHO», «ACIDENTES PESSOAIS» e de «VIDA» **em todas as modalidades**

A Companhia fornece todos os esclarecimentos a quem os pedir, **mandando a casa de quem o solicitar, e sem encargo algum, empregado competente que dará todas as informações**

Telefones P. B. X. 24171-24172-24702

Aceitam-se agentes e angariadores que dêem referências

VIDROS E ESPELHOS

DE TODAS AS QUALIDADES E PARA TODOS OS FINS

A UNIÃO

Rua Luz Soriano, n.º 23-A — LISBOA
Telefones 24485 - 33084
FORNECEDORA DAS MAIS IMPORTANTES OBRAS DO PAÍS
ESPECIALIZADA EM FORNECIMENTOS
PARA ESTABELECIMENTOS

Mobílias tipográficas

Os que mais barato fabricam
Antiga casa Soares & Coelho
R. do Norte. 61 (ao Camões) Tel. 26550

MAPLES

Os mais baratos e cómodos
Antiga casa Soares & Coelho
Rua do Norte, 61 (ao Camões)
Telef. 26550

TEMAS DE ARTE JOANINOS

Desvenda-se o caso

do misterioso artista Claude de Laprade

Por **Aires de Carvalho**

Antes de darmos ao prelo o estudo «A Capela da Vista Alegre» — (Vida e Obras de Claude de Laprade, Escultor e Arquitecto-Decorador), queremos dar algumas notícias inéditas aos leitores e estudiosos interessados sobre a curiosa e enigmática personalidade desse famoso artista, tão discutido na nossa História da Arte como um dos «enigmas» do faustoso período Joanino.

Ainda hoje, na pitoresca Vista Alegre, junto a Ilhavo, onde se encontram as obras-primas do «jovem» e lendário Laprade, conta a tradição popular ter sido o próprio «diabo» o autor do famoso tumulo que ali mandou erigir o bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel (c. 1630-1699).

Se exceptuarmos os sensacionais documentos revelados em 1932 pelo grande historiador de Arte e prof. Virgílio Correia, acerca da actividade artística de Laprade (1699-1702) na Universidade de Coimbra e os que publicou em 1940 o ilustre investigador dr. Magalhães Basto, sobre o retábulo da Sé do Porto (1726-1729), até hoje pouco ou nada se adiantou sobre o caso que chegou a apaixonar um erudito estrangeiro especializado em estudos de Arte Luso-Brasileira.

O prof. Robert Smith, da Universidade de ePnsilvania e membro da nossa Academia, publicou em 1954 na «Gazette des Beaux-Arts» um longo artigo sobre Laprade, que nos revela um «fracasso» depois de fatigantes estudos e deduções inconcludentes. Apenas concluiu amargamente desiludido que nada podia adiantar sem documentos cómprovando «o lugar do seu nascimento, o dos seus estudos, as razões da sua vinda para Portugal, a sua vida... tudo isto ainda rodeado de mistério...».

Nós chegámos a conclusões bem diferentes—concretas e definitivas — de há alguns anos a esta parte, quando estudámos na Vista Alegre, no Porto, em Aveiro e Coimbra a obra identificada de Laprade. Conhecendo conscientemente o movimento artístico de finais de Seiscentos da escola genovesa e do Sul da França ou Provençal, encontramos na obra bem expressiva do italianizado Pierre Puget (1622-1694) os elementos fundamentais que fortemente influenciaram o jovem Laprade na complexa obra decorativa da Universidade de Coimbra. O exemplo mais flagrante dessa influência encontrámo-lo em Toulon, no «Hotel de Ville» (1675) e nas fantásticas decorações navais (1667) do grande escultor francês.

A personalidade de Laprade, no entanto, não estava ainda completamente esclarecida no nosso espírito, pois a sua «escultura funerária», macabra e estranha, revelava-nos outra «escola» e outras influências.

A partir deste momento e por muito tempo o nosso esforço para encontrar a chave de tão apaixonante «enigma» concentrou-se na busca aturada e persistente dos nossos Arquivos e no estudo do «Tombo» pertencente á esclarecida Família Pinto Basto, que generosamente foi posto á nossa disposição. Não foram inuteis os nossos esforços, pois assim encontrámos a ambicionada direcção que nos havia de conduzir a uma das mais lindas e pitorescas regiões da França, o «Comtat Venaissin» e Avignon, onde conseguimos finalmente desvendar nos Arquivos, Museus e Igrejas o misterioso passado de Laprade, a família, a «escola» onde se fez artista, os mestres, influências e também a sua primeira actividade juvenil.

Não teve Laprade, como um Callot ou um Puget, a miragem da Itália, ou as suas justificadas ambições. Na igreja paroquial da terra onde nasceu, monumento bem significativo da Arte italiana do tempo, trabalhavam na prodigiosa decoração barroca, a partir de 1688, os dois maiores artistas da «Avignon dos Papas», os irmãos «Péru» e também Bernus.

Laprade, «menino prodígio», foi atraído á bela Avignon barroca, pertença da Santa Sé, onde os «Péru» satisfaziam as encomendas principescas dos «legados» do Papa, e a Carpentras, onde Bernus, a pedido do seu bispo romano, interpretou por uma gravura a célebre «Glória» do grande Bernini.

Um «atlante» do pórtico dos Gerais, na Universidade de Coimbra, pelo mesmo artista

Foi nesta «escola francesa» e «provinciana» que o moço Laprade aprendeu a desenhar, a modelar o barro e entalhar a madeira e se habituou ás «facilidades» da pedra mole e calcárea da região, que viria encontrar poucos anos depois em «Portunhos e Ançã», para a execução das obras escultóricas que levantaria junto ao Mondego e á Ria de Aveiro.

Assim podemos hoje compreender como os seus contemporaneos, em Portugal, o consideravam «italiano», subdito do Papa, e na história ficou «Laplada», em vez de «Laprade», como a sua assinatura e os documentos revelam.

Com quinze anos, abandonando a família e libertando-se da escravidão de um severo «contrato provençal», mete-se numa barcaça e desce o Ródano até Marselha e Toulon, onde se absorve na contemplação das obras de Pujet, já que não chegou a tempo de ser seu discípulo. Antes da sua vinda para Portugal, há uma razão lógica para fixarmos o nosso artista nos estaleiros de «La Ciotat», a dois passos de Toulon, pois foi aí que nasceu sua mulher a provençal Joana Joubert. Por 1703 sabemos que Laprade e a sua «interesseira consorte» moravam em Lisboa na Rua de S. Paulo e na sua igreja paroquial, destruída mais tarde pelo terramoto, baptizavam «as filhas», que tiveram numerosa descendência.

A visão das decorações navais, escultóricas e arquitectónicas de Puget, a aprendizagem de Avignon e a provável actividade na Ciotat ou em Toulon, deram a Laprade uma força e uma pujança decorativa e ornamental dum barroquismo «provinciano», atenuado com a graça e requinte francês, que teriam um vasto campo de expansão nos nossos retábulos e capelas, no mobiliário, nos coches, nas náus e bergantins reais, e por fim em Mafra, no mais colossal momento do século.

A quem, senão a Laprade — pelo arrojo e concepção, assim como por afinidades estilísticas — poderemos atribuir as fantasiosas e gigantescas «máquinas decorativas e douradas» dos templos de Lisboa nos princípios do século? Se nos lembrarmos dos expressivos «atlantes» do grandioso pórtico da Universidade de Coimbra e da «gramática» estilistica e ornamental da Vista Alegre ou das Barrocas de Aveiro, ao analisarmos na Igreja da Pena em Lisboa, o seu fantástico retábulo ali encontramos os «seus «atlantes» rejuvenescidos, gemendo sob o peso das colossais colunas salomónicas e graciosas «cariátides» femininas voejando em torno do rico tabernáculo.

Das suas «arquitecturas» e «monumentos funerários» em Lisboa, no dealbar de Setecentos, ainda podemos sentir a sua garra decorativa no grandioso conjunto da Sacristia da Graça. Os Paulistas, S. Roque, as Comendadeiras de Avis, cuja maravilhosa talha escapou ao terramoto, Santa Clara e S. Francisco no Porto, para não citarmos outros, não foram alheios á concepção escultórica e decorativa de Laprade, na mais laboriosa, fecunda e afamada «oficina» de Lisboa, no primeiro quartel do século XVIII.

Mas ainda não tinha chegado o momento cronológico e artístico em que Laprade devia exibir todos os seus dotes de arquitecto e decorador, bem integrado no nosso gosto e nos «milhoens de ouro» que aportavam ao Tejo nas frotas do Brasil. As lacas, acharoados, porcelanas, «chinezices» e mil futilidades preciosas, vindas do Oriente, recheavam os aposentos de D. João V no Paço da Ribeira.

As relações artísticas de Paprade com o meio cultural e cortesão e a sua nomeada entre a mais distinta camada do Clero, vinham de longe, desde o tempo do Bispo de Miranda (1698-99) e do reitor da Universidade de Coimbra, Nuno da Silva Teles (1699-1702). Ao reitorado dum sobrinho homónimo deste ultimo (1715-1718), também da familia dos marqueses de Alegrete, devemos a famosa «Livraria» da Universidade de Coimbra, «na qual estando elle presente se lançou a primeira pedra em hum Sabbado 17 de Junho de 1717». A que se resume a imponente e encantadora decoração dessa biblioteca, a obra Joanina mais pujante e atrevida, que enobrece o século e a memória do rei-artista que a mandou executar?

Comparámo-la na nossa fantasia a uma grande náu toda acharoada, vinda lá do Oriente, e em cuja popa, em vez do fanal, se levantam as cinco quinas do rico e maravilhoso Portugal de Setecentos. Lá dentro, a amurada de balaustres e o peso das Letras e das Ciências já não esmagam os gigantescos atlantes, pois Laprade subsituíu-os por graciosos «hermes», á maneira de cariátides imaginárias ou simbólicas esfinges aladas, cujas cabecinhas são volutas que suportam pináculos floridos...

Essa forma de coluna que já tinha empregado no pórtico dos Gerais e que repetiria em variadas interpretações, a exemplo da decoração palaciana de Mafra, é, quanto a nós, uma das «siglas» de Laprade. São tantos os elementos ornamentais que se repetem, decorando a arquitectura «afrancesada» de Laprade, que ficamos surpreendidos quando vemos atribuir ao seco e árido Ludovici a Biblioteca de Coimbra, obra rara e fantasiosa que nada tem de comum com a sua arquitectura.

Se formos mais longe, á Igreja Metropolitana de Notre-Dame Des Doms, em Avignon, onde é fecundo o labor dos mestres de Laprade, encontramos a decoração ornamental do arco que suporta a tribuna da entrada, bem afim com os arcos dos portais de Aveiro e de Coimbra. Nos dois «moimentos» funerários que ladeiam esse arco, como ainda em peças capitais do Museu Lapidar de Avignon, encontramos semelhanças tão flagrantes com a obra portuguesa de Laprade, que chegamos a supô-lo — «abstraindo da cronologia documental», o verdadeiro «Mestre Provençal» de Avignon, transformando-se em diabinho moço e gentil, tentando o Bispo de Miranda, conforme a «lenda» da Vista Alegre...

Ainda na Biblioteca de Coimbra, tivemos a maior surpresa quando vimos ter sido Laprade quem emoldurou á maneira dos seus retábulos um dos mais belos retratos do fundador, el-rei D. João V, pintado pelo «retratista régio», Domenico Duprà (A obra e a personalidade deste retratista foi por nós já revelada nas colunas deste jornal, e hoje é com o maior desvanecimento que comunicamos estar assinada por Duprà a mais linda colecção de retratos dos duques de Bragança, no Paço Ducal de Vila Viçosa).

Quase a seguir á obra monumental da Sé do Porto, cujo «risco» só em parte foi aproveitado do que mandou Laprade da sua oficina de Lisboa, por ocasião da enorme azáfama para a sagração da basílica de Mafra, é escolhido mais uma vez o afamado artista, também fazendo parte da «Guarda da Rainha», para ir completar e embelezar a «decalcada arquitectura» de Ludovici.

Alguns anos atrás trabalhava na decoração de Mafra outro escultor italiano que, por 1728, «é despedido da obra» e substituído em 1729 pelo nosso talentoso Laprade, o qual, em plena naturalidade, aos 47 anos, mas com um passado artístico notável, seria aceite e «bem aproveitado» pelo duro alemão, dirigente da «Real Obra».

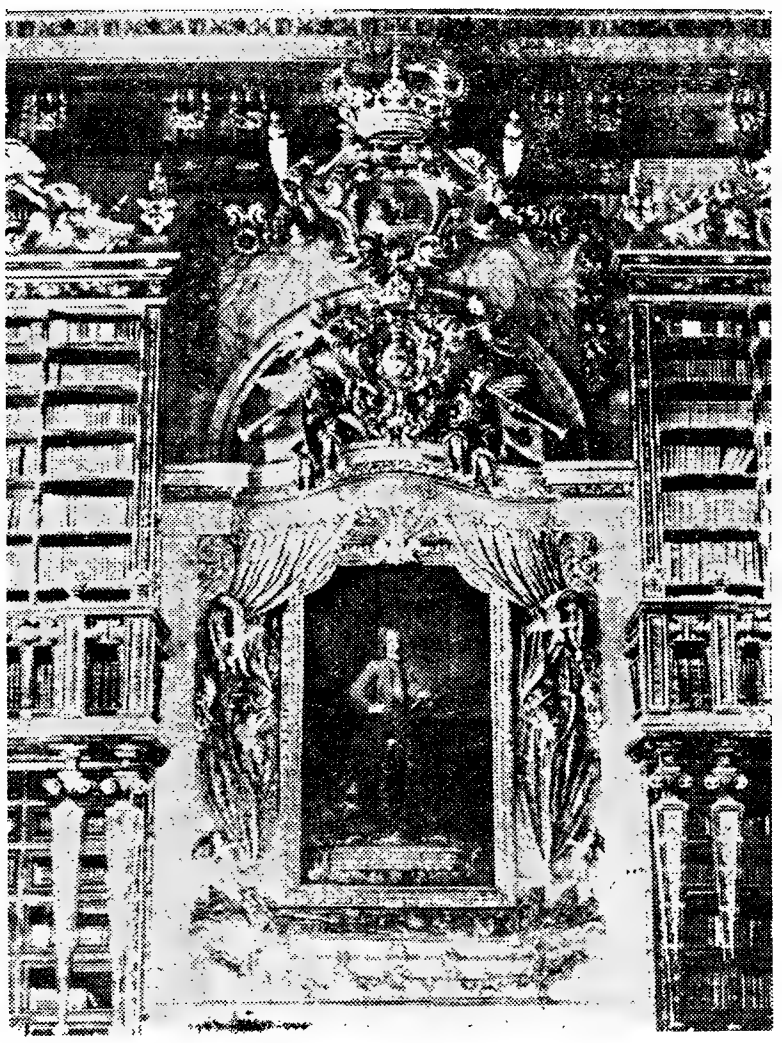
A Basílica de Mafra, com todos os seus defeitos, a obra mais clássica e elegante do tempo, e que seria um exemplo e padrão que se repetiria em todo o século, ficaria incompleta e «mesquinha» sem o auxílio, a técnica e o espírito decorativo do portentoso escultor que foi Laprade.

Muitos pormenores e sugestões arquitectónicas de Mafra lhe pertencem, não já executados na pedra branda e macia de Ançã, mas nos mármores lustrosos e policromos de Pero Pinheiro, que ainda hoje desafiam os séculos, a corrosão e os cataclismos.

Mafra já tinha «escola» de pedreiros e canteiros, bastando a Laprade o barro macio para modelar os mil festões, grinaldas, flores e maliciosas cabecinhas de anjos alados espreitando por baixo das tribunas, decorando o frontão, no alto das torres, pela nave, no zimbório, e até coroando as telas dos melhores pintores romanos do tempo ou do jovem francês Quillard...

Hoje, depois de seis longos anos de estudo e fatigantes procuras, temos a maior satisfação e legítimo orgulho em revelarmos, não obstante em breve síntese, a personalidade artística de «Claude Joseph Courrat de Laprade» (n. 22 de Nov.º de 1682 — c. 1740).

Concluímos com a convicção e a certeza de que o nosso estudo definitivo e bem documentado, a apresentar em breve, virá completar e esclarecer mais um capítulo da nossa História de Arte, e também revelar em França um dos seus talentosos, ignorados e obscuros artistas Provençais, que, sem passar por Versailles, veio «fazer escola» em Portugal, mas bem integrado nas nossas seculares tradições artísticas.



Decoração interior da biblioteca da Universidade de Coimbra, por Laprade

Pormenor da decoração interior da basílica de Mafra, por Laprade

FERROS ARTISTICOS
Serralharia Artistica
Vicente Joaquim Esteves
FUNDADA EM 1889
SUCESSOR FILHO
João Luís Esteves
86—R. das Amoreiras—96
T. 42340
(Novas instalações a inaugurar brevemente na R. de Campolide, 181
LISBOA PORTUGAL

PRIMAVERA

por GRACIETTE BRANCO

Silenciosa, doce, suave, a Primavera, sentiamo-la avançar lentamente... Ei-la agora viva, jovem, impalpável, mas presente, na luz, na brisa, nas cores, em torno de nós. Na imperecível graça do seu encanto e da sua benção geram-se as quimeras e os sonhos. As próprias crenças renascem e forticam-se, numa paz apetecida, num enleio feito de promessas novas, embora repetidas há milénios! Nos firmamentos espirituais acendem-se estrelas luminosas, que são bussolas de novas rotas e farois de novas descobertas... Como anunciação de beleza eterna, abrem-se lírios nos prados e as sombras opacas e cinereas resplandecem, subitamente, de luz!

A Dor adormece na almofada macia de uma estranha letargia que, embora efémera, dá um consolador conforto físico, atingindo e dulcificando as próprias almas.

Corremos atrás das Primaveras, braços erguidos, lábios ardentes, como o mendigo que implora, nas bermas das estradas, uma esmola para a sua fome e a sua desventura!

E, afinal, a própria Primavera não passa de um belo poema efémero que nos desperta ingenuidades e uma vaga segurança em futuros imaginários...

*

Em todas as estradas da vida, há uma cruz, que se arrasta, levada pelo sofrimento humano! Há olhos cujas lágrimas não secam, rostos onde não entra a madrugada de um sorriso, corações onde só palpita um crepusculo de dor!

No tédio das vidas resignadas e no desespero dos lutos irremediáveis, afundam-se as almas sem esperanças, sem amparo, sem objectivo! Olhos que, por detrás de vidraças cerradas, fixam, abstractamente, imagens subjectivas da própria vida, suportando a existência como um castigo que vem de longe, uma expiação talvez imerecida.

Para as pobres vidas desiludidas, é estreita a compreensão dos problemas existenciais! Que filosofia transcendente e profunda será necessária para que a Dor se aceite com um sorriso resignado?

Anda a Humanidade ardendo, como brasa, numa dobadoura de ansiedades, interrogações e surpresas, martirizando-se entre as distancias que vão da luz á sombra, da candura ao pecado, ignorando de que lado existe a Verdade, não conseguindo criar uma rota segura que, ultrapassando a Vida, continui em glória até ao portal doirado do Infinito!

Vamos todos andando em frente, como sonambulos ou autómatos, desejando, esperando, forjando sonhos, iludindo-se, fantasiando, até que, subitamente, de misteriosa aljava e arco impetuoso, surge a seta rápida que trespassa o coração e destroi as quimeras!

Donde vem? Porque vem?

É chegada a hora de uma mensagem concluída?!

Apenas nos responde o eco da própria voz e o Orbe continua a rolar, como uma bola ardente e esfingica, criando e destruindo destinos, numa mudez impenetrável de penumbra e mistério!

Será a compaixão divina, que nos manda—como compensação de tanto sofrimento e de tanta duvida—o encanto das Primaveras, mensageiras da eterna ilusão, derramando um suave bálsamo na aridez das almas?!

Na mísera pousada da Vida, onde permanecemos em constante sobressalto, o que seria de nós sem a graça de uma rosa a abrir, sem o encanto de um voo de ave, sem orvalhos, sem estrelas, sem luar?!...

Donde nos vem a força espiritual que acalenta um sentido novo, para a Arte, para a Fé, para o Amor?

Exactamente do perfume subtil dessa rosa a abrir, desse voo de ave que dá asas á imaginação, dos orvalhos, do luar e das estrelas!

Por isso a Primavera, com o desabrochar das flores e o encantamento amoroso dos ninhos, vem trazer ás almas a frescura juvenil de uma alvorada, num ceu de porcelana maravilhosamente azul!

Subitamente encontramos horizonte para o nosso rumo e o Sol será o bálsamo para as feridas da alma.

As olaias floridas, as acácias macias e alegres, orlam as estradas e os caminhos, inundando a atmosfera, não só de perfumes suavissimos, mas de alucinantes visões de claridade e primitivo encanto, brotando, directamente, do coração de Deus!

Benvinda sejas, Primavera das flores, dos ninhos, do Amor...

Juventude da vida, ilusão das Almas—, benvinda sejas!

ELE & ELA

Um chapeu... de casamento

PROBLEMAS DE TRÂNSITO – (5)

A Polícia nas estradas

Abordando ainda a desorientação e insubmissão no transito, permitindo tanto abuso e até em alguns casos verdadeiros crimes, estou certo de que todas as autoridades com direito e dever de os não consentir chegarão para os reduzir ao mínimo; e, consequentemente, diminuir aquela tristissima e apavorante percentagem de 96,7 % a que se referiu na Assembleia Nacional o deputado Melo Machado.

As três corporações com funções policiais — P. V. T., G. N. R., e P. M. — exercendo a sua vigilancia sobre todos os prevaricadores, mas todos, sem excepção, não lhes admitindo o atrevimento, bastante usado, de produzir temor á autoridade, ou torná-la tímida e hesitante com a possível vindicta vinda do prevaricador que evoca a sua posição política, militar ou de elevada categoria social — todas essas autoridades com uma justa repressão, colaborando entre si sem que se entrechoquem ou produzam melindres e despeitos; teremos pouco a pouco reduzidos os acidentes nas estradas, onde, infelizmente, tanta vida se tem perdido e tanto dinheiro se tem gasto em reparações de veículos, que, diga-se de passagem, se elas se reduzem, entristecerá muita garagem e oficina...

Mas como não é possivel eliminar por completo os acidentes, como não é possível acabar com os crimes, seja qual for o grau de civilização de qualquer país, vão-se contentando os fornecedores e operários deste ramo de negócios de automóveis, pensando que lhes ficará ainda muito para reparar e vender.

Sabe-se que por outros países — e nós vamos pensando nisso também — se trata de fazer acompanhar esse enormissimo tráfego automóvel pelas estradas, onde se produzem acidentes, de medidas de fiscalização e repressão cada vez mais severas; e ao mesmo tempo de outras, perfeitamente humanitárias, procurando salvar as vidas que os desastres põem tanta vez em perigo. E sempre que nisto penso, lembro-me do que aconteceu ao desventurado engenheiro Duarte Pacheco. Se houvesse os socorros montados, como deles vamos falar, talvez, ainda fosse vivo tão dinamico, trabalhador e formidável obreiro que deixou uma obra bem proveitosa.

Penso que deve ser a P. V. T. a detentora de todo o fulcro, da organica e principal fiscalização do transito nas estradas, competindo-lhe aperfeiçoar cada vez mais — e sabe-se que isso é possível — todos os serviços que se imponham pela prontidão e eficácia, á primeira voz, com a colaboração da G. N. R. e P. M.

Na circulação em estradas os acidentes mais constantes e perigosos provêm: do excesso de velocidade; de ultrapassagens sem campo bastante de visão; de curvas feitas fora da mão sem as devidas precauções; e por distracções dos condutores. De noite, por todos estes motivos, mais os que se dão por encandeamento de luzes, que tantas vitimas tem produzido, mas então e só por culpa de outrem, ficando quase sempre impune, porque o criminoso se escapa sem se poder identificar — e admitamos até por não ter dado pela sua culpa.

A maior repressão a tudo isto tem de ser feita, com prudência, sim, mas sem perda de energia. E' de admitir o máximo da liberdade em troca do máximo da responsabilidade; tendo de se intervir a cada momento sem deixar passar as pequenas faltas cometidas, porque, do abuso de faltas pequenas vêm, sem se dar por isso, as maio-

(Continua na 19.ª página)

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

LOTARIA

Extracções semanais

Prémios maiores

1.000 ... ... CONTOS
100 ... ... CONTOS
50 ... ... CONTOS

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais Instituições de Assistência Pública, nos termos da legislação em vigor.

O PROBLEMA DO ESTÍMULO

Os prémios literários na Inglaterra

não são para os seus autores tema de glória permanente

mas simples "golpe" de sorte

Pode-se afoitamente dizer que, não obstante haver na Grã-Bretanha muitos e variados prémios para galardoar as actividade literárias, estes, contudo, não têm o significado de certas atribuições francesas, tais como o «Prémio Goncourt», ou o prémio «Fémina». Além disso, sendo certo que alguns autores ingleses receberam grande estímulo dos prémios que lhes foram atribuídos, nenhum deles jamais escreveu os seus livros tendo em vista concorrer a certo prémio. Por outro lado nenhum desses prémios jamais exerceu qualquer influência na evolução ou formação do seu gosto literário. Isto quer dizer que, na Grã-Bretanha, os prémios literários continuam a ser fenómenos isolados. Na maior parte dos casos, esses prémios galardoam a forma literária em moda e só ás vezes—talvez muito raras vezes—constituem um estímulo para um jovem cheio de aspirações.

Durante muitos anos, o mais importante trofeu literário na Grã-Bretanha foi, sem duvida, o «Prémio Hawthornden», que coroou obras tão importantes e significativas no decénio de 1920, como o livro de *David Garnett*, «Lady into Fox» e o de *R. H. Mottram*, «The Spanish Farm». Infelizmente, porém, desde 1944 que este prémio não é atribuído e por isso deve ser considerado como temporáriamente suspenso.

O seu mais próximo equivalente —pelo menos quanto ao seu escopo—é a «Fundação Heinemann», administrada pela Real Sociedade de Literatura, que se destina a servir de estímulo a qualquer ramo literário, não obstante a sua intenção principal ser a de recompensar «aquelas espécies literárias que são menos remuneradas», como a poesia e a crítica.

O plano mais interessante e generoso posto em prática ultimamente é-nos dado, sem duvida, pelo «Somerset Maugham Trust». O fim principal de Somerset Maugham, ao instituí-lo foi contribuir anualmente com a quantia de 400 libras (32 contos), para permitir que jovens escritores pudessem viajar, a fim de se familiarizar com os usos e costumes dos povos estrangeiros e assim «ao mesmo tempo, ampliar a sua experiência, alargar o ambito e a influência da literatura inglesa contemporanea».

Os candidatos ao «Prémio Somerset Maugham» devem ter menos de 35 anos de idade e comprometem-se a passar pelo menos três meses fora das ilhas britanicas, devendo o montante atribuido ser gasto em viagens e na estadia no estrangeiro.

Os membros do juri devem proceder de forma a evitar que caiam no «jogo certo». A originalidade e a esperança devem ser os elementos básicos da sua decisão. Um dos ultimos escritores a receber este prémio foi Kingsley Amis, pelo seu romance «Lucky Jim». Em qualquer caso, teria chegado a enfileirar ao lado dos «best-sellers», mas a atribuição que lhe foi feita deste prémio com certeza que o auxiliou a atingir mais depressa esta categoria.

Dos restantes prémios literários de vulto, destaca-se «James Tait Black Memorial Prize», concedido á obra que, no parecer do professor de Literatura da Universidade de Edimburgo, ou no dos seus conselheiros, é considerada a melhor biografia ou o melhor romance do ano. Entre os seus recentes premiados figuram o dr. Keith Feiling, pela sua biografia de «Warren Hastings», e o dr. C. P. Snow, pelo seu romance «The New Men».

Há, também o prémio literário do «Sunday Times»—constituído pela bonita quantia de 1.000 libras (80 contos) e uma medalha de ouro, destinado a galardoar «uma excepcional obra literária». O mais recente vencedor deste prémio foi Richard Church, pela sua autobiografia «Over the Bridge».

O «Prémio Foyle», de 250 libras (20 contos) é, todos os anos, atribuído pelo conhecido livreiro W. A. Foyle para recompensar o melhor livro de versos—e, como se sabe, os versos só raras vezes dão qualquer rendimento financeiro ao seu autor. Entre os outros prémios atribuídos á poesia, de menor valor embora, instituídos de colaboração com a «Poetry Review», são o «Greenwood Prize», o «Howard Parsons Sonnet Prize», o «Oriole Poetry Prize» e o «Poetry Review Quarterly Premium».

Há, ainda, um ou dois outros prémios literários que merecem especial menção, como o «Carnegie Medal», atribuído anualmente pela Associação dos Bibliotecários ao melhor livro de literatura infantil.

Como se sabe, na Grã-Bretanha existe a tradição de uma boa literatura infantil e este prémio destina-se a salvaguardar a sua qualidade. Na atribuição deste prémio, são levados em consideração, além da qualidade literária, o tipo, o papel, as ilustrações e a encarnação da obra. Serve, portanto, para estimular não só os autores, como também os editores e os artistas, a fim de melhorar a apresentação e o conteudo da literatura destinado ás crianças.

Há, por fim, o «Rose Mary Crawshay Prize», no montante de cem libras (8 contos) que, embora originàriamente instituido para premiar a melhor obra sobre os poetas Byron, Shelley ou Keats, é hoje atribuido pela British Academy a «uma escritora de qualquer nacionalidade que tenha escrito ou publicado uma obra de carácter histórico ou crítico, de reconhecido valor, sobre qualquer assunto relacionado com a literatura inglesa».

Apesar de se dar ainda preferência aos temas para que foi originàriamente instituído, a ultima vez que foi atribuído premiou a edição dos «Sermões de John Donne», de Mrs. Evelyn Simpson.

Outra série de prémios que merece ser mencionada é conferida pelos organizadores do «Festival Anual de Cheltenham de Literatura Contemporanea», instituída com o fim de auxiliar os jovens escritores, tornando-os conhecidos. Em 1954, foi concedido um prémio a um romance de estreia da novel escritora Brigid Brophy, «Hackenfeller's Ape». No ano passado, foram premiados com 75 e 50 libras, respectivamente, duas peças para a televisão, sendo de louvar a atitude corajosa do juri em decidir que os originais especialmente destinados á televisão podem e devem ser considerados uma expressão de literatura.

Ultimamente, criou-se o prémio «Duff Cooper, o nome do escritor e antigo embaixador britanico em Paris, no montante de 200 libras (16 contos) para recompensar uma obra literária publicada em Inglaterra ou na França durante os dois anos anteriores, que represente um elo entre as literaturas de ambos os países. A primeira atribuição deste prémio acaba de recair sobre a obra de Alan Moorehead, «Gallipoli»—que recebeu também o prémio do «Sunday Times» deste ano.

A carreira de escritor na Grã-Bretanha é agora tão árdua como o foi sempre, talvez com excepção dos que escrevem para «magazines» de capas brilhantes. Necessàriamente, os prémios literários tocam a poucos e os artistas criadores tendem a considerá-los, não como uma permanente glória ou prova de reconhecimento—tal como o seria a eleição para uma Academia se tal coisa existisse no mundo literário britanico—mas um golpe de sorte, pelo qual, é claro, se sentirão muito gratos.

A consciência com que os juris procedem á atribuição dos prémios e a meticulosidade que põem no julgamento—considerando-se, acima de tudo, como mandatários ou «trustees» de certos institutos ou fundações—nunca foi posta em duvida, existindo, além disso, regularmente pelo menos, um gesto oficial de reconhecimento ao mérito pelas entidades oficiais. Refiro-me á «Medalha de Ouro da rainha para a poesia». Há dois anos, essa medalha foi pessoalmente conferida por sua majestade a rainha Isabel II á poetisa Ruth Pitter, que foi a primeira mulher a receber este galardão. Este ano, o prémio recaiu muito apropriadamente sobre o simpático escritor Edmund Blunden.

36 anos percorridos sem desvios

(Continuação da 1.ª página)

pretendem torná-la andorinha do seu campanário, nem sempre nos trouxe alegria. Em oito anos de trabalho e luta para sermos lógicos e coerentes com a nossa dignidade e com o amor que devemos á Republica, encontrámos a nosso lado amizades e dedicações que jamais esqueceremos e que pela isenção dos seus intuitos são de molde a convencer-nos de que o homem é superior á crónica das suas misérias».

1930 «Nunca nos afastámos do nosso caminho para colher o aplauso dos triunfadores ou dos apedrejadores, embora algumas vezes, por dolorosa experiência, tenhamos conhecido que o jornalismo é pedregoso e duro. Mas a fé no êxito possui uma força singular: anima e aquece o coração».

1931 «Este jornal entra hoje no undécimo ano da sua existência e cada vez mais convencido de que, fiel ao seu programa, ao serviço dos supremos interesses da Pátria e da Republica, num respeito absoluto pela dignidade dos que lutam e trabalham, com o amor da justiça e da sua clemente expressão moral, a bondade, não será inteiramente inutil tudo quanto fizer para evitar que os interesses vençam os ideais, as opressões as liberdades, os fortes os fracos, os orgulhosos, os humildes».

1933 «Conscientemente, nunca nos enredámos nas várias patuleias nem colaborámos nos irosos motins que tanta vezes surgiram para realizar a felicidade do povo, prometendo-lhe tudo e não lhe dando nada. Entre nós, não custa ser atrabiliário e violento, mas sim estranho aos contubérnios dos paladinos exaltados. Quem não é dum grupo, duma tribo ou duma capelinha corre risco de, em certos momentos, ter contra si a rua e a corte».

1934 «Mandamentos do jornalista que não aspira a perturbar a rua nem o espírito dos leitores:

3.° — Partir do princípio de que o jornal não é órgão das suas ambições ou dos seus aziumes, mas sim do publico a quem se deve a maior verdade.

4.° — Ser escrupuloso nas ideias que professa e na maneira de as defender, evitando as atitudes teatrais e parciais.

5.° — Ocupar-se dos factos e dos acontecimentos, com a preocupação de ser exacto — o que não exclui o «mea culpa», quando for convencido de qualquer erro, omissão ou leviandade».

1935 «O «Diário de Lisboa» tem procurado ser um operário entregue a uma tarefa humilde, mas construtiva. Dá o seu apoio a todos os que trabalham para o bem comum e o seu aplauso a quantos honram Portugal na sua tradição e nas suas aspirações. O nosso verdadeiro intuito tem sido sempre evitar que os bandos fanáticos amesquinhem a herança dos nossos pais e os monumentos que a rememoram. Antes de mais nada, desejamos que Portugal seja a verdadeira expressão de uma unidade religiosa, ética e racial, inconfundível portanto com qualquer outra... O «Diário de Lisboa», progressivo por índole e moderado por método, preza muito a sua independência para a sacrificar levianamente».

1936 «O «Diário de Lisboa», através de sorrisos e ironias que pretendem ser mordentes, concedeu o louco propósito de reunir, num só espírito, os vários aspectos da lusitana verdade. Se Portugal é unico — território, posição e alma, sob a fórmula camoneana «esta é a ditosa Pátria minha amada» —, não é excessivo que um jornal se proponha traduzir-lhe a unidade do seu ser».

1937 «Na medida exacta do possível, o «Diário de Lisboa», estimado por este, desdenhado por aquele e apreciado imparcialmente por aquel'outro, desde a nascença resolveu ser português e europeu, defensor das causas que traduzem o ardente desejo de progredir, melhorando a situação dos humildes, sem trair a sua confiança no futuro duma Pátria que tem resistido á adversidade, graças ao amor dos seus filhos e ao ardor dos combates impostos pela dura realidade».

1938 «Temos procurado nem criar inimigos nem levantar dissídios, sobretudo para não colaborarmos com os conflituosos que de tudo se aproveitam, a fim de manter as suas cubiças ou as suas ruins intenções, acima da verdade e do bem comum. Se alguma vez não conseguimos tornar imediatamente evidentes os nossos votos de simpatia e mutua compreensão, explica-se isso pelo facto de, durante tantos anos, se haver prègado a desconfiança entre os Portugueses, a fim de, através dela, instalar o descontentamento e a discórdia».

1939 «O «Diário de Lisboa», feito por gente moça, com o sangue na guelra e o coração á flor dos lábios, foi vencendo as precauções, desfazendo as intrigas e conquistando as simpatias dos que prezam, acima de tudo, a honestidade e a sinceridade. O seu triunfo — sem ruidoso som de tubas — representa da parte do publico um atestado de confiança que nunca traimos».

1940 «O «Diário de Lisboa», no culto dos princípios morais e jurídicos que constituem a base das civilizações, não é inimigo deste ou daquele povo, visto a causa que defende ser tão justa e humana que aproveita a vencedores e a vencidos. Contra a vitória que se proponha espoliar, escravizar e encarcerar, violando os imperativos da consciência e renegando do respeito que merece o espírito e a sua alta dignidade, sustentaremos como pudermos, subentende-se, uma atitude que reputamos mui conveniente para a paz e a concórdia dos povos, vítimas de ambições sacrílegas».

1941 «Nunca prégamos o desanimo, nem a duvida, nem a deserção, na hora em que os braços hão-de ser fortes, para que as acções sejam brilhantes. Portugal é um acto de fé ou não é nada. No limpo cantinho que ocupamos, tendo a nosso lado um grupo de gente moça e aguerrida, alenta-nos a certeza de que nunca concorremos para perturbar ou ofuscar as virtudes essenciais dum povo que, com bons pastores, é capaz de ascender ás maiores alturas».

1942 «Nem tudo tem sido êxitos e vitórias, pois, com o decorrer dos anos, a experiência aumentou e a riqueza que ela nos oferece é adquirida á custa das ilusões e das amarguras sofridas em silêncio. Mas a pena não falece, mesmo quando na tinta vão misturadas algumas lágrimas».

1943 «Quisemos que o «Diário de Lisboa» fosse um exemplo de fé na Pátria, de amor á Republica e de firme confiança no valor das acções e das rasgadas iniciativas. Nas suas colunas, acolhemos as mais variadas e adversas opiniões, a fim de que o publico pudesse ver e julgar os motivos que cada um invoca para apregoar os méritos do seu credo ou as valentias do seu animo. A nossa intenção não era proclamar a paz em Varsóvia, visto que não nos tentam nem os sarcasmos nem as excessivas ambições que o povo risonhamente repele: «Presunção e água benta cada qual toma a que quer». A nossa aspiração cifrava-se nisto — trabalhar com fé para que a Republica fosse um Governo de redenção nacional e jamais uma arena de feras embravecidas».

1944 «O triunfo do «Diário de Lisboa» — dizêmo-lo sem sombra de vaidade — resultou da sua acção reconhecida como honesta, visto que nós, quando o fundámos, não tínhamos em vista o êxito de uma ambição, o alarido provocado tamborescamente. O leitor que veio para nós espontaneamente animou-nos e confirmou-nos na decisão que havíamos tomado de ser contra as facções, mas favorecendo a tolerancia e o amor dos Portugueses. Na nossa fidelidade á Republica, aliamos a força mais que bastante para falar aos homens de boa vontade, fosse qual fosse o seu credo político».

1945 «Nunca disputámos, fosse a quem fosse, o legítimo prémio do seu trabalho, nem lançámos cascas de laranja no caminho dos varões honrados. Acima de tudo, prezamos, como era nosso dever, os assuntos de interesse nacional, reagindo, na medida das nossas forças, contra os ambiciosos, os turbulentos, os caluniadores e os vendedores de elixires. O «Diário de Lisboa» jamais apareceu nos ágapes onde as finas iguarias são apreciadas e saboreadas pelos aventureiros. Conserva-se de mãos limpas, sem reclamar talher para si».

1947 «Fiel aos princípios que sempre proclamou e serviu, o «Diário de Lisboa» respeita as opiniões alheias, sobretudo quando se inspiram em intenções claras e francas. Entre todas as nossas gratas devoções, a tolerancia encontra um lugar de alta consideração. Nunca a invocámos como subterfugio para roubar aos direitos sagrados do pensamento a sua serena, mas altiva compostura. O ouro e o «plaqué» têm valores diferentes. A verdade e o erro não se medem pela mesma bitola».

1948 «Ao celebrar o novo aniversário, o «Diário de Lisboa» rende as suas homenagens:

1.°, aos que, como o fiel da balança, acima de ódios ou paixões, colocam a razão e a justiça, no justo equilíbrio que lhes convem; 2.°, aos que não recusam ao povo a protecção que merece, quando pede, sem fragor, o pão, a luz do espírito e a incorruptível verdade; 3.°, aos que nunca transigiram com a avidez nem buscam proveitos no mercado que pretende confundir-se com o altar e o coração da Pátria; 4.°, aos que, com intenções puras e livres, trabalham abnegadamente para que o futuro dos filhos não conserve qualquer vestígio dos erros e fraquezas dos pais».

1949 «Por natureza e por educação, somos tolerantes e inclinados á compreensão das doutrinas ou pontos de vista, quando bem intencionados. Há uma virtude a que consagramos a nossa dedicação — a sinceridade. Através dela, julgamos o nosso semelhante. Amamos tanto a liberdade como a justiça — aquela como garantia do nosso espírito e do nosso carácter, esta como certeza de que o parco valor dos nossos actos nunca será desvirtuado nem roubado».

1950 «O «Diário de Lisboa», fiel á sua tradição, tem procurado, na sua já longa carreira, manter-se, não no isolamento das suas conveniências, mas em contacto permanente com os interesses nacionais. Não pedimos para nós o exclusivo desta indispensável virtude. A Imprensa portuguesa é honrada, desinteressada e sempre disposta a dar o mais pelo menos. Geralmente, não é rica nem perdulária, mas, na linha do seu porte, não existem reticências nem manchas escuras».

1951 «O «Diário de Lisboa» entrou na vida com um sorriso nos lábios, e uma ligeira, quase imperceptível tendência para a boemia do espírito. Gente nova, com o sangue na guelra, tão livre na política como as andorinhas o são no espaço, os seus redactores obedeciam a uma preocupação exigente — dar um emprego util á sua mocidade. Não dispunha de outra fortuna que não fosse o seu honrado intento de triunfar, na independência e na justiça dos seus princípios. Respeitando a liberdade de cada um, nunca afrontou ninguém. No meio de patuleias que vociferavam umas contra as outras, pretendendo devorar-s como vítimas de deuses absurdos, nunca se perturbou nem se bandeou».

1952 «Após trinta e um anos d existência, ás vezes trabalhosa, mas sempre desanuviada de preocupações amargas e de desanimos irremovíveis, não nos sai da boca outra palavra que não seja esta — coragem para lutar. Apesar das desilusões que a idade traz consigo, mantemos a mesma fé de sempre. O trabalho não é para nós sómente um estímulo porque tiramos dele a força que Antei extraía da Terra, apenas lhe tocava com o corpo».

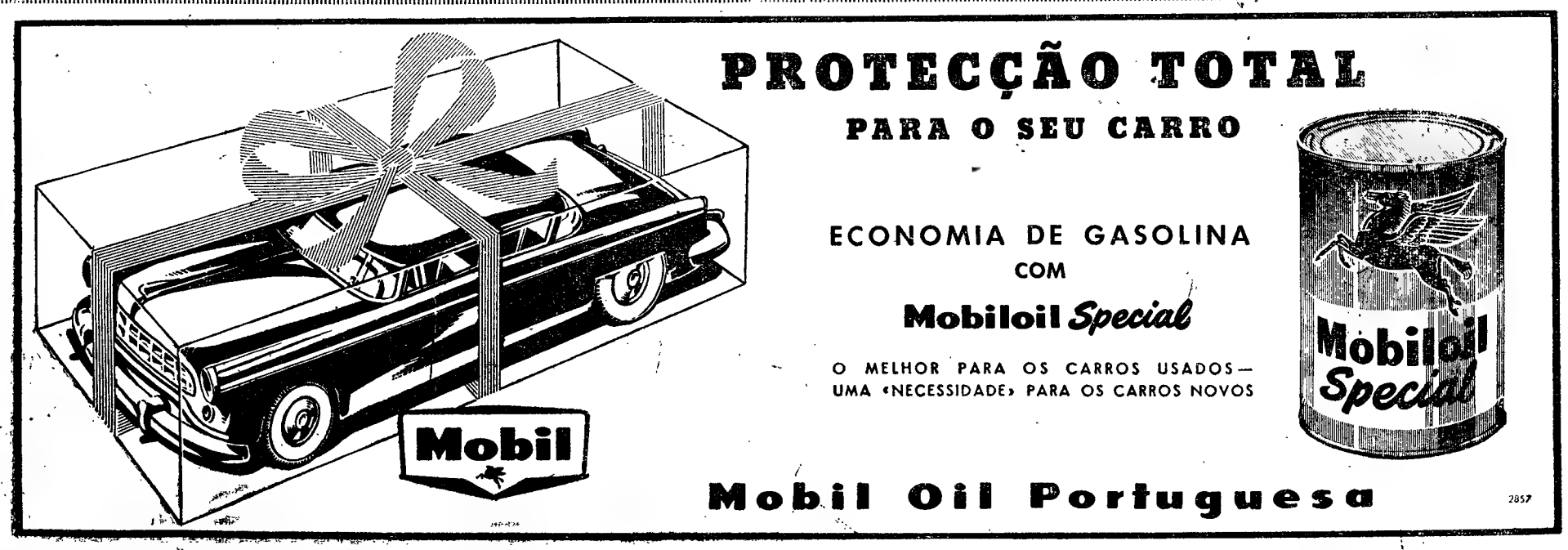
1953 «Desde o seu primeiro numero o «Diário de Lisboa» manifestou o seu firme propósito de servir e amar a Pátria sem levantar qualquer alarido a fim de prender as atenções do publico. Seguiu o conselho do bom e honrado Sá de Miranda: «Sê simples e não dobrado como o hipócrita». Viu e ouviu algumas vezes o murmurio dos descontentes que alinhavam na treva os seus enredos e os seus altos feitos. Nunca lhe apeteceu misturar-se com eles, preferindo conservar intacta a sua confiança nas ideias e nas sãs doutrinas do resgate nacional»

1954 «O «Diário de Lisboa» sente que o cumprimento do dever torna os dias mais agradáveis e os frutos dos nossos labores mais apetecidos. Sempre votou ao povo a mais alta consideração e a estima que merece, tomando como sua bandeira a causa da liberdade, que é o pão espiritual de todos nós. Porque conhecemos o valor dos nobres feitos, nunca deixámos de estar ao lado dos patriotas que, exemplarmente, lutam pelo bem comum. A nossa divisa é esta:

—Amar e perdoar, ser justo para ser forte».

1955 «Com a fé e a confiança de ontem, avançamos para amanhã, agarrados a esta certeza: ninguém pode viver fechado numa teimosia, sem olhar para o Mundo que se transforma. Detestamos, por igual, fanatismos e cepticismos. E' por esta razão que o «Diário de Lisboa» se manteve á superfície dos acontecimentos, evitando os redemoinhos e os turbilhões, onde tanta gente busca o sucesso imprudentemente. Quem ousará bater-se com as tempestades, quando as ondas atiram os frágeis barcos para os rochedos?»

1956 «Ao chegar ao seu 35.° aniversário, o «Diário de Lisboa» conserva a mesma fé, a mesma mocidade e o mesmo entusiasmo, sem lhe pesar na consciência qualquer remorso ou amargura. Temos vivido, lutando, e, lutando, venceremos todos os obstáculos que tenhamos de encontrar no nosso caminho. Entendemos que cada um de nós defende uma causa, a fim de que a sua actividade frutifique e se concentre num alvo generoso e fraterno».



A BOCA DA VERDADE

Ser ou não ser

Dantes para se ser rico era muito mais dificil do que hoje. A percentagem dos Midas e Cresus nacionais devia ser de um por milhares. Aliás, as fortunas — que Deus as conserve se ainda existem frigorificadas em egoísmo! — eram de cifras relativamente modestas.

Quase sempre, se não havia propriedades de raiz, o Português com a bandurra gemebunda, saquitel de chita ao ombro, tamancos na mão, duas lágrimas a estilhaçarem-lhe os olhos de saudade, no coração um punho de ferro de resignada tristeza, abalava na terceira classe de um ronceiro vapor até ao Brasil, onde colhia as ultimas patacas da venerável árvore.

Ao fim de uns anos, minado de febres, voltava brasileiro de torna viagem, com o seu pé de meia, que lhe dava para adquirir uma vivenda, pedir ao rei um título, e casar a filha que ficara na terra de xaile e lenço, com um esperançoso deputado, que ainda podia ser director-geral sem automóvel, ou ministro sem consequências irremediáveis.

Havia também os que ficavam no comércio, começando por caixeiros, a dormir no porão da loja, que faziam de «papagaio» á porta dos algibebes da Rua dos Fanqueiros, com o cabelo cortado á escovinha e uma andaina escorrida maior que a do pai.

Na idade nubil passavam honrosamente para dentro do balcão a vender ás damizelas de Lisboa, nesse tempo assaz linfáticas e romanticas, covados de gorgorão e tarlatana. Quando o bigode pungia e o rosto se enchia de espinhas, o caixeirinho, antes de entrar na vida militar, catrapiscava a filha do patrão, que tocava, languidamente, ao piano a «Ave-Maria», de Gounod. E aquilo era inevitável, fatal: casava-se com ela e entrava, como sócio, na firma do sogro, continuando a gloriosa tradição dos pacatos comerciantes citadinos.

Como um caracol rasteja, lentamente, numa folha de couve locomovendo-se milimetros em horas, assim se reuniam, com severa parcimónia, alguns cobres para a velhice.

Era preciso, pelo menos, meio século para que o honesto comerciante da nossa praça, á custa de muitos esforços, da renuncia dos mais insignificantes prazeres, tirar o «pé do lodo».

Hoje, tudo é vertiginoso, meteórico. Ao que nos dizem, há quem ganhe num ano, nos mais discrepantes empregos, fora as gratificações, duas, três ou quatro centenas de contos, upa, upa, se é que, por artes de berliques e de berloques numa possuem uma unica concha recheada de pérolas. Coleccionam-nos, como se podem coleccionar, inofensivamente, selos, ou devancantes borboletas.

Não sabemos como esses omniscientes felizardos inventaram uma máquina de fabricar tempo. Devem, porém, certamente, disfrutar o invejavel dom de ubiquidade. Transportam-se, sem duvida, em avião de jacto, o que lhes permite estarem onde não estão, ou chegarem onde nunca foram vistos. De modo algum podemos avaliar o alto teor dessas inteligências mágicas, enciclopédicas, universais, que tanto percebem de carbonatos, como de ar sólido, da quadratura do círculo, como do impossível motu-contínuo.

De modo algum os devemos invejar. Eles só demonstram a sua magnífica capacidade digestiva. E, como sabem, fisiologicamente, o indivíduo que come bem possui, no geral, uma robusta mentalidade. Mens sana in corpore sano.

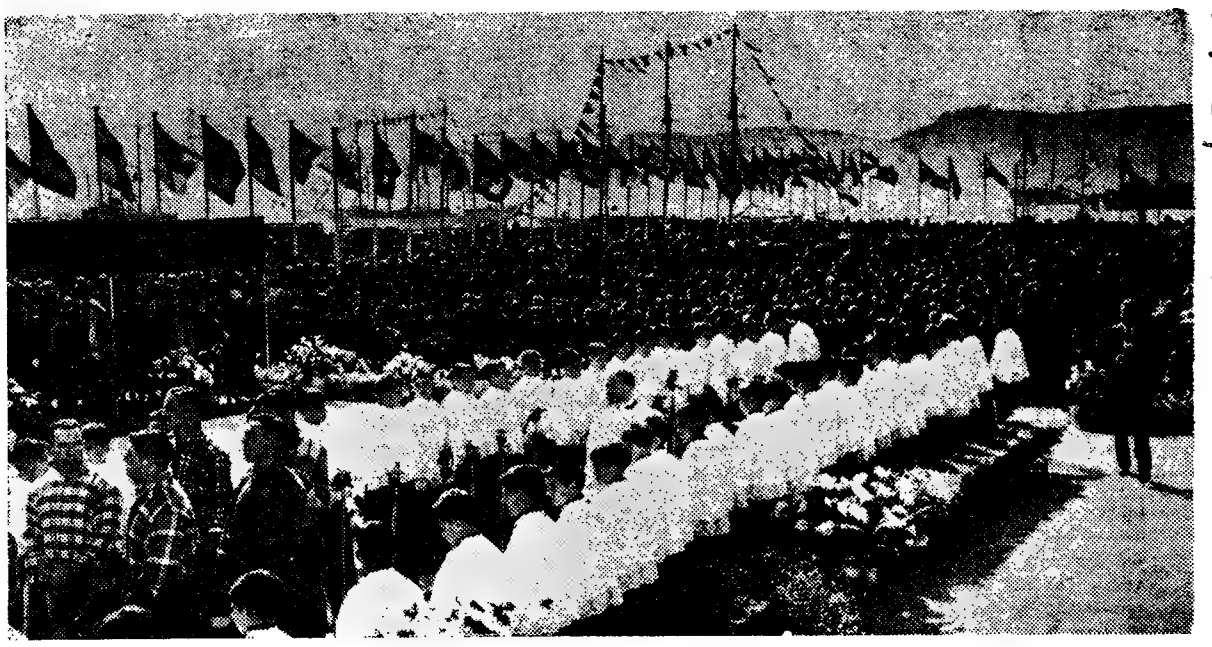
Descubramo-nos ante os eleitos! Reconheçamos que, se são apenas eles os ungidos é porque não lhes falta competência, técnica, talento e génio que os faz recolher, no Potosi da vida moderna, em pouco mais de 365 dias uma fortuna que os outros, miseravelmente, imbecis, idealistas chapados, ingénuos líricos não ganham a vida inteira, embora cumpram, rigorosamente, aquelas oito horas de trabalho do Gneco e do Fontana que cantava a mocidade socialista no princípio do século!

Vá de retro com tais recordações-

Já dizia Junqueiro que o Mundo se divide nos que jantam e são jantados.

Como vêem, a antropofagia na raça branca é um facto verificado.

JUVENAL



Tendo por fundo as bandeiras festivas dos lugres...

A bênção à frota bacalhoeira

(Continuação da 1.ª página)

ra terra os capitães e pescadores de todos os navios, aqueles fardados e estes equipados com suas camisolas e altas botas de borracha. Havia em todos os rostos uma expressão de confiança. As mulheres e os filhos rodeavam-nos. Eram as primeiras despedidas, pois alguns navios talvez larguem ainda esta tarde, outros sairão amanhã e quase todos os restantes partirão durante a semana.

O vasto recinto onde ia celebrar-se a missa aparecia demarcado por altos mastros, no topo dos quais flutuavam bandeiras. Ao fundo, próximo da linha férrea, erguia-se o altar—de muito feliz concepção—delineado e construido sob a direcção artística de Luís Rosa.

A partir das 10 horas, o terreiro era já um mar de gente que chegava de todos os lados. Armadores com suas famílias, funcionários dos organismos da pesca e das várias empresas e muitos outros convidados. As entidades oficiais principiaram a chegar pouco depois. Um serviço especial de Polícia promovia a arrumação de centenas de carros e encaminhavam as pessoas convidadas, consoante os seus cartões, para os locais que deveriam ocupar. Legionários da Brigada Naval cooperavam na organização da cerimónia, sob a direcção de graduados.

Recebia os convidados o sr. comandante Henrique Tenreiro, delegado do Governo junto dos organismos das pescas, acompanhado pelos srs. eng. Higino Queirós, Vasco d'Orey e comandante Raul Fernandes, respectivamente, presidentes da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, do conselho geral e da direcção do respectivo grémio. Estava também presente o sr. comandante Tavares de Almeida, chefe da assistência á frota do mar.

Foram chegando sucessivamente os srs. ministros da Marinha, da Economia e das Corporações; embaixador do Canadá, adidos navais espanhol, americano e brasileiro, chefe da missão militar americana, etc.

A Marinha de Guerra estava largamente representada: almirantes Nuno de Brion, Alves Leite, Filipe Castela e Francisco Fialho; comodoros Fernando Quintanilha, Lopes Alves, Pereira Viana e Duarte Silva; e muitos outros oficiais de todas as patentes, incluindo alguns capitães de portos e delegados marítimos, etc.

A chegada do Chefe do Estado

A's 11 horas, escoltado por um grupo de motociclistas, chegou o sr. Presidente da Republica. Chegara antes sua esposa.

Uma companhia de Marinha, com bandeira, fanfarra e a banda da Armada, prestava honras. Ouviram-se os acordes da «Portuguesa» e os marinheiros apresentaram armas. Finda a continência, os ministros e o comandante Henrique Tenreiro cumprimentaram o Chefe do Estado. Por seu turno, as esposas dos membros do Governo e a senhora de Tenreiro acompanharam a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes ao lugar que lhe estava destinado na tribuna.

O sr. Presidente da Republica, acompanhado pelo sr. almirante Américo Tomás, passou revista á guarda de honra e assistiu depois ao seu desfile, após o que se encaminhou para a tribuna. Toda a gente estava de pé.

Quando o chefe do Estado começou a atravessar o recinto, por entre alas de alunos da Escola de Pesca, a multidão tributou ao sr. general Craveiro Lopes uma prolongada salva de palmas. Entretanto, por detrás da tribuna, vieram postar-se as fanfarras do Corpo de Marinheiros da Armada e da Obra Social da Fragata «D. Fernando».

Momentos depois, em cortejo processional, formado por crianças vestidas de anjo, meninos de coro e bandeiras de todas as Casas dos Pescadores, entrou no recinto o sr. arcebispo de Mitilene, acompanhado pelos rev. dr. Honorato Monteiro, mestre de cerimónias da Sé, e Sá Rosa, capelão da frota bacalhoeira. Fez uma vénia ao Chefe do Estado, quando passou diante da tribuna, e depois paramentou-se para celebrar a missa, a qual começou imediatamente, explicada ao microfone pelo capelão Sá Rosa.

A saudação aos pescadores e a benção à frota

No momento próprio, o arcebispo de Mitilene dirigiu a palavra á assistência e, em especial aos pescadores. Começou por lembrar:

—Há precisamente vinte anos celebrou-se a primeira cerimónia da benção á frota bacalhoeira. Quero evocar, neste momento, dois nomes para sempre ligados a este acto de fé: o do sr. padre Cruz, que deu a primeira benção, e o do sr. D. Manuel Trindade Salgueiro. O sr. padre Cruz, já Deus o chamou; o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, que Deus o conserve por largos anos junto de nós!

Prosseguindo, o sr. D. Manuel dos Santos Rocha lembrou aos capitães e aos pescadores as suas obrigações para com eles próprios, para com os seus patrões, para com as suas famílias, para com a Pátria e para com Deus. Exaltou o significado e o valor da tradição daquela cerimónia e terminou a sua exortação aos pescadores com estas palavras:

—Vós podeis ver aqui reunidos, desde o Chefe do Estado ao mais humilde cidadão. E' a Pátria que reza pela vossa boa sorte e que vos deseja plena saude, feliz regresso e pescas abundantes. Boa viagem. Felicidades!

A missa prosseguiu e, no momento da Elevação, as fanfarras executaram a marcha de continência. O coro da Casa Pia fez-se ouvir em canticos de acompanhamento. As lavandas, estiveram os dois mais velhos capitães dafrota. Finda a cerimónia, o sr. arcebispo de Mitilene paramentou-se de mitra e báculo. Precedido da cruz e dos ciriais, caminhou alguns passos em direcção ao rio, onde a frota rebrilhava num maravilhoso matizado de bandeiras. Enquanto o capelão Sá Rosa fazia a invocação da protecção divina, o arcebispo lançou a bênção aos sessenta navios que vão partir. As sereias de todos silvaram então estridentemente, a assinalar o jubiloso momento. Rebocadores e gasolinas que passavam no local associaram-se ao ruidoso coro. Ao longe, estralejavam morteiros.

O sr. arcebispo dirigiu-se depois á tribuna onde cumprimentou o Chefe do Estado e os ministros. Aquele prelado, dando a direita ao sr. genral Craveiro Lopes, acompanhou-o depois até á saída. Antes de tomar o seu automóvel, o sr. Presidente da Republica manifestou ao prelado e ao sr. comandante Henrique Tenreiro—há vinte anos o grande impulsionador das pescas e de todas as suas manifestações—a excelente impressão que colhera da elevação e do brilho daquela cerimónia. Depois saíram os ministros e as restantes entidades enquanto a multidão se espalhava pela muralha a admirar o espectáculo surpreendente da frota bacalhoeira a aprestar-se para a larsidente do Conselho.

Uma conferência

nas Belas-Artes sobre problemas de habitação

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, continua hoje patente a exposição relativa a problemas de habitação, promovida pela Associação dos Inquilinos Lisbonenses e que se encerrará esta noite.

Às 21 horas, serão ali recebidos pelos corpos gerentes da A. I. L. e pela comissão executiva da exposição, os representantes das cooperativas portuguesas e bem assim os delegados da Sociedade A Voz do Operário.

Após a visita, fará a terceira e ultima conferência, subordinada ao título: «O problema da habitação e as soluções cooperativistas», o presidente da direcção da A. I. L., que por motivo de saude é forçado a substituir, para esse efeito, o presidente da anterior direcção, sr. Francisco Ferreira, a quem se deve a iniciativa da exposição.

ACORDA DE SÁVEL
FAMOSO PRATO REGIONAL
do RIBATEJANO de Salvaterra

Técnicos portugueses

numa reunião para estudo de problemas atómicos

No avião dos T. A. P. regressou a Lisboa a missão, presidida pelo sr. eng.º José Frederico Ulrich, presidente da Junta de Energia Nuclear e constituida por 13 engenheiros das Hidro-Eléctricas da Companhia Nacional de Electricidade, do Amoníaco Português, da Serepane e da C. U. F., que assistiram a uma importante reunião sobre energia nuclear, para dirigentes de empresas, promovida pela O. E. C. E., e que se realizou em Paris, com a participação de cerca de 400 delegados representando 11 nações. O sr. eng.º José Frederico Ulrich presidiu á 5.ª jornada de trabalhos.

OURO E PRATA
COMPRA E VENDE
AOS MELHORES PREÇOS
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

NEGRESCO
Angelo Pereira, contratou para o seu Restaurante um chefe de cozinha de grande classe que confecciona as melhores especialidades da industria.

Rowenta
MAQUINAS PARA FAZER CAFÉ

Contra todos os perigos e acidentes...
CORREIO
Companhia de Seguros Fidelidade
Largo do Corpo Santo, 13
Lisboa

VIDA

O m

de 500

Perante efectuou-se a comunhão ciais, sarge da, acto qu

Foi celeb Correia de pelão da A freguesia d foi dialoga cia, tendo padres Corr restrelo, re do Hospital la Naval.

Recebera sargentos aproximado mo muitas de ambos

Estiveram ms. ministr tés Alves Francisco oficiais.

Terminad tros do ten bandeiras, por senhor de confrate

no Hosp

Teve gra nhão pasca do Hospita tuada, por

Homen

que re

MAFRA, Por iniciat pes, presid pal deste c nhã, nesta gens ao B que, de ma «Quanza», da India.

A chegad do caminho marcada pa ras, as fo sembarcarã Prática de aguardadas disponíveis mandante respectivo Escola, qu alocução, mónia, um desfile das pelas ruas forças da taria, e um acção de g do batalhã

Plano

Socia

O sr. m visita amar do Sindica gados de E presidirá a serão trata cooperação execução Social e Co

BO

Homenage nel

O sr. ten Viana, com inspector d foi condeco Ordem da recções das beiros volu boa, Ajuda de Ourique -lhe a sati distinção, as insignia ra amanhã tel n.º 1 d de D. Carlo

Aproxima-s
«Visite a ade encont pelos mais b TAS, JOIAS
BARATEI RUA B

VIDA RELIGIOSA

O ministro da Marinha

assistiu na Sé à comunhão de 500 oficiais, sargentos e praças da Armada

Perante numerosa assistência, efectuou-se hoje, na Sé Patriarcal, a comunhão pascal colectiva de oficiais, sargentos e praças da Armada, acto que teve começo ás 8 e 30.

Foi celebrante o cónego D. José Correia de Sá (Asseca), antigo capelão da Armada e actual prior da freguesia de S. Domingos. A missa foi dialogada por toda a assistência, tendo dirigido as cerimónias os padres Correia da Cunha e João Perestrelo, respectivamente capelães do Hospital de Marinha e da Escola Naval.

Receberam a comunhão oficiais, sargentos e praças, em numero aproximado a quinhentos, assim como muitas pessoas de suas famílias de ambos os sexos.

Estiveram presentes ao acto os s.s. ministro da Marinha, almirantes Alves Leite, Filipe Catela e Francisco Fialho e muitos outros oficiais.

Terminada a cerimónia nos claustros do templo, ornamentados com bandeiras, foi oferecido e servido, por senhoras, um pequeno almoço de confraternização.

Missa campal no Hospital de Santa Maria

Teve grande cerimonial a comunhão pascal colectiva do pessoal do Hospital de Santa Maria, efectuada, por concessão especial do Patriarcado, em missa campal, na cerca do estabelecimento.

A cerimónia começou ás 9 horas e teve como oficiante o padre Orlando Ferreira, capelão do Hospital. Ao Ofertório, aproximaram-se do altar, fazendo a oferta do pão e do vinho, o administrador do Hospital, dr. Cariolano Ferreira, o director dos Serviços Clínicos prof. Freitas Simões e o chefe dos médicos dos referidos serviços, dr. Pedro Lisboa.

Estiveram presentes mais de seiscentas pessoas, vendo-se, em lugares especiais, as esposas dos ministros do Interior e dos Negócios Estrangeiros, director da Faculdade de Medicina e alguns professores.

Terminada a cerimónia, a assistência reuniu-se no refeitório, onde foi servido o pequeno almoço.

A procissão do Senhor dos Passos de S. Roque

Como nos anos anteriores, foi uma grande manifestação de fé a procissão, desta tarde, do Senhor dos Passos de S. Roque.

Durante o dia houve várias cerimónias liturgicas.

A hora marcada—15 e 30—, a procissão saiu da igreja, presidida pelo padre dr. Francisco Xavier Barreiro, reitor daquele templo, que conduzia o Santo Lenho e era acolitado por dois sacerdotes. O cortejo religioso abria com seis clarins da G. N. R., em cavalos brancos. Muitas dezenas de capas roxas ladeavam os «anjinhos» que conduziam os «martírios» e precediam o andor do Senhor dos Passos, lindamente ornamentado e tendo como guarda de honra soldados da G. N. R. Após o pálio, desfilaram os componentes da Irmandade do Senhor dos Passos de S. Roque, com o respectivo juiz, sr. Eugénio Marques de Almeida e Silva, as crianças dos asilos da Misericórdia, do Recolhimento de S. Pedro de Alcantara e do Asilo de Santa Catarina, e castelos da Mocidade Portuguesa, das freguesias da Encarnação, do Sacramento, de S. Paulo, etc.

A procissão, abrilhantada pela banda de musica das Oficinas de S. José, percorreu o itinerário dos anos anteriores; e no Largo do Carmo realizou-se a cerimónia do Encontro com a imagem de Nossa Senhora das Dores, que saíu da capela da Ordem Terceira do Carmo.

Percorridas mais algumas artérias, o préstito recolheu ao templo, onde houve sermão e «miserere», por instrumental. Um coro misto cantou os Passos, á saída e á entrada da procissão que foi dirigida pelo sr. João Julio Pereira, procurador geral da Irmandade de S. Roque e presenciada por milhares de fieis.

Outras procissões

Em honra do Senhor dos Passos, realizaram-se, também, esta tarde, concorridas procissões, acompanhadas por bandas de musica e por muito povo, em Carnide, na Costa da Caparica, em Palmela e em Tavira.

Exposição do Santo Sudário

A exposição documental do Santo Sudário de Turim, promovida pelas Escolas Profissionais Salesianas (Oficinas de São José) que, ontem á tarde, foi inaugurada no Palácio da Independência, no Largo de S. Domingos, estará aberta, durante 15 dias, das 10 ás 13 e das 15 ás 22.

Homenagem às tropas

que regressam da India

MAFRA, 7.—(Pelo telefone).—Por iniciativa do capitão João Lopes, presidente da Camara Municipal deste concelho, realizam-se amanhã, nesta vila, diversas homenagens ao Batalhão Vasco da Gama que, de manhã, chega, no paquete «Quanza», de regresso do Estado da India.

A chegada do batalhão á estação do caminho de ferro de Mafra está marcada para as 10 e 20. Ás 11 horas, as forças expedicionárias desembarcarão no Estádio da Escola Prática de Infantaria, onde serão aguardadas por todos os elementos disponíveis daquela unidade. O comandante do batalhão entregará o respectivo guião ao comandante da Escola, que proferirá uma breve alocução, seguindo-se a esta cerimónia, uma largada de pombos, o desfile das forças expedicionárias pelas ruas da vila, entre alas de forças da Escola Prática de Infantaria, e uma missa, na Basílica, em acção de graças pelo feliz regresso do batalhão.

Plano de Formação

Social e Corporativa

O sr. ministro das Corporações visita amanhã, ás 10 horas, a sede do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório de Lisboa, onde presidirá a uma reunião em que serão tratados assuntos relativos á cooperação daquele organismo na execução do Plano de Formação Social e Corporativa.

BOMBEIROS

Homenagem ao tenente coronel Ribeiro Viana

O sr. tenente-coronel Luís Ribeiro Viana, comandante do B. S. B. e inspector de incêndios da Zona Sul, foi condecorado com a comenda da Ordem da Instrução Publica. As direcções das quatro secções de bombeiros voluntários da capital (Lisboa, Ajuda, Lisbonenses e Campo de Ourique) querendo testemunhar-lhe a satisfação que lhes deu tal distinção, deliberaram oferecer-lhe as insignias, acto esse marcado para amanhã, ás 14 horas, no quartel n.º 1 do B. S. B., na Avenida de D. Carlos I.

Aproxima-se a Festa da Páscoa

«Visite a nossa exposição permanente onde encontra os mais ricos presentes pelos mais baixos preços. OURO, PRATAS, JOIAS E RELÓGIOS.

BARATEIRO DE S. DOMINGOS
RUA BARROS QUEIRÓS, 56

Jennifer Jones

e o marido estão em «lua-de-mel» e visitaram Lisboa em meia hora

A actriz esconde-se atrás do potentado. Ele é David Oliver Selznick, o «campeão dos campeões dos produtores». Ela Jennifer Jones, a candida de «A canção de Bernardette» e a sensual de «Duelo ao Sol». Estão casados e regressam de Roma, onde filmam «Adeus ás armas», segundo a novela de Hermingway.

Os momentos — curtíssimos — de que dispunha o jornalista foram ocupados, primeiro, em inquirir da razão da viagem.

—Seguimos para os Estados Unidos. A minha mãe está gravemente doente... O coração...

E David Selznick apontou para o seu coração. O «reporter» aproveita uma pausa para saudar Jennifer Jones, que lhe sorri e confirma a razão da viagem. O jornalista pergunta-lhe se voltará a Itália para filmar «Adeus ás armas». Jennifer Jones fita o marido, sorri e não responde...

O «campeão» dos produtores e sua mulher, a doce Jennifer Jones, percorreram a cidade em meia hora: estiveram no miradouro do Monte, em Alfama, no Terreiro do Paço, no Parque Eduardo VII e no bairro de Alvalade. E gostaram.

Morreu o decano

dos bombeiros voluntários

Com 75 anos, faleceu o sr. Carlos Severino Creswell decano dos Bombeiros Voluntários de Lisboa e figura muito conceituada nos meios que lhe estão afectos. Alistou-se, em 1903, no corpo activo dos Voluntários da Ajuda, no tempo do Infante D. Afonso, e, durante 25 anos, ali prestou assinaláveis serviços, cobrindo-se de louvores em muitos grandes incêndios ocorridos em Lisboa, como o das Encomendas Postais, no Depósito de Fardamentos, etc. Era condecorado com as mais altas distinções de filantropia, coragem e dedicação e pertencia actualmente ao quadro honorário dos Voluntários da Ajuda. Deixa viuva a sr.ª D. Maria José Creswell e era pai da sr.ª D. Mariete Garcia Creswell e do sr. Carlos Garcia Creswell.

O funeral sai amanhã, ás 11 horas, da igreja de Nossa Senhora de Fátima, para o talhão privativo dos voluntários, no cemitério Oriental.

Trata do funeral a Agência Magno, da Avenida Almirante Reis.

Um parecer sobre subsídios

do Montepio Oficial

O conselho consultivo da Procuradoria-Geral da Republica votou um parecer que concluí assim:

«O direito de subsídio concedido pelo artigo 1.º do decreto-lei n.º 40.627, de 1 de Junho de 1956, não é prejudicado pelo facto de o oficial que, por motivo de idade, não pôde ingressar no Montepio Oficial, quando promovido ao primeiro posto dessa categoria, ter tido posteriormente a possibilidade de se inscrever nessa instituição com efeitos retroactivos, designadamente nos termos do artigo 89.º do estatuto aprovado pelo decreto n.º 11.394, de 13 de Janeiro de 1926».

Urbano Tavares Rodrigues

RIO DE JANEIRO, 7.—«Urbano Tavares Rodrigues é o ultimo grande nome da novela portuguesa» — escreve, no «Jornal do Brasil», Josué Montello, a propósito do ultimo volume do escritor português. Acrescenta: «Urbano Tavares Rodrigues é um devassador dos mistérios da consciência e sabe explicá-los com o seu ágil talento verbal, que tem a novidade da palavra justa».—(A. N. I.).

Rowenta
ISQUEIROS "SNIP"
COM GARANTIA

O problema da habitação

(Continuação da 1.ª página)

e simplicidade. Enquanto não surge, porém, esse resultado tão desejado, não será descabido que estudiosos investigadores ou mesmo curiosos do assunto, que não tendo ou esquecendo situações e casos particulares, através de pequenos estudos projectem alguma luz em muitos pontos habitualmente deixados na sombra, tornando assim mais claro o caminho a percorrer para a realização de obra de tal envergadura.

As cartas que os directores dos jornais vêm recebendo sobre o assunto, na maioria dos casos, elucidam-nos apenas sobre os problemas habitacionais e pessoais dos seus assinantes, não podendo assim constituir pròpriamente uma contribuição para o estudo do problema da habitação urbana, por se encontrarem quase sempre estreitamente limitados por excessiva parcialidade. As pequenas notas que se seguem, tendo a unica qualidade de não serem nem de inquilino descontente ou de proprietário candidato a usar da lei 2.030, nem de construtor ou demolidor, deverão ser tomadas como muito modestas observações para o estudo, que outros mais competentes farão, dos problemas da habitação em Lisboa.

Quando em qualquer cidade como a nossa, em pleno crescimento, sem limitações topográficas para três orientações, de reduzida área comparada com qualquer grande capital, se verificar que é económicamente possível *demolir uma propriedade que se encontra em perfeito estado, indemnizar os seus locatários, e construir outra sensivelmente do mesmo volume alugando-a ou vendendo-a com lucro*, quando isto for possível é que certamente alguma coisa está fundamentalmente errada e importa procurar as verdadeiras origens do mal.

É cómodo e simples, mas não parece justo, atribuir á lei 2.030 a exclusiva responsabilidade destes estranhos negócios de que resulta o diluvio de caliça de tanta casa demolida, que em inumeros casos equivale ao desaparecimento de construções de grande interesse estético, com grande prejuizo para o património desta cidade e que mais tarde será lamentado, se houver então uma geração de educação artistica mais cuidada.

Supor que suprimindo a lei 2.030 ou que modificando-a se resolvem os problemas em questão é mais ingenuidade do que optimismo.

Como se explica, por exemplo, que adquirir um pequeno palácio com seu logradoiro e demoli-lo depois de despejar e indemnizar os seus ocupantes, seja mais barato do que adquirir um terreno de igual metragem posto a concurso em zona equivalente?

Poder-se-á resumidamente localizar três grandes males que talvez por si só são capazes de conduzir a estas anormais situações.

1.º A urbanização de terrenos livres e sua oferta *não se faz no ritmo equivalente* ás necessidades habitacionais da cidade.

Impõe-se uma urbanização prática e real apresentando terrenos para venda, *prontos para a construção* com arruamentos pavimentados e iluminados, com transportes assegurados aos seus futuros moradores e em escala proporcionada ao potencial construtivo e procura de habitação.

2.º A obstinação de não querer actualizar progressivamente rendas antigas ridiculas torna quase todas as velhas propriedades de exploração deficitária, económicamente indesejáveis, reduzindo-as apenas a valor de simples terreno mesmo tratando-se de boas construções e bem conservadas. Impõe-se o reconhecimento de que essas propriedades devem dar, aos seus proprietários o rendimento compativel por forma a ser possível mantê-las de preferência a demoli-las.

3.º As novas rendas atingem preços tão altos que tornam possíveis dispendiosas demolições.. indemnizações e reconstruções.

Impõe-se a evolução dos processos até hoje usados na orientação económica da construção e aplicação do capital na propriedade, eliminando progressivamente hábitos enraizados que encarecem desnecessáriamente as rendas modernas.

A lei 2.030 apenas visou remediar,, e remédio não é cura, a carência de habitação, promovendo o melhor aproveitamento de áreas de construção antigas de má economia. Que isto incomodou muita gente é natural, que desapareceu muita construção interessante também é certo, mas que não é a lei a verdadeira culpada o demonstram muitas propriedades antigas que, mercê do acaso ou da boa vontade e inteligência dos seus locatários em actualizar as suas rendas, se mantêm económicamente saudáveis e de pé.

Ora a verdade é que:

a) se a Camara Municipal, detentora do ceptro urbanistico, puder ou quiser bizarramente lançar no mercado lotes de terrenos em numero proporcional ás necessidades e possibilidades de compradores e ao preço base estritamente calculado para a sua (da Camara) sã economia.

b) se se actualizarem progressivamente as rendas antigas.

c) se se legislar para o futuro a normal actualização de rendas, estabelecendo por exemplo a legalidade de arrendamento por prazos determinados e convencionados pelas partes interessadas a fim de evitar que as rendas modernas de hoje venham daqui a 30 anos a provocar as situações que as de há 30 anos agora provocam;

d) se se procurar baixar as rendas actuais — será então possível que a lei 2.030 caia no esquecimento, que os prédios passem a ser demolidos apenas por razões de segurança ou higiene e haja, enfim, uma salutar acalmia e bom equilibrio nas relações de inquilinos, senhorios, construtores e de todos estes senhores com a Camara e com as leis.

E que se poderá fazer para a diminuição das rendas modernas?

Se na aplicação de capitais na propriedade nova houvesse lógica e espírito de defesa dos próprios interesses, as rendas poderiam vir a ser tão baixas quanto o custo da construção o permitisse. Generalizando-se as compras de terrenos feitas pelos futuros proprietários e por preços menos espectaculares (originados geralmente no nervosismo da competição), reduzindo o construtor ao seu verdadeiro papel que não é certamente o de negociante, fiscalizada a obra pelo interessado proprietário e não apenas por serviços burocráticos, abolidos o intermediário, os excessos hipotecários (que agravam a construção por vezes desde a abertura dos caboucos) e tendo toda a propriedade sido concebida e estudada desde a compra do terreno para dar o melhor juro ao capital com as rendas ao melhor preço de concorrência, certamente então teríamos rendas o mais baixas possível.

O nível da qualidade da construção, tanto técnica como estéticamente, teria de subir também porque constituiria uma melhor defesa do capital empregado.

Enquanto o acto de construir for essencialmente como até hoje um negócio de venda de propriedades, lógico é de concluir que ele é interessante na razão directa do agravamento das rendas e na inversa da qualidade da construção.

Não é de hoje para amanhã que se evolui de costumes rotineiros, leis e conceitos obsoletos e hábitos de parcialidade, mas se nos temos curado nestas ultimas décadas de tantos defeitos, não há razão para desesperar de ver um dia destes, a lógica, a lei e a boa educação, sàbiamente meter no bom caminho o que até hoje tem andado perdido por maus atalhos.

EMILIO LINO

II Concurso de Foquins

e do Trajo da Nazaré

NAZARÉ, 7. — No domingo de Páscoa, esta típica vila estará em festa por motivo do II Concurso de Foquins e do Trajo da Nazaré, organizado com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo. Os pescadores e as mulheres da Nazaré terão então oportunidade de mostrar como se veste a mais típica praia portuguesa. Foram instituídos prémios de muito valor.

Recordando um conviva da festa do "Diário de Lisboa"

Por ROGÉRIO PEREZ

À festa do aniversário do «Diário de Lisboa» assistiu, há precisamente trinta anos, um toureiro que pelo nosso jornal tinha particular devoção, D. Antonio Cañero. Em 1925 convidara quem estas linhas escreve para o seu «compañero de fatigas»—como ele dizia—nas corridas que como rojoneador havia de tourear em Espanha, em França e em Marrocos. O «Diário de Lisboa» autorizou a ausência que durou quase até 1928, e Antonio Cañero ficou assim ligado ao jornal porque ele foi a figura destacada das crónicas que daquelas corridas publicávamos.

Recebiamos o «Diário de Lisboa» em Cordoba-la-Viega, onde nos instalámos, a poucos quilómetros da cidade, aonde íamos diáriamente.

Escreviamos também de temas e figuras cordovesas, e conservamos cartas em que o alcaide, então D. José Cruz Conde, nos agradecia o interesse que tomáramos pela cidade, e também pelo pintor Julio Romero de Torres pelo que escreveramos dos seus quadros.

Cordova começava a transformar-se por obra e graça de D. José Cruz Conde, e a Avenida do Gran Capitan, era um terreiro para onde, nas noites de Verão, eram levadas as cadeiras do Clube Guerrita, da vizinha «Calle de Gondomar». Ali ouvimos muitas noites a Rafael Guerra recordar os seus amigos portugueses, que «Machaquito» recordava também no Círculo de Lavradores, e á tertulia assistiam velhos «Lagartijistas», toureiros antigos como «El Bebe» e «Conejito», e outros mais modernos, como «Camará» que ainda não suspeitava que apareceria «Manolete», o continuador de Rafael Molina.

«Guerrita», que negara Belmonte, mantinha a saudade que lhe deixara «Joselito», apesar de alguns velhos cordoveses, como D. Rafael Barrionuevo, dizerem que o filho do «señor» Fernando fora melhor toureiro que Rafael Guerra, o que lhe feria o orgulho indomável.

De Cañero foi «Guerrita» amigo e partidário, e para o clube ia sempre o nosso primeiro telegrama das corridas, até que um dia, porque lha arrebatámos a concessão da praça de touros, pôs o veto ao rojoneador.

Passou então a comentar com acritude as notícias que de Cañero enviávamos ao clube; mas, o cordovesismo foi mais forte que a birra e, numa noite em que regressávamos de Madrid, onde «Guerrita» presidira a uma corrida em que o seu paisano triunfara, acercou-se da nossa mesa, no restaurante do comboio, e soltou este elogio:

—De Cordoba tenias que ser, Antonio!

Depois voltaram a ser amigos, a passearem com os cavalos na Feira de Cordova, e a passar «Guerrita» por Cordoba-la-Viega quando ia para a sua «finca», vizinha daquela e da de «Machaquito».

* * *

Muitas vezes Cañero nos acompanhou nas visitas a Lisboa, onde ele deixou grandes amigos no «Diário de Lisboa», especialmente o nosso inolvidável e bom Pedro Bordallo Pinheiro, e os seus antigos companheiros dos concursos hípicos Fernando Silveira Ramos e Delfim Maya, e amigos mais recentes, como os lavradores António Miguel de Sousa Fernaindes, Emílio e José Infante da Camara e Samuel Santos Jorge. Bons aficionados portugueses prestaram justiça a Antonio Cañero como rojoneador, que nunca dissémos ser melhor ou pior que os nossos cavaleiros, pela razão simples de que era diferente. E a diferença a partir da monta dos cavalos, foi bem posta pelo melhor aficionado português que conhecemos, o sr. Artur Teles, no «Livro de Cañero», em que reunimos opiniões destacadas.

Foi ao sr. Artur Teles que um dia perguntou João Nuncio, o primeiro que em Portugal bandarilhou a duas mãos, se esta sorte tinha mérito. Que sim—respondeu—porque vencer a dificuldade é mérito—mas o seu criador fora um mexicano desordenado, Ponciano Diaz. Sem perda de admiração por Simão da Veiga, que em Espanha triunfou com tal sorte, recordarei que a alguém que perguntava porque a não praticava também, respondeu Cañero apontando nas paredes do picadeiro do duque de Veragua esta legenda:

Cañero passeando a par com «Guerrita» na Feira de Cordova

—En la guerra, como en la paz, la mano derecha es la del arma, y la izquierda de la rienda.

* * *

Opiniões notáveis recolhemos então. No «Livro de Cañero», com prologo de Tomás Borrás escrevendo que, ao fazer-se o balanço, ao lado de «Joselito» e de Belmonte ficará Cañero como rojoneador.

Eugenio d'Ors escreveu: «Bendito seja Deus, que me permitiu que o ultimo Verão abrisse e fechasse para mim com dois espectáculos de beleza excepcional. Quando o Verão ia nascer vi em Sevilha como Antonio Cañero, «caballero en plaza», rojoneava um touro. Quando o Verão ia morrer., em Salzburgo vi como Max Pellemberg representava «Le malade imaginaire» no castelo de Leopoldskron. Não sei escolher o valor das duas recordações, e isto diz claro do mérito que atribuo a cada».

«La Goya», outra grande amiga do «Diário de Lisboa», escreveu: «Para os que nos horroriza a crueldade com os animais, Cañero é, tanto como o artista iminente que todos aclamam, o salvador do cavalo na festa taurina».

«Cañero representa, como ninguém, a mais pura e ilustre tradição» — escreveu o poeta Manuel Machado; e Ramon Gomez de la Serna: «Creio firmemente que a aparição de Cañero em Espanha marca uma nova época na tauromaquia».

E os próprios toureiros fizeram o elogio de Cañero, como «Machaquito», dizendo: «Nunca vi outro mais valente para o cavalo e para o touro». E «Bombita»: «Parecia-me impossível que se pudesse tourear a cavalo como Antonio Cañero o faz».

Enfim, seja-nos perdoada neste dia a recordação do «compañero de fatigas» que, há trinta anos, precisamente, assistiu á festa do «Diário de Lisboa», e que vive na nossa memória como amigo inesquecível.

A55

O MAIS RECENTE «CAMBRIDGE-SALOON» MANTÉM O SEU NOME PORQUE ESTÁ LIGADO, COMO O A-50, À TRADIÇÃO, CORRENTE EM TODO O MUNDO, DE SER O MAIS ECONÓMICO CARRO FAMILIAR

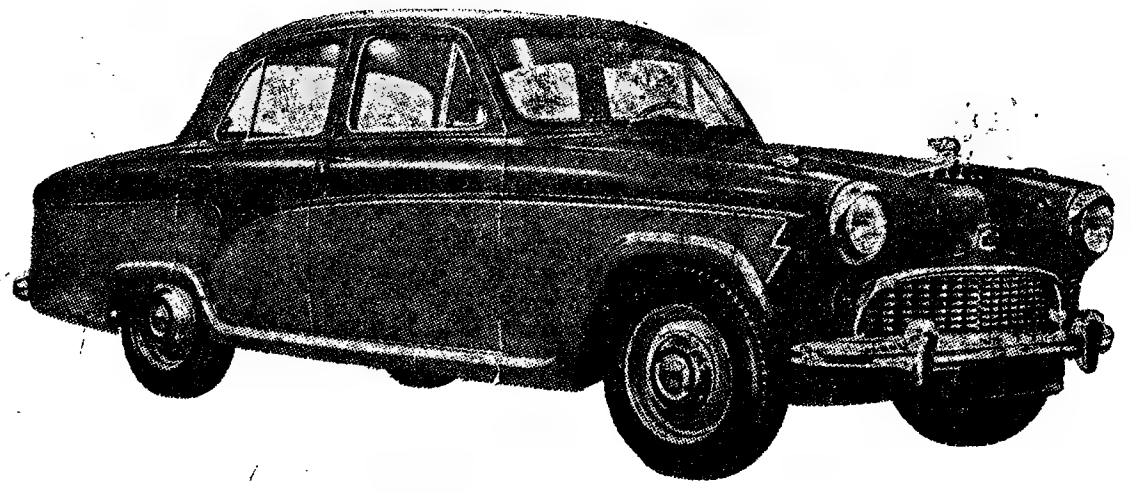
MOTOR DE 1489 CC ★ VÁLVULAS À CABEÇA ★ VOLANTE DE SEGURANÇA ★ ECONOMIA ★ PODER ★ CONFORTO ★ ESTILO ELEGANTE PORTA-BAGAGENS MUITO ESPAÇOSO

EIS ALGUMAS CARACTERÍSTICAS QUE DÃO AO A-55 UMA CATEGORIA INVULGAR DENTRO DO SEU PREÇO

Cambridge

AUSTIN

ACRESCENTA MAIS UM MODELO À SUA LONGA SÉRIE DE AUTOMÓVEIS DE TURISMO



Distribuidores gerais: J. J. GONÇALVES, Sucrs. ★ LISBOA ★ ÉVORA ★ PORTO ★ AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

«Renascença Gráfica»

S. A. R. L.

Exercício de 1956

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Antes de apresentar-vos o resultado da gerência de 1956, cumpre-nos prestar a homenagem comovida da nossa maior saudade á memória do Dr. Joaquim Manso, mestre e guia incomparável, que dirigiu o «Diário de Lisboa» desde o seu primeiro numero, e que durante 36 anos, ininterruptamente, nobilitou este jornal com o fulgor da sua pena e com o aprumo e a dignidade da sua orientação.

A personalidade do Dr. Joaquim Manso, tão rica de valores espirituais, entrou já na história da literatura e do jornalismo em Portugal.

Mas em todos os que puderam, como nós, apreciar de perto os primores do seu carácter e a grandeza da sua alma, perdurará a lembrança enternecida do companheiro leal e do chefe esclarecido, que perdemos.

De harmonia com os nossos estatutos, após o falecimento do Dr. Joaquim Manso passou á efectividade o vogal substituto do Conselho de Administração, sr. Eng.º Pedro Manso Lefévre, e assumiu á direcção definitiva do «Diário de Lisboa» o Sr. Dr. Norberto Lopes, que desde há anos exercia o cargo de director-adjunto.

Ficou, assim, bem garantida a continuidade na vida da nossa empresa.

Outra perda sofremos também em Agosto de 1956 com a morte de Manuel Augusto Gomes da Costa, empregado exemplar, que por seus merecimentos ascendeu a chefe da secção de publicidade, e cujo desaparecimento prematuro fundamente nos sensibilizou.

Continuamos reconhecidos ao nosso digno Conselho Fiscal pela sua valiosa cooperação; e, como sempre, é de justiça pôr em relevo a dedicação e o zelo sobejamente demonstrados pelo nosso pessoal, desde o mais categorizado até ao mais modesto.

No que respeita ao resultado da gerência, os numeros falam por nós.

A conta de Ganhos e Perdas apresenta um saldo de Esc. 38.432$81, ao qual propomos se dê a seguinte aplicação:

5% para Fundo de reserva	1.921$64
10% para Fundo para Aquisição de Acções...	3.843$28
6% Percentagem ao Conselho de Administração	2.305$96
3% Percentagem ao Conselho Fiscal	1.152$98
Dividendos	22.000$00
Reserva para Renovação de Material e Máquinas...	6.883$58
A conta nova	325$37

Lisboa, 4 de Março de 1957.

O Conselho de Administração

(aa) *Dr. João Ruella Ramos*
Dr. Guilherme Pereira da Rosa
Eng.º Pedro Manso Lefévre

BALANÇO GERAL

Activo

Acessórios e Tipo ...	18.000$00
Armazéns Gerais... ...	732.956$55
Caixa	40.574$16
Cobranças Duvidosas	20.826$20
Depósitos em Bancos	39.656$82
Devedores Gerais ...	1.043.390$77
Edificios e Propriedades...	35.000$00
Máquinas...	250.000$00
Móveis e Utensilios ..	15.000$00
Valores á Cobrança...	1.207.506$34
	3.402.910$84

Passivo

Capital...	200.000$00
Credores Gerais	2.390.197$26
Fundo para aquisição de Acções	116.705$20
Fundo de Reserva ...	63.352$58
Reserva para Cobranças Duvidosas	20.826$20
Ganhos e Perdas:	
Saldo de 1955... ...	720$62
do Exercício	37.712$19
Reserva p.ª Renovação de Material e Máquinas	573.396$79
	3.402.910$84

Conta de GANHOS E PERDAS

Saldo da conta EDIÇÕES..	—$—	708.761$26
Idem JUROS e DESCONTOS	—$—	1.574$30
Idem GASTOS GERAIS	229.406$80	—$—
Idem CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS ...	189.565$50	—$—
Idem ENCARGOS CORPORATIVOS....	253.651$07	—$—
Ganhos e Perdas:		
Saldo de 1955	—$—	720$62
Saldo desta conta	38.432$81	—$—
	711.056$18	711.056$18

O Guarda-Livros
(a) *Mário da Silva Pereira*

O Conselho de Administração
(aa) *Dr. João Ruella Ramos*
Dr. Guilherme Pereira da Rosa
Eng.º Pedro Manso Lefévre

Parecer do CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

O Conselho Fiscal associa-se ás expressões justissimas de sentimento do Conselho de Administração pela morte do inolvidável fundador e Director do «Diário de Lisboa», escritor e jornalista de talento e mérito excepcionais, que imprimiu a este jornal a sua feição inconfundivel e dele fez um poderoso instrumento de cultura e de progresso do nosso País.

Deseja também este Conselho Fiscal saudar o novo administrador, Pedro Manso Lefévre, nome muito apreciado e respeitado nos meios cientificos nacionais, e que certamente será um magnifico elemento de trabalho na «Renascença Gráfica».

No desempenho das nossas funções verificámos as contas e os valores da sociedade, e tudo encontrámos em boa ordem.

Somos, portanto, de

PARECER

1.º Que aprovem o Relatório, o Balanço e as Contas apresentados pelo Conselho de Administração, dando-se aos lucros apurados a aplicação que ele propõe;

2.º Que se louve o mesmo Conselho e todo o pessoal pelo seu zelo e dedicação;

3.º Que na acta se consigne um voto de profundissimo pesar pelo falecimento do Dr. Joaquim Manso e de Manuel Augusto Gomes da Costa.

Lisboa, 6 de Março de 1957.

O CONSELHO FISCAL
(aa) *Dr. João de Barros*
Dr. Manuel Barbosa
Cap. Felisberto Tavares

A acção da Polícia de Trânsito

na vigilância das estradas

(Continuação da 14.ª página)

res, as irreparáveis. Não será a multa que interessa; é a advertência a tempo, mandando parar o transgressor, fazendo-lhe ver o perigo. Tantas advertências e ensinamentos se hão-de fazer, ficando registados no documento do motorista, arquivado na P. V. T. que, ao ser um dia punido com maior rigor, estará justificada a apreensão da carta ou mesmo a proibição de guiar. A distracção do condutor, conversando com quem vai a seu lado — e se for a namorada pior! — tem de ser reprimida a valer; pois num abrir e fechar de olhos aparecem os casos mais graves nas estradas. Os peões, os animais em rebanhos, os ciclistas que não caminham na sua mão, as crianças que atravessam sem precauções, transformam-se em perigos constantes para o «volante»; e, então, é nestas circunstancias, como medida preventiva, que se pode e deve fazer o uso das buzinas, dando sinal da aproximação e não sobre o transeunte, ou junto de hospitais e casas de saude.

Não esqueçam todas as autoridades da P. V. T., G. N. R. e P. M. os seus maiores inimigos, que são aqueles que por sinais, cometem o crime de *avisar os colegas motoristas da vossa aproximação;* com esses seja-se implacável e dessa participação é bem que resulte maior punição por encobridores, por invasão e perturbação nos serviços da autoridade.

O pau numa mão
e o pão na outra

Mas não é só punir; falemos nos socorros a tempo.

Foi o deputado dr. Urgel Horta que, na Assembleia Nacional, abordou este problema nefasto dos acidentes, certamente com a força moral que lhe vem da sua profissão de médico.

Tem Sua Excelência razão em dizer que não se observará necessidade e perfeita utilidade, bem definida, com os ensinamentos que os agentes foram obter nos hospitais para poderem prestar os primeiros socorros ás vitimas de acidentes nas estradas. Julgo, como o sr. deputado, que há urgente necessidade de preparar enfermeiros competentes, pois sómente das suas mãos se poderão obter os primeiros socorros com beneficio para o prosseguimento de outros trabalhos que aos médicos competem.

Cada um na sua função: Os agentes, nas suas missões de observar, indagar, evitar que se destruam os sinais de culpabilidade e concretizar responsabilidades; e o pessoal devidamente especializado para tratar dos feridos, deverá, a tempo e horas, socorrê-los e tomar as decisões convenientes para salvar vidas, tanto melhor e mais depressa quanto melhor for esse pessoal e os meios para tal fim.

Todas as nossas Policias deviam ter visto os bons filmes que sobre este assunto alguns cinemas têm exibido. Vi, há dias, um deles, formidável de organização, sobre a Polícia americana. Não poderemos ter coisa igual; mas, ao menos, um minimo para se salvarem as vidas em perigo nos acidentes de viação nas estradas.

Seria exigência demasiada pedir, por exemplo, que em certos postos da Polícia de Transito, dos mais afastados das cidades, haja carros de socorros, autos-ambulancias, semelhantes ás americanas ou inglesas, que levam ao local do sinistro o médico e o enfermeiro, apetrechados com o minimo de elementos para salvar vidas e auxiliar a autoridade?

Num pequeno laboratório se averigua imediatamente da culpábilidade do condutor se á autoridade surge a suspeita do estado de anormalidade em que viajava; e os feridos recebem ali mesmo, desde logo, os primeiros tratamentos.

A Direcção Geral dos Serviços de Viação, com os seus técnicos, estudará certamente este problema, bem como o das rápidas comunicações e ligações entre as patrulhas, pessoal de fiscalização e os Postos da P. V. T. com os seus carros de socorros.

Nas cidades, estão simplificados os serviços com o transporte rápido, no primeiro carro que aparece, dos feridos para o Banco do hospital, serviços esses que já nos não envergonham perante estrangeiros.

Não serão tanto para desejar, segundo o que se lê também do que disse na Assembleia Nacional o sr. dr. Cid dos Santos. Mas enfim, no Banco do Hospital de S. José, tenho eu visto quanto se trabalha de dia e de noite!

Existe um aspecto melindroso sobre este problema de salvamento e transporte de feridos que não quero deixar de apresentar para ser explicado.

Dizem-me que uma pessoa, se encontrar um ferido na estrada, sem testemunhas, e que por humanidade se dispõe a transportá-lo no seu carro ao Banco do hospital mais próximo, fica detido pela autoridade até averiguações de culpabilidade no acidente que teria causado o ferimento. Será assim? Mas então, conhecido esse procedimento, não haverá quem, voluntáriamente, se prontifique a socorrer qualquer ferido, esteja ou não em perigo de vida!

Não bastaria determinar ao condutor do carro que transportou o sinistrado que deixe todas as declarações á Polícia, identificando-se bem, para ser procurado se for necessário? Se essa pessoa é demorada, não se lhe consentindo continuar a sua vida, até que a autoridade tenha confirmações que são dificeis, temos um aspecto perfeitamente injusto, se há da parte da pessoa com sentimentos humanitários o desejo de não mais repetir aquele seu acto: mas que, até certo ponto, se justifica pela desconfiança em que se coloca, desde logo, aquela sua espontanea e louvável acção.

Cap. SALGUEIRO REGO

«FIAMBRE ISIDORO»

O preferido pelos bons apreciadores

PREPARADO POR

Isidoro M. de Oliveira & C.ª (Irmãos)

FÁBRICA EM MONTIJO

SEDE EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 136

Telefs.: 21906 – 27064 – 27075

PORTUGAL

Telefones 20066/9 e 21331/2

G.Mt GRAHAM J.OR & C.A

Rua dos Fanqueiros, 7 — Lisboa

*

FÁBRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA

Tojal — Loures

*

Papeis e Cartolinas — Papeis parafinados — Papeis Gomados — Sacos de papel Multi-folhas e Saquetas

*

Rua dos Clerigos, 6 — Porto

Telefones 26961/2

VINHOS DE COLARES

V. S.

VISCONDE DE SALREU

GRANDES CAVES EM COLARES

O MELHOR ENTRE OS MELHORES

AZEITES finíssimos para consumo e exportação

VINHOS VERDES DA MARCA

—— «CASAL DA SEARA» ——

XXX

D. J. SILVA, LDA.

RUA BARATA SALGUEIRO, 15-1.º — LISBOA

Telefone 47154

ARTIGOS DE FANTASIA PARA BRINDES, LOUÇAS E VIDROS - AÇOS INOXIDAVEIS

SORTIMENTO DE ARTIGOS DE MÉNAGE, FRIGORIFICOS, SORVETEIRAS, FOGÕES DE AQUECIMENTO, ETC.

CASA DAS UTILIDADES

FUNDADA EM 1936

54, RUA IVENS **TELEFONE 28612** **LISBOA**

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

S. A. R. L.

Capital realizado : Esc. 200.000.000$00
Reservas : Esc. 110.000.000$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

FILIAIS : **Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.**

AGÊNCIAS : **Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.**

DEPENDÊNCIAS URBANAS :

LISBOA

Alcantara, Almirante Reis, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha, Praça de Londres e Belém

PORTO

Carvalhido, Costa Cabral e Matosinhos.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

EMPRESA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PESCA

S. A. R. L.

(PESCAL)

FROTA

Arrastão «PÁDUA»	17.000 quintais
Arrastão «ÁGUAS SANTAS»	19.000 quintais
Lugre-motor «MARIA das FLORES»	10.000 quintais
Navio-motor «LOUSADO»	18.000 quintais

ESCRITÓRIOS : **RUA DO COMÉRCIO, 8 LISBOA**

SEDE E SECADOURO : **ALCOCHETE** **TELEFONE 125**

TELEFONES : 20055 — 28840 — 23688

EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS, L.DA

Rua da Cascalheira, 33 — (ALCANTARA) — LISBOA — Telefone **638008**

FÁBRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO TIPO-LITOGRÁFICAS, VERNIZES e MASSAS PARA ROLOS

DROGARIA

Marchal, L.da

20-A—Rua dos Bacalhoeiros
Telefone 25497

Vernizes, alvaiades, ácidos nítricos comerciais e puros Perfumarias, hervanária, etc.

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açucar em Luabo e Marromeu

(Provincia de Moçambique)

*

Delegação: Avenida da India, 8 — LISBOA

Estaleiros Navais de Viana do Castelo

S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL REALIZA DO: ESC. 37.250.000$00

SEDE: VIANA DO CASTELO — PORTUGAL

Telef.: 281-302

Teleg.: NAVAIS-VIANA DO CASTELO

Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(D I A M A N G)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

COM O CAPITAL DE ESCUDOS 294.100.000$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Província de Angola em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL: Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
E ADMINISTRADOR-DELEGADO

Com. Ernesto de Vilhena

VICE-PRESIDENTE

Com. Alvaro Morna

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO GERAL NA LUNDA

DIRECTOR-GERAL

Eng.º Rolando Sucena Baptista de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

REPRESENTANTE

Dr. Sílvio Guimarães

Algumas Edições da Câmara Municipal de Lisboa

PUBLICAÇÕES DO 8.º CENTENÁRIO DA CONQUISTA DA CIDADE

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE LISBOA: — Livro I de Místicos e Livro II del Rei D. Fernando; Livro I de Místicos de Reis e Livro II dos Reis D. Diniz, D. Afonso IV e D. Pedro I; Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-Rei Nosso Senhor do ano de 1565, 4 volumes; Livro I do Tombo das Propriedades Foreiras á Camara desta mui insigne cidade de Lisboa, 2 volumes; Cabido da Sé, Sumários de Lousada... (IX e ultimo volume).

GRADES DE LISBOA — pelo Dr. Jaime Lopes Dias.

LISBOA — OITO SÉCULOS DE HISTÓRIA — Em 21 fascículos, sob a direcção de Gustavo de Matos Sequeira e com a colaboração literária de escritores da especialidade.

SÃO JOÃO DE BRITO — pelo Dr. Marinho de Silva.

OUTRAS PUBLICAÇÕES CULTURAIS

Casas da Camara de Lisboa — por Luís Pastor de Macedo e Norberto de Araujo.
A Freguesia de São Tiago (2 volumes) — por Ferreira de Andrade.
A Freguesia de São Cristóvão (2 volumes) — por Ferreira de Andrade.
A Freguesia de Santa Cruz da Alcáçova de Lisboa — por Ferreira de Andrade.
As Freguesias de Lisboa — pelo Eng.º Augusto Vieira da Silva.
Dispersos (1.º volume) — pelo Eng.º Augusto Vieira da Silva.
Colectanea Olisiponense (1.º volume) — por J. M. Cordeiro de Sousa.
Ensaios de Kant a propósito do Terramoto de 1755 — tradução de Luís Silveira.
História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa — 1.º vol.
Inventário de Lisboa (fasc. 1 a 12) — por Norberto de Araujo.
Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira — por Cassiano Neves.
Lisboa Seiscentista — por Fernando Castelo Branco.
O Poema de Lisboa — por Augusto de Santa Rita.
Lisboa Antiga — O Bairro Alto (volumes 1.º e 2.º) — por Julio de Castilho.
Revista Municipal — da direcção do dr. Jaime Lopes Dias.

AUTO-LUSITANIA

ALFREDO DUARTE, LDA.

—*—

ACESSORIOS E PEÇAS PARA AUTOMOVEIS

Ducellier

Equipamentos eléctricos
DUCELLIER-AUTO-LITE
Oleos e borrachas
para travões
LOCKHEED

AUTO-LITE

RIV

ROLAMENTOS **RIV** PARA AUTOMÓVEIS E CAMINHÕES, MÁQUINAS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS

Jogos de segmentos de mola — Pitons. WELLWORTHY

Carburadores e distribuidores HOLLEY Carburetor Co.

ALEMITE

MATERIAL PARA ESTAÇÕES DE SERVIÇO **ALEMITE**

Av. da Liberdade, 73 a 79 — LISBOA
Salão de Exposições
Rua Conceição da Glória, 8-10-12 — LISBOA

António Moreira Rato & Filhos, L.da

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
MÁRMORES — CANTARIAS
GRÉS — LOIÇA SANITÁRIA
FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 60879-63708 — Telegramas: «Ratofilhos»
AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F
LISBOA

Sempre novidades
aos melhores
preços do mercado
TUDO PARA DECORADORES E ESTOFADORES
SÓ PARA REVENDA
●
Jorge Ferreira & Carvalho, Lda.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 16-2.º
Telefone 23072 LISBOA

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de passageiros e carga

Carreiras regulares para: AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL, AMÉRICA CENTRAL e AMERICA DO SUL e entre ANGOLA e o NORTE DA EUROPA

FROTA

	Deslocamento Toneladas	Deadweight Toneladas
Paquetes:		
«SANTA MARIA»	21.500	7.900
«VERA CRUZ»	21.500	7.900
«PÁTRIA»	19.173	10.743
«IMPÉRIO»	19.173	10.743
«UIGE»	14.480	8.226
Navios de carga:		
«LUANDA»	13.790	9.820
«GANDA»	13.114	9.419
«AMBOIM»	13.114	9.419
«BENGUELA»	12.303	9.347
«LUGELA»	12.250	8.340
«PUNGUE»	8.750	6.356
«CHAIMITE»	3.597	2.129
«NAMPULA»	3.080	2.062
«SENA»	2.458	1.700
Em construção:		
«LOBITO»	—	9.500

ESCRITÓRIOS:
Lisboa — Rua de S. Julião, 63
Telefones n.os 30131 a 30138
Porto — Rua Infante D. Henrique, 9
Telefone 23342

Banco Borges & Irmão

PORTO S. A. R. L. **LISBOA**

Instituição fundada em 1884

Capital e Reservas — Esc. 119.000.000$00

Dependências no Porto—Bonjardim (Casa Antiga)-Sá da Bandeira-Infante D. Henrique-Costa Cabral-Campanhã Carvalhido

Dependências em Lisboa—Praça dos Estados Unidos da América e Avenida Fontes Pereira de Melo

AGÊNCIAS — Braga, Setubal, Ovar, Matosinhos, Amarante, Lourosa e Gondomar — POSTO em Vilar Formoso

Correspondente no Rio de Janeiro — **Banco Borges**

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Júlio Baptista Ribeiro

AGENTE DE COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
Rua dos Sapateiros, 128, 2.º
Telefone 27135

Não comprem sem o consultar, pois é um técnico em propriedades e em construção civil e tem sempre muito bons prédios para vender de todos os preços

Prefiram sempre Conservas TENORIO

ATUM TENORIO

à venda nos bons estabelecimentos

PARIS-CHIADO

AS MELHORES E MAIS BONITAS FLORES

R. GARRETT, 64

Telefone 26068

O «Diário de Lisboa» vende-se no BARREIRO na Agência «Bertrand» Estação do C. de Ferro.

NITROCALCIAMON

« COBELAZ »

com 20,5 % de azoto

(metade nitrico e metade amoniacal — Contém CAL)

O NITROCALCIAMON

é um bom adubo de sementeira
e um bom adubo de cobertura

SUPERFOSFATOS

em pó e granulados

SULFATO DE AMÓNIO

do Amoniaco Português

CIANAMIDA — CLORETO DE POTÁSSIO

SAPEC

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL

Delegação de Lisboa
Rua dos Fanqueiros
— 121, 1.° —
Teleg.:
« Sapec » — Lisboa
Telefones:
24121 - 24122 - 24123

SAPEC SETÚBAL

Agência no Porto
SOC. DE DROGAS LUSITANIA, LDA.
Praça da Liberdade
— 53, 1.° —
Teleg.:
« Sapec » — Porto
Telefone 23727

Companhia de Cabinda

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Fundada em 1903
CAPITAL: ESC. 42.000.000$00

Sede Social:
RUA IVENS, 56, 1.° — LISBOA
Telefones: 25068/27774
Telegramas: CHILOANGO

*

Sede de Exploração:
Cabinda
Africa Ocidental Portuguesa
Telegramas: CHILOANGO

Exploração Agrícola e Florestal no Enclave de Cabinda

Produção de:
CACAU, CAFÉ, OLEAGINOSAS E MADEIRA

VISTA ALEGRE

As mais bonitas porcelanas
em todos os estilos e para
todos os preços

R. Ivens, 19 LISBOA e **R. Cândido dos Reis, 18 PORTO**

Leiam o jornal humoristico sempre fixe

BANCO LISBOA & AÇORES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Capital e Fundos de Reserva: Esc. — 151.500.000$00
SEDE : Rua Aurea, 88 — Lisboa

DEPENDÊNCIA EM LISBOA : — Rua de S. Paulo e Avenida Almirante Reis.

FILIAIS : — PORTO E PONTA DELGADA (AÇORES).

AGÊNCIAS : — AEROPORTO DE LISBOA, ALMEIRIM, BOMBARRAL, CALDAS DA RAINHA, COIMBRA, CORUCHE, ESTORIL E TORRES NOVAS.

CORRESPONDÊNCIAS PRIVATIVAS : — ALCANENA, REGUENGO GRANDE E VENDAS NOVAS.

CORRESPONDENTES NA MAIORIA DAS LOCALIDADES DO PAÍS E ILHAS ADJACENTES

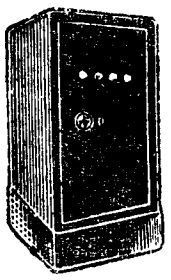
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Banco Fonsecas, Santos & Vianna

Capital e Fundo de Reserva 400.046.179.15

LISBOA — Rua do Comércio, 132

OFFLS - MONOBLOCO



ESMERADO FABRICO E GRANDE RESISTÊNCIA

MEDIDAS DIVERSAS
PREÇOS INCOMPARAVEIS
RUA DE S. BENTO, 58-60

DINHEIRO

Empresta-se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades ouro, jóias, etc.
JOSÉ MAYER
Telefone 22881
RUA DO LORETO, 18

A MUNDIAL

O Maior Organismo Segurador Português

Capital e Reservas: 287 mil contos

SEDE
LARGO DO CHIADO, 8
Telef. P. P. C. 30194
LISBOA

FILIAL
Pr. G.ma Gomes Fernandes, 10
Telef. P. P. C. 25977
PORTO

Agencias por todo o Continente, Ilhas e Ultramar

LAMPADAS FLUORESCENTES

UTILISSIMAS CRIAÇÕES

«WESTINGHOUSE»

* Lampadas fluorescentes de iluminação, moderno fabrico, com a incomparável duração de 10.000 horas e inigualável poder iluminante 63.0 lumens por watt, características de que resulta serem as lampadas «Westinghouse» as de mais baixo custo.

///

* Lampadas de sol fluorescentes transmissoras da Vitamina D. «Sun Lamp» que permitem banhar contínua e completamente compartimentos inteiros a nivel baixo e fresco de raios ultra-violetas com uma eficiência biologica assegurada. Estas lampadas são adaptáveis às instalações standard e podem usar-se, em Hospitais, Maternidades, Escolas, fábricas, quartos de cama, casas de banho, escritórios etc.

///

* Lampadas fluorescentes Bug-A-Way lampada que garante a afugentação de todos os insectos mesmo em recintos abertos.

///

Candeeiros ultra-modernos para iluminação fluorescente e incandescente, em cristal, em plástico e em metal, grande stok dos excelentes produtos Westinghouse e Acme Electric para instalações fluorescentes aos melhores preços.

Representantes em exclusivo para Portugal:

ELECTRO IMPORTADORA LIMITADA

Praça da Alegria, 44-1.º — Telf. 34774 — Lisboa

RODRIGUES

ARMAZEM DE LANIFICIOS — SEDAS E VELUDOS

— DE —

João António Rodrigues & C.ª

Rua Augusta, 76, 78, 80 — LISBOA

LEIAM

ÀS

QUARTAS-FEIRAS

O

sempre fixe

Companhia Portuguesa de Celulose

S. A. R. L.

CAPITAL 150.000.000$00

Sede: Rua Castilho, 90-5.º — Lisboa

Convidam-se os Senhores Accionistas possuidores de títulos representativos de acções nominativas ou ao portador, a apresentar os referidos títulos às horas normais de expediente, na Sede da Companhia ou nos Bancos Espirito Santo e Comercial de Lisboa ou Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa ou no Porto, para lhes ser aposta a indicação do valor actual do capital social.

Lisboa, 1 de Abril de 1957.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Companhia Portuguesa de Celulose

S. A. R. L.

CAPITAL 150.000.000$00

Sede: Rua Castilho, 90-5.º — Lisboa

Avisam-se os Senhores Accionistas de que se encontra a pagamento, todos os dias úteis, durante as horas normais de expediente, na Sede da Companhia e nos Bancos Espírito Santo e Comercial de Lisboa e Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa e no Porto, o dividendo do exercício de 1956 (cupão n.º 2).

O pagamento às Caixas de Previdência será exclusivamente efectuado na Sede da Companhia.

Lisboa, 1 de Abril de 1957.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Ministério do Ultramar

AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR

Rua de S. Pedro de Alcântara, 81

OBRAS EDITADAS EM 1956-1957

— **TIMOR PORTUGUES (MONOGRAFIA)** — Capitão Hélio Felgas
— **NO SUL DE ANGOLA** — General Ernesto Machado
— **CADERNO DE UM ILHÉU** — (Prémio Camilo Pessanha 1955 da Agência Geral do Ultramar) — Jorge Barbosa
— **CANCIONEIRO CHAMADO DE D. MARIA HENRIQUES, DE D. FRANCISCO DA COSTA** — Introdução e notas do Rev. Padre Domingos Maurício Gomes dos Santos
— **JORGE ALVARES** — Rev. Padre Artur Basílio de Sá
— **CINCO ANOS DO MINISTÉRIO DO ULTRAMAR**
— **COLECÇÃO DE ACORDÃOS DOUTRINÁRIOS DO CONSELHO SUPERIOR DE DISCIPLINA DO ULTRAMAR, 1940 - 1950**
— **MOUSINHO — ACÇÃO. PENSAMENTO. A ÉPOCA** — Amadeu Cunha
— **BRANCOS E NEGROS** — (Prémio Fernão Mendes Pinto, 1955, da Agência Geral do Ultramar) — Guilhermina de Azeredo
— **MONUMENTA MISSIONÁRIA AFRICANA** — 7.º volume — Padre António Brásio
— **NOVA LEGISLAÇÃO ULTRAMARINA** — 3.º volume
— **CURSO DE MISSIONOLOGIA** — Rev. Padre António da Silva Rego
— **DOCUMENTAÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS MISSÕES DO PADROADO PORTUGUÊS DO ORIENTE — INSULINDIA** — 4.º volume — Rev. Padre Artur Basílio de Sá
— **UNIDADE DA NAÇÃO PORTUGUESA** — (Discursos e entrevistas) — Cap. de Mar e Guerra Sarmento Rodrigues
— **LE PATRONAGE PORTUGAIS DE L'ORIENT** — Rev. Padre António da Silva Rego
— **PORTUGUESE INDIA TO-DAY** — 2.ª edição.
— **SPEECH DELIVERED BY MR. DONATELLO GRIECO, REPRESENTATIV OF BRASIL THE BEFORE FOURTH COMITEE OF THE ELEVANTH GENERAL ASSEMBLY ON GENERAL QUESTIONS RELATING TO THE TRAMISSION OF INFORMATION FROM NONSELF — GOVERNIN TERRITORIES**
— **THE CASE OF GOA — and the General Assembly of the United Nations** — Dr. Vasco Garin

OBRAS NO PRELO

— **DOCUMENTAÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS MISSÕES DO PADROADO PORTUGUÊS DO ORIENTE** — 12.º volume — Rev. Padre A. da Silva Rego
— **DOCUMENTAÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS MISSÕES DO PADROADO PORTUGUÊS DO ORIENTE** — 2.ª série — **INSULINDIA** — 5.º Vol. — Rev. Padre Artur Basílio de Sá
— **MONUMENTA MISSIONÁRIA AFRICANA** — 8.º Vol. — Rev. Padre António Brásio
— **RELAÇÃO DA 1.ª MISSÃO DE CAPUCHINHOS ITALIANOS E ESPANHOIS** — José de Bragança
— **FICHEIROS DE LEGISLAÇÃO ULTRAMARINA PORTUGUESA**
— **EVOLUÇÃO ADMINISTRATIVA E ECONÓMICA DE MOÇAMBIQUE** — 1752 - 1763 — Dr. Alexandre Lobato
— **VIAGENS DO REINO PARA A INDIA E DA INDIA PARA O REINO** — Comandante Humberto Leitão
— **MONOGRAFIA DE MACAU** — Dr. Eduardo Brasão.
— **TEMAS DE LINGUISTICA BANTA** — Prof. Rodrigo de Sá Nogueira
— **RELATÓRIO DA ANTIGA PROVINCIA DO NIASSA** — Comandante Ferreira de Almeida
— **HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA INDIA** — 6.º volume — Dr. Germano Correia
— **A ILHA E A SOLIDÃO** — (Prémio Camilo Pessanha, 1956, da Agência Geral do Ultramar) — Raymundo Soares
— **COLECÇÃO «PELO IMPÉRIO»:**
— **JOÃO ALBASSINI E A COLÓNIA DE S. LUÍS** — General Pereira Martins
— **O TENENTE QUINTINO ROGADO** — Inédito do capitão Gastão de Sousa Dias

Montar frigoríficos nos Açores

poderá ser uma ruinosa experiência e um factor negativo de acção económica — declara um produtor de gados do arquipélago

O sr. comendador Furtado Leite, que é um dos maiores importadores de gado dos Açores e industrial de lacticínios daquele arquipélago, manifestou a sua absoluta discordancia com a montagem de frigoríficos nos Açores, que não irão contribuir, como se pretende, para o aumento de criação de gado no arquipélago, antes pelo contrário, poderá resultar numa ruinosa experiência e constituir um factor negativo de acção económica, segundo afirmou ao «Correio das Ilhas».

Segundo a sua opinião, com a montagem e manutenção dos frigoríficos nos Açores vão gastar-se avultadas verbas e vai transformar-se a boa carne do gado das ilhas, que é a melhor vendida em Lisboa, num produto de pior qualidade—carne congelada ou frigorificada, de que ninguém gosta—além de se provocar uma desvalorização que poderá andar por 20%, se tivermos em conta o que se passa lá fora.

Emite a sua opinião de que os adeptos desta ideia e que a pretendem levar a efeito, não têm o assunto devidamente estudado, tanto no seu aspecto técnico, como no económico e na sua própria desvalorização.

Noutra passagem esclarece:

«Foi-me dito por alguém de responsabilidade que um dos factores alegados a favor dos frigoríficos é o pensar-se que o gado embarcado nos Açores sofre uma quebra na viagem, em média de 10% do seu peso».

Este argumento não tem consistência, como passa a demonstrar, o sr. comendador Furtado Leite.

«Fiz já a experiência de pesar o gado nos Açores, após 24 horas sem alimento e antes do seu embarque para Lisboa e depois da sua chegada aqui tornar a pesá-lo. Verificou-se que o peso que ele acusava no acto do embarque pouca ou nenhuma diferença fazia á sua chegada a Lisboa, visto que o gado a bordo sofre apenas uma «quebra de barriga» motivado pelo enjoo da viagem. Para dar os 10% que se alega como média de quebra é porque o gado foi pesado na origem com a «barriga cheia» e um boi com 600 quilos leva muito bem de barriga 60 quilos de água e de alimento, e isto não se pode traduzir em carne... e daí, o erro!

Nas experiências a que mandei proceder concluí que a pequena diferença de peso nunca foi além de 5% e isso é corrigido se o gado estiver 5 a 6 dias em repouso, antes de ser abatido, e, for alimentado convenientemente com as mesmas forragens, como aquelas que possuo, nos estábulos, iguais á que ele come nos Açores».

Esclarece, depois, o caso do tempo que se aguarda para abate de carne dos Açores:

«Já houve períodos em que o gado esteve muito tempo para abater. Actualmente está deliberado abater-se o gado nos Açores no matadouro dentro de um período de 48 horas para repouso, ou seja o mesmo que é indicado para o do Continente.

Ora, como fica demonstrado, os inconvenientes da viagem do gado vivo são mínimos e ainda assim corrigíveis e portanto não justificam transformar um produto bom — carne fresca dos Açores — num produto frigorificado que se desvaloriza em cerca de 20%.

Mas há mais: A carne do gado do Continente continua a vender-se fresca, hoje por um preço ainda mais de 20% do que a carne frigorificada ou congelada e amanhã quando o Continente tiver muita carne e a previsão for de uma futura abundancia, porque o lavrador continental está avantajando a criação de gado, por causa do bom preço que obtem, todo o País pode ser abastecido com carne fresca de cá, ao passo que a dos Açores, se passar a vir frigorificada não terá mercado e daí a ruina da industria dos frigoríficos e a ruina da propria lavoura açoriana».

Noutro passo diz:

«Depois da tragédia que se passou com o famigerado sequestro, não se repetirá o fenómeno porque não podem, as entidades que hoje tratam com tanto entusiasmo da montagem dos frigoríficos, conseguir que o gado dos Açores seja obrigatóriamente abatido nas ilhas para vir congelado. Há-de permitir-se, como manda a lógica e o bom senso, que o lavrador fique com o direito de vender o seu gado a quem mais vantagem lhe der, congelado, frigorificado ou vivo.

E dentro desta justa liberdade o gado será comprado e virá todo vivo, porque o preço, no País, de carne fresca dos Açores, será compensador».

Sobre o transporte de carne nos barcos:

«Há também outro argumento que se aponta para justificação dos frigoríficos». «Dizem que o frete da carne congelada será mais barato!». Esse argumento só pode ser alegado por quem desconhece as condições dos transportes dos Açores para o Continente.

O volume de cargas para os Açores é maior para lá do que para o Continente, pois daqui vai o sal, a pedra de cal, a gasolina e outros produtos. A carne, se vier congelada, dará ao navio mais espaço livre que não é ocupado e além disso obriga a que os mesmos tenham porões frigoríficos ou um sistema de frigorificação que trará ás empresas o investimento de somas importantes e como tal o aumento legal das tarifas e nunca uma diminuição.

Além disso a carne no seu transporte, nos Açores, do frigorífico para o barco e depois deste, em Lisboa, para os Olivais, sofre uma alteração na sua congelação que a deprecia. Todas as alternativas a que a carne congelada for submetida com entradas e saídas e até na sua permanência nos frigoríficos são motivos de depreciação e portanto susceptível de estrago».

Concluindo, o sr. comendador Furtado Leite:

«O que é preciso é o dinheiro que se vai gastar nesses frigoríficos seja abonado ao lavrador por intermédio da Junta de Colonização Interna para ele arrotear terrenos, que ainda os há incultos e criar gado num ritmo cada vez maior para que os Açores continuem a viver abençoados pela Providência, para que ali se continui a criação de gado, abastecendo-se os mercados do País e para que este seja sempre autoabastecido evitando-se a saída de ouro para o estrangeiro com a compra de maquinismos de frigoríficos e de carne congelada, como foi o exemplo flagrante da importação da Argentina.

Há cerca de 30 anos os Açores pouco gado e poucos lacticínios exportavam. Mas o esforço tem sido tão grande por parte da laboriosa população daquele arquipélago dirigido pelas altas entidades oficiais, que hoje essa exportação é de 10 a 12 vezes mais, como também a criação de gado.

Os Açores são uma das melhores regiões do Mundo, para o desenvolvimento da pecuária, tendo só como rival os Países Baixos e nós Portugueses temos de aproveitar, com carinho esse privilégio, essa dádiva sagrada e bendita que nos oferece a Natureza para a transformar num bem económico e próspero da Nação».

Entre as «caras bonitas» do cinema francês figura a de Pascale Roberts, que os nossos leitores podem admirar nesta pose serridente

Dizem os leitores...

Serviços escolares em Galiza (Estoril)

Segundo nos informam leitores de Galiza (S. João do Estoril), os serviços escolares naquele lugar, no que respeita á primeira e á segunda classes da escola primária, deixam muito a desejar, pois as crianças passam os dias na brincadeira, á espera da professora, que, faz férias de 15 dias por conta própria.

Apontamos o caso á consideração de quem de direito.

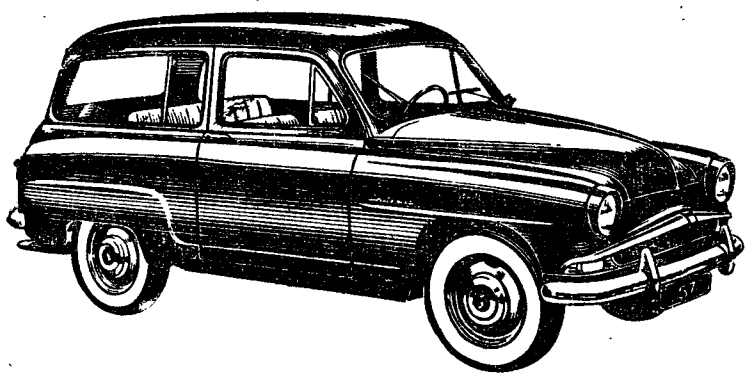
O «Diário de Lisboa» vende-se em PORTIMÃO na casa Pedro Dias. Limitada

UMA LINHA DE CARROS UTILITÁRIOS CO...

Aeondes 1100

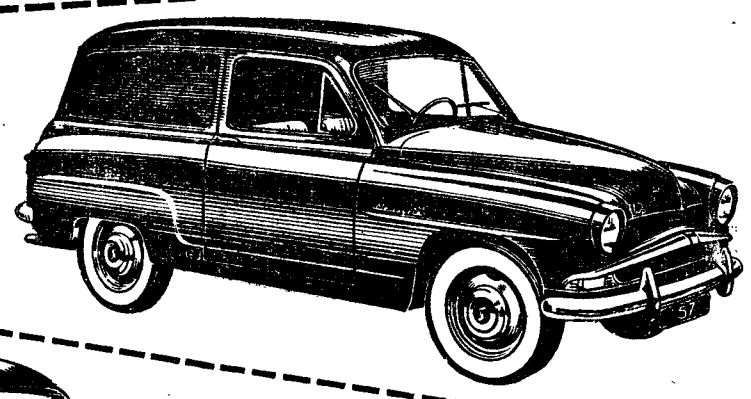
• Motor Flash • carga até 600 Kg.

Linha Océane •



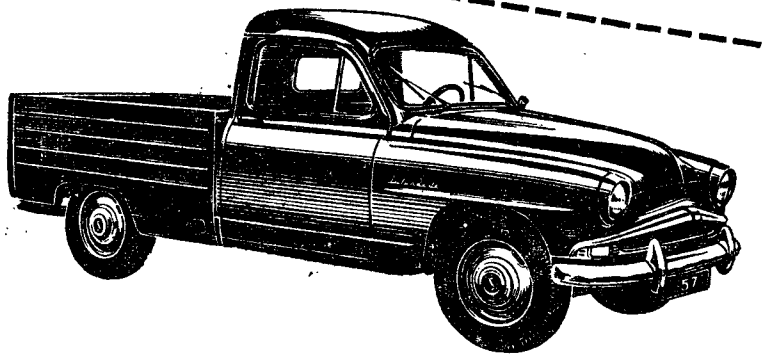
Chatelaine "57

"station" para passageiros e carga. Um verdadeiro carro de grande turismo para toda a família.



Messagère "57

furgoneta. Um carro de distribuição infatigável para mercadorias de luxo ou quaisquer outras.



Intendante "57

furgoneta de caixa aberta. Um carro para transportes rápidos com o máximo de possibilidades de utilização.

...LINHA!

UMA LINHA SEDUTORA QUE FARÁ PUBLICIDADE À SUA CASA

SIMCA PORTUGUESA

PRAÇA DE LONDRES, 7-A – TELEFONE 725082

HAVAS 3

PAPELARIA CARLOS

RUA ÁUREA, 34-38 – TELEF. 20244

LISBOA

VARIADO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

MATERIAL PARA DESENHO

FICHEIROS DE AÇO E DE MADEIRA

ACESSÓRIOS PARA MÁQUINAS DE ESCREVER E DUPLICADORES

Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

ORGANISMO CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei numero 26.106, de 23 de Novembro de 1935, ao qual compete Fomentar a Industria da Pesca do Bacalhau

CURSOS DE VERÃO

na Universidade de Barcelona

A Universidade de Barcelona tomou a iniciativa de organizar, nos próximos meses de Julho e Agosto, Cursos de Verão para estrangeiros, nos quais se ministrará, por intermédio de professores da especialidade, uma cultura básica, essencial, da cultura espanhola. Realizar-se-ão, durante o referido período do tempo, dois cursos independentes, ambos sob a égide daquela Universidade, um em Maiorca (de 15 de Julho a 5 de Agosto), outro em Barcelona (de 7 a 25 de Agosto). Além das lições magistrais e das conferências extraordinárias, os seus organizadores proporcionarão aos alunos diversas excursões de estudo e de divulgação turistica. Todos os interessados devem dirigir-se, para mais completa informação, á Direcção dos Cursos de Verão — Universidade de Barcelona.

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS

RAPIDEZ E SIGILO

A FINANCIADORA

EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3

NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Vende-se um curso de discos

Da língua portuguesa, sistema Linguaphone, preço 600$00, e outro de russo, sistema Assimil, preço 800$00, com livros de texto. Telefone 726227.

O MAIS BONITO BRINDE para creanças e adultos

O RELOGIO MEALHEIRO

da Sociedade Portuguesa de Seguros,

em que só é possivel dar corda depois de se lhe introduzir diariamente uma moeda, obriga os pais e ensina os filhos a serem economicos

Aplique essas economias constituindo um dóte para os seus filhos ou para assegurar o futuro dos seus fazendo um seguro de Vida que a Sociedade Portuguesa de Seguros lhe dará gratuitamente um destes lindos relogios

Dirija-se á

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS

RUA DA MADALENA 36, LISBOA – ou aos seus Agentes em todo o país, que terá todas as informações que carece.

Parker 61

A única caneta que se enche por si própria
...não tem partes móveis!

A elegância da linha e a grande simplicidade de manejo fazem da caneta Parker 61 um presente maravilhoso. Esta caneta inteiramente nova enche-se por si própria em 10 segundos, utilizando apenas a força capilar! Além disso, a superfície do sistema de enchimento repele os líquidos, de modo que a caneta se limpa... por si própria. A maravilhosa Parker 61 é, sem dúvida alguma, o presente ideal para oferecer a todos os que apreciam «o melhor».

Para obter óptimos resultados, use na sua caneta Parker 61 a tinta Parker Quink.

Representantes exclusivos:
PAPELARIA DA MODA
António Vieira, Lda. — Rua do Ouro, 167 — Lisboa
À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

CP3-38P

«RUMO»

revista de problemas actuais

Definindo os seus objectivos a intenções, podem ler-se no preambulo da apresentação desta publicação, que agora foi posta á venda, as seguintes palavras: «Rumo» pretende ser uma revista aberta á mais ampla visão do nosso tempo, de uma época culturalmente complexa em que a proximidade dos acontecimentos impede a síntese, mas em que se torna cada vez mais necessário o conhecimento da verdadeira rota que seguem os homens, as ideias e os factos. Pretende ser, em resumo, uma revista de problemas actuais».

Esta fórmula esclarecedora resume as intenções de «Rumo», que se apresenta, galhardamente, sob a direcção do dr. Mário Pacheco, um novo com provas dadas no campo do jornalismo e da difusão cultural, que alia á sua experiência do magistério uma propensão pouco vulgar para comunicar com o publico a que se dirige. Tratar, em termos acessíveis, objectivos e claros, os problemas multiplos e complexos do espírito e da técnica—entretecidos no nosso tempo para dominar a sociedade em que vivemos—é missão altamente louvável, sobretudo se for levadá a cabo, como a revista anuncia, com a intenção firme de interpretar os sinais da época inquieta que atravessamos e desvendar o sentido dos factos a que assistimos, alguns dos quais se revestem de decisiva importancia para a preparação do futuro.

Alguns nomes, de inegável categoria entre nós, e alguns artigos, de subido mérito, revelados pelo primeiro numero de «Rumo» atestam o desejo de corresponder aos propósitos anunciados e documentam o cuidado escrupuloso com que a revista se propõe desempenhar a sua função, ao mesmo tempo pedagógica e divulgadora. A actualidade económica, versada pelo professor e engenheiro, antigo ministro da Economia, Daniel Barbosa, o qual se ocupa dos limites do dirigismo e das suas características, é um tema apaixonante e exigente que o autor versa com a sua reconhecida competência. Dois estudos sobre a actualidade internacional, um do professor Marques Guedes, «Os destinos do Império britanico», outro de Jean Roger, «O novo estalinismo russo», põem em foco problemas actuais cujo interesse é inutil pôr em relevo e são completados por um trabalho em que se analisa a situação do Médio Oriente.

Os artigos que tratam assuntos palpitantes das artes, das letras, da actualidade teatral e cinematográfica e do mundo da televisão mostram até que ponto a leitura de «Rumo» é variada, agradável e instrutiva, figurando ainda no seu sumário outros, não menos valiosos, sobre os ultimos livros aparecidos e os ultimos filmes exibidos em Portugal e no estrangeiro, além de secções de ecos e comentários sobre as mais diversas questões, cuja actualidade e importancia são justamente acentuadas. A apresentação gráfica é digna do conteudo da revista que merece ser lida com atenção e guardada, como documentário instrutivo e bem organizado de uma fase da História que não tem precedentes pela sua originalidade e pela sua vibração.

Centro de Medicina Dentária
ASSISTÊNCIA EXCLUSIVAMENTE MÉDICA

Dr. Armando Pena — Dr. Guido Lacombe
Dr. Calçada Bastos — Dr. Oliveira Pinto
Dr. Fernandes Cruz — Dr. Pires Marques
Dr. Gil Alcoforado — Dr. Rui Gonçalves

PREÇOS DE POLICLINICA
Consultas permanentes das 9 ás 21 horas
C. Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) Tel. 664991

ARMAZÉM DE FAZENDAS DE
CALADO & SEQUEIRA LDA.
CAMISARIA — GRAVATARIA — MODAS E CONFECÇÕES — ETAMINES PARA CORTINADOS — ARTIGOS DE NOVIDADE
ALGODÕES, LINHOS, LÃS E SEDAS
279, 281, RUA DOS FANQUEIROS, 283, 285
PRAÇA DA FIGUEIRA, 14
Telefone 2 3826 LISBOA

AGENCIA BARATA
GASTÃO MENDES BARATA
REGISTADA
A primeira organização do género no País
oficialmente reconhecida pelo Governo da Nação e em edifícios próprios
Os melhores e mais ricos «auto-cars» fúnebres
Garages
— e oficinas próprias nos seus edifícios —
SEDE NA:
194 — RUA SARAIVA DE CARVALHO — 202
Telefone P. B. X. 661113 - 665027 PORTUGAL LISBOA

Sociedade Geral

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU

N/M «MANUEL ALFREDO» em 10/4
(VIA LEIXÕES)
Carrega para Bissau em 6 e para Cabo Verde em 8 de Abril
Carga frigorifica em 9 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª classe e classe turistica

N/M «ANA MAFALDA» em 25/4
(VIA LEIXÕES E FUNCHAL)
Carrega para Bissau em 22 e para Cabo Verde em 23 de Abril
Carga frigorifica em 24 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Para: PRINCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO E MOÇÂMEDES

N/M «ALENQUER» em 1/5
(VIA LEIXÕES)
Carrega em Lisboa de 25 a 29 de Abril
Carga frigorifica no dia 30 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª classe

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES

A' carga em HAMBURGO, BREMEN e ANVERS

N/M «BRAGA»
A' carga em Lisboa sòmente para Matadi em 9 de Abril

N/M «ANDULO»
De 15 a 24 de Abril e em Lisboa sòmente para Matadi em 30 de Abril

N/M «BORBA»
De 6 a 15 de Maio e em Lisboa sòmente para Matadi em 21 de Maio

N/M «BRAGANÇA»
De 27 de Maio a 5 de Junho e em Lisboa sòmente para Matadi em 11 de Junho

Para: ANVERS, ROTERDÃO, BREMEN e HAMBURGO

A carga nos portos de Angola

N/M «BRAGANÇA»
de 7 a 23 de Abril

N/M «BRAGA»
De 28 de Abril a 14 de Maio. Recebe carga para o Havre

N/M «ANDULO»
De 19 de Maio a 4 de Junho

N/M «BORBA»
De 7 de Junho a 25 de Junho. Recebe carga para o Havre

Chamamos a atenção dos srs. passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagem

TRATAR EM:
LISBOA: Rua do Comércio, 39-Telef. 26314/5.
PORTO: Rua Sá da Bandeira. 82-Telef. 27363.

A família estrangeira

CASA COM TODO O CONFORTO MODERNO ALUGA-SE NA **«ARRÁBIDA»**, MESES DE JUNHO E JULHO,
TELEFONE 772185

Afonso Sérgio & C.ª

Instalações e reparações de Água-Gás-Electricidade
FUNILEIRO — TORNEIRO E CROMAGEM
TORNEIRAS — ACESSÓRIOS — LUSTRES — T. S. F.
Rua Edite Cável, 12-A a 14-B — LISBOA
TELEFONE 849435

João Lopes, L.da
Mendes & Domingos, L.da

CALÇADA DO DUQUE, 31-43 — Telefone 26298
RELOJOARIA E OURIVESARIA

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»

Vida artística

Exposição de pintura em Vila Franca de Xira

Continua patente ao publico na Biblioteca-Museu Municipal de Vila Franca de Xira, com assinalável êxito, a exposição de trabalhos dos pintores Alberto Sousa, Domingos Rebelo e Silva Lino, a qual se encerrará no próximo dia 9.

Exposição Félix Rodrigues

Por concessão da Agência Havas, a original exposição de pintura a óleo em relevo, de Félix Rodrigues, patente na sua sede, na Rua Aurea, prosseguirá até ao dia 15 do corrente, estando patente ao publico. das 11 ás 20 horas.

Exposição Internacional de Arquitectura Paisagista

Encerra-se esta noite, ás 20 horas, a Exposição Internacional de Arquitectura Paisagista que, com tanto êxito se encontra patente ao publico nas salas do Secretariado Nacional da Informação.

Desenhos japoneses na secretaria do Benfica

A secção cultural do Sport Lisboa e Benfica vai promover, nas instalações da secretaria do clube, uma exposição de desenhos do artista japonês, ora entre nós, dr. Hirosuke Watanuki.

Este certame será inaugurado no dia 9 do corrente, pelas 22 horas, e estará patente ao publico durante uma semana.

Componentes do Centro de Estudos Demográficos

Foram nomeados membros do Centro de Estudos Demográficos os srs.: doutor Alberto Xavier da Cunha; drs. Bernardino de Pinho, Fausto Cruz de Campos, Guilherme Jorge Janz, Jesus Nunes dos Santos e João Carlos de Sousa Vaz Vieira; prof. João Fraga de Azevedo; drs. Joaquim José Pais Morais e José Timóteo Montalvão Machado; doutor Lucio Craveiro da Silva e Luís Caiola da Mota.

PUBLICAÇÕES

«Lisboa e Arredores» na colecção «Terras Portuguesas»

Na colecção «Terras Portuguesas», que a Shell tem editado e distribuido gratuitamente, surge agora mais um belo numero, o 11.º dedicado a Lisboa e Arredores. Primorosamente ilustrado com fotografias—que são outros tantos trabalhos de arte— constitui um óptimo elemento de orientação, quer para o turista quer para todo o Lisboeta que deseje conhecer bem a sua cidade. De facto, áparte inserir um mapa que assinala os locais de interesse histórico e turístico de Lisboa, descreve, pela pena autorizada de Gustavo de Matos Sequeira, o rio Tejo e a paisagem impar de Lisboa e a sua festa sem esquecer a Lisboa moderna, do ultimo quarto de século. Além disso, indica ainda itinerários que permitem percorrer os pontos mais sugestivos da capital e arredores.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Castro».
TRINDADE—A's 21 e 45—«A vida particular da mamã».
MARIA VITORIA—As 20,30 e 22,45 «Toca a musica».
ABC — A's 20 e 45 e ás 22 e 45 — «Já cá canta!».
APOLO — A's 21,45 — «O canto da cotovia».
COLISEU—A's 21 e 30—«Canções e Danças Populares de Espanha»

CINEMAS

TIVOLI—«Anastasia».
SÃO LUIS—«Ama-me ou esquece-me».
POLITEAMA — «A ultima cara vana».
EDEN — «Quando os anjos não voam».
SÃO JORGE—«Guerra e Paz».
IMPÉRIO — «Melodia fascinante»
MONUMENTAL — «Miguel Strogoff».
CONDES—«O bígamo».
ROMA—«Alexandre, o Grande».
AVIS—«O bígamo».
ALVALADE—«Ama-me ou esquece-me».
ODEON—«A bela Napolitana».
CAPITOLIO—«Sozinho contra a cidade».
OLIMPIA—«A lança vermelha».
TERRASSE—«O rapaz e o touro».
RESTELO — «Paragem de autocarro».
JARDIM—«Tarde de touros».
PROMOTORA—«Gilda».
IDEAL—«O gigante dos mares».

C N N

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Uma frota ao serviço da Nação e do Império

MOÇAMBIQUE — ANGOLA — NIASSA
ÍNDIA — TIMOR — ROVUMA
MOÇÂMEDES — SOFALA — QUANZA
ZAMBÉZIA — SAVE — LURIO
S. TOMÉ — NACALA — TAGUS
CHINDE (em construção) — ANGOCHE (em construção) — 6 REBOCADORES — 33 BATELÕES

Num total de cerca de 200.000 tons.

LIGANDO PORTUGAL À ÁFRICA E AO ORIENTE

Banco Pinto & Sotto Mayor

S. A. R. L.

Capital e Reservas: Esc. 75:500.000$00

Séde — Rua do Ouro, 18/30

Filial — Porto. Sucursais: Coimbra, Viseu, Braga, Viana do Castelo, Chaves, Régua, Pombal, Barcelos, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Águeda, Fundão, Oliveira de Azemeis. Dependências suburbanas — Lisboa: Almada, Algés, Campo de Ourique, Praça de Londres, Santa Apolónia, Santa Marta, São Mamede, Miguel Bombarda, Dependências suburbanas — Porto: Antero de Quental, Infante D. Henrique, Palácio do Comércio, Campanhã, Vila Nova de Gaia

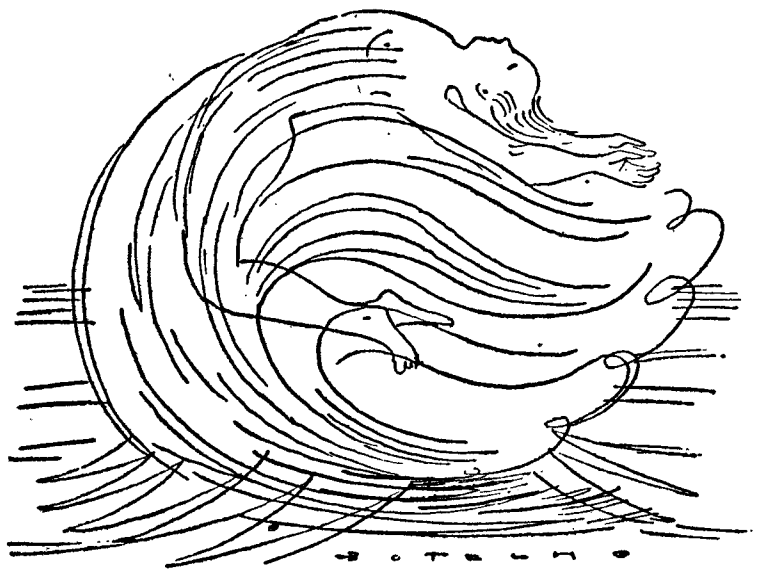
EMPRESA DOS TABACOS DE ANGOLA (E.T.A.)

S. A. R. L.
SEDE **LUANDA**
CAPITAL — ESC. 8.000.000$00
RESERVAS — ESC. 21.500.000$00
CIGARROS «ELIZABETH»
«ASAS» e «S. PAULO»
À venda no seu escritório:
P. da Figueira, 18-2.º-D.º
LISBOA

CONTO DE DOMINGO

História da criança ao pé do mar

Conto de CESAR PRATAS — **Ilustr. de CARLOS BOTELHO**



ELE sabia apenas que tinha sido encontrado junto ao mar, numa madrugada tempestuosa. Não sabia como fora parar àquela praia: também ninguém lhe sabia dizer. Estava em casa daquela senhora iam fazer oito anos. Mas o seu passado, o que estava para além daqueles oito anos de luxo e de livros, era um mistério que ele muitas noites tentara em vão desvendar. Andava na escola e tinha uma casa como os meninos ricos. A senhora a quem ele chamava «madrinha Felisberta» tratava-o como a um filho. Ela vivia só e tomara conta dele. Muitas vezes, quando Eduardo lhe dizia da sua inquietação por nada saber do passado, ela, muito meigamente, aconselhava-o a esquecer tudo. «Ele era igual aos outros meninos». E o resto não o interessava. Por fim, deixara de lhe falar naquilo. Mas lá no fundo não se esquecera.

Na escola, os colegas souberam de tudo. E um dia chamaram-lhe o «peixe-gente». A alcunha ficou. Mas a ele era-lhe indiferente tudo aquilo. Não gostava das aulas, como não gostava de estudar. Mas também não fugia delas para jogar á bola. Aborrecia-lhe ter de decorar tudo o que vinha nos livros. Até ali, ele passara. Mas sabia muito bem que a madrinha Felisberta não se esquecera de nos fins de período ir a casa dos professores e voltar lá na época dos exames.

Gostava de ler livros de histórias: isso sim. Às vezes, fechava-se tardes inteiras no seu quarto a ler histórias de tempestades no mar, de sereias... Gostava de quando fosse grande ser marinheiro. Mas ter um barco só dele. Havia de rasgar as ondas em todas as direcções. Conhecer todas as ilhas, todos os mares. Outras vezes descia até á praia. Ficava parado rente á água, descalçava-se e deixava as ondas brincarem-lhe com os pés. Sentia-se bem assim. As ondas vinham devagar e deixavam-lhe a espuma presa entre os dedos finos. Então, olhos postos ao longe, esperava os navios que cruzavam o mar e acompanhava-os até se perderem na neblina. Uma vez apanhou um pouco de espuma e tentou levá-la para casa. Mas a espuma desfez-se pelo caminho. Ele teve muita pena. Julgava que tudo no mar fosse eterno como ele. Mas voltava no dia seguinte, no outro e no outro. Quando encontrava peixes mortos ao longo da praia, docemente, atava-lhes uma pedra ao corpo e atirava-os o mais longe que lhe permitia o seu braço, para dentro do mbar. Tinha pena desses peixes. Se sempre viveram no mar, não deviam ser comidos pela terra. Tudo o que morava no mar, devia viver nele, e nele ficar sepultado. E lembrava-se dos marinheiros, que, quando morriam, eram atirados para o fundo com pedras nos pés. No fundo do mar é que era o seu lugar. Na Terra os homens têm o Céu. Mas o céu dos marinheiros é o fundo do mar. Um dia perguntara á madrinha Felisberta:

—Madrinha! Qual é o céu dos marinheiros?

—E' o mesmo que o nosso...

Ele calara-se. Mas no fundo pensava que aquilo era mais uma mentira da madrinha. Uma mentira como aquela de lhe dizerem que os marinheiros também nasciam na terra, como toda a gente. Não podia ser. Os marinheiros tinham que nascer no mar. Olhava-se para eles, e via-se logo que não eram iguais a toda a gente. Mas fosse lá ele dizer isso a alguém. Todos achavam as suas perguntas tolas. Começava com os colegas e acabava em casa. E ás vezes custava-lhe que lhe fizessem certas coisas. Uma vez uns brincalhões desenharam um peixe com a sua cara e prenderam-lho com um alfinete ás costas. Quando ele saira, toda aquela troupe viera atrás dele gritando:

—Eh «peixe-gente»! Eh «peixe-gente»! Eh «peixe-gente»!

Sentiu vontade de os esmurrar a todos. Mas quando se voltou e viu o papel a esvoaçar atrás de si, tomou-o uma sensação de tristeza. Foi até á beira de água, desdobrou o papel e ficou a olhá-lo durante muito tempo. Depois, e com as lágrimas a brotarem-lhe dos olhos, enterrou-o e calcou-o furiosamente com os pés.

Quando o tempo se mostrava carrancudo, e o vento e a chuva batiam com força nas vidraças, é que ele gostava de ouvir o mar. Então vinha pôr-se á janela, rosto encostado aos vidros, a ver a chuva violenta, e a ouvir ao longe o bramir das ondas. Como ele gostaria de ir numa noite assim á praia. Como ele gostaria de sentir o vento no cabelo, as ondas a amachucarem-lhe o fato, a fustigarem-lhe o corpo. Mas quando chovia, tinha que vir de carro para casa. E á noite não podia sair dali. Metia-se na cama, e pensava no seu corpo enrodilhado nas vagas como um barco. Só tinha pena de não se poder demorar um bocadinho mais de tempo na crista das ondas. Ali havia espuma como na praia. Mas ele mal tinha tempo de a tocar com os dedos e logo era atirado para baixo. E assim andava num vai e vem, ora subindo até ver uma nesga de céu, ora descendo com força para o fundo.

Era deste modo que ele adormecia nestes dias. Com o ruído da chuva, o soprar do vento, o marulhar das vagas, e os seus sonhos.

Certa manhã chegou atrasado á escola e o professor ralhou com ele. A saída houve mais surriada que nunca:

—Eh «peixe-gente». O que é que andaste a fazer? Foste á pesca?

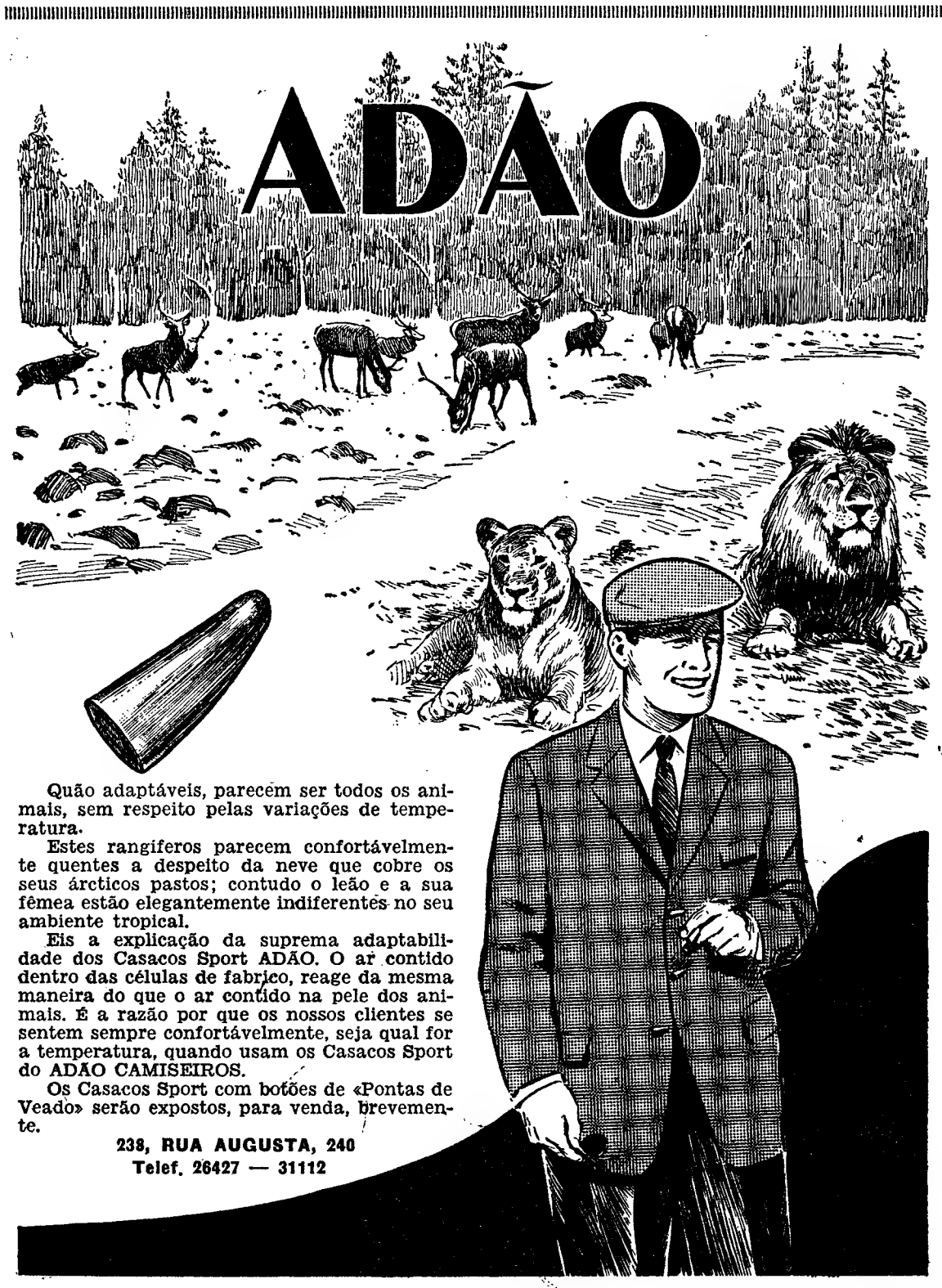
—O meu nome é Eduardo!—respondeu.

—Eduardo? Essa é boa! O teu nome é mas é «peixe-gente». Eh «peixe-gente»! Eh «peixe-gente»! Eh «peixe-gente».

Correu para casa. E toda aquela rapaziada corria também gritando sempre: Eh «peixe-gente»! Eh «peixe-gente»!... Fechou-se no quarto e não quis sair. O tempo ameaçava chuva. E enrolado num cobertor, o Eduardo pensava: «Mas eu não sou um rapaz como eles?». «Eu não tenho um corpo como eles?». «Só o que não fujo é das aulas para jogar á bola». «Gosto do mar». «E o que é que eles têm com isso?».

Um enorme relampago iluminou o quarto, seguido dum trovão que fez tremer os vidros. Eduardo levantou-se repentinamente e veio para a janela. Por instantes olhou a rua molhada. Ao longe, o ruído do mar. Muito de manso dirigiu-se para o guarda-fato. Tirou o seu sobretudo cinzento, enrolou-se nele e abriu a porta. Olhou o relógio. Oito e meia. Madrinha Felisberta devia estar na cozinha mais a criada, preparando o jantar. Atravessou o longo corredor e estacou á porta. Ouviu distintamente a voz da madrinha dando ordens á criada. Abriu lentamente a porta e deixou-a encostada. Num instante estava junto da porta da rua. Depois correu ao longo daquela avenida. O vento soprava forte, e a todo o momento o céu parecia desfazer-se em chuva. Mas ele não temia nada. Havia qualquer coisa que o empurrava para a frente. Ele não sabia o que era, mas também não se importava. Talvez fosse o ruído do mar. Talvez...

Ao chegar junto á praia, estacou. O mar parecia subir uma escada enorme, ainda maior que a da sua escola, e de repente deixava-se cair cá em baixo com fragor. «Não se aleijaria o mar?». Aproximou-se. O sobretudo apertava-lhe os braços. Despiu-o e sentiu-se melhor. Tantos peixes mortos espalhados pelo chão! Ali não tinha fios, mas apanhou-os, e introduzindo-lhe pequenas pedras junto ás guelras, atirou-os de encontro á muralha que se erguia ali á frente. Lá é que era o lugar deles. Ajoelhou-se e tentou colher um pouco de espuma, mas as ondas molharam-no todo. Teve uma subita sensação de frio, a pouco e pouco substituída por um enorme bem estar. A água escorria-lhe ao longo do corpo produzindo-lhe uma sensação estranha, como se duas mãos o afagassem de alto a baixo. Desciam-lhe ao longo dos rins e corriam-lhe pelas pernas. Eram macias, as mãos do mar. E sentiu novamente necessidade delas, dessas mãos que lhe afagavam o corpo. Não eram mãos como as da madrinha ou da criada. Eram umas mãos que lhe traziam qualquer coisa de remoto ao pensamento, como se em tempos muito distantes ele já as tivesse sentido. Mas as mãos passaram. E agora, ele sabia porque é que os marinheiros não tinham medo da tempestade. Eram com certeza aquelas mãos de espuma que os acariciavam. Mais ninguém sabia. Só ele e os outros marinheiros. Por isso deixavam tudo para se fazerem ao mar. Desceu mais um pouco e sentiu a água a fustigar-lhe a cara. Mas ele queria as mãos do mar, aquelas mãos tão macias. Continuou a caminhar: um passo, outro... E quando uma onda o levantou no ar e lá em cima ele viu uma nesga de céu e se sentiu atirado para o fundo sem ter podido agarrar uma mão cheia de espuma, pensou que assim que chegasse ao céu, havia de perguntar porque é que a espuma se desfazia tão depressa.



Quão adaptáveis, parecem ser todos os animais, sem respeito pelas variações de temperatura.

Estes rangíferos parecem confortávelmente quentes a despeito da neve que cobre os seus árcticos pastos; contudo o leão e a sua fêmea estão elegantemente indiferentes no seu ambiente tropical.

Eis a explicação da suprema adaptabilidade dos Casacos Sport ADÃO. O ar contido dentro das células de fabrico, reage da mesma maneira do que o ar contido na pele dos animais. É a razão por que os nossos clientes se sentem sempre confortávelmente, seja qual for a temperatura, quando usam os Casacos Sport do ADÃO CAMISEIROS.

Os Casacos Sport com botões de «Pontas de Veado» serão expostos, para venda, brevemente.

238, RUA AUGUSTA, 240
Telef. 26427 — 31112

Publicações

«Revista do Centro de Estudos Económicos»

O Centro de Estudos económicos publicou o n.º 17 da sua revista. Dele faz parte um trabalho da licenciada em Ciências Económicas e Financeiras, dr.ª Maria Manuela da Silva, intitulado «Contribuição para o estudo da estrutura do salário na industria transformadora portuguesa», dividido pela seguinte forma: Introdução: O salário no sistema de economia de mercado; o salário na estrutura económica portuguesa; delimitação do ambito do presente estudo. Fontes de informação. Estrutura do salário na industria transformadora: Salário médio por dia de trabalho; salário médio por trabalhador; salário médio por dia de trabalho, segundo os distritos; remuneração do trabalho feminino. Apêndice: O salário e a produtividade por trabalhador.

Insere, igualmente, este volume, a segunda parte e conclusão do estudo, de carácter histórico, da autoria do dr. Fernando Pinto Loureiro sobre «Vida e ideias económicas de José Acúrsio das Neves, primeiro grande defensor da industria moderna em Portugal (1766-1834)», que termina com um apêndice onde é citada a bibliografia de José Acúrsio das Neves.

«Revista Militar»

Acaba de ser publicado o fascículo 2-3 da «Revista Militar» referente aos meses de Fevereiro-Março, cujo sumário é o seguinte: «Temas Castrenses—A Guerra e o Exército» (tenente-coronel do C. E. M. Gromicho Boavida); «Tendência da evolução das armas aéreas e antiaéreas» (tradução pelo coronel Francisco Chagas); «Velhos princípios, princípios de sempre» (capitão Henrique Nascimento Garcia); Crónicas militares de Portugal e do Brasil e Bibliografia.

LUÍS MARIANO

NOVIDADE

QUE SERA, SERA

Romance nos palmares EQ 5016

ÊXITOS ANTERIORES

Amo Paris É maravilhoso	EQ 5014
Maria Luísa Violetas imperiais	EQ 5013
Olé toureiro Porque, porque	EQ 5012
México Acapulco	EQ 5000
Milágre de Paris Zambra gitana	SG 481

EM DISCOS

A VOZ DO DONO

VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

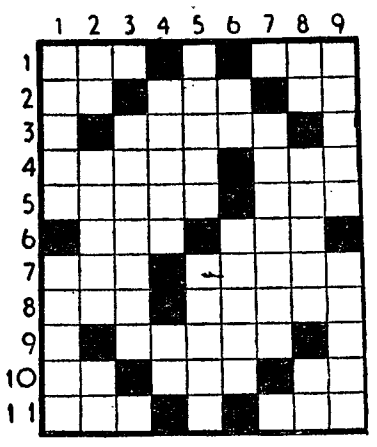
R. NOVA DO ALMADA, 97 — LISBOA

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 852



HORIZONTAIS: 1 — Oferecer. Consentimento. 2 — Levar a. Avistar. Preposição e artigo. 3—Arrancar. 4—Depois do tempo próprio. Data célebre. 5—Balela. Um cento. 6 — Corrente de água natural e abundante. Nome dum planeta. 7—Parceiro. Costurava. 8—Sufixo que indica abundancia (fem.). Eventualidade. 9—Tempo do verbo ser. Mole. 10—A ti. Chiste. Desacompanhado. 11—Flanco dum exército. Rio de Portugal.

VERTICAIS: 1—Regime de alimentação. Vate. 2 — Viração. Penhor. Artigo definido (ant.º). 3 — Atraiçoaram. 4—Frasco. Artigo definido. 5—Relativa ao ar. Gíria. 6 —Freguesia do concelho de Arcos do Valdevez. Lugar. 7—Negar. 8—Comparecia. Verdadeiros. Nota musical. 9—Residem. Macacos americanos.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 851

HORIZONTAIS: 1—Desbarata. 2 —Rosas. 3—Dr. Ais. Mu. 4—In. Cal. 5—Crua. CARA. 6—Nimes. 7—Eco. Mal. 8—Ara. Ler. 9—DE AÇO. Só. 10—Riem. Come. 11—Os. Aba. Ar.

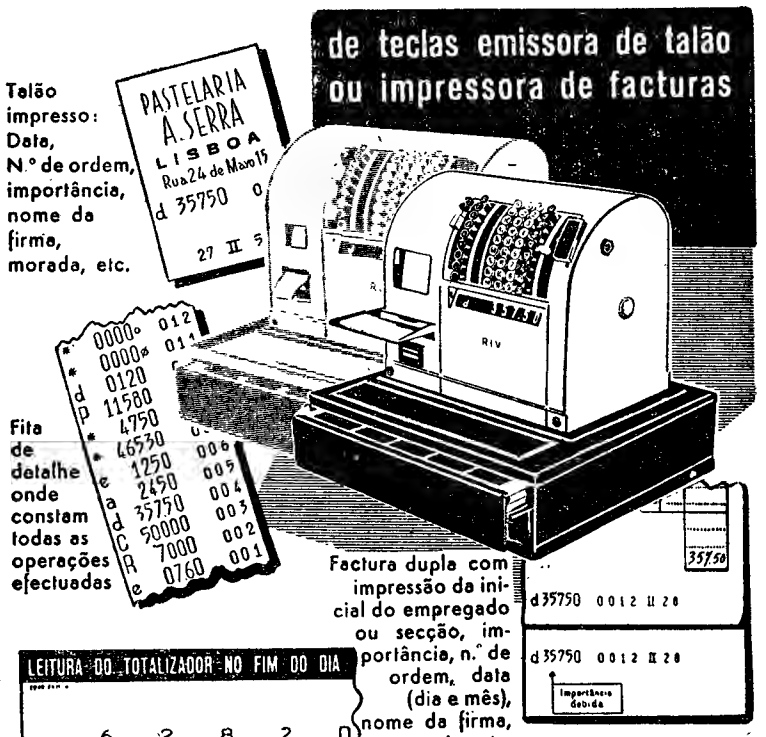
VERTICAIS: 1—Dedica. Adro. 2 —Ror. Ereis. 3—Sr. NUNCA. É. 4 —BOA. Aio. Ama. 5—Ásia. AC. 6—Rás. Cem. Oca. 7—As. Casal. 8 — Mar. Lesma. 9—Anulam. Roer.

Provérbio: CARA DE AÇO NUNCA É BOA.

RIV MODÊLO 970

A CAIXA REGISTADORA DA ACTUALIDADE!

de teclas emissora de talão ou impressora de facturas



MODÊLO ELEGANTE, SIMPLES E DE FÁCIL MANEJO, CONCEBIDO PARA OS COMERCIANTES QUE DESEJAM ALIAR À RIGOROSA ADMINISTRAÇÃO E CONTROLE DAS RECEITAS, O BOM ASPECTO DO SEU ESTABELECIMENTO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

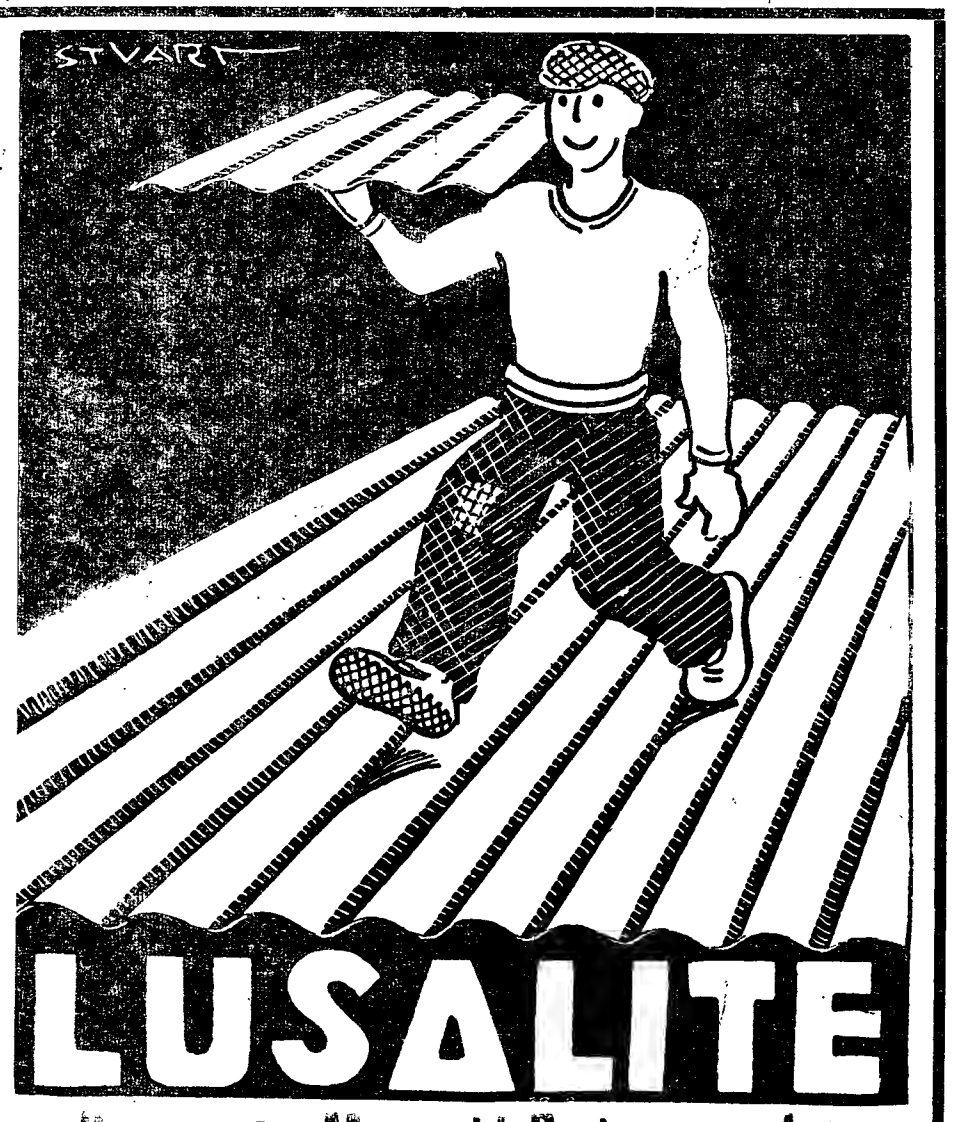
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 37 — Telefone P. P. C. A. 59181 (3 linhas) — LISBOA

AGENTES REGIONAIS:

Norte: AGÊNCIA COMERCIAL SANTARÉM
Rua Ramalho Ortigão, 40 - PORTO

Sul: AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO
Rua de Santo António, 57 - FARO

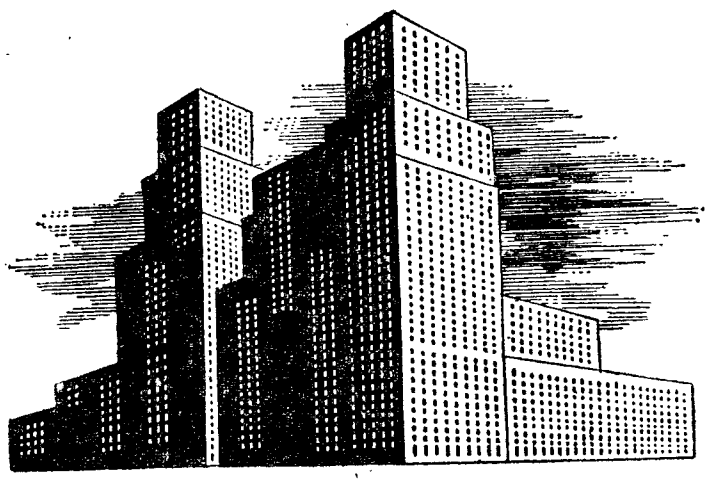


LUSALITE

Corporação Mercantil Portuguesa, L.da

RUA DE S. NICOLAU, 123 — LISBOA

Telefones: 22091, 22092, 22093, 30295 e 34925



Pavimentos e Lambris

ROBINSON

Os pavimentos de aglomerados de cortiça e lambrins «ROBINSON» são hoje preferidos por quem sabe construir. As suas características de isolamento de som, calor e frio, tornam as casas lindas á vista, preparando-as para receberem tanto os móveis mais ricos como os de mais modesto aspecto. Os pavimentos e lambrins «ROBINSON» são indispensáveis a quem quiser atender ás condições de conforto e higiene, quando constroi! Empregar pavimentos e lambrins «ROBINSON» é ter a certeza de ser bem servido.

«ROBINSON» A MARCA DE GARANTIA PARA TODOS OS PRODUTOS DE CORTIÇA

SOCIEDADE CORTICEIRA

ROBINSON BROS, L.DA

Portalegre

Agentes: AZEVEDO & PESSI, LD.ª — Rua Nova do Almada, 46

Telefones 29879-20354-24495-31050-23636 — LISBOA — Portugal

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇAO GERAL AS 9 HORAS (TMG) DE HOJE — Em Portugal continental o vento é fraco de vários rumos e o céu está pouco nublado por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação conjunta duma depressão centrada sobre a Mancha e dum anticiclone centrado a Noroeste da Escócia.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 13°; Penhas Douradas, 10°; Lisboa e Funchal, 16°; Faro, 15°.

PREVISAO ATÉ AS 24 HORAS (TMG) DE AMANHÃ—Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado amanhã durante a tarde. Vento fraco de direcção variável, nevoeiros locais. Temperatura sem alteração apreciável.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Alegria — Estrada de Benfica, 277-C-281, Tel. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Berne (De) — Avenida de Berna, 44-A, Tel. 773568; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Neoterápia — Campo Grande, 138, Tel. 774682; Líbia — Avenida da Igreja, 4-B/C, Tel. 776681; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Lungenit, Lda. — Avenida da Republica, 55-A, Tel. 772132; Latina — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 391136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B-C, Tel 720703; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 842909; Dalton — Av. Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; País—R. Abade de Faria, 22-A. 22-B, Tel. 723965; Antolin, Lda.—Avenida Almirante Reis, 88-B-C, Tel 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 43438; Urbano de Freitas — Rua Silva Carvalho, 1-9, Tel. 662838; Gouveia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 664949; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Lda. — R. da Junqueira, 38-40, Tel 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Açoreana — Largo do Conde de Barão, 2, Tel. 661330; Gonçalves, Lda. — Rua da Rosa, 176-178, Tel. 32687; Laboratório Farmacológico (Do) — Rua de S. José, 187, Tel. 26476; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342.

CASA MAX

Sempre as maiores **novidades** para Senhoras e Cavalheiros. Visitem as nossas montras.

193A - R. D. Estefânia - 193F

2C - Av. Praia da Vitória - 2D

Casamentos - Lanches

45$00 e 50$00, com vinhos, em casa própria. Toda a garantia

PASTELARIA LISBOA

Av. Almirante Reis, 42-A — T. 40076

FILATELIA

Uma actividade desconhecida do prof. doutor Bissaia Barreto

Esta crónica devia ter sido publicada no domingo passado, ou seja no mesmo dia em que este jornal sublinhou, muito excepcional e justamente, a homenagem na véspera prestada ao eminente prof. doutor Bissaia Barreto, durante o grandioso banquete realizado na Casa das Beiras.

Professor dos mais ilustres da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Bissaia Barreto goza da fama, nada simpática aos estudantes, de apenas ter dado meia duzia de faltas ás aulas, durante os quarenta e tantos anos do seu professorado...

Apesar disto, Bissaia Barreto exerceu sempre grande clínica em Coimbra, e, como cirurgião, sempre diáriamente fez inumeras operações nos Hospitais da Universidade de Coimbra, e, nos mesmos dias, cinco, dez e quinze operações, quase todas gratuitas, nos hospitais dos concelhos circunvizinhos: Agueda, Arganil, Lousã, Tábua. etc., etc.

De Bissaia Barreto se diz que não tem tempo para almoçar nem para jantar, e que se alimenta de chocolates... Mas a verdade é que, sem prejuízo das suas referidas actividades, ele é presidente da Junta da Província da Beira Litoral, e nestas funções criou e dirige muitas dezenas de hospitais, sanatórios, preventórios, casas da criança, colónias de férias, etc., etc., num conjunto assistencial que é unico em todo o País, e que ele comanda nos pormenores mínimos, desde a nomeação de um médico, á escolha de um cadeeiro ou de um azulejo...

Não obstante tudo isto, Bissaia Barreto consegue o milagre de vir passar a Lisboa todos os fins de semana, e de todas as sextas-feiras chegar vagarosamente no «rápido» ou no «foguete», e de todos sábados descer e subir as ruas da Baixa, vagarosa e anónimamente, — a fazer horas para os jantares de todos os sábados, com a unica excepção do sábado em que aquela Casa das Beiras lhe prestou tão grande e tão expressiva homenagem.

A tal homenagem, não fica mal acrescentar aqui um pequena pedra, revelando um facto totalmente desconhecido dos biógrafos de Bissaia Barreto: E' que o eminente professor, espírito multiforme, e actividade das mais extraordinárias da actualidade portuguesa, ainda por cima de tudo isto,—é coleccionador de selos!—V. C.

Mundo dos selos

No próximo domingo, voltaremos a fazer referência á notável aquisição de selos portugueses, feita em Inglaterra pelo comerciante Armando Ribeiro.

—Com a costumada pontualidade saiu mais um numero do «Jornal Filatélico», excelentemente dirigido por Alberto Armando Pereira.

—Domingos do Sacramento acaba de adquirir o estabelecimento «Mercado Filatélico», da Rua do Crucifixo, em Lisboa.

—E' dirigida por Henrique Carvalhão a secção filatélica do jornal «Beira Baixa», de Castelo Branco.

—Na assembleia geral da Federação Portuguesa de Filatelia, o sr. prof. doutor Carlos Trincão foi eleito presidente da direcção, e delegado de Portugal á Federação Internacional de Filatelia.

—A comissão organizadora da 2.ª Exposição Filatélica de Manica e Sofala, integrada nas festas comemorativas do cinquentenário da cidade da Beira, é constituída pela sr.ª D. Lucília Fernandes Tavares Ribeiro e pelos srs. Artur Leotte de Andrade Ramos, José Carlos Espírito Santo, Fernando António Santos Clara e José Carvalho.

—Na assembleia geral de Federação Portuguesa de Filatelia, foi designado para a assinatura do Rol dos Filatelistas Eminentes o sr. coronel Vitorino Godinho, que é o terceiro distinguido, depois dos srs. prof. doutor Carlos Trincão e A. de Castro Brandão.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos: «Philatelic Magazine», editor Tom Morgan, 27, Maiden Lane, Strand, London, W. C. 2; «Il Bollettino Filatelico», director, Amedeo Palmieri, Abrl de 1957, Casella Postale 548, Firenze; «Jornal Filatélico», director, Alberto Armando Pereira, n.º 4, Abril, Avenida António Augusto de Aguiar, 13, Lisboa.

JORNAL FILATÉLICO

Saíu no dia 1 o numero de Abril. Apenas durante este mês são aceites assinaturas a começar em numeros atrasados. A partir de Maio, as assinaturas só poderão começar com o numero do mês que estiver decorrendo, e os exemplares que ainda houver, de numeros atrasados, terão de ser adquiridos á parte. Os pedidos de assinaturas (30$00 por ano) devem ser dirigidos á Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 13, em Lisboa.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 21, Noticiário; 21 e 10, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 45, A Orquestra de Wally Stott; 19, Cançonetas; 19 e 15, A Voz do Império; 19 e 45, Cançonetas hispano-americanas; 20, O Dia Mundial de Saude; 20 e 15, Zarzuela; 20 e 40, Domingo desportivo; 20 e 50, Intervalo musical; 21, Junção dos emissores; 21 e 10, Musica ligeira portuguesa; 21 e 30, Rosa dos Ventos; 21 e 50, Album musical; 22 e 10, Rádio-desporto; 22 e 40, A Orquestra Chacksfield; 23, Crónica tauromáquica; 23 e 20, Danças.

Programa «B»—Ás 18, Teatro das comédias «Com a Verdade não se Brinca», de Costa Ferreira; 18 e 26, Musica de Mozart («Dois minuetes e gavota», pela Orquestra Sinfónica Austríaca, dirigida por Kurt Wess; «Duas árias de Concerto», pelo tenor Kmett e a Orquestra Sinfónica de Viena, dirigida por Zauxgartner); 19, Concerto de domingo, 1.ª parte («Leonor n.º 2», de Beethoven, pela Orquestra Residency de Haia, dirigida por Van Otterloo; «Sinfonia n.º 4», de Dvorak, pela Orquestra de Concertgebouw, dirigida por Szell); 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto de domingo, 2.ª parte («Kol Nidreiw», de Max Bruchw em violoncelo, por Schuster e a Orquestra Society de los Angeles, dirigida por Waxman; «Xerazade», de Rimsky-Korsakow, pela Orquestra Sinfónica de Filadélfia, dirigida por Ormandy); 21, Junção dos emissores; 21 e 10, Musica de piano («Pequena suite», de Bela Bartok, em piano, pelo autor); 21 e 20, A ciência ao serviço da Humanidade; 21 e 30, Ciclo Beethoven («Sinfonia n.º 1», pela Orquestra Sinfónica da N. B. C., dirigida por Toscanini); 21 e 55, Tema final da ópera «Siegfried, de Wagner, pelo soprano Varnay, tenor Windgassen e a Orquestra Sinfónica da Baviera, dirigida por Weiger; 22 e 30, Que quer ouvir?; 1.ª parte («O tenente Kije, suite de Prokofief», pela Orquestra Sinfónica Francesa, dirigida por Desormière); 22 e 50, Tempo de poesia; 23 e 5, Que quer ouvir?, 2.ª parte («Concerto n.º 2», para piano e Orquestra de Rachmaninoff, por Cor de Groot e a Orquestra Residency de Haia, dirigida por Van Otterloo).

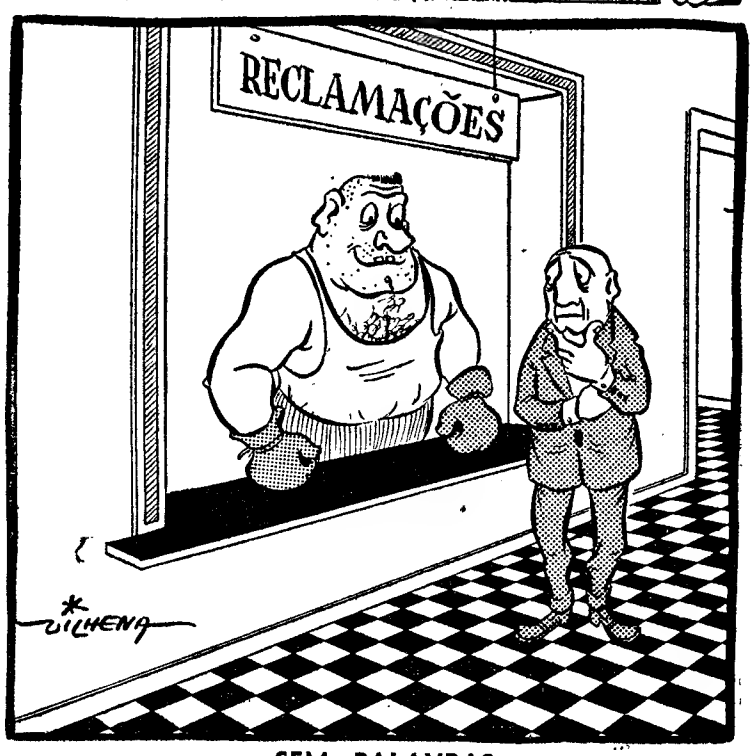
RÁDIO CLUBE—Ás 18, Fados e guitarradas da Severa; 18 e 30, Variedades; 18 e 45, Folhetim C. U. F.; 19, Era uma vez...; 19 e 15, Luciano Virgili; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Trio Maravilha; 20 e 30, Comentários desportivos; 20 e 45, Lendas da nossa terra; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Motivos portugueses; 22, Orquestras e canções; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 15, Concerto; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0, Fados e guitarradas da Nau Catrineta; 0 e 30, Canções portuguesas; 0 e 45, Noticiário; 0 e 55, Amanhã.

RÁDIO RENASCENÇA—Ás 18 e 30, Terço, bênção e missa vespertina, da basílica dos Mártires; 19 e 50, Boletim do S. C. R.; 20, Placard desportivo; 20 e 15, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 40, Vozes portuguesas; 20 e 55, Meditando; 21, Variedades; 21 e 30, Ecos de Espanha; 21 e 45, Valsas; 22, Jóias musicais — páginas imortais da musica; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Musica e vozes portuguesas; 23 e 20, Cartaz das Américas; 23 e 40, Musica variada.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Clube Radiofónico de Portugal; das 19 e 30 ás 22, Rádio Graça; das 22 á 1, Rádio Peninsular.

O SR. PASCOAL

Desenhado especialmente para o «Diário de Lisboa» por VILHENA



SEM PALAVRAS

HA TRINTA ANOS

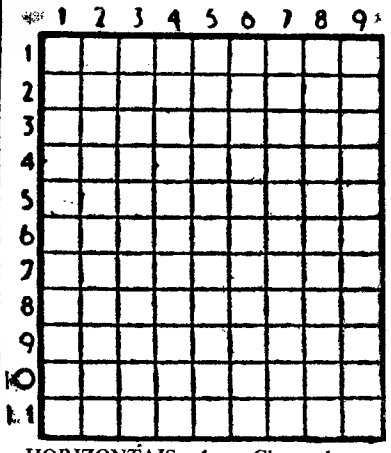
O «Diário de Lisboa» de 7 de Abril de 1927 dava a notícia da morte do marquês de Viana, valido de Afonso XIII, pai do actual marquês, antigo adido naval á Embaixada de Lisboa e que havia de casar com uma aristocrata portuguesa. Além dos títulos de nobreza herdados pelo falecido marquês, possuia o extinto muitos outros dados pelo Rei que, quando da concessão dos dois ultimos colares do Tosão de Oiro, hesitou entre três indigitados: o marquês de Viana, o duque de Alba e o marquês de Estella, general Primo de Rivera.

A morte do marquês de Viana, marca um grande acontecimento no reinado de Afonso XIII.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1861



HORIZONTAIS: 1 — Classe de tropa. Uma das ilhas de Sonda. 2 — Solctrava. Felicidade. 3 — Célebre trágica italiana do século passado, falecida aos 85 anos. 4 — Apenas. Prefixo de duplicação. 5 — Preposição. Pequeno poema medieval narratvio ou lírico. Deus dos pastores. 6 — Braço de mar. Ente. 7 — Famoso general romano sobre o qual Shakespeare escreveu uma das suas tragédias. 8 — Capa. Rio de França. 9 — Popa. Progenitor. Interjeição. 10 — Homem valoroso. 11 — Pronome pessoal (pl.). Mudança.

VERTICAIS: 1 — O mais. Passa através de. 2 — Escarnecer. Pessoa pouco inteligente ou perspicaz. 3 — Além disso. Sulca. Falsa. 4 — Nome dum astro. Utensílios. 5 — Símbolo químico da platina. Atascar. 6 — Rio da Russia. Compareciam. 7 — Descerrei. Chiste. Alternativa. 8 — Norma. Sofreu. 9 — Prefixo de negação. Cada uma das grandes artérias que levam o sangue á cabeça.

Solução do problema n.º 1860

HORIZONTAIS: 1 — Caravelas. 2 — Orara. 3 — Rui. Res. 4 — Dr. Der. Sa. 5 — Canoa. 6 Aditara. 7 — Al. Sim. Rs. 8 — Ima. Ema. 9 — Raio. Aval. 10 — Açama. 11 — Se. Alo. Vá.

VERTICAIS: 1 — Corda. Aires. 2 — Ur. Alma. 3 — Roí. Cd. Aia. 4 — Ar. Dais. Oca. 5 — Valentim. Al. 6 — Er. Roam. Amo. 7 — Lar. Ar. Eva. 8 — E's. Arma. 9 — Sisas. Salta.

EFEMÉRIDES

No dia 7 de Abril de 1506 nasceu S. Francisco Xavier, e no mesmo dia de 1890 nasceu Gabriela Mistral.

Cobra frita
e gafanhotos assados

ENID (Oklahoma), 7 — «Não há desculpa para que um homem morra á fome, quando os bosques estão cheios de insectos e de outros animais». Esta á a teoria que o capitão Roy Smith, da base aérea de Enid, instilou nos recrutas entregues á sua guarda.

Ao ser transferido para outra base, os alunos resolveram oferecer um jantar de despedida ao seu instrutor. E para mostrarem que tinham aprendido os seus ensinamentos, apresentaram os seguintes pratos: sopa de jacaré, moscardos e cobras fritas, gafanhotos «sautés», minhocas mexicanas assadas e ovos de codorniz cozidos. — (A. N. I.).

Subsiste
o mistério
sobre o engenho
que alarmou a Inglaterra

LONDRES, 7—Segundo informa o «Sunday Dispatch», o objecto misterioso, localizado nos «écrans» de radar, na quinta-feira á noite, era demasiado rápido, demasiado grande e demasiado manobrável para ser um avião. Acrescenta o jornal que foi esta a conclusão a que chegaram os peritos no seu relatório enviado ao Ministério do Ar.

O objecto foi primeiro localizado pela estação de radar da R. A. F., em West Freugh, na extremidade Sudoeste da Escócia. Segundo os operadores da estação, o objecto apareceu primeiro a uma altura de 18.000 metros e, depois de várias evoluções, desapareceu em direcção á ilha de Man. Deslocava-se a uma velocidade tal que não podia ser visto a olho nu e descreveu uma curva num angulo «impossível».

Um informador do Ministério do Ar declarou: «Não sabemos o que era o objecto. O relatório está a ser estudado pelos Serviços Secretos do Ministério».—(A. N. I.).

EMUD

MODELO

Condor

Esc. 6.990$00

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

AVENIDA RADIO

AV. ALMIRANTE REIS, 12-C, TEL 46770 LISBOA

Washington pretende evitar
o desastre de um malogro da política
empreendida por Hammarskjoeld e Eisenhower
sobre o problema do canal de Suez

LONDRES, 7 — O Governo americano está a tentar o ultimo esforço para conseguir do presidente Nasser certo numero de concessões, a fim de evitar o malogro das conversações sobre o problema do canal de Suez e a derrocada da política Hammarskjoeld-Eisenhower — escreve o correspondente do «Sunday Times» em Washington.

O jornalista afirma que, na terça-feira, Foster Dulles esteve na iminência de desistir das negociações com o Egipto e que estas só prosseguiam graças a uma intervenção pessoal do presidente Eisenhower.

Por seu lado, o correspondente do «Observer» na capital americana relata que há pessimismo nos círculos diplomáticos de Washington, onde se perderam práticamente as esperanças num entendimento com o coronel Nasser.

Entende aquele jornal que o presidente egípcio precisa de obter uma vitória diplomática na questão do canal de Suez para justificar, quanto á opinião publica egípcia, a sua moderação relativamente á zona de Gaza e ao Golfo de Akaba, donde, apesar das reiteradas ameaças, nada fez para expulsar as tropas da O. N. U. — (F. P.).

Truman ataca a política americana no Médio Oriente

TOPEKA (Kansas), 7 — O antigo presidente Truman pediu aos *leaders* democráticos do Congresso que corrijam «os erros e as hesitações da política externa americana».

Num discurso, perante uma organização democrática desta cidade, frisou que, «há quatro ou cinco anos, pareciamos estar mais perto do que agora, de conseguirmos obter um êxito nesse capítulo» e acrescentou:

«Nós damos a ideia de recuar, enquanto as forças comunistas avançam no Médio e no Extremo Oriente e a aliança dos povos livres é assaltada por duvidas e divergências. A culpa é da falta de direcção da Casa Branca e da Secretaria de Estado».

«Os nossos aliados — disse — chegaram á conclusão de que não é possível ter confiança na nossa diplomacia, ao mesmo tempo que os nossos inimigos compreenderam que os nossos dirigentes, na maior parte do tempo, se dedicam ao *bluff* e que não há nenhuma razão para nos temerem. O nosso país continua a ser admirado e respeitado mas ninguém tem confiança e respeito no nosso Governo». — (F. P.).

A navegação israelita pelo Golfo de Akaba

JERUSALÉM, 7 — Segundo se indica de fonte autorizada, a propósito da chegada do primeiro petroleiro ao golfo de Akaba, dois ou três navios-tanques por mês são esperados em Eilath, podendo este ritmo, mais tarde, chegar a sete. Frisa-se que, por motivos de segurança, as chegadas de petroleiros são, por enquanto, mantidas secretas.

Numa conferência de Imprensa com altos funcionários do Ministério das Finanças, foi revelado que o oleoduto de vinte centímetros de diametro, que liga Eilath a Reerseba, começado em Novembro e concluído recentemente, foi financiado, em parte, por Judeus da América do Norte, do Sul e da Europa. Este *pipe-line* custou 14 milhões de libras israelitas, mede 254 kms. de comprimento e necessitou de vinte mil tubos de 20 cms. de diametro pesando 6.300 toneladas. — (F. P.).

Os resultados verificados
com as radiações atómicas
no litoral japonês

TÓQUIO, 77.—O dr. Hironobu Watanabe, da Universidade de Niigata, declara que os efeitos das radiações das experiências nucleares soviéticas no litoral do Mar do Japão são cerca de quatro vezes superiores aos que as experiências americanas provocam.

Anunciando os resultados da análise das chuvas radioactivas, que cairam na região do Niigata, entre Março de 1956 e o mês findo, o cientista japonês indica que os Estados Unidos procederam a 15 ensaios nucleares e a U. R. S. S. a 9. Os efeitos das radiações são de 182 milicurias, por milha quadrada, quanto ás experiências americanas e 364 milicurias, quanto ás soviéticas— e que a acumulação de estrôncio 90 num ano se eleva a 1,2 milicuria, por milha, no caso dos Estados Unidos, e a 2 milicurias, quanto ás experiências da U. R. S. S.

Embora reconhecendo que a diferença é principalmente devida aos factores geográficos e meteorológicos, o cientista frisou que a contaminação do Mar do Japão e das terras do litoral representa para o seu país um problema tão sério como o da contaminação do Pacífico.—(F. P.).

Os objectivos
do tratado
entre a França e a Líbia

PARIS, 7. — O «Journal Officiel» publicou hoje, o texto do tratado de amizade e boa vizinhança entre a França e a Líbia, assinado em 10 de Agosto de 1955 e ratificado em 20 de Fevereiro ultimo.

No preambulo, o tratado afirma o empenho dos dois países em «prestarem assistência mutua e cooperarem intimamente entre eles e com as outras nações, para manterem a paz e se oporem á agressão, em conformidade com a Carta das Nações Unidas». Afirma, ainda, o empenho «em estreitar as relações económicas, culturais e de boa vizinhança entre os dois países, tanto no seu comum interesse como no da prosperidade geral».

O tratado vigorará durante 20 anos, mas poderá ser revisto após consultas. Há quatro convenções anexas: a primeira expõe as modalidades da retirada das forças francesas de Fezzão; a segunda é uma convenção de boa vizinhança; a terceira aplica-se ás relações económicas e a quarta ás relações culturais. — (F. P.).

Violento temporal
no Atlantico

ESTOCOLMO, 7. — O primeiro avião que, nas ultimas 24 horas, conseguiu atravessar o Atlantico, chegou, esta manhã, ao aeródromo de Bromma. É um dos três «C. 46», do tipo «Curtis CW 20», encomendados para as carreiras aéreas.

O aparelho, que tentara, ontem, alcançar a Suécia, foi obrigado a poisar na Islandia, devido ao temporal e ao denso nevoeiro.—(F. P.).

EM NOVA YORK
acabaram os «eléctricos»

NOVA YORK, 7 — O ultimo «eléctrico» desta cidade, da linha que atravessava a ponte de Queensboro, entre a Segunda Avenida, em Manhattan, e a localidade de Queens, nos arredores, deixou ontem de funcionar.

Assim, todas as linhas foram substituídas por autocarros. — (F. P.).

Vão subindo
as águas do mar

SANTA MÓNICA (Califórnia), 7 — Um geógrafo americano, Joseph Kaplan, diz que o nível da água dos mares, dentro de cinquenta ou sessenta anos, subirá pelo menos doze metros, a não ser que os homens, até lá, consigam controlar as condições atmosféricas. Num artigo no jornal «Santa Mónica Evening Outlook», Kaplan afirma que os gases provenientes da combustão de petróleo e dos óleos pesados aquecem a atmosfera e aceleram a fusão das massas polares.

Declara, por fim, que uma subida do nível dos oceanos inundaria Nova York, Tóquio e uma grande parte da Terra e que o único meio de o homem evitar essa catástrofe é aprender a controlar a temperatura da atmosfera. — (F. P.).

Ultimas notícias

A entrega da carta
ao Rotary Clube de Alcobaça

ALCOBAÇA, 7—*(Pelo telefone)* —Realizou-se hoje a entrega, pelo sr. Domingos Ferreira, governador do distrito rotário n.º 65, da «carta constitucional» ao Rotary Clube desta vila, recentemente constituído.

De manhã, chegaram numerosos rotários de Lisboa e doutros pontos do País, muitos deles acompanhados por senhoras das suas famílias. Após a concentração, junto ao Mosteiro, houve uma visita áquele monumento nacional. Às 11 horas, todos partiram para a Nazaré, em cujo Casino foi servido um aperitivo, exibindo-se o conhecido rancho folclórico «Tá-Mar». Às 13 horas, começou, nas Termas da Piedade, a três quilómetros desta vila, um almoço de confraternização, durante o qual foi feita a entrega daquele diploma.

Um largo de Mafra
com o nome do prof. Rebelo Gonçalves

MAFRA, 7 (Pelo telefone) — A Camara Municipal deste concelho resolveu dar o nome do professor Rebelo Gonçalves ao largo desta vila onde reside o ilustre mestre. Esta decisão foi tomada, não só pelo reconhecido valor nacional e internacional daquele catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, mas também pela sua acção a favor da região mafrense.

Alcateias de lobos
no Sul da Hungria

BUDAPESTE, 7.—Apareceram lobos na região de Bugac, nas grandes planícies do Sul do país, onde atacaram os rebanhos.

O facto é invulgar nesta quadra do ano. Organizam-se batidas. — (France Presse).

Não haverá futebol
nos Jogos Olímpicos?

ROMA, 7.—A inclusão do futebol na Olimpiada de Roma é dificultada pela existência de profissionalismo neste desporto, o que é contrariado pelos ortodoxos que já protestaram contra o profissionalismo de alguns dos atletas russos e hungaros nos Jogos Olímpicos de Londres, Helsinquia e Melbourne. — (Efe).

As exportações
britânicas
para a China

LONDRES, 7 — Segundo o «Sunday Express», MacMillan decidiu acabar com o embargo das exportações britanicas para a China, apesar da oposição do presidente Eisenhower, que se pronunciou contra tal política, no recente encontro das Bermudas.

Afirma o jornal que a decisão foi tomada para oferecer á industria britanica um enorme mercado novo, no momento em que a sua actividade vai baixar, devido ás reduções dos efectivos militares anunciadas há dias. — (F. P.).

Peixe raro
apanhado nas águas de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 7.—Foi apanhado, numa gamboa da Pescaria Santa Maria, pertencente a Bartolomeu José Fernandes, no Chamanculo, perto da foz do Rio Maputo, um enorme animal marinho da familia dos sirénios, vulgo sereia, pesando aproximadamente 600 quilos e medindo 2 metros e 75.

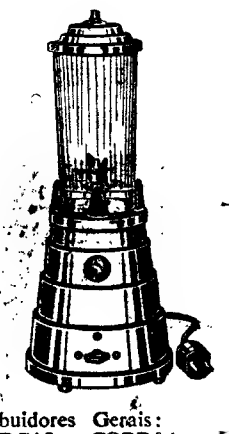
Segundo a opinião do taxidermista-chefe do Museu Alvaro de Castro, a quem o peixe foi oferecido, é o primeiro que apareceu nas águas da Baía do Espírito Santo, de há quinze anos a esta parte.— (A. N. I.).

Escapou um
entre dez mil

LEE (Maine), 7 — Um incêndio destruiu um aviário perto de Arvon Bower's, onde se encontravam 10.000 pintos.

Depois do rescaldo, os bombeiros encontraram, entre as cinzas ainda fumegantes, apenas um, ainda vivo. — (A. N. I.).

FIXE ESTA MARCA



Distribuidores Gerais:
MARÇAL CORRÊA, LDA.
R. Serpa Pinto, 15 — Tel. 26076

LINITA

E' o unico colchão de arame que tem condições próprias para evitar a aderência de parasitas. H. Bono, R. D. Pedro V, 75. Tel. 25448.

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

Diário de Lisboa

OS JOGOS DA «TAÇA DE PORTUGAL»

O Oriental venceu o Caldas

no único jogo entre grupos da divisão principal

mas deixou comprometida a sua posição para a «reprise»

A Taça de Portugal entrou em fase de maior interesse, agora, com a participação de nove clubes da I Divisão. Estes, com os concorrentes já apurados da 1.ª eliminatória, somam vinte, donde sairão dez (em jogos a duas mãos), os quais, junto aos restantes cinco da Divisão Maior e o apurado das Ilhas, disputarão, depois, os oitavos de final.

Aparentemente, há desnível entre os valores, em muitos dos encontros. Todavia, a Taça tem os seus caprichos e muitas vezes os mais modestos chegam a posições de grande relevo. Geralmente, aparecem os «tomba-gigantes» e é nesta expectativa que se disputa a grande prova, sempre interessante.

Como a competição é jogada em duas mãos, os jogos do próximo dia definirão as posições, não sendo, portanto, para já, caso de regozijo para alguns, embora, para outros, os resultados desta tarde tenham verdadeiro significado quanto á sua continuação na prova. Aguardemos o aparecimento dos que, contrariando os prognósticos, saiam em posição de relevo após esta segunda eliminatória que começou hoje.

Resultados da jornada

TAÇA DE PORTUGAL

Oriental, 4—Caldas, 3
Atlético, 5—Olivais, 0
Montemór, 1—Covilhã, 6
Leixões, 3—V. Setubal, 4
Boavista, 1—Barreirense, 3
Sanjoane., 1—Vianense, 3
Juventude, 0—Arroios, 0
«Leões», 0—Académica, 0
Cuf., 1—Almada, 1
G. Vicente, 0—Torrien., 3

2.ª DIVISÃO

V. Guima., 3—Salgueir., 3
S. Farense, 1—S. Braga, 3
Montijo, 4—Coruchen., 1

Os Barreirenses (Faia) e José Augusto *não são cedidos*

Da direcção do Barreirense — popular clube da margem Sul do Tejo — recebemos um ofício em que se declara não serem negociados, **seja porque forma for,** quaisquer dos seus jogadores da categoria principal de futebol.

As transferências, ultimamente propaladas, com certa insistência, de Faia e José Augusto para as fileiras do Sporting Clube de Portugal, encontram, portanto, sérios obstáculos, que não parecem removíveis...

Sabemos, também, que as notícias sobre este assunto, não tiveram ambiente acolhedor por parte da massa associativa do clube, que muito presa e estima aqueles atletas, a qual em ultima análise, sendo necessário, teria de tomar resolução em assembleia geral.

O Oriental não teve fôlego para manter o ímpeto com que começou

Jogo no campo «Eng. Carlos Salema», com pouca assistência. As equipas:

ORIENTAL—Edmundo; Morais e Capelo; Cordeiro, Luz e Mendes; Almeida, Leitão, Hidalgo, Grilo e Graça.

CALDAS—Rita; Amaro e Abel; Fragateiro, Saraiva e António Pedro; Anacleto, Orlando, Janita, Garófalo e Serrazola.

ARBITRO—Fernando Valério, de Setubal.

A bola de saída pertenceu ao Oriental que foi o primeiro grupo a abrir o activo, aos 5 minutos.

Um centro de Almeida, foi bem aproveitado, de cabeça, por Graça, após Rita haver falhado a intercepção.

Até aos 9 minutos Rita teve duas boas defesas, a remates de Graça e Hidalgo.

Os Orientalistas têm evidenciado superioridade, mas os visitantes saindo da pressão exercida pelo adversário, conseguiram aos 13 minutos a igualdade, a remate, de cabeça, de Janita, concluindo um centro de Sarrazola.

Animada com o tento, a equipa visitante comandou a partida, mas, aos 29 minutos, num oportuno contra-ataque e após confusão em frente das redes de Rita, que não captou o esférico, a bola entrou nas redes e o Oriental passava a vencer. Este tento pareceu-nos da autoria de Grilo.

Aos 32 minutos os donos do campo aumentavam a vantagem para 5-1, com um tento de Hidalgo, marcado de cabeça.

Quase no limite do tempo, Grilo bateu Rita pela quarta vez.

O resultado é demasiadamente expressivo, pois o Caldas,pelo que jogou, não merecia desvantagem tão acentuada.

Ao intervalo: Oriental, 4-Caldas, 1.

Recomeçada a partida, os Caldenses mostraram vontade de modificar o resultado, mas não foram felizes até aos 15 minutos. Janita, á frente das redes, falhou dois remates e, entretanto, Saraiva sobre a linha de golo salvou uma situação perigosa.

Aos 25 minutos o Caldas reduziu a diferença por intermédio de Fragateiro, a premiar um bom período de ascendência sobre os donos do terreno.

A premiar o seu melhor labor o Caldas, aos 37 minutos, marcou novo golo, em jogada feliz. Luz, ao pretender anular Anacleto, introduziu a bola nas próprias redes, colocando o resultado em 4-3 a favor do Oriental.

Embora o Caldas procurasse o empate, este não surgiu.

No final: Oriental, 4-Caldas, 3.

Expressiva vitória do Atlético

Jogo no campo da Tapadinha, perante regular assistência.

As equipas:

ATLÉTICO—Sebastião; Tomé e Barreiro; Oliveira, Gonçalves e Orlando; Mesiano, Legas, Martinez, Castiglia e Rosário.

SPORT L. E OLIVAIS — Veloso; Magro e Pais; Casimiro, Valente e Gomes; Silva, José Maria, Avelino, Artur e Gonçalves.

Arbitro: Jaime Pires, de Lisboa.

A equipa visitante, cedo evidenciou ser de pouca eficiência a toada de ataque que procurou imprimir, vista a melhor consistência e urdidura técnica da equipa da casa.

Apesar disso, aos 8 minutos o Olivais podia ter marcado, quando Silva rematou e Sebastião não segurou o esférico.

O primeiro tento foi apontado aos 14 minutos por Orlando, na marcação de um «livre». Depois e até aos 18 minutos a superioridade do Atlético acentuou-se e foi coroada com um golo apontado por Rosário, mas que o árbitro não validou por falta que não descortinámos.

Mas aos 20 minutos o Atlético passou o resultado para 2-0, com um golo de Mesiano.

Três minutos volvidos, um rema-

(Continua na página central)

As duas equipas do Minho

à frente do campeonato da 2.ª Divisão

Começou, esta tarde, a segunda volta, do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, de futebol.

O Vitória de Guimarães recebeu a visita do Salgueiros e, através dum despique emocionante verificou-se um empate.

A partida Montijo-Coruchense teve extraordinário interesse, conseguindo os Montijenses óptimo triunfo.

Finalmente, em Faro, o Sporting local defrontou o Sporting de Braga que, a despeito dos esforços dos locais regressou ao Minho com um triunfo.

Sp. Farense, 1—Sp. Braga, 3

FARO, 7 (Por linha telefónica directa) — Jogo no campo de S. Luís. Assistência razoável.

FARENSE — Isaurindo; Reina e Bento; Fausto Matos, Celestino e Rialito; Agostinho, Brito, Campos, Balela e Queimado.

SP. BRAGA — Cesário; Antunes e José Maria II; Passos, José Maria I e Armando; Costa, Ferreira, Jorge Mendonça, Fernando Mendonça e Baptista.

Arbitro — Eduardo Gouveia, de Lisboa.

Mal começou o jogo, os visitantes colocaram-se imediatamente ao ataque, com passes em profundidade para os extremos Ferreira e F. Mendonça e estiveram prestes a fazer funcionar o marcador por indecisão da defesa algarvia. Isaurindo, porém, atento, salvou a situação.

Os Algarvios, com muito entusiasmo, mas com inferior poder de antecipação, apareciam, por vezes, junto de Cesário. Assim, aos 13 minutos, Campos ia fazendo funcionar o marcador, com um agrediu Brito e o árbitro repreende-o.

Os Algarvios dificilmente conseguiram impôr o seu jogo, com os visitantes a exibir melhor técnica e quando foi assinalado o intervalo o resultado mantinha-se com o Braga a ganhar por 1-0.

No recomeço, Jorge Mendonça, com um bom passe, bateu a defesa algarvia, e só, na frente de Isaurindo, preferiu a entregar a bola a seu irmão Fernando. Este não soube livrar-se de um adversário e a jogada perdeu-se.

forte pontapé na área de golo. Cesário defendeu muito bem.

Os visitantes voltaram ao ataque, pelo lado direito e Costa passou a Ferreira. Este fez entrega da bola a F. Mendonça, que, na zona fatal, e ante a indecisão de Bento, atirou a contar, fazendo 1-0. Iam decorridos 14 minutos.

O jogo entrou, depois, em toada de equilíbrio, mas Isaurindo foi obrigado a empregar-se a fundo para defender um remate de Costa. O Farense fazia as descidas pelo centro do terreno e, aos 19 minutos, Campos esteve em condições de empatar, mas a bola embateu na trave, com Cesário batido.

Aos 25 minutos, F. Mendonça bateu, em dribles, toda a defesa algarvia. Foi rasteirado e atirou em más condições. Isaurindo defendeu e a falta

(Continua na página central)

PROVAS DE GOLFE

Campeonato Nacional de 2.ª categoria

No campo do Clube de Golfe do Estoril prosseguiu hoje o Campeonato Nacional de Golfe, de 2.ª categoria, reservado a jogadores com «handicap» igual ou superior a 13.

Os dois encontros tiveram os seguintes resultados:

António Dias Afonso v. Jaime Freitas, por 5/4; Luís Pinto Basto v. Paulo Viana, por 5/3.

A final será disputada no próximo domingo entre Dias Afonso e Pinto Basto.

«NACIONAL» DE JUNIORES

Benfica e Sporting empataram

no principal jogo do dia

O 17.º Campeonato Nacional de Juniores entrou na segunda fase, com a participação de oito clubes — os que melhores provas deram através de uma série de desafios de grande interesse. durante a primeira fase.

Na Zona Norte realizam-se, no próximo domingo, os encontros Sporting de Braga-Leça e Salgueiros-Académica. de Coimbra; e na Zona Sul, Olhanense-Benfica e Sporting-«Os Leões», de Santarém.

Na jornada de hoje, a primeira, o sorteio caprichou em apresentar um embate de grande importancia: Benfica-Sporting. O publico acorreu em numero elevadíssimo e acompanhou com muito interesse o despique que terminou com os grupos em igualdade de tentos. O Olhanense deslocou-se a Santarém e averbou uma excelente vitória. No seu campo, o Leça derrotou, com certa surpresa, o Salgueiros.

(Continua na ultima página)

O sarau do Atlético de Queluz

decorreu com brilhantismo

Na sede do Clube Atlético de Queluz efectuou-se ontem, á noite, um sarau de ginástica, que antecedeu a distribuição de prémios aos vencedores do clube em diversas competições desportivas, nomeadamente do «Grande Prémio de Queluz», patrocinado pelo nosso jornal.

A simpática festa que teve um cunho especial, decorreu com brilhantismo, sendo muito aplaudidas pela numerosa assistência que enchia o pequeno ginásio daquela colectividade, as classes de ginástica do A. C. de Queluz, nomeadamente a infantil, dos 4 aos 6 anos, e ainda as classes educativa e aplicada da Associação Académica da Amadora, que gentilmente se dignou colaborar no sarau.

O programa bastante longo começou com o desfile e a apresentação das classes, que se exibiram depois, orientadas na parte que diz respeito ao Atlético Clube de Queluz pelos monitores Rui Santos e A. R. Tereno e quanto á Associação Académica da Amadora pelo

(Continua na página seguinte)

Após o desfile das classes de ginástica, o estandarte do Clube Atlético de Queluz é saudado pelas entidades oficiais que compareceram ao sarau ontem realizado na sede da popular e florescente agremiação

Hóquei em campo

Campeonato de Lisboa

Prosseguiu hoje o Campeonato de Lisboa de Hóquei em Campo, com os jogos Estrela Amadora-Belenenses e Benfica-Atlético.

No campo do Estrela, na Amadora, jogaram o grupo local e o Belenenses, sob a arbitragem do sr. Armando Oliveira Pinto.

A partida disputada não correspondeu ao que se esperava, pois ambos os grupos actuaram com dureza, que o árbitro procurou reprimir chegando a expulsar três jogadores, dois do Estrela e um do Belenenses. O resultado nulo a que chegaram as duas equipas, diz bem da péssima partida efectuada.

EM ALVALADE: SPORTING, 2 — RECIFE, 1

Os brasileiros puseram à prova

a falta de remate dos portugueses

Descoberto pelo Vasco da Gama, grande clube carioca, o caminho da Europa, não tardou a observar-se, anualmente, uma como que «invasão» de «teams» brasileiros para este lado de cá do Atlantico. Outros vieram na rota do grupo da Cruz de Malta, e na verdade, deixando boa impressão por onde passavam. Mesmo clubes de menos renome fizeram temporadas famosas por estas bandas. A Europa transformou-se no Eldorado dos grupos do Brasil... Assim se sucederam as deslocações, algumas organizadas por «empresários», que certamente não dispensam pingues comissões. Enquanto a «coisa» se limitou aos clubes dos dois grandes centros futebolísticos do Brasil—vá que não vá... Onzes como o Vasco da Gama, o Flamengo, o Botafogo, o São Paulo e outros da mesma bitola trouxeram á Europa uma mensagem de excelente futebol, praticado por excelentes jogadores, aos quais, por amor da sua técnica apurada, era até possível perdoar certos arrebatamentos...

De modo que o Recife, na sua estreia europeia, levou uns bons milhares de pessoas, ontem, á noite, a Alvalade. Tantas foram as que vieram decepcionadas, imaginando o que poderá suceder ao grupo brasileiro na sua «aventura» por países onde o futebol já não é primitivo. Efectivamente, o Recife, de equipamento berrante, vivo, só deixou da sua passagem pelo bem iluminado estádio do Sporting a recordação desse conjunto vistoso, garrido. Se não valer mais do que evidenciou ao pisar pela primeira vez «gramados» europeus, é quase certo que em muitos lados apagará o bom sinal do futebol do seu país.

* * *

Decepção, eis o que sentimos todos os que estivemos em Alvalade. Andamos, desde há semanas, a ter decepções. Chamam-se selecção francesa, St. Etiénne e Recife. Julgamos, porém, que é de pôr o problema: decepção não quererá significar que, ao fim e ao cabo, valemos alguma coisinha? Em regra, uma equipa joga o que a outra lhe consente. Está bem de ver que, dentro deste princípio, há que considerar a «imposição» do futebol nacional nesses três desafios que foram outras tantas decepções em relação ao «imenso» que dos estrangeiros se esperava.

Porque do próprio Recife se esperava algo. Sempre é um «team» do Brasil, país rico de conteudo futebolístico, que pode dar-se ao luxo de se representar em competições internacionais por selecções em que não há um unico paulista ou carioca. Portanto, um país de futebol largamente desenvolvido, tornando admissível que em toda a parte se jogue um pedaço.

Afinal, os «dedicados» espectadores saíram, repetimos, a imaginar o pior para os simpáticos brasileiros que evolucionaram em Alvalade como um bando de pardais... sem orientação, sem finalidade.

* * *

Os Recifenhos não são totalmente desprovidos de mérito. De modo geral executam com facilidade, driblam e fintam com algum apropósito, batem bem a bola. Mas, ignoram o caminho das redes, mostrando-se inofensivos, através de um conjunto... sem nome. Queremos dizer, um conjunto (?) que não sabemos como designar. Se é que existiu conjunto neste molho de rapazes lançados por algum «empresário» no que dá a impressão de aventura arriscada... Talvez eles hajam estranhado o ambiente europeu, talvez não estejam ainda aclimatados a ele, e venham a melhorar ao longo da sua digressão, na medida em que defrontem equipas que saibam da «coisa»... Para já foram de qualidade muito modesta, sobressaindo, aqui e além, um Traçaia (extremo-direito), um Neninho (meia-direita), um Osvaldo, guarda-redes tamanhão mas hábil, assim a geitos de «estrela» da companhia.

* * *

Este desafio, preparado para o novo técnico «leonino» Hernandez, ver com que pode contar na sua nova campanha na Europa, foi mal jogado pelos sportinguistas. Talvez que, sabendo não estar o uruguaio presente, por atrazo do avião, os rapazes de verde não se empregassem a fundo. E até se aceita esta «explicação» atendendo aquilo que se passou no primeiro quarto de hora. Nesse período só estiveram no campo o Sporting e o «keeper» do Recife... e a inepcia de remate dos dianteiros portugueses. O ataque do S. C. P., comandado por Travaços e Pérides, desmoronou o Recife e não têm conto as oportunidades criadas—e perdidas... Menos de metade aproveitadas, e quando Osvaldo foi retirado do campo em maca (que desagradável efeito isto faz!...), já levaria com ele uma meia duzia de golos.

Nesses quinze minutos, o Sporting fez umas coisas. Teve jogadas do «velho» estilo sportinguista, largo, amplo, ganhando terreno em três passes, e abrindo a defesa contrária. Os cruzamentos de Pérides, de um deles saiu o primeiro golo, bem «á Sporting» antigo, estiveram, com os passes em profundidade de Travaços, nesse estilo do «team». Mas, depois, coincidindo com o abaixamento de Travaços, tudo se transformou. E o desafio passou a arrastar-se sem alegria, com sobressaltos da defesa «leonina» a deixar perceber uma falta qualquer... Mais se arrastou, descolorido, inerme, durante toda a segunda parte, que só teve de bom o outro golo de Martins, logo anulado por um «penalty» (?) que Neninho transformou.

E foi tudo.

O Recife perdera por 2-1 e criou um problema ao sentimentalismo dos Portugueses. Agora, ficamos todos á espera de conhecer os resultados que vão fazer por aí fora estes Brasileiros modestos, de equipamento berrante...

Os «capitães» das equipas do Recife e do Sporting trocam galhardetes antes do encontro efectuado ontem em Alvalade

PEDESTRIANISMO

António Ventura, do Benfica,

novo campeão nacional

dos 15 kms. em estrada

António Ventura

Esta manhã, com a temperatura fresca, Sol primaveril e ligeira brisa que soprava, por veves, em sentido contrário ao da corrida, portanto, um pouco prejudicial para as provas pedestres, a Associação de Atletismo de Lisboa fez disputar os 15 quilómetros, em estrada, a segunda competição do calendário da especialidade, com partida do Estoril e chegada a Algés, próximo da estação do caminho de ferro.

Na competição, que não se revestiu de grandes atractivos, visto a corrida ter sido quase limitada á participação benfiquista, pois o Sporting não compareceu e o G. Desportivo da Mouraria não pôde alinhar por os seus corredores terem comparecido tardiamente no ponto de partida, sobressaiu a corrida do campeão benfiquista António Ventura, que se encontra em excelente forma.

O nosso «recordman» da prova que, além fronteiras, no «Cross» das Nações, demonstrara ser um dos mais expressivos fundistas portugueses, venceu os 15 quilómetros com perfeita autoridade, destronando o seu companheiro de clube José Araujo.

O «tempo» que António Ventura obteve—46 m. 50,8 s.—e que estabelece «record» em virtude do traçado ter sido diferente, é considerado excelente e demonstra sobejamente as qualidades do actual campeão benfiquista.

A partida, que foi dada ás 9 e 30, alinharam apenas quatro corredores: dois do Benfica—António Ventura e José Araujo; e dois do Belenenses—Faria Gomes e António Plácido, este ultimo participante pela segunda vez nesta corrida.

Logo que soou o «tiro» e os cronometros começaram a funcionar, António Ventura e José Araujo colocaram-se na vanguarda do pequenissimo pelotão.

Aos três quilómetros os dois corredores do Benfica, foram cronometrados com o «tempo» de 8 m. 59,2 s. o que exprime, não há duvida, andamento forte para tão longa prova.

A primeira légua foi ultrapassada e os cronometros registaram, então, para António Ventura, que deixara para trás o seu companheiro de clube, 15 m. 11,8 s. O campeão nacional de fundo e da Maratona José Araujo, atingiu os primeiros cinco quilómetros com um atraso de 7 s. 8/10, atraso que foi tomando corpo á medida que os quilómetros se venciam.

Assim, ao perfazer-se duas léguas, António Ventura ia já distanciado de José Araujo, em cerca de 20 segundos, facto importante e a considerar em corridas de longa quilómetragem. O vencedor estava, portanto, encontrado a mais de metade da competição.

Os dois corredores do Belenenses, que, claro está, não podiam competir com os fundistas do Benfica, passaram tanto na primeira légua como na segunda muito atrasados, sendo a diferença final entre eles e o vencedor, de 7 m. 16 s. para Faria Gomes, e 8 m. 25 s. para António Plácido.

Ventura percorreu as três léguas apróximadamente em: 1.ª, 15 m. 11,8.; 2.ª, 15 m. 44,2 s.; e 3.ª, 16 m. 3,2 s. O seu companheiro de equipa—José. Araujo, obteve nas três léguas os seguintes «tempos»: 1.ª, 15 m. 18,4 s.; 2.ª, 16 m. 4 s.; 3.ª, 16 m. 1,4 s.

A ordem de chagada foi como segue: 1.º António Ventura, Benfica, 46 m. 50,8 s. (novo «record»); 2.º, José Araujo, Benfica, 47 m. 11,8 s.; 3.º, Faria Gomes, Belenenses, 54 m. 16,4 s.; 4.º, António Plácido, Belenenses, 55 m. 35,6 segundos.

Sporting—Sevilha

na 4.ª feira em Alvalade

Na próxima quarta-feira, no Estádio «José Alvalade», o Sporting defrontará, ás 21,45 horas, o Sevilha Club de Futebol, presentemente classificado em 3.º lugar no Campeonato da Liga do seu país.

A formação espanhola provávelmente será a seguinte: Javier; Romero e Valero; Enrique, Campanal e Rameni ou Herrera; Loren Arza, Pepillo, Domenech e Payá ou Pahuet. Na linha avançada todos são «internacionais», excepto Loren.

Henrique Fernandez, o novo treinador leonino, assistirá ao encontro.

PROVAS DA A. F. L.

A reserva do Benfica

está, agora, à frente

do «Torneio de Encerramento»

O «Torneio de Encerramento», organizado pela Associação de Futebol de Lisboa, para prolongar a actividade das «reservas» dos seus filiados, participantes no campeonato nacional da 1.ª Divisão, prosseguiu ontem com os encontros correspondentes á quarta jornada.

Voltou-se ao ritmo das duas primeiras «rondas» da prova que havia sido quebrado há uma semana. Os três encontros disputaram-se simultaneamente e forneceram os seguintes resultados:

Torriense-Benfica ...	1-2 (1-2)
Oriental-Sporting ...	1-4 (0-2)
Atlético-Belenenses...	1-1 (1-1)

Entre parentesis indicam-se os resultados ao intervalo.

Graças a estes resultados a classificação passou a estar assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Benfica	4	2	2	—	9- 3	10
Sporting ...	4	2	1	1	9- 3	9
Torriense ...	4	2	1	1	8- 5	9
Atlético	4	1	2	1	6- 9	8
Belenenses .	4	1	2	1	3- 7	8
Oriental (*)	4	—	—	4	4-12	3

(*) Tem uma falta de comparência.

A posição dos clubes, com uma diferença de dois pontos entre o 1.º e 5.º assegura o interesse pela continuação da prova.

*

A jornada de ontem revestiu-se de grande interesse. As três equipas de melhor cotação — Benfica, Sporting e Belenenses — foram visitantes e essa circunstancia não podia ser posta de lado com vista aos vaticínios. Admitia-se que os «encarnados», os «leões» e os «azuis» viessem a experimentar dificuldades que não se lhe deparariam se os despiques se travassem nos seus campos, e, de certo modo sucedeu assim — a avaliar pelos resultados, pois só o Sporting logrou um resultado que pode considerar-se expressivo.

A carreira feita pelo Torriense até ontem, permitindo-lhe o comando da classificação, valorizou a luta entre a equipa de Torres Vedras e a do Benfica. A vitória tangencial dos benfiquistas não deixa de refelotir dificuldades, até porque o resultado foi feito antes do intervalo e a vantagem de um golo nunca é tranquilizadora. Ao fim e ao cabo ganhou a melhor equipa. E assim se «quebrou o encanto» dos Torrienses», batidos pela primeira vez nesta prova e perdendo o comando da classificação, que passou para os «encarnados».

O Oriental, graças á recusa da A. F. L. em aceitar a sua desistência, pôde continuar na prova e defrontar ontem o Sporting. Os «leões» chamaram a si o melhor resultado da jornada, o que, em boa verdade, não surpreende, sabido que a turma orientalista não se apresentou na sua máxima força. Os sportinguistas dominaram desde o início, mas o primeiro não foi fácil de alcançar, pois só se verificou aos 20 minutos e para tanto foi precisa uma grande penalidade. A réplica esforçada do Oriental valorizou, sem duvida, a luta.

O desafio Atlético-Belenenses acabou por fornecer o resultado mais equilibrado desta quarta jornada. A carreira feita pelos «azuis», com uma quebra notória de rendimento em relação ao que a equipa produziu até perto do fim do torneio anterior, ajuda a aceitar o resultado sem custo. Pode, ainda, acrescentar-se que o resultado é lisonjeiro para os belenenses, pois o seu golo foi precedido de irregularidade.

Talvez, por isso, a reacção dos alcantarenses foi de molde a justificar a obtenção do empate — uma igualdade que as duas equipas procuraram afanosamente desfazer.

*

Arquivamos a seguir a constituição das equipas e os marcadores dos tentos:

TORRIENSE — Serrano; Portela e António Augusto; Rui André, Amilcar e Luís; Mário, Camilo (1), «Jaburu», Mota e Ferreira.

BENFICA — Costa Pereira; Rocha (1) e Naldo; Helder, Serra e Mário João; Chipenda (1), Carvalho, Azevedo, Coluna e Palmeiro.

ORIENTAL—Varatojo; Ribeiro e Penim; Fraga, Vasco e Garcia (1); Servo, Moreira, Jobel, Honório e Orlando.

SPORTING—Sá; Galileu e Couceiro; Mendes, Valter e Neves; «Quim» (1), Gabriel (2), Bagorro, Albano (1) e Ferreira.

ATLÉTICO—Correia; Pita e Mateus; Rui Maia, Lopes e Ferrão; Pereira, Midões, ..«Toni», Helder (1) e Correia Dias.

BELENENSES — António José; Rosendo e Artur; Amandio, eLonel e Lídio; Miguel, Laranjeira, Angeja (1), Inácio e Bezerra.

Campeonato de Juniores da 2.ª Divisão

A segunda fase do Campeonato de Juniores da II Divisão prosseguiu hoje, tendo-se efectuado quatro jogos em atraso na série A, qualquer deles com muito interesse para a posição dos grupos na tabela da classificação, e ainda o encontro Desportivo dos Olivais-Charneca, que foi resolvido antecipar na mesma série.

Os resultados foram os seguintes:

Queluz-Carcavelos	8-0
Operário-Alverca	1-2
Linda-a-Velha-V. Algés ...	1-1
Sporting-Oeiras...	7-1
Dep. Olivais-Charneca... ...	4-3

Provas de principiantes

Nesta prova, que decorreu com bastante entusiasmo, realizaram-se os desafios das quatro séries, á excepção da partida Casa Pia-Sporting (série B) que foi adiada para data a anunciar oportunamente.

Eis os resultados:

SÉRIE A

Belenenses-Cascalheira... ...	7-0
U. Algés-Atlético	2-3

SÉRIE B

Benfica-Palmense	5-0

SÉRIE C

Olivais-Povoense	4-0
Santa Iria-Sacavenense ...	0-4

SÉRIE D

Águia Vilaf.-Operário Vilaf.	4-1
Alhandra-Carregado	4-0

Atlético de Queluz

(Continuação da página anterior)

professor Santos Vieira, que desde há muito tempo vem desenvolvendo uma actividade constante em prol da ginástica infantil.

Despertaram verdadeiro interesse as classes educativas, meninos, e senhorinhas, da Académica da Amadora e a de movimentos livres, homens e meninas, respectivamente do clube local e da Associação da Amadora.

No intervalo do programa, foi consagrado o «Atleta do Ano» do clube e feita a distribuição de cerca de duas dezenas de medalhas e três taças.

Fez a entrega dos prémios o presidente da Assembleia Geral, sr. José Lourenço, e leu a lista, com indicação da qualidade do prémio, o presidente da direcção sr. Lameira Leitão.

A Taça «Diário de Lisboa», que premiou a equipa pedestre do Atlético C. de Queluz, classificada em segundo lugar no «Grande Prémio de Queluz» — foi entregue ao «capitão» do conjunto pelo nosso editor sr. João Crisóstomo de Sá.

No final do sarau a classe de saltos do clube local exibiu-se com precisão, deliciando a assistência.

ATLETISMO

Proibição do lançamento do dardo «à espanhola»

KANSAS CITY, 7. — A Associação de Atletismo Universitário anunciou ontem á noite a proibição do lançamento do dardo «á espanhola».

A nova decisão especifica que «durante o lançamento do dardo o atleta não poderá ficar de costas para a área de marcação». — (A. N. I.).

NO-NIK
FAMOSAS BOQUILHAS E FILTROS ANTI-NICOTINA PREFERIDOS EM TODO O MUNDO

Desporto Universitário

Estão formadas as selecções de Lisboa, em futebol, atletismo e ténis de mesa, concorrentes aos campeonatos nacionais

Realizaram-se ontem á tarde e hoje de manhã os treinos de futebol, com vista á constituição da turma representativa da Universidade de Lisboa. O seleccionador dr. José Maria Antunes, escolheu vinte elementos que mencionamos a seguir:

Guarda-redes: Fernando Vaz (Med.) e Rui Rebelo (Tec.); Defesas: Queiroga e Souto (ambos de Agronomia), Glória (Econ.) e Wilfredo (Farm.). Médios: Vaz Pinto (Dir.), Aurélio de Sousa e Simões (ambos de Economia) e Sousa (Ciências). Avançados: Rocha e Morais Cardoso (Dir.) e Coelho (Econ.), João Lagido (Belas-Artes) e Paisana (Vet.).

Os dois jogos a disputar pela equipa de Lisboa realizam-se na quarta-feira e domingo próximos respectivamente contra o Porto e Coimbra, no Estádio Universitário.

* * *

A equipa de Lisboa, em ténis de mesa, escolhida pelo seleccionador dr. Trem Torres, é constituída por: António Osório, Pedrosa Reis, Rebelo da Silva, Paulo Jorge, Murteira, Paraíso, Gutirrez e Pombo.

Os encontros referentes ao Nacional iniciam-se na próxima quinta-feira no I. S. Técnico, com o despique Lisboa-Porto.

* * *

Após as provas de selecção, efectuadas durante a ultima semana, o selecionador prof. de Educação Física, Eduardo Cunha, indicou os seguintes atletas, para as provas de atletismo:

100 metros—Trincheira (Naval) e Daniel Silva (Belas-Artes).

200 m.—Trincheira e Coutinho (I. N. E. F.)

400 m.—Ant. Rocha (Dir.) e Pedro Onofre (I. N. E. F.).

800 m.—Pessoa Lopes (Naval) e Pedro Onofre (I. N. E. F.).

1.500 metros—Benjamim Viveiros (Med.) e Aníbal Vieira (Tec.).

Altura—Baptista Lopes e Ayala Boto (Téc.).

Comprimeito — Ant. Pigmatelli (Dir.) e João Arriegas (Ciencias).

Peso—Pedro Almeida (Belas-Artes) e Pascoal Rodrigues (Naval).

Disco—Calça e Pina (Ciências) e Pedro Almeida (Belas-Artes).

Triplo—Ant. Pigmatelli (Dir.) e Coutinho (I. N. E. F.).

110 m. barreiras — Ayala Boto (Téc.) e Baptista Lopes (Téc.).

400 m. barreiras—Feijó (Dir.) e Solipa (I. N. E. F.).

Dardo—Calça e Pina (Ciências) e Francisco Falcão (Dir.).

Martelo—Albuquerque (Téc) e Brem (I. N. E. F.).

5.000 m. — Benjamim Viveiros (Medicina).

Vara—Mota Maia (Ciências).

As provas desta modalidade efectuam-se no sábado e no domingo no Estádio Universitário.

Noticias várias

Realizam-se amanhã e depois os ultimos treinos de basquetebol, voleibol e handebol, para escolha dos elementos que constituirão as equipas de Lisboa destas modalidades concorrentes aos nacionais.

* * *

A Inspecção Nacional de Desporto Universitário nomeou os srs. J. M. Rebelo da Silva e o nosso colaborador Jorge Branco Ló, seus representantes junto da Imprensa.

J. BRANCO LÓ

BADMINTON

O Lisboa Ginásio deve ter assegurado o titulo de regional de equipas

O Lisboa Ginásio, ao vencer o Atlético de Alvalade, colocou-se, destacado, á frente da classificação do campeonato de equipas e deve ter assegurado o título, pois falta-lhe defrontar o Triangulo Vermelho e é-lhe concedido o favoritismo neste encontro. Se perder, jogará com o Alvalade e o resultado ditará o campeão.

Os ginasistas derrotaram o Alvalade por 5-2, com os seguintes resultados parciais: Manuel Rebelo (L. G.) v. Alegre Santos, por 15-12 e 15-9; H. Pinto (L. J.) v. Pinto Alves, por 18-15 e 15-12; N. Flower (L. G.) v. Ramiro Correia, por 6-15, 15-4 e 15-5; Ramiro Correia-Stromp (Alv.) v. H. Pinto-Vasco Pinto, por 15-6 e 15-7; N. Flower-M. Rebelo (L. G.) v. P. Alves-A. Santos, por 15-5 e 15-12; P. Alves-A. Santos (Alv.) v. H. Pinto-V. Pinto, por 18-17. 8-15 e 15-8; N. Flower-M. Rebelo (L. G.) v. Ramiro Correia-Stromp, por 11-15, 15-3 e 15-4.

Por sua vez, o G. D. Direito venceu o Triangulo Vermelho, por 6-1. Os resultados técnicos foram os seguintes:

Bráulio Pereira (D.) v. Luís Vicente, por 15-11, 4-15 e 15-9; T. Matoso-A. Fernandes (D.) v. C. Anão-B. Naia, por 15-9 e 15-9; B. Pereira-J. Cruz (D.) v. L. Machado-B. Melo, por 15-11 e 15-11; T. Matoso (D.) v. C. Anão, por 15-7 e 18-13; A. Fernandes (D.) v. L. Machado, por 15-3 e 15-7; B. Pereira-J. Cruz (D.) v. C. Anão-B. Naia, por 17-14 e 15-14; L. Machado-B. Melo (T. V.) v. T. Matoso-A. Fernandes, por 12-15, 15-9 e 15-12.

Os jogos efectuaram-se no ginásio da Escola Nuno Gonçalves.

O encontro L. Ginásio-Triangulo Vermelho, da próxima jornada, é antecipado para quinta-feira, á noite, visto alguns elementos da Federação, que fazem parte das equipas, se deslocarem no sábado e no domingo a Coimbra e ao Porto para tratar de assuntos relativos aós nacionais (singulares) que se efectuam nos dias 27 e 28 em Lisboa(no ginásio da Escola Nuno Gonçalves.

FUTEBOL

Perspectivas de encontros Portugal-Brasil entre equipas militares

RIO DE JANEIRO, 7. — Agnelo Bergamini, da Confederação Brasileira de Desportos, declarou, ao chegar a esta cidade, que conseguira um acordo de princípio, durante a sua permanencia na Europa, para um ou dois jogos entre as equipas militares de futebol de Portugal e do Brasil.

Salientando que os desafios desportivos, tanto de futebol como de outras modalidades, são frequentes entre equipas militares na Europa, Bergamini acrescentou que tivera já contactos com as autoridades desportivas portuguesas sobre as datas dos jogos a realizar.

—E' possível — afirmou — que uma selecção militar argentina participe numa série de jogos, se vier a realizar-se a visita ao Brasil de uma equipa militar portuguesa. — (A. N. I.).

BASQUETEBOL

Campeonato nacional da 2.ª Divisão

Prosseguiu hoje a 2.ª volta da prova da Zona Sul-A, do campeonato nacional da 2.ª Divisão, tendo-se realizado a maioria dos encontros que constituiam o programa da 1.ª jornada desta fase da prova.

Apuraram-se os seguintes resultados:

Série A — Oriental venceu Matadouro, por 64-9.

Série B — Moscavide v. Almada, por 41-27.

Série C — Casa Pia A. C. v. Lisgás, por 40-27; C. Quebradense v. Campo de Ourique, por 48-36; o encontro Luso-Pedrouços foi adiado.

Série D — Seixal v. Sporting de Torres, por 62-54; Atlético v. Campolide, por 57-32.

Série E — Desp. Pena v. Universitário, por 35-23.

Série F — Técnico v. Mundet, por 76-35.

Série G — Tabacos v. Montijo, por 70-45; Queluz e Nacional empataram 50-50; Combatentes v. Lisboa Ginásio, por 46-41.

Campeonatos de Lisboa

A actividade dos filiados da A. B. L. foi hoje limitadíssima, pois, apenas, se efectuaram alguns encontros que estavam em atraso, os quais forneceram os seguintes resultados:

Juniores — Sporting venceu Queluz, por 48-20.

Infantis — Campo de Ourique v. Sacavenense, por 39-23; Atlético v. Campolide, por 17-12.

Desporto corporativo

Campeonato de futebol

No campo da F. N. A. T., em Belém, disputou-se esta manhã um encontro da 7.ª jornada da fase final do campeonato de futebol da 2.ª Divisão. Defrontaram-se as equipas da Companhia Carris e da Refinaria do Ultramar, tendo-se registado um empate a três bolas.

«Torneio Preparação», em tiro

O «Torneio Preparação», em tiro, teve a sua ultima sessão na carreira de Belém, com os seguintes resultados:

1.ª categoria — João Carreira (F. N. P. Trigos), 149; Amável Silva (B. P.), 149; Carlos Jorge (B. P.), 149.

2.ª categoria — João R. Oliveira (Raret), 149; Dr. António A. Matos (F. N. A. T.), 149; Carlos L. Correia (F. N. A. T.), 148.

Em 1.ª categoria a vitória pertenceu a Joaquim Figueira (F. de Trigos) — unico concorrente a fazer 150 pontos; na 2.ª categoria terá de haver desempates, pois há quatro concorrentes com 150 pontos.

CICLISMO

Joaquim Terebentino do Aguias de Alpiarça ganhou o campeonato regional de juniores

Disputou-se hoje a terceira e ultima prova do campeonato regional de amadores juniores na distancia de 75 quilómetros cobertos pelo sistema de contra-relógio por 22 corredores que começaram a sair ás 8 horas, do Estádio de Alvalade, com intervalos de 5 minutos. A competição foi muito bem disputada tendo o vencedor alcançado média muito boa para a categoria, de 38,325.

O vencedor foi o ciclista do Águias de Alpiarça, Joaquim Terebentino, que vencera já uma das três provas do campeonato, totalizando assim o tempo de 8 h., 54 m. e 37 s., que lhe deu o título, pois o segundo na classificação geral ficou a 33 segundos dele.

A classificação até ao 10.º lugar na corrida de hoje foi a seguinte: 1.º, Joaquim Terebentino, Águias de Alpiarça, 1 h., 57 m. e 25 s.; 2.º, Ezequiel Nunes, Sporting, 1 h., 57 m. e 30 s.; 3.º, Henrique Castro, Benfica, 1 h., 58 m. e 37 s.; 4.º, Inácio Raimundo, Benfica, 1 h., 58 m. e 50 s.; 5.º, José Pedro Carvalho, Sporting, 2 h., e 9 s.; 6.º, Aristides Lousa, Benfica, 2 h., 1 m. e 45 s.; 7.º, Fernando Cruz, Alverca, 2 h., 2 m. e 19 s.; 8.º, Manuel Silva, Benfica, 2 h., 2 m. e 37 s.; 9.º, José Sanches, Alpiarça, 2 h., 2 m. e 54 s.; 10.º, Manuel Garcia, Alverca, 2 h., 3 m. e 6 s. Classificaram-se mais doze corredores.

A classificação final para o campeonato, até ao 4.º lugar foi esta: 1.º, Joaquim Terebentino, Alpiarça, 8 h., 54 m. e 37 s.; 2.º, Ezequiel Nunes, Sporting, 8 h., 55 m. e 10 s.; 3.º, Henrique Castro, Benfica, 8 h., 56 m. e 24 s.; 4.º, Inácio Raimundo, Benfica, 8 h., 57 m. e 44 s.

Na «Volta a Espanha» tomarão parte 90 ciclistas entre os quais uma equipa portuguesa

MADRID, 7.—A primeira das grandes provas ciclistas da temporada, a «Vuelta de España» começará em 26 do corrente, em Bilbau, findando em 12 de Maio, na mesma capital da Biscaia.

Alinharão 90 concorrentes repartidos por 9 equipas: cinco nacionais (Bélgica, Portugal, França, Itália e Espanha) e quatro regionais (Cantábrico, Pirenéus, Centro-Sul e Levante).

Ainda não se assentou, porém, na lista definitiva dos participantes — apenas as selecções de França, Itália e Espanha são conhecidas por enquatno.

A prova será disputada em 3.100 kms. aproximadamente, divididos em 16 tiradas. Haverá uma prova contra-relógio de 72 quilómetros entre Saragoça e Huesca. São 18 os desfiladeiros, contando-se entre os maiores, Puerto de Pajares (1.379 meros), Puerto de jares (1.379 metros), Puerto de Arguis (1.308 metros). Haverá um dia de descanso, em Cuenca, a meio da volta.

A' partida de Bilbau, os concorrentes tomarão rumo a Oeste (Santander-Léon), bifurcarão para o Sul (Valhadolid-Madrid), depois obliquarão para o Mediterraneo (Valencia-Barcelona), voltando a subir para Oeste (Saragoça-Huesca-Bilbau), depois de uma incursão a Bayonne, França.—(F. P.).

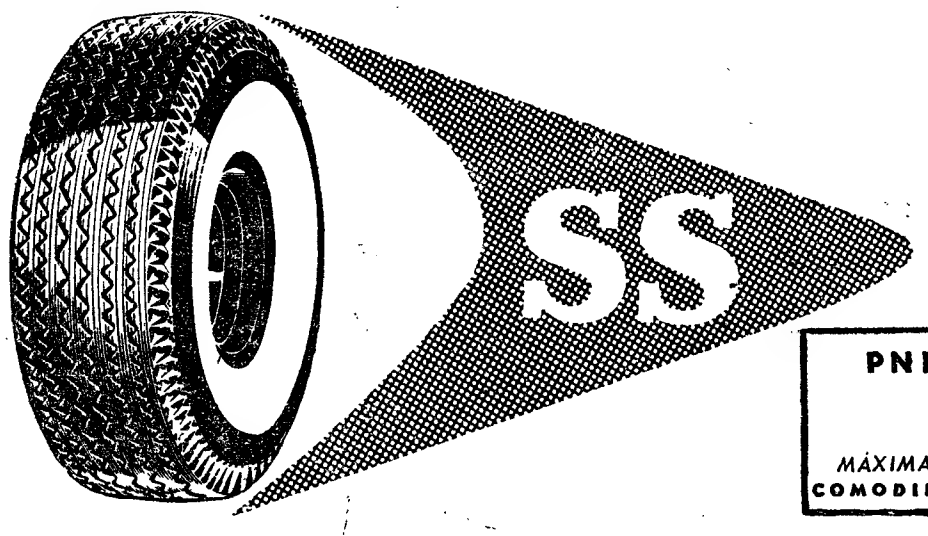
O espanhol Bahamontes triunfa em França

TOULON, 7.—A corrida ciclista do Monte Faron foi ganha pelo espanhol Bahamontes que cobriu os 5.600 kms. em 16 m. e 49 s. O antigo «record» da prova pertencia ao francês Jean Dotto, com 17 m., 22 s. e 1/10. Em 2.º lugar ficou Valentin Huot com 17 m. 0,2 s. e em 3.º, Truze (Grenoble), com 17 m. 0,6 s.—(France Presse).

CARPETES TAPETES
ALCATIFAS PASSADEIRAS
COMPRE UMA BOA QUALIDADE
NA
SOCIEDADE DE TAPEÇARIAS, LDA
Rua Augusta, 126-130

O «Diário de Lisboa» vende-se em BEJA na casa Eduardo & Alvaro.

MABOR



PNEU SEM CAMARA
ANTI FURO
no tipo Silent Safety
MÁXIMA PROTECÇÃO CONTRA ROTURAS
COMODIDADE-SEGURANÇA-ECONOMIA

POSTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRATUITA: LISBOA • PORTO • COIMBRA • AVEIRO
BEJA • BRAGA • CASTELO BRANCO • COVILHÃ • FARO • SANTARÉM • VILA REAL • VISEU

Os jogos da Taça de Portugal

A Académica e a Cuf cederam empates contra os seus adversários da 2.ª Divisão

(Continuação da 33.ª página)

te de cabeça de Martinez fez a bola embater na trave, ressaltando depois para o campo, dando, a sensação da bola ter transposto a linha de baliza.

O Atlético reclamou golo mas o árbitro não atendeu.

O jogo continuou com várias situações perdidas e com pouco interesse.

Com o Olivais a mostrar melhor presença chegou o intervalo com o Atlético a vencer por 2-0.

Depois do descanso houve alterações na equipa do Olivais: o médio-direito passou para interior, Avelino passou a jogar a extremo-esquerdo, Gonçalves, a avançado-centro e José Maria a médio.

Esta nova formação deu mais consistência á equipa que carburou melhor e teve mesmo aos 9 minutos um belo remate por Avelino.

Aos 24 minutos, Martinez, de cabeça marcou o 3.º golo e 6 minutos depois Orlando passou a marca para 4-0.

Com o Atlético a criar situações de golo em série, prosseguiu o encontro. Aos 43 minutos, Orlando marcou mais um tento, a passe de Legas.

No final: Atlético, 5-Olivais, 0.

«Leões», 0—Académica, 0

SANTARÉM, 7 *(Por linha telefónica directa).* — Jogo no campo «Alfredo Aguiar», dirigido por Joaquim Campos (Lisboa).

As equipas:

«LEÕES» — O. Martins; Matos e Teodósio; Leça, Cassielles e Jaime; Paxim, Garnacho, Balugas, Baptista e Leonel.

ACADÉMICA — Cristóvão; Marta e Melo; Malícia, Torres e Vilela; Duarte, Samuel, Orlando, Mota e Bentes.

Na primeira metade da partida, os Santarenos desfrutaram de evidente superioridade territorial, pois Oliveira Martins só já quando passava meia hora de jogo foi chamado á primeira intervenção difícil.

Os estudantes passaram, então, a descer com mais assiduidade ao meio campo contrário, mas os seus dianteiros não conseguiram transformar por falta de penetração. O mesmo se verificou entre os Santarenos. Ao intervalo, portanto, 0-0.

O jogo recomeçou com os estudantes ao ataque mas sem êxito.

Pouco depois, os Escalabitanos, contra-atacaram e Garnacho perdeu excelente oportunidade rematando fraco.

Aos 35 minutos, foi marcado um «penalty» contra os locais, mas Torres atirou de forma a Oliveira Martins defender. E o fim chegou com as equipas empatadas a zero bolas.

Cuf, 1—Almada, 1

BARREIRO, 7—(Por linha telefónica directa)—Jogo no campo «D. Manuel de Melo. As equipas formaram assim:

C. U. F.—José Maria; Pedro Gomes e Vale; Orlando, Palma e José Luís; Sérgio, Bispo, Pireza, Arsénio e Gastão.

ALMADA—Faustino; Carvalho e Silva; José Augusto, Leal e Veloso; Catalarrana, Almeida, Rodrigues, Décio e Seabra.

Arbitro: António Calheiros, de Lisboa.

Os cufistas começaram bem a partida, mas, aos 8 minutos, a saída de Arsénio, magoado, deu novo rumo ao desafio, com a magnífica oposição oferecida pelos Almadenses.

Com o regresso de Arsénio, os Barreirenses voltaram a ter vantagem mais clara, embora sem interesse de maior. José Maria evitou que Décio marcasse um golo na melhor oportunidade de tento verificada até á meia hora. No ultimo quarto de hora, Gastão e Orlando, por má direcção no remate, fizeram com que ao intervalo houvesse 0-0.

Na 2.ª parte os Barreirenses prosseguiram o seu jogo ofensivo, mas sem resultados práticos, porque os dianteiros continuavam a mostrar-se apáticos no remate.

Aos 31 minutos o C. U. F. colocou-se em vencedor com um golo de Vale, num remate de cabeça e na sequência de um «livre». Aos 43 minutos Carvalho fixou o resultado em 1-1.

Leixões, 3—V. Setubal, 4

MATOSINHOS, 7—(Por linha telefónica directa)—Jogo no campo de Santana, com fraca assistência.

LEIXÕES — Martins; Fragaça e Joaquim; Santana, Raul e Janos; Adão, Romão, Correia, Oliveira e Nunes.

VITORIA DE SETUBAL—Mourinho; Soares e Manuel Joaquim; Vaz, Graça e Pinto de Almeida; Miguel, Jacinto, Casaca, Fernandes e Serra.

Arbitro: Manuel Lousada, de Santarém.

Os Setubalenses logo de início acercaram-se das balizas dos locais e o remate de Casaca passou rente á trave.

Aos 8 minutos uma avançada dos Sadinos em que intervieram Casaca e Miguel, este fez um centro a cair sobre a baliza. O guardião do Leixões ao socar o esférico fê-lo com infelicidade e introduziu-o nas suas próprias redes.

Aos 12 minutos, Casaca elevou a marca para 2-0.

Decorridos 7 minutos os locais reagiram e de uma combinação entre Nunes e Correia, este com um remate bem dirigido reduziu a diferença.

Animados cada vez mais os Matosinhenses, aos 34 minutos, obtiveram o tento do empate, marcado por Oliveira.

Aos 42 minutos foi assinalado grande penalidade, por falta de Santana sobre Jacinto, na grande área. Fernandes marcou o castigo, colocando o marcador em 3-2, resultado que se manteve até ao intervalo.

Na segunda parte os locais superiorizaram-se e aos 7 minutos em consequência de uma jogada perigosa, a bola embateu no braço de Manuel Joaquim e o árbitro assinalou «penalty». Da marcação resultou o 3.º golo para o Leixões da autoria de Janos.

Os Setubalenses por intermédio de Fernandes obtiveram novo tento.

Com o resultado de 4-3 a favor do Vitória de Setubal terminou o encontro.

U. Montemór, 1—Covilhã, 6

MONTEMOR, 7 (Por linha telefónica directa) — Jogo no campo 1.º de Maio.

Os grupos alinham:

U. MONTEMOR — André; Salgueiro e Gatinho; Jordão, Reis e Balbino; Frazão, Leonel, Narciso, Vinueza e Rui Lopes.

SP. COVILHÃ — Rita; Helder e Lourenço; Martin, Cavem e Cabrita; Amilcar, Manteigueiro, Suarez, Carlos Ferreira e Vinagre.

ARBITRO: Décio de Freitas.

Os primeiros cinco minutos decorreram em equilíbrio, revelando a equipa local razoável entendimento de modo a dificultar a acção do visitante. Todavia, aos 6 minutos uma abertura de Martin proporcionou a Suarez a obtenção do primeiro ponto. A partir deste momento o ascendente dos serranos começou a revelar-se com naturalidade.

Só aos 18 minutos os visitantes lograram aumentar a vantagem por intermédio de Amilcar a finalizar uma jogada entre Suarez e Vinagre.

Dois minutos depois o resultado sobe para 3-0 por intermédio de Carlos Ferreira.

Os locais não obstante a desvantagem continuam a lutar com animo e á passagem da meia hora um centro de Rui Lopes foi aproveitado por Vinueza para á boca da baliza bater Rita.

Todavia no minuto seguinte os visitantes repoem a diferença com o quarto golo alcançado por Suarez, na sequência de um pontapé de canto.

Aos 38 minutos Rita defende uma grande penalidade apontada por Vinueza.

O intervalo chegou com o resultado de 4-1 a favor do Sporting da Covilhã.

Na segunda parte a equipa local parecia com melhor disposição e entregando-se á luta com entusiasmo criou embaraços á turma visitante.

Embora os serranos continuassem a dispor de manifesta superioridade na condução do jogo os locais não deixaram todavia de desenvolver alguns lances de ataque intencionais, especialmente aos 19 minutos, em que a barra devolveu um pontapé de Frazão.

Só aos 41 minutos o Covilhã logrou aumentar a vantagem com um ponto obtido por Suarez, em potente remate rasteiro depois da barra haver devolvido outro «tiro» de Amilcar.

Nos ultimos instantes Amilcar aproveitou com oportunidade um centro de Carlos Ferreira e fixou o resultado final em 6-1 para o Sporting da Covilhã.

Boavista, 1—Barreirense, 3

PORTO, 7 *(Por linha telefónica directa).* — Jogo no campo do «Dr. Mascarenhas Junior», perante fraca assistência.

As equipas:

BOAVISTA — Carlos; Franco e Nicolau; Honório, Caiado e Alcino; Artur, Guilherme, Manero, Batuca e Carlos Alberto.

BARREIRENSE — Pinheiro; Abrantes e Rodrigues; Pinto, Silvino e Ricardo do Vale; Correia, Afonso, José Augusto, Faia e Vitorino.

ÁRBITRO — Álvaro Rodrigues, de Coimbra.

Durante o primeiro tempo e mormente nos primeiros quinze minutos, em que Pinheiro defendeu magnificamente um «penalty» executado por Manero, os Portuenses foram entusiásticos e procuraram com muito interesse o golo.

No entanto, os Barreirenses, melhor preparados e desenvolvendo jogo prático e rápido, chegaram ao intervalo com 3-0 a seu favor, golos de Correia, o ultimo dos quais com culpas para Carlos, obtidos aos 16, 21 e 20 minutos.

Após o recomeço do encontro e tal como na primeira parte, os «axadrezados» lançaram-se na ofensiva com ímpeto, valendo aos visitantes a excelente actuação da sua defesa, especialmente de Pinheiro, que defendeu com boa colocação e valentia vários remates de quase todos os dianteiros locais.

Os visitantes reagiram e colocaram, por vezes, em perigo, as redes á guarda de Carlos, mas o seu trabalho foi sobretudo defensivo e aos 20 minutos, os locais reduziram a diferença para 1-3, com um ponto de Manero.

Depois e até final os «axadrezados» comandaram o jogo, mas o resultado manteve-se, dado o acertado labor da defesa Barreirense.

Acabou: Boavista, 1-Barreirense, 3.

G. Vicente, 0—Torriense, 3

BARCELOS, 7. (Por linha telefónica directa). — Jogo no campo «Ribeiro Novo».

GIL VICENTE — Augusto; Serôdio e Valdemar; Canário, Eduardo e Vieira; Carvalho, Nólito, Gelucho, Tito e Nova.

TORRIENSE — Gama; Mergulho e Fernandes; Gonçalves, António Manuel e Fornéri; Carlos Alberto, J. Costa, Matos, Hilário e Morais.

ARBITRO — Clemente Henriques.

Os Barcelenses desenvolveram enérgico ataque criando diversas situações de perigo para o grupo de Torres Vedras, que suportou dois «cantos» sem castigo e beneficiou da má direcção de alguns remates perigosos do Gil Vicente.

Todavia o primeiro golo veio a pertencer ao Torriense, quando, aos 32 minutos, Hilário captou a bola e correu veloz até entregá-la a Morais, que assim marcou o golo.

No final da primeira parte o Gil Vicente voltou a aparecer com mais insistência ao ataque, mas o resultado de 1-0 para o Torriense manteve-se.

Na segunda parte o grupo bracelense manteve-se lutador e sem pensar na desvantagem do golo sofrido, perdendo algumas ocasiões por falta de sorte. O Torriense foi suportando a desenvoltura do ataque do Gil Vicente e dessa toada ofensiva nasceram cinco «cantos». E a toada manteve-se pelo tempo adiante, até que, aos 42 minutos, Carlos Alberto aproveitou muito bem um falhanço da defesa bracelense e fez o segundo golo do grupo de Torres Vedras.

Aos 44 minutos de novo Carlos Alberto surge ao ataque e em tão boas condições que pôde obter o terceiro golo.

Assim, no fim, Gil Vicente, 0-Torriense, 3.

Juventude, 0—Arroios, 0

ÉVORA, 7.—(Por linha telefónica directa).—Jogo no campo Sanches de Miranda, com fraca assistência.

JUVENTUDE—Tito; Canhão e Toupeiro; Taular, Casimiro e Ornela; Caeiro, Sebastião, Viegas, Uceda e Caraça.

ARROIOS—Carvalho; Simpliciano e Almeida; Ferreira, Isaac e Mário; Custódio, João Silva, Severino, Adelino e Amadeu.

ÁRBITRO — Manuel Valente, de Beja.

A equipa eborense inicia o jogo ao ataque empurrando o adversário para a defesa onde se trava boa luta com a vantagem dos defensores.

Os dianteiros locais actuando com precipitação não conseguem criar perigo para a baliza de Carvalho.

A partir do primeiro quarto de hora os Lisboetas equilibram a partida aproximando-se mais das balizas de Tito, e dando que fazer á defesa local.

Aos 27 minutos, Uceda foi infeliz, perdendo uma magnifica ocasião de golo, com o guarda-redes batido.

Ao intervalo, 0-0.

Reiniciado o jogo os Lisboetas denunciaram claramente o propósito de acautelar a defesa e espreitar todas as oportunidades de tentar contra-ataques.

Os locais forçaram o ataque á medida que o adversário se remetia á defesa e a despeito do seu jogo não ser perfeito perderam duas ou três ocasiões de golo feito, principalmente num momento em que a bola chutada por Uceda foi esbarrar no poste lateral.

Até final do encontro ambos os grupos não conseguiram marcar verificando-se um resultado nulo.

Sanjoanene, 1—Vianense, 3

S. JOÃO DA MADEIRA, 7. (Por linha telefónica directa). — Jogo no campo «Conde Dias Garcia» com boa assistência.

SANJOANENSE — Tavares; Bandeira e Silva; Matos, Alves e Gaspar; Flávio, Gomes, Augusto, Victor Baptista e Lourenço.

VIANENSE — Bráulio; Adelino e Lima; Fragoso, Melo e Chaves; Saraiva, Gines, Castilho, Carneiro e Palhares.

ARBITRO — Francisco Guerra, do Porto.

Os visitantes começaram o jogo em toada de ataque e marcaram tento aos cinco minutos, por Saraiva. Passaram a ganhar por 2-0 ao quarto de hora, com um golo de Castilho. Os locais, porém, reduziram a diferença, aos 27 minutos por Flávio.

Até ao intervalo não se marcou mais golos, sendo, portanto, o resultado nessa altura: Sanjoanense, 1-Vianense, 2.

Os locais, no recomeço, atacaram com entusiasmo e o assedio ás redes dos visitantes passou a ser intenso á medida que o tempo decorria, mas foi o Vianense que marcou, aos 42 minutos, por Castilho. No final, portanto: Sanjoanense, 1-Vianense, 3.

PUGILISMO

Uma vitória de Belarmino Fragoso no Norte de África

CASABLANCA, 7. — O pugilista português Belarmino Fragoso, que sofrera duro castigo nos primeiros assaltos do combate, recuperou admirávelmente e venceu o pugilista João dos Santos, um português há anos residente em Marrocos, por K. O. técnico ao ultimo assalto.

Belarmino fora derrubado por várias vezes e no quarto assalto esteve prestes a ouvir a contagem de 10 sem se levantar. Contudo, ao 10.º assalto Belarmino atirou Santos ao tapete com uma série de duros golpes e prestava-se a inflingir o golpe final quando o árbitro suspendou o combate.

Num combate preliminar, o português Alves foi derrotado aos pontos por Angeru Moktar, por ligeira diferença. — (A. N. I.).

HÓQUEI EM PATINS

Os juniores do Benfica em evidência no regional do Sul

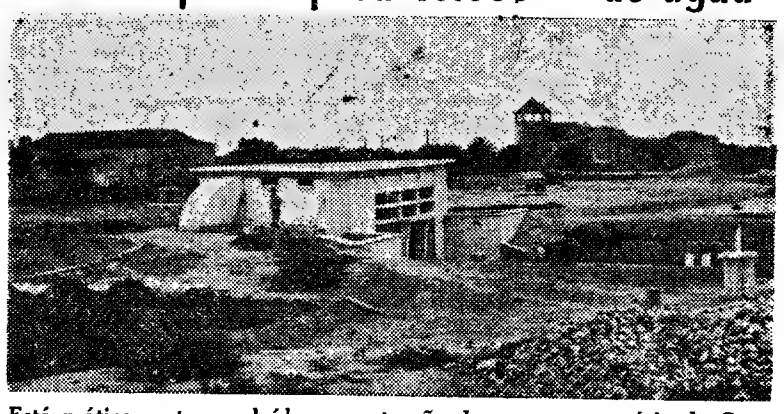
Começou ontem e prosseguiu esta manhã, o campeonato de juniores, de hóquei em patins, organizado pela Associação de Patinagem do Sul.

Nos desafios realizados hoje verificaram-se os seguintes resultados:

C. U. F.-Azeitonense	3-1
Mundet-N. Setubalense ...	6-1
P. Arcos-Parede	4-1
Sporting-Maristas	3-0
C. Ourique-Benfica	6-0
Ac. Amadora-F. Benfica...	0-16

Na partida de ontem, o Oeiras venceu o Cascais, por 2-1.

Um depósito para 10.000 m³ de água



Está práticamente concluída a construção do novo reservatório da Companhia das Águas de Lisboa, na Quinta do Contador-Mór, na zona industrial dos Olivais, que tem capacidade para 10.000 metros cubicos. Aguarda-se apenas a execução, por parte da Camara Municipal de Lisboa, da urbanização daquela zona, para se instalarem as canalizações de adução e de esgoto

Cerâmica moderna

O «V Salão de Ceramica Moderna», organizado pelo S. N. I., realiza-se, este ano, entre 16 e 30 de Novembro. Além da finalidade para que foi criado, o próximo Salão servirá cómo base da selecção das peças que virão a constituir a representação nacional na «Exposição Internacional de Ceramica Moderna» que se realiza em Genebra, em 1958, organizada pela Academia Internacional de Ceramica, que ali mantem a sua sede. Dado o alto interesse desta exposição, a que devem concorrer, com peças muito seleccionadas, os 52 países membros daquela Academia, conta-se que os artistas portugueses, dediquem a sua melhor atenção ao assunto, por forma a que o nucleo português marque a posição a que tem direito.

O Porto venceu por 3-0 o Saint-Etienne

PORTO, 7 (Por linha telefónica directa) — O Estádio das Antas não conseguiu publico superior a um terço da sua lotação, para assistir a este encontro.

Os grupos formaram:

PORTO — Pinho; Virgílio, Arcanjo e Barbosa; Pedroto e Monteiro da Costa; Hernani, Gastão, Jaburu, Teixeira e José Maria.

ST. ETIENNE — Abbes; Michel Tylinsky, Domingo e Wicart; Peyroche e Ferrier; Fouillen, Goujon, Njo-Lea, Rijvers e Lefevre.

ARBITRO: Juvino Pinto, do Porto.

Após um começo indeciso, com dois grupos a actuar com lentidão, o encontro ganhou interesse logo que Jaburu desferiu um fortíssimo remate repelido instintivamente por Domingo.

O Porto, a seguir, entrou em período de insistente domínio, cortado apenas, por alguns contra-ataques dos franceses, que se tornavam perigosos pela velocidade que os caracterizava.

O ascendente dos «azuis-brancos» ganhou expressão aos 14 minutos, quando Teixeira, na marcação de um «livre» conseguiu marcar o primeiro golo, com um pontapé excelente, de força e colocação.

Os visitados reagiram e conseguiram imprimir, em alguns trechos, certo equilíbrio, mas a superioridade portuense não chegou a ser verdadeiramente afectada, sendo sempre evidente a melhor conjugação dos seus movimentos e o melhor equilíbrio global.

Embora a baliza de Abbe passasse, por vezes, por assédio prolongado, em especial a remates de Jaburu e Pedroto, que esbarraram na trave, a primeira parte findou com o Porto a vencer por 1-0.

A' beira do intervalo os franceses podiam ter igualado mas o seu avançado-centro desperdiçou o ensejo.

Ao intervalo: Porto, 1-Saint Etienne, 0.

O Porto recomeçou o encontro deliberadamente ao ataque, obrigando a defesa francesa a empregar-se. Teixeira teve um remate ao poste e Jaburu atirando ao lado perdeu também logo de entrada uma excelente oportunidade.

Após Hernani se ter magoado, num choque com um adversário, o que levou o jogo a ser interrompido, foi justamente uma insistência deste jogador, aos 11 minutos, que originou o 2.º golo.

O defesa francês Wicart e o guardião Abbe embaraçaram-se no lance não evitando a marcação do tento.

Os Portuenses continuaram a dominar e a mostrar maior capacidade no jogo ofensivo, não surpreendendo portanto, que aos 22 minutos, numa jogada bem urdida entre José Maria, Hernani e Teixeira, este ultimo conseguisse, com um bom golpe de cabeça, aumentar a vantagem para 3-0.

Os Franceses no declinar da partida produziram grande esforço para diminuir a derrota e estiveram prestes a consegui-lo numa jogada em que o seu avançado-centro rematou de modo a bater Pinho, salvando Virgílio sobre a linha de baliza.

O jogo terminou com a justa vitória do Porto por 3-0.

Os jogos da 2.ª Divisão

O Vitória de Guimarães empatou com o Salgueiros

e deixou apertar a luta entre os grupos da frente

(Continuação da 33.ª página)

não foi assinalada. O jogador nortenho

Os Nortenhos, com mais entusiasmo, apareciam mais ao ataque e Isaurindo saiu em falso ao encontro de Ferreira, mas este atirou sobre o guardião e Bento salvou o golo, em cima da linha.

Aos 11 minutos, numa descida pela direita, Agostinho passou a Balela e este estabeleceu o empate: 1-1.

Os Bracarenses, porém, não se deixaram surpreender e, voltando ao ataque, conseguiram passar a ganhar por 2-1. F. Mendonça «arrancou» e fez um passe a Baptista que centrou. Jorge Mendonça, em boa posição, disparou fortemente, batendo Isaurindo.

O Farense tentou o ataque, sem resultado, e foram os visitantes que voltaram a marcar, aos 40 minutos: F. Mendonça, no limite da grande área, passou a J. Mendonça, este levou a melhor na luta com a defesa algarvia e bateu Isaurindo com um pontapé rasteiro, fazendo 3-1.

Até ao intervalo, o Farense ainda tentou modificar o resultado, mas, no final, a marca de 3-1 a favor do Braga manteve-se.

V. Guimarães, 3—Salgueiros, 3

GUIMARÃES, 7 (Por linha telefónica directa)—Jogo no campo da Amorosa que registou uma verdadeira enchente.

As equipas:

V. GUIMARÃES — Lobato; Virgílio e Daniel; Cesário, Silveira e Auleta; Bártolo, Barros, Ernesto, Lutero e Benje.

SALGUEIROS — Barrigana; Gualdino e Carvalho; Germano, Mário e Lenine; Lalo, Lopez, Teixeira, Tai e Pintos.

Arbitro — Hermínio Soares (Lisboa).

Logo no primeiro minuto, Barrigana teve de deixar as suas balizas para anular um ataque muito perigoso conduzido por Ernesto.

O guarda-redes portuense, muito atento, evitou a entrada daquele jogador e apossou-se, serenamente, da bola.

Aos seis minutos, Lopez teve um passe primoroso para Tai. Lobato foi forçado a arrojar-se aos pés do atacante portuense, mas não conseguiu colocar convenientemente a bola e deixou-a fugir para Lopez, que se precipitou e rematou para fora.

Aos onze minutos, o médio Lenine agrediu Lutero com um pontapé. O árbitro ordenou a expulsão do salgueirista.

Embora com menos uma unidade, os visitantes continuaram a dar boa réplica aos Minhotos.

Precisamente aos dezoito minutos, o Guimarães ensaiou um ataque pela direita. Cesário cruzou por alto, Benje acorreu ao lance e com um pequeno toque endossou a bola a Barros que aguardou a saída de Barrigana para lhe passar a bola por cima. Estava assim feito o primeiro golo da partida.

Decorridos quatro minutos, o Salgueiros restabeleceu a igualdade — Pintos, a centro de Tai, com um bom golpe de cabeça, bateu Lobato. Logo a seguir, Teixeira, de longe, pontapeou muito forte levando a bola a rasar o poste esquerdo.

A culminar, um bom período do Salgueiros, o mesmo Teixeira, aos 32 minutos, depois de fintar Virgílio, disparou com o pé esquerdo um remate raso que bateu Lobato.

A bola foi ao centro e no ataque consequente, os Vimaranenses fizeram 2-2. Benje aproveitou uma desatenção de Gauldino para rematar pela certa.

Aos 43 minutos, o Salgueiros cedeu «canto». Bártolo marcou a penalidade com boa conta e Auleta, elevando-se bem, conseguiu, com um golpe de cabeça, pôr o resultado em 3-2, ao intervalo.

O jogo recomeçou com um ataque muito perigoso dos locais. Bártolo esquivou-se a Mário e, já dentro da grande área, disparou forte, obrigando Barrigana a grande defesa.

Logo a seguir coube a Tai desperdiçar excelente oportunidade. Aos 7 minutos, foi Benje que depois de ultrapassar Gualdino perdeu bom ensejo.

Aos 16 minutos, Germano entregou a bola a Tai, este fintou Virgílio e isolou-se a caminho da baliza. Lobato saiu ao seu encontro, mas Tai passou-lhe a bola por cima e restabeleceu a igualdade (3-3).

Nas jogadas seguintes, o Salgueiros passou por dois momentos de grande aflição — Mário e Lopes, junto aos postes, salvaram recargas em que Barrigana já nada podia fazer.

Aos 35 minutos, Virgílio, que se enquadrara no seu ataque, teve um remate poderoso, á entrada da grande área, obrigando Barrigana a defender para perto. Mário acorreu ao lance e afastou a bola para longe.

Logo a seguir, Lalo fugiu pela esquerda e depois de fintar Silveira isolou-se e disparou fortíssimo. Lobato só por instinto, conseguiu defender.

No lance imediato, Teixeira lesionou-se, tendo de abandonar o rectangulo de jogo por alguns minutos.

E o final chegou com as equipas empatadas a três bolas.

D. Montijo, 4—Coruchense, 1

MONTIJO, 7 (Por linha telefónica directa)—Encontro no campo de «Luís de Almeida Fidalgo», com regular assistência.

Os grupos:

MONTIJO — Redol; Anica e Manuel Luís; Serralha, Barragon e Santana; Barriga, Veredas, João Mário, Mora e José Paulo.

CORUCHENSE — Vieira; Rocha e Bailão; Veríssimo, Prates e Alfredo; Carlitos, Manuel Jorge, Narciso, Rodolfo e Armando.

Arbitro — Braga Barros, de Leiria.

A saída coube ao Coruchense que logo atacou com ímpeto e aos 2 minutos colocou-se em vencedor, com um golo bem trabalhado por Narciso e de que Armando foi o rematador, ao receber o passe do seu companheiro.

O grupo visitante, esteve, porém, pouco tempo com vantagem no marcador, pois aos 4 minutes a equipa local estabeleceu o empate, de uma óptima e oportuna cabeça de Veredas, na sequência de um «livre» marcado fora da grande área por Serralha.

O jogo decorreu a seguir equilibradamente e aos 13 minutos, os Montijenses obtiveram o 2.º ponto, por intermédio de Mora, com um chuto rasteiro.

Após este golo, os Montijenses passaram a desfrutar do comando do jogo, com fases práticas e vistosas.

Veredas, aos 20 minutos, perdeu uma ocasião soberana de aumentar o activo, quando no limite da grande área dos Coruchenses, atirou á baliza podendo aproximar-se mais do guarda-redes contrário, visto não ter adversário á ilharga.

Até ao fim do primeiro tempo, o grupo da casa continuou a dominar, mas não fez mais golos. A melhor oportunidade desperdiçou-a José Paulo, concluindo em frente da baliza adversária um centro da direita com um remate á figura do guarda-redes.

Reatado o jogo, os Montijenses mantiveram a sua superioridade, desenvolvendo larga pressão sobre o meio campo contrário.

As ocasiões de perigo sucederam-se, umas sobre as outras. Na primeira, um centro de Barriga foi desviado para perto por Vieira e na recarga, Mora, com a baliza á sua mercê, rematou forte mas por alto.

Pouco depois, aos 6 minutos, novo centro da direita provocou panico em frente da baliza dos visitantes. O guarda-redes deixou passar a bola e Veredas, de cabeça, anichou-a nas redes. O árbitro, porém, anulou o tento alegando «carga» fora de tempo ao guardião.

Finalmente, aos 11 minutos, o Montijo aumentou a sua vantagem para 3-1: Mora progrediu com o esférico desde meio campo, centrou para Barriga e este, de cabeça, bateu Vieira.

Três minutos decorridos, os locais fizeram nova avançada bem conduzida pelo seu extremo direito, que a concluiu com um potente remate, defendido por Vieira para perto, surgindo, então, João Mário, que em recarga obteve o 4.º golo.

Seguiu-se um período de ligeira quebra do Montijo, aproveitada pelo antagonista para desenvolver algumas ofensivas sobre o terreno defendido pelo adversário.

Os dianteiros visitantes, no entanto, não conseguiram qualquer lance de perigo para Redol.

Num rápido contra-ataque dos locais, aos 21 minutos, o golo esteve á vista num remate de Mora, desviado dificilmente para «canto» por Vieira. Depois e até á meia hora, o jogo repartiu-se pelos dois meios-campos a dar a nota de equilíbrio.

No ultimo quárto de hora o jogo decorreu com pouco interesse. O resultado estava feito. Os Montijenses haviam-se, enfim, libertado do asar nos seus desafios com o grupo ribatejano, vencendo-o por 4-1.

A classificação actual

	J	Golos	P.
Guimarães	6	22— 9	9
Spt. Braga	6	13—10	8
Salgueiros	6	18—12	7
Coruchense	6	12—20	5
Montijo	6	13—17	4
Farense	6	9—19	3

A próxima jornada

Estão marcados para o próximo domingo os encontros referentes á sétima jornada — 2.ª da segunda volta — da ultima fase do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, de futebol e que são os seguintes: Sporting de Braga-Vitória de Guimarães (0-5); Salgueiros-Desportivo do Montijo (1-3); e Coruchense-Farense (3-3). Indicam-se entre parêntesis os resultados da primeira volta.

III DIVISÃO

ZONA A

Oliveirense-Fafe	4-0
Acad. Porto-Vila Real	3-0

ZONA B

At. Leiria-S. B. C. Branco	2-1
Acad. Viseu-Marrazes	4-2

ZONA C

T. Novas-Cová da Piedade	6-3
Seixal-Águia Vilafranquense	1-1

ZONA D

Lusitano-Serpa	2-2
«Elvas»-E. Portalegre	4-0

HIPISMO

As provas de hoje

Organizadas pela Sociedade Hípica Portuguesa, disputaram-se hoje mais três provas de obstáculos, a contar para as taças «Junkers», «Quinta dos Cedros» e «S. H. P.—1957». Para a primeira destas taças, a prova tinha 13 obstáculos, com um duplo e um triplo, e foi disputada por 22 concorrentes em prova de «caça».

A classificação ficou assim ordenada:

1.º, F. Picão Caldeira, no «Janota II», 1 m., 1 s. 4/5; 2.º, José Carlos Carvalhosa, no «Mustard», em 1 m., 2 s. 1/5; 3.º, F. Picão Caldeira, no «Peão», 1 m., 2 s. 4/5.

As provas prosseguem á hora do nosso jornal entrar na máquina.

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

XXXI — Gualdino Gomes

Gualdino Gomes, que não deixou uma obra literária, encheu Lisboa de ditos de espírito durante a sua larga existência. Os cafés do Chiado ainda recordam com saudade as suas «blagues».

* * *

Na Brasileira do Chiado, que foi durante anos o seu paradeiro favorito, era certo vê-lo rodeado de admiradores, ávidos da sua conversa bizarra e pitoresca.

De uma vez, desconfiado de uns bolos, interrogou o criado:

—Os bolos estão frescos?

—Ora essa, sr. Gualdino. Vieram agora mesmo da pastelaria.

—Isso não quer dizer nada. Também eu vim agora mesmo de casa e já tenho 78 anos...

* * *

Um dia, os jornais noticiaram a sua morte, com retrato e elogio necrológico. Um seu velho amigo, companheiro da Biblioteca, correu a sua casa, a dar pesames á viuva.

—Os meus sentimentos minha senhora. Ele foi o que se chama um grande boémio, mas uma excelente pessoa.

A viuva protestou, dizendo que o seu marido nunca fora boémio. Fora, sim, o modelo dos esposos.

E o amigo não se conformava:

—Ora essa, minha senhora. Fui seu companheiro de muitas boémias literárias.

—O meu marido saía da retrosaria e vinha logo para casa. Faça favor de sair! Não o quero ouvir mais!

No dia seguinte, os jornais desfizeram o equívoco. Quem morrera fora um brasileiro também chamado Gualdino Gomes.

Gualdino, quando soube, comentou:

—Posso morrer descansado, que já sei o que os jornais vão dizer de mim, quando eu for desta para melhor...

* * *

Uma vez, um amigo apresentou-o a um sujeito das suas relações. Passados tempos, o apresentado passou junto do Gualdino, não tendo correspondido ao cumprimento deste. Gualdino embezerrou e uma tarde encontra no Martinho o mesmo cavalheiro com o amigo que os apresentara. E, assestando o monóculo, diz ao amigo:

—Fazes favor, desapresenta-me *a este senhor.*

* * *

Uma tarde, á porta da Monaco, passam Ramalho e o conde de Arnoso. Ramalho de botas até aos joelhos, atacadas de lado com botões amarelos. Gualdino comentou para uns amigos a bizarria do escritor. Este percebeu e pediu ao Arnoso que investigasse a natureza do comentário.

Gualdino explicou:

—Fui eu que estava a dizer a estes meus amigos que o Ramalho Ortigão anda a desfazer com os pés o que até aqui tem feito com a cabeça.

* * *

E para terminar, um episódio pouco conhecido. No velho Leão de Ouro reunia-se aquele grupo que o génio de Columbano celebrizou num quadro famoso. As tertulias eram animadissimas e, ás vezes, lá aparecia o Gualdino.

Na mesa ao lado era certa a presença de um velhote simpático, que roía furiosamente as unhas, enquanto ouvia risonho, as «blagues» da mesa do ladó.

Um dia, o velhote deixou de aparecer. Souberam por um criado que ele tinha morrido. Todos lamentaram o seu ouvinte desconhecido e um do grupo propôs que, na noite seguinte, cada um trouxesse uma quadra de homenagem. Gualdino quis esquivar-se.

—O que posso eu dizer de um homem que só conhecia por saber que roía as unhas?

Mas os outros insistiram e na tertulia seguinte todos leram a sua quadra. Gualdino quis ler a sua em ultimo lugar, por se considerar o que tinha menos estro. Mas o êxito foi grande quando o chistoso conversador declamou:

«Roeu as unhas primeiro,
Depois, os dedos roeu.
Foi roendo o corpo inteiro
Roeu-se todo e morreu!».

L. R.

HANDEBOL

Campeonato Nacional

PORTO, 7.—(Pelo telefone).—O Campeonato Nacional de Handebol de Onze (seniores) prosseguiu esta manhã com os dois encontros correspondentes á 5.ª jornada, ultima da primeira volta.

Os dois jogos disputados nesta cidade, no campo do Luso, atraiu bastante publico, que seguiu interessado a marcha deste torneio.

Damos a seguir os dois relatos:

S. C. Porto, 6—Sporting, 8

Empregando um estilo mais amplo e incisivo os sportinguistas em breve chegaram á vantagem de 3 golos, e apesar da reacção dos Portuenses conseguiram manter a diferença até ao intervalo atingido com 4-1.

No recomeço os visitados reduziram o seu atraso ao mínimo e a partida tomou grande interesse com os dois grupos em luta aberta pelo resultado, que acabou por fixar-se com justiça em favor dos Lisboetas.

Alinharam e marcaram:

S. C. Porto—Tshopp; Sousa, Vanzeller e Oliveira; Barra e Bessa; Aníbal, Cadilhe; José Manuel (3), Correia da Silva (1), Ramiro (2) e Garcia.

Sporting—Evaristo; Pinho, Porto e Agostinho; Nunes e Bivar; José Santos (1), Patricio, Pereira de Sousa, Reis (1) e Herminio (6).

Árbitro—Álvaro Lopes, de Lisboa.

F. C. Porto, 12—Salgueiros, 4

Após um período inicial de relativo equilíbrio os «azuis brancos» passaram a afirmar a sua superioridade terminando a primeira parte já com o marcador em 6-2.

O Salgueiros com a sua formação enfraquecida por falta de alguns titulares esforçou-se na réplica, mas não logrou anular a maior capacidade do adversário.

A segunda metade manteve as características da primeira, ou seja, de ascendente do Porto que elevou a marca final para 12-4.

Alinharam e marcaram:

F. C. Porto—Madureira; Sá Pinto, Bastos, Luís e Pires; Hernani e Pintado (1); Luís Mota (3), Teixeira (1), Campos (3), Augusto (1), Jorge (1) e (Dias (2).

Salgueiros—Luciano; Raul, Alfredo e Prado; Canossa e Póvoas; Figueiredo (1), Jeninho, Waldemar (1), Fernando (2) e Máximo.

Arbitrou Francisco Seabra, do Porto.

Campeonato de Juniores

O Campeonato de Juniores da Associação de Lisboa recomeçou hoje de manhã, com os jogos correspondentes á segunda volta, cujos resultados foram os seguintes: Almada, 2-Sporting, 1; Oriental, 1--Benfica, 3, e Belenenses, 2-Liberdade, 1.

PROVAS DE REMO

As regatas de hoje do Centro Especial da M. P.

O Centro Especial de Remo da Mocidade Portuguesa continua a funcionar em Xabregas em ritmo de muito interesse e de valorização para a propaganda do remo. Mercê disso, e do entusiasmo de quantos estão inscritos nas respectivas escolas e da dedicada e proficiente direcção do director e instrutor do Centro, sr. Serra Pereira, estão ali em actividade 350 remadores sendo em numero de trinta as tripulações em treino. As escolas deste ano podem já apresentar os resultados de um bom período de trabalho, revelando as tripulações apreciável nível técnico.

Isso mesmo ficou demonstrado nas regatas efectuadas hoje de manhã, ao longo da muralha de Xabregas, em «yolles» de 4 e 8 remos, nas distancias respectivamente de 1.200 e 1.500 metros.

A primeira regata teve a seguinte classificação: «yolles» de 4 para equipas mistas: 1.º, Instituto de Agronomia; 2.º, Faculdade de Letras. Numa outra regata, também para «yolles» de 4 classificaram-se: 1.º, Liceu Passos Manuel; 2.º, Liceu Gil Vicente; 3.º, Escola Comercial Veiga Beirão; 4.º, Casa Pia.

Em «yolles» de 8 entre tripulações do Centro: 1.º, equipa-A (remadores do Casa Pia e Técnico); 2.º, Equipa-B (Institutos Comercial e Industrial).

Na ultima regata de «yolles» entre cinco tripulações classificaram-se: 1.º, Instituto Industrial; 2.º, Colégio Clenardo; 3.º, Escola Afonso Domingues; 4.º, Ateneu Comercial; 5.º, Escola Veiga Beirão.

Em VENDAS NOVAS o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa José Inácio Simões Junior.

Contos Desportivos

O ídolo caído

por JOSUÉ A. SILVA

O jornal tremeu-lhe nas mãos, como sucedera naquele dia já distante em que, pela vez primeira, vira o seu nome impresso, destacado, enaltecido, depois da estreia esperançosa. Então era ele quase um garoto. Não ia além dos dezoito anos e aquele desbobinar de horizontes novos na sua vida tacanha, que o futebol lhe começara a proporcionar, trouxera-lhe regozijos, orgulho em si mesmo, um pouco de vaidade até. E depressa pudera demonstrar que não eram uma vã promessa, mas realidade palpável, aqueles laivos de valor com que, ainda tímido, assinara a sua primeira exibição numa equipa a valer, numa equipa de clube grande, dos que despendem e ganham dinheiro a jorros, possuem estádios monumentais e conquistam campeonatos. Então, era ele quase um garoto. Mas agora não. Tinham rolado os anos numa indiferença assustadora pelo seu drama íntimo. E duas décadas haviam sido suficientes para o colocar na penumbra dos que já nada podem fazer para além do tempo. Do tempo! Do tempo que lhe roubara a alegria e a vivacidade, o poder de remate, os reflexos e a ansia de ganhar com que arrancava triunfos inesperados para a sua equipa e punha os adeptos do clube roucos e ébrios de entusiasmo. Conseguira ser, não apenas o util jogador de equipa de clube, mas mais, o esteio genial da selecção que briosamente defendia as cores nacionais frente ás formações estrangeiras. Um ídolo. Um ídolo que conhecera o rubro das multidões, cortejado por mulheres e admirado por homens, cujo nome os garotos decoravam nas páginas desportivas. E hoje? Hoje o que era?

Por mais de uma ocasião anunciara a sua retirada. Tivera épocas de verdadeiro infortunio, com péssimas exibições. Os adeptos do clube grande, do clube que possuía um estádio enorme e fazia milhões de receitas, pediam, em berros dolorosos, a sua substituição. Ouvira reparos amargos da crítica. Assacavam-lhe ás vezes culpas que ele sabia não serem suas. Mas teimava. Teimava num rancor violento, num rancor que esperava, anelante, o minuto da desforra. E lá vinha um dia de Sol, de ventura, de arrojo, em que ele podia fazer recordar o ídolo de outras eras. Satisfeito, mesmo sob o olhar desconfiado dos amigos do clube, murmurava para consigo: «Não estou acabado. Não morrerei breve. Continuo a ser eu próprio». E estas palavras reconfortavam-no, alagavam-no de uma felicidade intemperada. Aos trinta e oito anos alcançaria a glória perdida. Convencia-se ou enganava-se? «Creio que irei muito mais além»—cismava com jubilo.

Ansiedade, temores. O receio de se ver ultrapassado pelo tempo. Os clamores inimigos da crítica. Afinal, tudo passara. Voltara a ser ele. Ele, o mesmo de há vinte anos. Aquele jornal bem o afirmava. E leu, em voz alta, saboreando as frases, como fazia aos caramelos que a mãe lhe punha, em pequeno, na merenda da escola.

«Convocar para a Selecção Nacional um homem com tantos conhecimentos e tão largo *calo* de jogos internacionais é um trunfo que nenhum seleccionador deve despresar. Em excelente forma como se encontra, elegemo-lo indispensável no lugar que ocupa...». E mais. Meia coluna inteira de crítica favorável. «Isto prova que não caí, que continuo a ser o ídolo no seu pedestal. Claro que se for convocado...».

E foi. Na realidade, parecia atravessar um período em que as condições físicas e técnicas realçavam como nunca. Esqueceu os trinta e oito anos. Esqueceu aquela dor, aquele aperto insistente sobre o coração, que o abalava dos pés á cabeça. Algumas vezes, em pleno campo, nos ultimos jogos, dobrava-se, a fingir que atacava uma bota, para que os colegas de equipa e os adversários lhe não vissem o rictus que lhe enlividecia a face. Mas ansiava descer ainda uma vez ao campo, ensopar em suor a camisola nacional, sentir-se jovem no meios dos jovens com quem lutaria e contra quem lutaria. Faria o jogo da sua vida. Depois despedir-se-ia do futebol. Despedir-se-ia de cabeça levantada, como era aconselhável a um ídolo que abandonava em grandeza os campos atléticos.

. . . . . .

Com uma primeira parte fraquíssima, a equipa nacional ia atingir o intervalo vencida. Uma bola de diferença, se não era vantagem que pudesse tranquilizar o categorizado adversário para o segundo tempo, decepcionava a multidão de espectadores. A exibição do ataque da selecção saira péssima.

—Claro—dizia-se nas bancadas—põem um velho de barbas até aos pés como organizador do ataque e bumba.. lá vai tudo por água abaixo.

—O seleccionador é que é o culpado.

—Qual! Nós vimos assistir ao enterro do homem. Com certeza substituem-no na segunda parte.

—Mas você, a semana passada, gritava-me lá no «café» que o seleccionador tinha visão e fizera bem em inclui-lo na equipa.

—Eu disse isso?

Os jogadores volveram ao relvado. Na cauda da coluna entristecido, o mais apagado possível, vinha ele. Lá dentro, nos balneários, mal o apanhara á mão, o seleccionador chamara-o á parte e, penalizado, o rosto confrangido numa comoção que o tocava de perto, comunicara-lhe:

—Tens de ficar cá em baixo. Comprendes, não é verdade?

Os olhos dele rasaram-se. Os punhos cerraram-se com desespero. A cabeça abanou numa tentativa febril.

—Deixe-me subir—suplicou.—Ajude-me. E' a minha ultima oportunidade. Por amor de Deus...

—A responsabilidade é minha, sabes?—cortou o seleccionador.—Lá em cima, já todos me acusam, certamente. Bem, mas eu não te substituo pela boca dos outros. E' que de facto estiveste em azar...

—Não acontecerá tal no segundo tempo. Juro-lhe!

E o «Juro-lhe!» viera por entre os dentes cerrados, a reprimir a ferroada que sentia no coração, a reprimir a vontade de chorar. O responsável verrumou-lhe as pupilas magoadas. E num suspiro condescendeu:

—Confio nessa promessa.

Quando desembocou no campo imenso, coalhado de ansias e raivas como o seu próprio peito, uma vaia insultuosa o acolheu. Ficou mais desesperado e mais desejoso do minuto de desforra que tardava. Ergueu a cabeça e lançou um sorriso para a multidão. Não era um sorriso de desafio. Era um sorriso de compreensão. Sabia que devia áquele rugir desapiedado a fama em que se alcandorara.

O desafio reiniciou-se. E a bola, como que atraída pela sua vontade, pelo seu querer, veio parar-lhe aos pés. Havia em si uma energia subita e nova, uma energia que rebentava como manancial farto do seu orgulho ferido, enchendo o campo, contaminando os colegas. Vitorioso fintou o primeiro adversário que se lhe quis opor. Caminhou decidido para a grande área. Solicitou um companheiro, desfeiteou outro antagonista, suportou com estoicismo a carga irregular de um terceiro e, num toque preciso, subtil, deu a bola ao colega já desmarcado que não perdoou ao guarda-redes contrário. E a reviravolta da multidão surgiu espectacular. Os que há pedaço o derruiam com casquinadas, com insultos, aclamavam-no agora, incitavam-no. Sorriu ainda, complacente. Aquele publico!...

E todo o resto do desafio correu, driblou, rematou, jogou como jamais jogara. O suor descia-lhe ás bagadas pelo rosto, empapava-lhe a camisola. As pernas desejavam vergar-se, o coração batucava desordenado, a rebentar-lhe quase com o peito. Nos ouvidos, um zunido assustador. Mas ele não desistia. Ninguém mais se riria dele. Morresse embora, havia de marcar um golo, o golo da vitória, talvez o golo derradeiro da sua carreira. Um golo! Um golo! E procurava, angustiado, a oportunidade. Seria agora? Correu, livre de adversários para a baliza. Na sua frente, só o guarda-redes. Um remate enviezado. A bola, porém, caprichosa e ladina, foi a um poste, ressaltou no terreno e rolou inofensiva para lá da linha de cabeceira. Não importava. Quantos minutos faltavam? Quinze, dez? Era tempo suficiente para a sua teimosia. Um golo! Então ele não é ainda um ídolo? Não possui ainda os mesmos reflexos de sempre, a mesma coragem, a mesma classe? Claro. Ele marcaria o golo.

Entrava-se no ultimo minuto da partida. De fora do rectangulo, da imensa mole de publico, soavam os tradicionais «está na hora!». O quê? O desafio ia terminar? E ele não marcava o golo?

A obesessão quase o não deixava raciocinar. O aperto no coração sufocava-o. Não podia mais: Ia cair, rebentar. Cair, ele, o ídolo? Não era possível. «O que é isto nos meus pés? Ah! a bola!». Avançou, os olhos embaciados numa névoa. A baliza ficava longe. Era preciso correr, correr muito. E ele não podia. Não podia? Tentava. Os adversários eram sombras fugazes que se diluíam, que ele deixava para trás. Estava perto. Outro esforço. O guarda-redes a atirar-se-lhe aos pés. Ele caiu. Caiu, mais por cansaço, por abandono, do que porque o outro lhe tocasse. Com o pé, empurrou a bola para além da linha da baliza. E num rictus que queria ser sorriso, ouviu o reboar imenso da voz da multidão, a gritar-lhe o nome, a erguê-lo mais uma vez na glória e na fama do passado. E mesmo com aquele aperto feroz no coração, o cansaço e o suor, delirou com a ultima vitória da sua vida de jogador—vitória conquistada no derradeiro apelo de forças, colado á terra, como um autêntico ídolo caído...

CHEGA AMANHÃ

o novo treinador do Sporting

E' finalmente amanhã que chegará a Lisboa, a bordo do vapor francês «Lenec», o novo treinador das equipas de futebol do Sporting Clube de Portugal, o uruguaio Henrique Fernandez.

AVISO

Previne-se o publico de que, no período de 14 a 23 de Abril de 1957, efectuam-se, diáriamente, os comboios n.os 8.011 e 8.012, entre Lisboa e Vila Real de Santo António-Guadiana, n.os 8.844, 8.845, 8.846 e 8.847, entre Aljustrel e Castro Verde-Almodôvar e a automotora n.º 9.728, entre Faro e Lagos.

No mesmo período deixa de se efecttuar a automotora n.º 9.730, entre Faro e Lagos.

Actividades da M. P.

Campeonatos de handebol e voleibol

Entre as várias actividades de desporto da M. P. prosseguiram no Estádio Nacional as provas do Torneio de Mínimos de atletismo e nas alas da Extremadura as provas dos campeonatos provinciais.

Nos dois campeonatos regionais da ala de Lisboa, agora em curso, handebol de sete e voleibol, registaram-se os seguintes resultados:

HANDEBOL DE SETE — Vanguardistas A: Escola Marquês de Pombal--Liceu Pedro Nunes, 4-4; Liceu Gil Vicente-Machado de Castro, 1-1. Vanguardistas B: Gil Vicente A-Ateneu Comercial, 5-2; Gil Vicente B-António Arroio, 16-3.

VOLEIBOL — Vanguardistas A: Pupilos do Exército-Escola Manuel Bernardes, 2-0; Passos Manuel-Liceu Camões, 2-0; Veiga Beirão-S. João de Brito, 2-0. Vanguardistas B: Liceu Camões-Oficinas de S. José, 2-0; Gil Vicente-Colégio Clenardo, 2-0; S. João de Brito-Casa Pia (secção Maria Pia), 2-0.

ona dos liceu infantes: Liceu Camões-Passos Manuel, 2-0; D. João de Castro-Pedro Nunes, 2-1.

Zona dos colégios particulares: Externato Marista-Liceu Francês, 2-0.

DESPORTO MILITAR

Torneio de Basquetebol

Com os ultimos jogos de apuramento efectuados, a classificação final do Torneio de Basquetebol dos Campeonatos Militares, ficou assim estabelecida:

1.º, B. A. 6 (Montijo); 2.º, A. B. 1 (Portela); 3.º, G. D. A. C. I. N.º 1 (Lisboa); 4.º, B. C. P. (Tancos); 5.º, B. A. 1 (Sintra); 6.º, B. A. 5 (S. Jacinto); 7.º, B. A. 2 (Oota); 8.c, B. A. 4 (Açores).

Torneio de Tiro

Na carreira de tiro da Serra da Carregueira disputar-se-á, durante o mês de Maio, em datas a fixar, este interessante torneio, que é aguardado com muito interesse.

Futebol

Na próxima terça-feira, ás 15 horas, realiza-se no Estádio das Salésias, gentilmente cedido por «Os Belenenses», um desafio de futebol entre as equipas vencedoras dos campeonatos de futebol no Exército: R. A. F. F.-Aeronáutica (Base 1).

Antes do encontro exibir-se-á uma fanfarra militar.

O sr. ministro da Defesa Nacional oferece uma taça ao vencedor da pugna.

TÉNIS DE MESA

Titulo de campeão para um hungaro nos campeonatos britanicos

LONDRES, 7. — O hungaro Zoltan Berczik ganhou o título masculino do campeonato britanico de ténis de mesa que se disputou em Wembley, ao derrotar o japonês Ochiro Ogimura, por 21-10, 21-16, 20-22 e 21-19.

Nas meias-finais Berczik derrotara o inglês Richard Bergman, e Ogimura eliminou o inglês Brian Kennedy.

A final de pares mistos foi ganha pelos japoneses Keisuke Tsunoda e Taeko Namba que derrotaram o checoslovaco Ivan Andreadis e a inglesa Ann Haydon, por 16-21, 21-11, 21-19 e 21-19.

Em pares-senhoras, verificou-se uma vitória das japonesas Taeko Namba e Tomi Okawa contra as suas compatriotas Fujie Eguchi e Kiiko Watanabe, por 21-14, 21-18 e 21-10. — (A. N. I.).

O Benfica derrotou a A. D. Oeiras, no campeonato de Lisboa (meninas)

No unico desafio da quarta jornada, do campeonato da categoria de meninas, organizado pela Associação de Ténis de Mesa de Lisboa, disputado na mesa do Benfica, na Rua do Jardim do Regedor, a equipa «encarnada» derrotou a da Associação Desportiva de Oeiras, por 6-3, resultado que traduz evidente superioridade do clube vencedor. Na primeira volta, o Oeiras triunfara por 5-4.

IMPRENSA

«Mundo Desportivo»

Mais um aniversário — o 12.º — festejou, ontem, o tri-semanário «Mundo Desportivo», a cujo director apresentamos sinceras felicitações. A data ficou assinalada por um alegre almoço de confraternização, que reuniu bastantes convivas.

Almoço de homenagem

a um oficial do Exército

Promovido pelos oficiais do Batalhão Legionário de Infantaria n.º 3 realizou-se hoje, na Pastelaria Marques, um almoço de confraternização que serviu também para homenagear o antigo comandante do batalhão, sr. tenente-coronel Fernando da Silva Ponce.

Presidiu o sr. tenente-coronel Amaro Romão, comandante distrital de Lisboa da Legião Portuguesa, e estavam presentes, além do homenageado e dos convidados, srs. tenente-coronel Luz Cunha, 2.º comandante distrital de Lisboa, e major Nunes da Silva e tenente-coronel João Tiroa, respectivamente adjunto operacional e adjunto da D. C. T., o sr. capitão José da Silva Baptista, comandante do Batalhão Legionário n.º 3 e mais 36 comandantes de terço e de lança.

Usaram da palavra vários oradores que fizeram o elogio do homenageado destacando as suas qualidades de militar. No final o sr. tenente-coronel Silva Ponce agradeceu a homenagem.

Rapazes de «scooter»

Vítor Manuel Martins Galrão, de 18 anos, mecanico de motocicletas, morador na Rua 13, ao Bairro do Caramão da Ajuda, e Carlos Manuel Nunes Piçarra, de 20 anos, empregado de escritório, morador no n.º 5 da Rua 5 do mesmo bairro, saíram de «scooter» esta tarde. Ao passarem na Calçada da Tapada, derraparam nas calhas do «eléctrico», caíram e ficaram feridos, o primeiro, gravemente, na cabeça, pelo que foi internado em S. José, o companheiro mais levemente, pelo que regressou a casa, depois de ali ser tratado.

A' procura de trabalho

foi morto por uma vaca

O trabalhador José Casimiro, de 72 anos, cuja morada se ignora, dirigiu-se esta manhã a Casais das Boiças, em Alcoentre, a fim de pedir trabalho a um proprietário daquela localidade, mas, vendo na quinta uma vaca a comer, começou a brincar com ela desafiando-a. A vaca enfureceu-se e vibrou-lhe marradas que o prostraram no solo sem sentidos. Conduzido numa ambulancia á sala de observações do Hospital de S. José, chegou ali já morto.

Atremessou o velho

com um encontrão para o hospital

Gastou a vida a trabalhar no campo, era assomadiço e chamavam-lhe o «Gasosa». Em todo o caso, nem outrora nem hoje, que tem 81 anos, o António Namorado gostava que lhe dessem outro nome que não fosse o que recebera de baptismo. Espirrava, justificando a alcunha, e a garotada delirava com o seu protesto. Simplesmente, os homens de Vila Franca de Xira, de onde o Namorado é natural, não são nenhuns garotos. Só um, de 29 anos, o trabalhador rural, António Ramos da Silva, procedeu como tal. Sem respeito pela idade do Namorado, esta tarde, á porta de uma taberna, atirou-lhe o irritante cumprimento:

—Olá, seu «Gasosa»!

O velho não gostou. Impertigou-se, arremeteu. E o novo, talvez assustado, defendeu-se com um encontrão que prostrou o pobre velho.

Com um ferimento na cabeça, foi levado ao Hospital de S. José, onde se encontra em estado grave, enquanto o agressor dava entrada no posto da G. N. R.

Homenagem na Baía

ao prof. Hernani Cidade

SALVADOR (Baia), 7 — O consulado de Portugal e as associações portuguesas ofereceram um banquete de homenagem ao prof. dr. Hernani Cidade, catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, que aqui se encontra a convite da Universidade da Baía, preparando a edição de uma obra inédita do padre António Vieira.

Presidiu o prof. Edgar Santos, reitor da Universidade e assistiram, entre outras figuras de relevo, os presidentes da Academia de Letras da Baía e do Instituto Geográfico e Histórico.

O dr. João Pereira Bastos, consul de Portugal; os professores portugueses Costa Pimpão e Armando de Lacerda e o professor brasileiro Isaías Alves e, em nome do reitor Edgar Santos, o prof. Pinto de Carvalho, presidente da Academia de Letras, prestaram homenagem ao prof. Hernani Cidade e acentuaram o significado da reunião. — (A. N. I.).

Pequenas notícias

CONFERENCIAS

O dr. António Ferrão, antigo professor e director de serviços no Ministério da Instrução, efectua amanhã, segunda-feira, pelas 21 e 30, na Sociedade de Geografia, uma conferência sobre: «O actual regime liceal. Dez anos de experiência».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Abrilhantadas por orquestras e dedicadas especialmente aos associados e suas famílias, realizam-se festas, esta noite, na Casa de Ferreira do Zêzere, Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, Sporting Clube da Penha, Casa de Lafões, Sport Lisboa-Lapa, Casa do Concelho de Tondela, Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro e Associação de Beneficência Luís Braille.

CONFRATERNIZAÇAO

Realizou-se hoje um almoço de confraternização do Grupo «Os 10 Pelintras do Sector 11», para o qual foram convidados alguns directores do Grupo «Os 12 Amigos da Caldeirada», aos quais, pelos organizadores, foi entregue uma lembrança.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um porta-moedas com dinheiro; uma fita métrica de aço; um pedaço de tubo de borracha; um tampão de depósito de gasolina de automóvel; duas importancias em dinheiro; o certificado de condução de viaturas automóveis, pertencente a José Esteves Fernando; uma meia de «nylon» de senhora; dois pares de sapatinhos de malha de lã; um par de luvas; um aro de roda automóvel; dois cintos de gabardine; três pares de óculos graduados; trezentos trinta e sete décimos de bilhete, da lotaria da Santa Casa da Misericórdia, da extracção de 5 do corrente; um passaporte e diversos documentos em nome de Irmtrand Schutte; uma pequena toalha e uma agulha; cédula pessoal de António Anibal de Sousa Castelo; um livro com o título «Eurice o Presbytero»; um porta-moedas com dinheiro; uma pulseira de fantasia; uma echarpe de algodão, de senhora; uma botinha de criança; o bilhete de identidade de Eduardo António Lopes; um tampão de roda de automóvel; uma pasta de cabedal, com roupa e peças de ferramenta; um sapato de camurça de senhora; um livro com o título «Os Combatentes da Grande Guerra; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas; e um estojo de plástico, com óculos graduados de criança.

Também se encontram no Sindicato dos Motoristas de Lisboa: dois chapéus de chuva, de senhora; uma antena de T. S. F., de veículo automóvel; um par de luvas de camurça, de senhora; um par de óculos graduados, com lentes bifocais; uma caixa para óculos, de cabedal; três folhas de parreira artificiais; um estojo com óculos graduados (comprados no Brasil) e uma luva de senhora.

CARREIRAS AÉREAS

Nova linha da Swissair

A Swissair inaugurou hoje uma nova linha aérea, entre a Suíça e Buenos Aires, com escala pelo aeroporto de Lisboa. Para assinalar o facto, o sr. Eric Haeussler ofereceu, ás 14 horas, um beberete no Aeroporto de Lisboa, para o qual foram convidadas diversas individualidades portuguesas e suíças, representantes da Imprensa e da rádio, etc.

A bordo do avião inaugural viajam como convidados algumas altas individualidades suíças. Na viagem de regresso a Buenos Aires o avião conduzirá alguns convidados argentinos que se encontram na Suíça.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: *máxima, 21°; mínima, 10°.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 20°,5; mínima, 12°,3.*

—Temperaturas registadas no Estoril, ás 9 horas (T. M. G.) de hoje: no ar, 14°,6; na água do mar, 14°,9.

Dizem os leitores...

Os incêndios na Azinhaga da Torrinha

A propósito do grande incêndio registado há dias na Azinhaga da Torrinha (ao Rego), escreve-nos o sr. António Sérgio, que reside próximo do local, a informar que aquele foi o segundo que deflagrou ali no curto espaço de quatro meses.

O signatário chama a atenção de quem de direito para o perigo que representa a instalação no local, de depósitos de madeira descobertos, sem quaisquer condições de segurança e entregues a operários que frequente e descuidadamente fazem fogueiras para preparar as suas refeições. Esta situação, acrescenta, já foi levada ao conhecimento das entidades responsáveis, mas nada se fez ainda para a modificar. Entretanto, os moradores da área vivem num constante receio de uma catástrofe, tanto mais que os poços de água que os bombeiros podem utilizar, ficam bastante distantes, o que dificulta ainda mais o ataque ao incêndio.

Reclamações locais

Passagem de nível em péssimo estado

ENTRONCAMENTO, 6.—Encontram-se num estado verdadeiramente deplorável as travessas que constituem o pavimento da passagem de nível que liga, nesta vila, a Rua Almirante Reis com as de Latino Coelho e de Cinco de Outubro, o que danifica bastante os veículos que constantemente por ali passam e sujeita os respectivos ocupantes a solavancos. Para o caso chamamos a atenção da Junta Autónoma das Estradas.

Comissão permanente

da Farmacopeia Portuguesa

Os drs. Alberto Carlos Correia da Silva e Carlos Fernando da Costa Silveira e o tenente-coronel Homero Ferreira, vogais da Comissão Permanente da Farmacopeia Portuguesa, têm as seguintes categorias: professor catedrático da Faculdade de Farmácia do Porto; capitão-tenente farmaceutico naval; e chefe da 2.ª Repartição da Direcção do Serviço de Saude Militar.

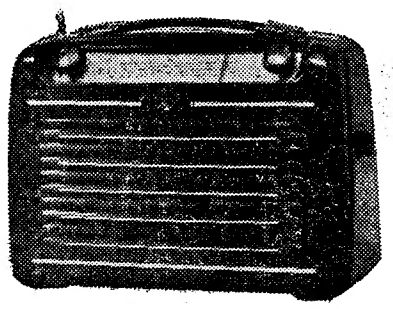
LORENZ WEEKEND 55

A MARCA ALEMÃ DE RENOME MUNDIAL

O APARELHO PORTATIL MAIS DESEJADO

PILHAS E CORRENTE

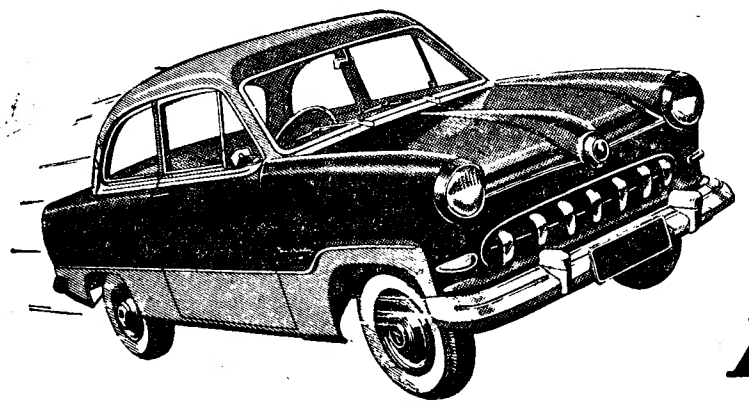
Linda caixa em plástico grenat com aplicações douradas



PILH ESC.: 200$00
ESC.: 2.370$00

STAND MODERNO
(F. NUNES DE CARVALHO)
CONCESSIONÁRIO FORD

EXPÕE



OS ULTIMOS MODELOS

TAUNUS

RUA JOÃO SARAIVA, 13 • ALVALADE
AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 5-A
LISBOA

VIDA MUSICAL

Concerto da Sonata

Depois de amanhã, dia 9, ás 21 e 30, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Sonata promove, sob o patrocinio da Academia de Amadores de Musica, o seu 79.º concerto, que será dedicado á musica de inspiração folclórica. Serão executadas obras de Ravel, Guerra Peixe, Pál Kadosa, Harold Saeverud e Fernando Lopes Graça.

Pedrogão Grande

D. Maria Augusta Rodrigues Pires

FALECEU

Maria da Piedade Rodrigues Pires Pais, marido e filhas, Elias Rodrigues Pires e filhos, Maria das Dores Pires de Carvalho, José Pires Coelho, António Pires Coelho, Julio Pires Coelho e filhos (estes quatro ausentes no Brazil) e mais família participam que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença a sua querida mãe, sogra, avó e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 7 horas, da R. Manuel Bernardes, 1, 1.º, Esq., para o cemitério da terra da sua naturalidade.

Júlia Lopes da Silva de Castro Guedes

MISSA DO 7.º DIA

Victor Romaguera de Castro Guedes, Victor Silva de Castro Guedes, António Romaguera de Castro Guedes, Maria do Carmo Silva Romaguera de Castro Guedes Santos Mendonça, seu marido e filhos, e mais família participam a todas as pessoas das suas relações que, sufragando a alma da sua muito saudosa esposa, mãe, avó e parente, será rezada missa na Igreja dos Mártires, no dia 8 do corrente, ás 11 horas.

Júlia Lopes da Silva de Castro Guedes

MISSA DO 7.º DIA

VICTOR GUEDES & C.ª: participam que, sufragando a alma da saudosa esposa e mãe dos seus sócios, Srs. Victor Romaguera de Castro Guedes Junior, Victor Silva de Castro Guedes e António Roma Guerra de Castro Guedes, será rezada missa na Igreja dos Mártires, no dia 8 do corrente, ás 11 horas.

DESPORTOS

Os jogos do campeonato nacional de juniores

Leça, 3—Salgueiros, 1

PORTO, 7 (Pelo telefone) — Jogo em Leça de Palmeira.

As equipas alinharam:

LEÇA — Henrique; Peneda e Bastos; Seixas, João e Martinho; Fagajeiro (Neto), Genfil, Carlos, Brandão e Augusto.

SALGUEIROS — Justino; Pinho I, e Mendes; Abílio, Gabriel e Ferreira; Arménio, Faria, Pinho II, Nogueira e Sidónio.

Na primeira parte; a equipa local não deu bom rendimento o que permitiu ao Salgueiros superiorizar-se com um golo apontado por Pinho, aos 24 minutos. No reatamento, Brandão operou o empate e o Leça ganhou confiança passando a actuar com mais entusiasmo e terminando em vencedor justo com mais dois golos alcançados por Neto aos 60 e 67 minutos. A arbitragem de Correia da Costa foi bem conduzida.

Benfica, 2—Sporting, 2

Jogo no Estádio da Luz, com numeroso publico.

Sob a arbitragem de Viriato Maximiano, as equipas formaram assim:

BENFICA — Ramalho; Gião (depois Rocha) e Seitil; Camilo, Amaral e Jurado; Vieira Dias, Marques, Teodoro, Silvino e Mendes.

SPORTING — Passo; Brito e Emanuel; Nélito, Couto e França; Correia Branco, Martins, Sampaio, Bispo e Coutinho.

O jogo começou com bom andamento e com o Sporting a querer impor domínio, mas o Benfica não tardou a afastar a pressão que o ameaçava, tornando-se mais perigo-

Dispostos a modificar o ritmo do jogo os estudantes lançaram várias ofensivas, originando grande movimento na grande área dos Minhotos.

Numa das suas insistências surgiu o primeiro golo, marcado por Cunha, de cabeça, aos 16 minutos. Logo a seguir, os visitantes tiveram o empate á vista, mas Vicente salvou no momento propício.

Porém, aos 31 minutos, na conclusão de uma fuga, a Académica fez o 2.º golo, por intermédio de Gois.

As duas equipas fizeram fraca exibição, motivo por que o jogo não foi agradável de presencear.

so. O primeiro golo dos «encarnados» registou-se, aos 15 minutos, marcado por Silvino, de cabeça, na sequência de um canto.

Os benfiquistas tiveram a seguir o seu melhor período de jogo até á altura em que o adversário logrou estabelecer o empate — aos 35 minutos, graças a um golo da autoria de Correia Branco.

No começo da 2.ª parte o jogo repartiu-se, durante largo tempo, pelos dois meios campos. Depois, o Sporting logrou leve ascendente, compensado com um tento, marcado por Bispo, aos 22 minutos. O Benfica reagiu prontamente e a vantagem «leonina» foi anulada seis minutos mais tarde, quando Teodoro pôde bater Passo e fixar o resultado em 2-2.

A igualdade é, com efeito, o resultado que melhor se coaduna com o trabalho produzido pelas duas equipas.

«Os Leões», 0—Olhanense, 1

SANTARÉM, 7.—(Pelo telefone). —Jogo no campo «Alfredo de Aguiar» com boa assistência. Árbitro, Jaime Baptista, de Lisboa. As equipas:

«OS LEÕES»—Abalada; Gomes, Tomé e Borrego; Bretes e Lucio; Piosca, Torgue, Sabino, Carvalho e Nolosco.

OLHANENSE—Ernando; Artur, Rui e Brandão; Madeira e Caronho; Francisco, Veteriano, Ferro, Janjão e João Luís.

A primeira parte terminou com os grupos empatados a zero bolas, tendo, no entanto, o Olhanense jogado melhor. Os locais adoptaram táctica defensiva e só raramente apoquentaram a defesa contrária.

No segundo tempo, os donos da casa modificaram a táctica e lançaram-se abertamente ao ataque, mas infrutíferamente.

Ferro, aos 28 minutos, com um bom remate, decidiu o resultado do jogo a favor da equipa visitante.

Academica, 2—S. Braga, 0

COIMBRA, 7 *(Pelo telefone)*. — Jogo no Estádio Municipal.

ACADÉMICA — Vicente; Coelho e Cohen; Ramos, Rios Cunha e Lousada; Aquilino, Jorge, Pombo, Góis e Paulo.

BRAGA—Torres; Mendes e Baixo; Gonçalves, Jerónimo e Zeca; Amorim, Leite, José Luís, Carlos e Mota.

Árbitro—Abel da Costa, do Porto.

Com melhor sentido de penetração e mais ligados, os visitantes preocuparam demasiadamente a defesa local. Depois dos 15 minutos, os estudantes obrigaram Torres a defender remates perigosos.

Até á meia-hora, os grupos exibiram-se no mesmo plano notando-se maior insistência no «onze» bracarense. Ao intervalo, porém, o marcador mantinha-se em branco.

RÂGUEBI

O CDUL venceu o Sporting no campeonato de Lisboa

Começou hoje a segunda volta do campeonato de Lisboa, de Raguebi, cuja classificação é comandada pelo Belenenses.

Nos desafios desta amnhã, disputados no campo do Sporting, entre o C. D. U. L. e o Sporting, os universitários venceram por 6-5 e 11-0, respectivamente em reservas e primeiras categorias.

A' hora de fecharmos esta notícia devem estar a realizar-se os desafios Direito-Agronomia, no estádio universitário; e Belenenses-Internacional, nas Salésias.

O SAC defronta Direito no dia 27

A forte equipa francesa da Société Athletique Condomoise (SAC) defrontará no próximo dia 27, no campo da Tapadinha, o quinze da Faculdade de Direito.

A equipa da SAC, que é constituida por elementos entre os 18 e os 23 anos de idade, orientada pelo «educador» Jean Fourcade, pratica um raguebi vistoso e é cotada, presentemente, como uma das mais características no conjunto do raguebi francês.

O belga Debruin

ganhou a corrida Paris-Roubaix

ROUBAIX, 7 — A corrida ciclista Paris-Roubaix foi ganha pelo belga Debruin, seguido do seu compatriota Rik Van Steenbergen. — (F. P. e A. N. I.).

AUTOMOBILISMO

Efectuou-se em Inglaterra a primeira prova depois do racionamento de gasolina

LONDRES, 7. — O «Troféu do Império Britanico», primeira prova automóvel depois do racionamento da gasolina e primeira da época, foi ganho ontem em Oulton Park, no Cheshire, por Archie Scott-Brown, ao volante de um «Lister», com motor Jaguar de 3,5 litros. A prova era reservada aos carros-desporto.

Scott-Brown cobriu os 111 kms., equivalentes a 25 voltas do circuito, em 49'11", isto é, á velocidade média de 135,49 kms./hora. Ron Salvadori, em «Aston-Martin», classificou-se 2.º e Noel Cunningham-Reid, em «Aston Martin», 3.º — (F. P.).

Rowenta
FERROS ELECT. ENGOMAR

...SÓ QUERO...
...VINHOS
MESSIAS
POR SEREM BONS

ÚLTIMAS NOTICIAS

FOGO NA SACOR

extinto com 12 agulhetas

Ás 15 e 15 declarou-se incêndio na refinaria da Sacor, em Cabo Ruivo. Ardiam produtos derramados e o revestimento de um permutador. Saiu a 4.ª Companhia dos Sapadores Bombeiros e o Centro da Instrução.

Oito agulhetas de espuma dos Sapadores e 4 de jacto a vapor, da Sacor, extinguiram o fogo em pouco tempo.

O auxílio francês

a Israel

JERUSALÉM, 7.—No conselho de ministros, o ministro das Finanças expôs as conversações que teve, em Paris, com os membros do Governo francês, sobre a abertura de um crédito para aprovisionamentos diversos, no valor de 30 milhões de dólares, e a participação francesa na construção de um novo oleoduto. —(France Presse).

Numerosos mortos

num choque de comboios

RIO DE JANEIRO, 7.—Houve 15 a 20 mortos e muitos feridos, num choque de comboios, nos arrabaldes desta cidade.—(F. P.).

CINCO CRIANÇAS

morreram num incêndio

MELBOURNE, 7. — Num incêndio que devorou uma casa de madeira, em Ouyen (Estado de Vitória), morreram queimados os três filhos dos locatários, que se encontravam ausentes, e dois filhos de um vizinho.

Nenhuma das crianças tinha mais de três anos. — (A. N. I.).

Funcionários egípcios

em Madrid

MADRID, 7.—Chegou do Cairo um grupo de altos funcionários egipcios, que inclui Gamel Agu el Gade, do Ministério da Defesa; Ibrahim Chahine, director da Repartição de Fiscalização dos Cambios; Ahmin Mijol, subdirector do Banco Internacional do Egipto, e Osman Chedid, conselheiro comercial. Desconhece-se o objectivo da visita.—(F. P.).

O dr. Schweitzer

distinguido nos Estados Unidos

NOVA ORLEÃES, 7.—A Associação Internacional dos «Variety Clubs» atribuiu o seu prémio anual ao dr. Albert Schweitzer, notável médico, missionário, filósofo e musico.—(F. P.).

O embaixador russo

voltou a Israel

JERUSALÉM, 7. — Regressou a esta cidade o embaixador da Russia, Alexander N. Abramov, que havia sido retirado de Israel, quando este país invadiu o Egipto. — (A. N. I.).

A VISITA A PARIS

da rainha Isabel

PARIS, 7 — Foram roubadas as 200 braçadeiras azuis e amarelas destinadas ás entidades oficiais que amanhã darão as boas-vindas á rainha Isabel, da Inglaterra, no aeroporto de Orly.

Para se evitar a utilização das braçadeiras roubadas foram feitas outras, com o mesmo fim, mas encarnadas e verdes. A Polícia prepara-se para prender quem apareça no aeroporto com alguma das braçadeiras roubadas.—(A. N. I.).

OS REFUGIADOS

argentinos no Chile

SANTIGO DO CHILE, 7. — Iniciando o processo de extradição dos Argentinos evadidos da prisão de Punta Arenas e que procuraram asilo no Chile, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Humberto Bianchi, interrogou seis dos refugiados.

Detidos na prisão de Punta Arenas, sob a acusação de serem agentes peronistas, a sua extradição é, agora, pedida pelo Governo de Buenos Aires como acusados de delito comum. — (A. N. I.).

Novas tempestades de grande violência

ustigam várias regiões dos Estados Unidos

CHICAGO, 7. — Os Estados do Norte das Montanhas Rochosas e das grandes planícies ocidentais estão a sofrer a terceira grande tempestade da Primavera, que ameaça ampliar-se dos seis Estados já atingidos aos do Texas e do Oklahoma. Ventos tempestuosos sopram, ao mesmo tempo, no Sudoeste da América do Norte, levantando tempestades de pó e de areia na região desértica do Novo México e do ocidente do Texas. Os ventos tempestuosos sopram com tal força que arrastam rochedos para as planícies.

No Woyming, um princípio de tornado arrancou da estrada um autocarro e alguns automóveis, lançando-os a distancia. A estrada sofreu tais estragos que está encerrada ao tráfego, entre Lusk e Newcastle. Outras estradas estão intransitáveis, devido aos sucessivos nevões.

As tempestades estão a atingir exactamente as mesmas zonas que, anteriormente, que foram assoladas por duas outras tempestades, com tornados, nevões e cheias que causaram 47 mortes e prejuizos no total de vários milhões de dólares. — (A. N. I.).

Uma homenagem

dos pescadores bacalhoeiros ao chefe do Governo

Uma deputação de pescadores, bacalhoeiros, em nome das tripulações da frota, esteve pelas 12 e 30, na residência do chefe do Governo para lhe oferecer um ramo de flores. Como o sr. dr. Oliveira Salazar se encontrasse em visita ao sr. Presidente da Republica, no palácio de Belém, os pescadores deixaram as flores no gabinete de trabalho do sr. Presidente do Conselho.

AUDIÊNCIA PAPAL

a 20 mil fieis

CIDADE DO VATICANO, 7.—Vinte mil pessoas assistiram a uma audiência geral que o Padre Santo deu, na basílica de São Pedro. Entre elas incluiam-se 5.000 alunos actuais e antigos das escolas salesianas, reunidos em Roma para as comemorações do centenário de São Domenico Savio, peregrinos bávaros e militares americanos.—(F. P.).

Reunião em Braga

de antigos escutas

BRAGA, 7 (Pelo telefone).—Sob a presidência do chefe nacional do Corpo Nacional de Escutas, sr. dr. José de Lencastre, efectua-se hoje, nesta cidade uma festa de confraternização de antigos escutas.

Ás 9 horas, na igreja da Misericórdia, houve missa, celebrada pelo assistente rev. cónego dr. José Martins Gonçalves, que proferiu uma alocução. Seguiu-se uma romagem ao cemitério do Monte d'Arcos, ao tumulo do arcebispo D. Manuel Vieira de Matos, introdutor do escutismo católico no nosso País.

Pelas 18 horas haverá, na sede do nucleo regional, uma sessão solene, seguida de uma parte recreativa, durante a qual será representada a peça de Marcelino Mesquita: «Uma Anedota».

A noite, efectua-se um jantar de confraternização, para o qual estão inscritos cerca de 100 antigos escutas, em nome dos quais usará da palavra o sr. António Santos da Cunha, presidente da Camara Municipal, e que foi também elemento daquela organização.

A VIAGEM

do arcebispo Makários

BEIRA (Moçambique), 7—Segundo informações dos cônsules da Inglaterra e da Grécia nesta cidade, o arcebispo Makários segue de avião de Madagascar para Nairobi e dali para Atenas.—(A. N. I.).

DESASTRES

Queda mortal

Faleceu hoje, no Hospital de S. José, para onde entrara ontem, o comerciante sr. João José Sá Magalhães, de 61 anos, que caiu da janela do quinto andar da sua residência, na Avenida Almirante Reis, 40-A, para um saguão, caso que noticiámos.

Caiu do «eléctrico»

O moleiro sr. Manuel Figueira, de 21 anos, residente na Rua das Escolas Gerais, 32, porta B., caiu dum «eléctrico» em andamento, fracturando a coluna vertebral. Ficou internado na sala de observações do Hospital de S. José.

MELHORAMENTOS

no porto do Lobito

LOBITO, 7—Com a presença do governador-geral da província, tenente-coronel Sá Viana Rebelo, inaugurou-se hoje um novo troço de 270 metros do cais do porto do Lobito, melhoramento da maior importancia, o qual, juntamente com a montagem da instalação para minérios e o silo dos cereais já em laboração, aumenta para o dobro a capacidade actual do porto, a qual será superior a um milhão de toneladas de mercadorias manuseadas.—(L.).

A desobstrução

do canal de Suez

SUEZ, 7—Foi adiada para amanhã a remoção da fragata «Abukir», ultimo obstáculo no canal de Suez, a fim de evitar o impedimento do tráfego de embarcações procedentes do porto de Suez, que fora marcada para esta manhã. — (A. N. I.).

*

PARIS, 7.—Oito navios com a bandeira de cinco nacionalidades diferentes passaram, hoje, pelo canal de Suez—anuncia a Emissora do Cairo.—(F. P.).

Proposta soviética

para a reunião dos «Grandes»?

BONN, 7—E' possível que os Russos proponham ás potências ocidentais uma nova «Conferência dos Grandes», para o princípio do Verão—declaram os círculos políticos desta capital.

Os Russos têm já, por várias vezes, insinuado, não só em Bonn, como em Londres e Paris, que estariam dispostos a participar numa reunião desse tipo.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros não crê que Moscovo surja com novas propostas que possam levar á solução da questão crónica da reunificação da Alemanha. —(A. N. I.).

Atentados bombistas

na Argentina

BUENOS AIRES, 7.—Junto aos estaleiros de reparação naval, na cidade de Avellaneda rebentou uma bomba. Duas outras foram encontradas, antes de deflagrar, numa fábrica de vidros e em outro estaleiro.

Em Lomas de Zamora foi descoberta outra bomba de relógio também num estaleiro.

Os operários dos estaleiros navais estão em greve há meses. — (A. N. I).

Venceslau Fernandez Flores

vem repousar no Estoril

Venceslau Fernandez Flores chega amanhã no Lusitania, vindo de Madrid, para passar uma temporada no Estoril.O ilustre escritor vem repousar e continuar os seus estudos de temas portugueses.